

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE BELAS-ARTES



**FREI MANUEL DO CENÁCULO E OS  
PRIMÓRDIOS DA MUSEOLOGIA EM  
PORTUGAL**

***A Oração do Museu de 1791 e o álbum  
Lápides do Museu Sesinando Cenaculano  
Pacence***

Beatriz Gonçalves da Mota Nunes de Barros

Dissertação

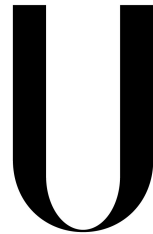
Mestrado em Património Público, Arte e Museologia





2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE BELAS-ARTES



LISBOA

---

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

**FREI MANUEL DO CENÁCULO E OS  
PRIMÓRDIOS DA MUSEOLOGIA EM  
PORTUGAL**

***A Oração do Museu de 1791 e o álbum  
Lápides do Museu Sesinando Cenaculano  
Pacence***

Beatriz Gonçalves da Mota Nunes de Barros

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor Fernando António  
Baptista Pereira

Mestrado em Património Público, Arte e Museologia

2014



## Resumo:

D. Frei Manuel do Cenáculo é uma figura excepcional do séc. XVIII português. Ao longo da sua vida guiou-se pelos ideais iluministas, existindo sempre uma vertente pedagógica nas suas acções. O grande projecto da sua vida era dotar o país de Bibliotecas-Museus, obrigatoriamente abertos ao público. Foi apenas no fim da sua vida, enquanto arcebispo de Évora, que viu atingido este objectivo. Mas, no entretanto, foi um coleccionador compulsivo, formando valiosas colecções de livros, numismática, pintura, arqueologia e naturalia. Antes de ser nomeado arcebispo, Cenáculo foi bispo em Beja. Aí criou o Museu Sesinando Cenaculano Pacence, onde depositou parte das suas colecções, com destaque para a secção epigráfica da colecção arqueológica.

As medidas que tomou no âmbito da criação deste Museu, aberto ao público em 1791, fazem com que lhe seja atribuído um papel de relevo nos primórdios da museologia em Portugal. Foi proferida uma *Oração* (que na realidade se apropria de uma outra bem anterior) para assinalar a efeméride, e existia o que podemos considerar como um catálogo, com desenhos exactos das peças, suas proveniências e dimensões, denominado *Lápides do Museu Sesinando Cenaculano Pacence*. Nesta dissertação analisa-se em conjunto esses documentos, apresentando uma transcrição da *Oração do Museu* de 1791 e um inventário que compila informações relativas aos artefactos representados no catálogo.

Palavras-chave: Manuel do Cenáculo, Beja, coleccionismo, museologia, arqueologia

## Abstract:

D. Frei Manuel do Cenáculo is an exceptional figure from the Portuguese 18th century. Along his life he was guided by the ideals of the Enlightenment, always featuring a pedagogical side in all his actions. His great life project was to endow the country with Libraries and Museums, necessarily open to the public. It was only at the end of his life, as archbishop of Évora, that accomplished his goal. He was, however, a compulsive collector, creating valuable collections of books, ancient coins, paintings, archaeological artifacts and historical natural objects. Before being appointed as archbishop, Cenáculo was bishop in Beja. There he created the Museu Sesinando Cenaculano Pacence, where he deposited part of his collections, notably a epigraphic section from the archaeological collection.

The steps he took related to the creation of this Museum, open to the public in 1791, give him a prominent role in the beginnings of the Portuguese museology. The date was celebrated with the delivery of a *Oração* (which is in fact based on an older one). There was something that can be referred to

as an early catalog, with exact drawings of the artifacts, their origins and dimensions, which was called *Lápides do Museu Sesinando Cenaculano Pacence*. In this thesis, these documents are jointly analyzed, including a transcription of the *Oração do Museu* from 1791 and an inventory that compiles information relative to the artifacts presented in the catalog.

Keywords: Manuel do Cenáculo, Beja, collecting, museology, archaeology.

## Agradecimentos

Ao Professor Doutor Fernando António Baptista Pereira, meu orientador, pela sua imediata disponibilidade em me ajudar e acompanhar nesta tarefa. E, sobretudo, porque em grande medida lhe devo a sugestão inicial, referida numa das suas aulas, que foi crescendo e se transformou na ideia inerente a esta dissertação. Agradeço-lhe também o constante e contagiado optimismo.

À Biblioteca Pública de Évora, nomeadamente à equipa da secção de Címé-  
lios. Não só por me terem permitido consultar os manuscritos indispensáveis  
à investigação mas principalmente pelo seu profissionalismo, competência e  
pelo incrível trabalho de reorganização e catalogação que se encontra a fazer,  
facilitando o acesso no futuro à preciosa documentação que ali se encontra.

E, como não podia deixar de ser, a toda a minha família e amigos pelo cons-  
tante apoio e motivação.



# Conteúdo

<b>Introdução</b>	<b>11</b>
<b>1 Dom Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas</b>	<b>13</b>
1.1 Dados biográficos . . . . .	13
1.2 Sua actividade enquanto coleccionador, arqueólogo e museólogo	17
<b>2 A Oração do Museu Sesinando Cenaculano Pacence</b>	<b>23</b>
2.1 Apresentação do manuscrito e contributos anteriores para o seu estudo . . . . .	23
2.2 Códices Manizola, a <i>Oração</i> de 1753 e a expulsão da Companhia de Jesus . . . . .	24
2.3 Nota prévia e transcrição da <i>Oração do Museu</i> . . . . .	26
<b>3 <i>Lápides do Museu Sesinando Cenaculano Pacence</i></b>	<b>47</b>
3.1 Apresentação do Códice . . . . .	47
3.2 Acerca da colecção representada – Inventário LMSCP . . . . .	50
<b>Considerações Finais</b>	<b>79</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>81</b>
<b>Anexos</b>	
I. Oração de 1753 – fac-símile e transcrição	
II. Oração de 1791 – fac-símile	
III. Lápides do Museu Sesinando Cenaculano Pacence – fac-símile	





No dia 25 de Janeiro, advertindo eu o Príncipe  
de algumas coisas necessárias, ouviu atento;  
e depois chegou-lhe o fogo, e pôs-se a sapatear sobre um banco.

Frei Manuel do Cenáculo, *Diário*



## Introdução

A presente dissertação pretende abordar a importante figura do século XVIII que foi D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas<sup>1</sup>. Um visionário, um homem à frente do seu tempo e com actuação nos mais diversos campos. Teólogo, bibliófilo, político, poliglota, coleccionador, arqueólogo, reformador do ensino, promotor de bibliotecas – e de um museu.

Já vários investigadores se debruçaram sobre Cenáculo mas a sua figura é tão complexa e a documentação que nos deixou é tão extensa que o assunto parece não se esgotar. Na Biblioteca Pública de Évora<sup>2</sup>, na secção de cimélios, existem milhares de manuscritos relacionados com Cenáculo. Entre estes documentos encontram-se páginas do seu diário, desenhos, correspondência, pastorais, apontamentos vários. É fundamental consultar a exhaustiva obra biográfica de J. Marcadé (1978) para conseguirmos ter uma ideia geral acerca de quem foi este homem; Caeiro (1959) abordou sobretudo o seu pensamento filosófico, que resume a “crítica à escolástica, gosto do real e matematicismo” (*idem*, p. ix); Vaz (2004, 2009, 2012, por exemplo) tem desenvolvido um trabalho de investigação notável sobre a bibliofilia de Cenáculo e sobre o seu papel na promoção de bibliotecas públicas (*cf.* também Domingos, 2006).

A sua faceta de coleccionador é, talvez, uma das menos estudada, tal como afirma Machado (1987, p.5) “(...) uma faceta até aqui ignorada ou menosprezada: a de coleccionador, e, mais concretamente, coleccionador de pintura”<sup>3</sup>. Depois de Machado outros investigadores têm vindo a colmatar esta lacuna, destacando-se sobretudo Brigola (2003, 2009), que tem abordado Cenáculo no âmbito da museologia e do coleccionismo do séc. XVIII.

Esta dissertação procura analisar precisamente essa faceta de Cenáculo – que conjuga o coleccionismo, a arqueologia e a museologia – à luz de dois manuscritos fundamentais que se encontram na BPE: a *Oração do Museu*, dita na abertura daquele que é considerado um dos primeiros museus públicos portugueses, e o chamado catálogo *Lápides do Museu Sesinando Cenaculano Pacence*<sup>4</sup>, onde se encontram desenhadas e catalogadas algumas das peças desse mesmo museu.

No capítulo I apresenta-se o homem através de uma breve biografia e dos seus contributos no âmbito do coleccionismo, arqueologia e museologia.

No capítulo II trata-se exclusivamente da *Oração do Museu*: procurou-se fazer uma síntese dos contributos anteriores para o seu estudo, apresentar o documento em si e fazer a sua transcrição. No decorrer da investigação descobriu-se que esta *Oração*, tida como documento fundador da museologia portuguesa e

---

<sup>1</sup>Daqui em diante Cenáculo.

<sup>2</sup>Daqui em diante BPE.

<sup>3</sup>Para além de Machado (1987), Espanca (1949) e Tadeia (2013), por exemplo, também abordaram a colecção de pintura de Cenáculo.

<sup>4</sup>Daqui em diante LMSCP.

que tão perfeitamente expressa as ideias iluministas da época e professadas por Cenáculo é, na realidade, uma quase cópia de outra *Oração*, escrita 38 anos antes e para um contexto diferente. Em anexo (I e II) encontram-se ambas as Orações fac-similadas e uma transcrição da primeira. Finalmente, o capítulo III encontra-se dividido em duas partes: numa primeira apresenta-se e analisa-se o documento LMSCP enquanto unidade e, numa segunda, procurou-se elaborar um inventário que esquematiza o máximo possível de informação relevante acerca de cada uma das peças desenhadas. Em anexo (III) pode-se também encontrar este documento fac-similado.

# 1 Dom Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas

## 1.1 Dados biográficos

Como já foi referido anteriormente, Cenáculo deixou uma vasta obra escrita e é mencionado inúmeras vezes em documentos seus contemporâneos, o que nos confirma a sua importância. No entanto, apesar de todas as referências existentes, as informações que dispomos acerca dos seus primeiros anos de vida são escassas.

Cenáculo nasceu em Lisboa, na freguesia de Santos-o-Velho, no primeiro dia de Março de 1724 com o nome de Manuel Martins (Caeiro, 1959, p. 5). De origens humildes – seu pai, José Martins, era ferreiro –, Cenáculo afirma-se no meio político e religioso português do século XVIII por absoluto mérito próprio. Alguns testemunhos parecem indicar que Cenáculo convivia bem com as suas raízes e que nunca procurou dissimulá-las, levando os seus biógrafos a crer que terá sido a necessidade de conciliar o seu nome com as suas elevadas funções que o levou a aceitar o seu 'enobrecimento', transformando-se então Manuel Martins em Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas (*ibidem*; Marcadé, 1978, p. 7).

De 1736 a 1739, começando com apenas 12 anos de idade, Cenáculo frequenta o Curso de Filosofia da Congregação do Oratório, ministrado pelo Padre João Baptista (*idem*, p. 10). O Padre João Baptista é considerado uma figura chave no ensino da Filosofia em Portugal, tendo sido um dos responsáveis pela introdução da chamada Filosofia Moderna, influenciada por Descartes e Newton. Apesar de, no momento em que se deram estas introduções determinantes Cenáculo já não se encontrar na Congregação do Oratório, não se pode excluir a ascendência de Padre João Baptista e seus métodos sobre o carácter e futuro desenvolvimento do jovem aluno, como afirma J. Marcadé: “Ce séjour chez les Oratoriens a sûrement influencé cet adolescent avide de connaître. Il a pu admirer une très riche bibliothèque, de près de 30 000 volumes, et un cabinet de physique, cadeau de D. João V. Son goût pour les matières scientifiques vient peut-être de ces années de philosophie: le P. João Baptista n'hésitait pas à recourir à des démonstrations mathématiques ou bien à des expériences, dans le cadre de ses leçons” (*idem*, p. 11).

Em 1739, ainda em Lisboa, Cenáculo torna-se membro da Ordem Terceira de S. Francisco, abraçando a sua vocação eclesiástica aos 15 anos de idade. Um ano depois, parte para Coimbra para prosseguir com os seus estudos num dos Colégios da Ordem, o Colégio de S. Pedro. Na seguinte década, Cenáculo permanece em Coimbra onde, após o curso no Colégio, se inscreve na Universidade para estudar Filosofia e Teologia. Durante este período é nomeado Lente de Artes no Colégio e recebe o grau de Doutor (Caeiro, 1959, pp. 8, 14; Marcadé, 1978, pp. 11-13).

Por motivo da cerimónia do Capítulo Geral da Ordem de S. Francisco no

ano de 1750, é enviada uma delegação portuguesa a Roma. Faziam parte desta delegação três membros: Cenáculo, na condição de secretário da Província Terceira de Portugal, D. Frei Joaquim de São José e Frei Domingos da Encarnação<sup>5</sup>. A delegação passa por Espanha, França e Itália, privando com os intelectuais e visitando os mais importantes pólos culturais de então – universidades, bibliotecas, museus. A viagem teve sensivelmente a duração de um ano e o efeito que produziu no jovem Cenáculo foi indelével e determinante na sua formação, traduzindo-se na orientação iluminista com que viveu o resto da sua vida (Caeiro, 1959, pp. 35-37; Marcadé 1978, p. 14).

Terminada a viagem pela Europa e de regresso a Portugal, Cenáculo mantém-se em Coimbra até 1755, estudando e ensinando. Depois deste ano estabelece-se em Lisboa, no Convento de Nossa Senhora de Jesus. Verdadeiro bibliófilo, após o grande terramoto desse mesmo ano, Cenáculo dedica-se à reconstrução e a apetrechar a biblioteca do Convento com milhares de volumes, dando início ao que é hoje a biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa. Era sua vontade, não realizada em vida, abrir esta biblioteca ao público. Foi também graças ao seu estímulo que é criado em 1768 o organismo que veio dar origem à actual Biblioteca Nacional de Portugal – a Biblioteca da Real Mesa Censória, mais tarde Real Biblioteca Pública da Corte. Esta biblioteca é aberta ao público em 1797, concretizando-se finalmente o seu desejo de dotar Lisboa de uma biblioteca a que qualquer pessoa pudesse aceder (*idem*, p. 37; Domingos, 2006, pp. 8-10).

A partir do momento em que chega a Lisboa inicia-se uma nova fase na sua vida. Até 1777, ano em que finalmente parte para Beja para assumir o bispado que lhe será atribuído, Cenáculo vai paulatinamente acumulando cargos políticos e religiosos, afirmando-se e subindo na hierarquia. Em 1757 é nomeado Cronista da Província; em 1758 torna-se Examinador das Igrejas e Benefícios das Ordens Militares; em 1764 é nomeado Capelão-Mor das Armadas Reais; em 1768 assume o importante cargo de Provincial da Ordem Terceira de Portugal e torna-se confessor do Príncipe da Beira, D. José, filho de D. Maria e neto do Rei; em 1770 é-lhe então atribuída a diocese de Beja, integra a Junta de Providência Literária, é nomeado preceptor de D. José e presidente da Real Mesa Censória, da qual já era membro desde 1768 (Caeiro, 1959, pp. 55-56; Marcadé, 1978, pp. 15, 31-33; Machado, 1987, pp. 7-8).

No Portugal de Setecentos, as mais altas nomeações eclesiásticas e políticas encontravam-se em parte relacionadas com favor régio. Assim, através deste acumular de cargos e também de diversas passagens na sua correspondência e no seu Diário (*apud* Caeiro, 1959, pp. 56-58; Marcadé, 1978, pp. 19, 21, 52), podemos concluir que estamos perante o início de um período de forte influência de Cenáculo na Corte, sobretudo nas relações com o onnipotente secretário de Estado do Reino de D. José I, Sebastião de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras e, mais tarde, Marquês de Pombal. É de sublinhar a nomeação de Cenáculo como preceptor do jovem príncipe D. José, em quem se desconfia que o

---

<sup>5</sup>Para mais informações sobre a viagem consulte-se Cabral (2011).

Marquês depositava as suas esperanças, acalentando a ideia de que este sucedesse directamente ao avô e continuasse a sua linha de governação.

A par desta intensa actividade na esfera pública, Cenáculo foi um estudioso incansável, sobretudo no domínio das línguas, da teologia, da filosofia e da história. Conjugando todos estes interesses, Cenáculo aproveitou a sua posição nos diversos cargos para pôr em marcha uma série de medidas que visavam melhorar a educação no país. Enquanto Provincial da Ordem Terceira de Portugal, elaborou a obra *Disposições do Superior Provincial para a observância regular, e literária da Congregação da Ordem Terceira de S. Francisco destes Reinos*, que foi a base da vanguardista reforma do plano de estudos dos Franciscanos em 1769. Em 1772, enquanto membro da Junta de Providência Literária, desempenhou um importante papel na reforma dos estudos da Universidade de Coimbra, que tão bem conhecia. Estas mudanças foram uma actualização e modernização dos programas, passando a ser ensinadas as novas correntes filosóficas que vigoravam pela Europa iluminista de então e a serem sugeridas leituras de obras de autores como Ludovico Muratori e Étienne-Gabriel Morrelly. É também de notar o excepcional empenho de Cenáculo – no âmbito das duas reformas acima mencionadas e não só – em melhorar o ensino de línguas como o latim e o grego, mas também em estabelecer pela primeira vez em Portugal o ensino sistemático de outras línguas, tais como o árabe e o hebraico (Caeiro, 1959, pp. 62, 66-71; Marcadé 1978, pp. 43-44).

Com a morte de D. José, em 1777, o panorama político altera-se drasticamente, dando origem ao episódio que ficou conhecido como Viradeira: o Marquês de Pombal e todos os que se encontravam comprometidos com o seu governo foram afastados e/ou cáiram em desgraça a partir do momento em que D. Maria I ascende ao trono. Homem de confiança do Marquês, Cenáculo renuncia a todos os cargos e afasta-se definitivamente da corte, mantendo, no entanto, a nomeação como bispo de Beja e partindo então para essa diocese para assumir funções de forma plena. Cenáculo permanece em Beja até 1802 e durante esse período de tempo dedica-se extraordinariamente à sua diocese, procurando fomentar o desenvolvimento agrícola, económico e, sobretudo, cultural, criando academias, escolas, uma biblioteca e um museu. Em paralelo com estas actividades de aplicação prática, Cenáculo continua a sua actividade intelectual, produzindo textos com relevância histórica, filosófica e não só, como é o caso da obra *Cuidados Literários do Prelado de Beja em Graça do seu Bispado ou Sisenando Mártir e Beja sua Pátria* (Caeiro, 1959, pp. 93-107, 110-112; Marcadé, 1978, pp. 85-90). Esta última obra, por se relacionar intimamente com a investigação arqueológica desenvolvida por Cenáculo, e a criação do museu acima referido, serão abordados em maior detalhe no próximo ponto deste trabalho.

No ano de 1802, Cenáculo é nomeado arcebispo de Évora, indo-se instalar na sua nova diocese em Dezembro de 1803. Chegado a Évora, com a idade de 79 anos, o arcebispo depara-se com alguns dos mesmos problemas que em Beja e principia a resolvê-los, fundando uma biblioteca pública e um seminário

rio. Poucos anos depois, dão-se as Invasões Francesas, todo o país é afectado e a família real refugia-se no Brasil em 1807. Évora é ocupada no ano seguinte (Caeiro, 1959, p.112; Ramos, 2009, pp. 439-444). Cenáculo dá-nos uma descrição destes acontecimentos no texto *Memória Descritiva do Assalto, Entrada e Saque da Cidade de Évora pelos Franceses em 1808*. A cidade tenta resistir mas acaba por ser invadida pelo General Loison e suas tropas; os oficiais que organizaram a resistência fogem e avisam Cenáculo, que corria perigo de morte, para fazer o mesmo. Mas o arcebispo recusa, argumentando que não pode abandonar as suas ovelhas. Toda a cidade é saqueada, inclusive o paço episcopal, onde se tinham aquartelado os oficiais franceses. Aquando da mudança de Beja para Évora, Cenáculo tinha levado consigo parte da colecção do museu de Beja, parte da sua biblioteca pessoal e a sua valiosa colecção numismática. Tudo isto é roubado ou destruído: “Tudo quanto era ouro e prata foi saqueado, como também rasgados os livros e feitos pedaços os manuscritos, quebrando as mais pequenas e delicadas peças do museu natural e artificial, unicamente para levarem alguns pequenos remates de prata e oiro, fazendo em pedaços imagens de Christo e Santos, em fim, reduzindo tudo a um estado de fazer lastima ainda a quem não é curioso” (Cenáculo, 1887, p. 15).

É também com base neste testemunho que podemos afirmar que os esforços diplomáticos de Cenáculo ajudaram na resolução da situação em Évora, salvando a vida de dezenas de pessoas e pondo fim à destruição e pilhagens desenfreadas por parte do exército francês. Para tal foi necessário o arcebispo comprometer-se e submeter-se, até certo ponto, à autoridade dos ocupantes, expresso numa pastoral da sua autoria. Poucos dias após a retirada francesa, o paço arquiiepiscopal é novamente invadido e revistado, desta vez por um bando armado com ordens de levar Cenáculo preso para Beja (*idem*, pp. 14-18)<sup>6</sup>. Do meio do caos e da ausência governativa que se vivia em Portugal, surgiram “Juntas Provisórias de Governo” (Ramos, 2009, p. 444) e foi a Junta de Beja que ordenou a prisão de Cenáculo, sob pretexto da sua colaboração com a ocupação francesa. Dois meses e várias diligências por parte de homens de confiança de Cenáculo depois, é finalmente dada ordem pelo Conselho de Regência em Lisboa para que o arcebispo seja libertado. No dia 17 de Outubro de 1808 Cenáculo, acompanhado por escolta militar de honra, entra em Évora onde é recebido com manifestações júbilo e grande entusiasmo por parte dos habitantes (Cenáculo, 1887, pp. 17-22; Caeiro, 1959, p. 114; Marcadé, 1978, pp. 472-474).

Depois de todas estas provações e apesar da sua idade avançada, Cenáculo retoma as suas funções e dedica-se com todas as suas forças à arquidiocese até ao dia da sua morte, a 1 de Março de 1814.

---

<sup>6</sup> Todas as pastorais escritas por Cenáculo neste período se encontram em anexo na obra referida.



## 1.2 Sua actividade enquanto coleccionador, arqueólogo e museólogo

O acto de coleccionar é uma constante no comportamento humano, tornando-se quase impossível recuar até ao momento em que terá principiado. Na sociedade de Setecentos, o coleccionismo era obrigatório a qualquer pessoa que se quera culta mas, na maior parte das vezes, o que moveu estes coleccionadores foi puramente o valor intrínseco estético ou pecuniário das peças. No entanto, à medida que o conhecimento científico avançava no contexto do iluminismo e que na arte se afirmava o neoclassicismo, certas personalidades contrariaram esta tendência, aliando ao desejo de possuir valiosas antiguidades a preocupação com o seu estudo, protecção e vertente pedagógica. E foi assim que se começaram a formar os primeiros museus, descendentes dos gabinetes de curiosidades, repositórios dos coleccionadores<sup>7</sup>.

A acção de Cenáculo enquanto coleccionador foi eclética e sem dúvida que se insere na corrente iluminada descrita. O seu labor colecionista começou cedo, pelo menos desde os tempos em que se encontrava em Lisboa, mas foi sobretudo quando chegou a Beja para exercer as funções de Bispo que viu finalmente reunidas as condições necessárias para se dedicar a esta paixão mais intensamente.

Um dos aspectos a destacar na sua actividade de coleccionador é a vasta rede de correspondentes<sup>8</sup> que foi criando e mantendo ao longo da sua vida. Era através destes contactos que Cenáculo ia aumentando as suas colecções “Nos milhares de cartas que lhe foram dirigidas abundam as informações prestadas por amigos, admiradores e colaboradores, bem como referências aos envios dos espécimes pretendidos” (Pereira, 1994, p. 79), fossem eles quais fossem. Esta correspondência era mantida com as mais diversas personalidades – eclesiásticos, eruditos, diplomatas, livreiros – espalhadas pelos quatro cantos do mundo. Era também graças a esta correspondência, e ao facto de ser um ávido consumidor de jornais, que Cenáculo se encontrava sempre na vanguarda da investigação científica e outras novidades à escala europeia. Neste aspecto, a correspondência que manteve com o seu sobrinho por afinidade, Francisco José Maria de Brito, um diplomata bastante viajado, é particularmente importante. Veja-se por exemplo a sua carta de 5 de Julho de 1803 ao tio em que refere ter-lhe enviado uma estampa com a inscrição da famosa pedra de Roseta (*apud* Alcochete, 1976, pp. 71-72).

Um dos seus grandes interesses de Cenáculo enquanto coleccionador, senão o maior, foram os livros. Ao longo de toda a sua vida canalizou os seus rendimentos para a aquisição de livros para a sua colecção, que ascendia às centenas

<sup>7</sup>Para uma melhor contextualização do tema veja-se Brigola (2003, 2009) e M. B. Teixeira (1985, 2000).

<sup>8</sup>Para mais informações sobre a correspondência de Cenáculo veja-se Gusmão (1944-1956) e Vaz (2011).

de milhar (Pereira, 2011; Vaz, 2004, 2012). Contudo, era-lhe indispensável colocar os livros, sinónimo de instrução, ao serviço da população e esta ideia encontra-se bem presente nas diligências que tomou na criação de bibliotecas, não só enquanto instituições mas também doando parte da sua colecção<sup>9</sup>.

A numismática era outro dos interesses de Cenáculo. À semelhança dos livros, dedicou-se

intensamente a esta colecção<sup>10</sup>. Coleccionava moedas e medalhas de diferentes épocas, metais e proveniências. Sabe-se que possuía uma colecção invejável mas em 1808 com a invasão francesa de Évora foi roubada, como nos informa o próprio Cenáculo. Actualmente encontra-se no Museu de Évora uma pálida amostra do que teria sido a colecção original do então Arcebispo.

Cenáculo tinha o gosto pelas ciências naturais, coleccionando várias curiosidades relacionadas com o tema. Ainda hoje, no Museu de Évora, se encontram várias peças da sua antiga colecção, tais como um dente de narval, cristais de quartzo, corais e uma xiloteca com amostras exóticas.

Era ainda um apaixonado por pintura, desenho e gravura, tendo sido um grande coleccionador. A sua colecção encontra-se na base das colecções actuais dos Museus de Évora (*cf.* Espanca, 1949; Machado, 1987) e de Beja (*cf.* Tadeia, 2013).

Para além dos livros, moedas, medalhas, pinturas, desenhos, gravura e natu-  
rália, o bispo reuniu uma incrível colecção de artefactos arqueológicos, sobre-  
tudo de epigrafia romana, com a ressalva de que, na maior parte das vezes, foi  
ele próprio quem promoveu escavações para os recuperar. São exemplo disso  
as escavações que efectuou em Sines, Tróia e Ourique (Castro da Cola). Não se  
pode obviamente considerar Cenáculo um arqueólogo no significado moderno  
do termo. No entanto, apesar de demasiado focados nos artefactos como era  
apanágio da época, os cuidados que tomou durante as suas intervenções arque-  
ológicas foram notáveis. Sempre que procedeu a recolhas de superfície ou a  
escavações para a obtenção de artefactos, tratou de deixar registos minuciosos  
dos procedimentos. Para Cenáculo era muito mais do que uma 'caça ao tes-  
ouro', existia uma preocupação constante com os contextos em que as peças  
se encontravam e posteriormente procedia ao seu estudo. As epígrafes, por  
exemplo, eram sempre alvo de transcrição, tradução e interpretação por parte  
do prelado.

O principal documento de que dispomos para estudar os seus desvelos ar-  
queológicos encontra-se na BPE, cód. CXXIX/1-9, com o título *Sesinando  
Mártir e Beja sua Pátria*, escrito entre 1783 e 1800. Nesta obra, que não foi  
publicada em vida de Cenáculo, o bispo propõe-se a provar a antiguidade da  
diocese de Beja, abordando a vida de S. Sesinando, padroeiro de Beja que aí te-

---

<sup>9</sup>Veja-se 1.1 para mais informações e Vaz (2004) para valores exactos da quantidade de livros doados.

<sup>10</sup>Veja-se o *Catálogo das medalhas que havia no Museo do Snr. Bispo de Beja em 1772* por Vicente Salgado e Sebastián Sanchez (*apud* Brigola, 2003, p. 426).

ria nascido no séc. IX, e reportando as várias descobertas arqueológicas que aí foi fazendo ao longo dos anos, entre outros assuntos. Dele extraiu Leite Vasconcelos as informações várias relacionadas com arqueologia (1895, p. 338-344) e, anos mais tarde, M. J. Delgado cumpriu a tarefa de o transcrever e publicar integralmente (1946-1949).

Ao longo do texto, Cenáculo vai remetendo para figuras mas estas não correspondem às que se encontram no álbum *Lápides do Museu Sesinando Cenaculano Pacence*, que se irá abordar no capítulo III. Junto do manuscrito de *Sesinando Mártir e Beja sua Pátria* encontram-se alguns desenhos e no cód. CXXIX/1-10, descrito por Rivara “Desenhos e monumentos pertencentes à vida de S. Sizenando” (1850-1871, vol. III, p. 264), também. Provavelmente seriam estes os desenhos que deveriam figurar junto do texto numa eventual publicação. Esta preocupação, de apresentar os desenhos das peças mencionadas (tão habitual nas publicações científicas actuais), é digna de nota. Note-se também que muitas das vezes os desenhos de Cenáculo incluíam escala, como se pode observar nos códices da BPE (CXXIX/1-13, p. XXXVIII, por exemplo) e que foi o primeiro, em Portugal, a referir a existência da Escrita do Sudoeste (Beirão, 1986, p. 33).

Apesar de não existir um consenso entre os investigadores em relação a qual terá sido o primeiro Museu português (*cf.* Teixeira, 1985, 2000), é inevitável a associação do nome de Cenáculo aos primórdios da museologia em Portugal. Para um homem com a sua formação e intelecto, era-lhe inconcebível o acto de coleccionar *per se*, era-lhe fundamental a vertente pedagógica e tratou, sempre que possível, de colocar as suas colecções ao serviço da educação pública. Em 1772, enquanto Presidente da Real Mesa Censória, podemos encontrar um projecto seu para o Estabelecimento dos Estudos Menores, testemunho de que Cenáculo tinha já bem delineada a sua ambiciosa estratégia em relação a Bibliotecas, Museus e educação pública. Após uma breve explicação acerca da proveniência dos fundos para o projecto, podemos ler as aplicações propostas por Cenáculo<sup>11</sup>: “Primeira aplicação: a compra sucessiva e inextinguível de livros para a Biblioteca Pública, dirigida pela Mesa, de sorte que a riqueza do Erário de V. Majestade nesta Repartição chegue a somar não somente uma das Primeiras Bibliotecas da Europa, mas também seja decorada de preciosos manuscritos, e dos livros mais raros e escolhidos. Segunda aplicação: a composição de um Museu de Raridades, para o que dão hoje exemplos e estímulos de ciência e de paixão as nações cultas, mas que brevemente hajam de receber os mesmos e mais significantes exemplos desta Capital.” (Cenáculo<sup>12</sup> *apud* Brigola, 2009, pp. 11-12).

Enquanto bispo de Beja, Cenáculo não seguiu à risca este plano, “apesar

<sup>11</sup>Transcrevem-se apenas as aplicações mais relevantes para a questão, as duas primeiras.

<sup>12</sup>1772 – Projecto sobre o Estabelecimento dos Estudos Menores. Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT), Mesa da Comissão Geral do Exame e Censura dos Livros, Livro 362, fols. 109 v – 116 v.

de continuar a aumentar o seu espólio bibliográfico visando a abertura da sua biblioteca ao clero e aos eruditos locais, parece ter-se preocupado prioritariamente com a organização do museu de raridades, enquanto, em Évora (...) regressou à fórmula proposta em Lisboa, organizando a Biblioteca Pública e, anexamente, as salas da sua opulenta colecção de pintura” (Pereira, 1994, p. 79) e, acrescentando-se, curiosidades de história natural.

Em Beja, como local de depósito da sua colecção, escolheu a Igreja de S. Sesinando no Largo do Salvador. Não sabemos a dimensão e composição exacta da colecção que aí colocou<sup>13</sup>, apenas parte da secção lapidar e arqueológica se encontra documentada no já mencionado LMSCP. O facto de existir este documento e a também já mencionada *Oração do Museu* que celebrou a sua abertura ao público, são provas da modernidade conceptual que justifica a atribuição do título de 'pai' da museologia portuguesa a Cenáculo.

A colecção museológica de Cenáculo tornou-se famosa, passando a fazer parte do circuito obrigatório e mencionada nos relatos de vários viajantes eruditos que passaram por Portugal<sup>14</sup>. “O primeiro visitante estrangeiro a deslocar-se expressamente a Beja para visitar o Museu e copiar algumas das suas numerosas inscrições lapidares foi o Padre Perez Bayer, preceptor dos príncipes de Espanha e bibliotecário-mor do Rei. O famoso erudito espanhol ficou agradavelmente surpreendido com a colecção, tanto mais que pôde apreciar as congéneres de Lisboa, no decurso da sua estada em Portugal, nenhuma outra lhe merecendo os comentários elogiosos que dispensou à do Bispo de Beja” (Pereira, 1994, p. 80). Note-se que quando Perez Bayer veio a Portugal, no ano de 1782, ainda não se havia inaugurado o Museu Sesinando Cenaculano Pacence e a colecção de Cenáculo não estava no seu auge. As impressões da sua visita foram registadas num diário, publicado por Leite Vasconcelos n’ *O Arqueólogo Português* (1920, vol. 24, pp. 108-176).

O irlandês James Murphy fez uma grande viagem por todo o país nos anos 1789-1790 e, em visita a Beja, ficou também ele impressionado com a colecção do bispo. Os seus relatos foram publicados em livro, onde se encontram reproduções de algumas das lápides de Cenáculo (Murphy, 1795).

Com a nomeação de Cenáculo para arcebispo de Évora em 1802 (veja-se 1.1 para mais informações), parte da colecção ficou em Beja. Do que se pode concluir da bibliografia (Simões, 1869, p. 4; Viana, 1944, p. 350; *idem*, 1952, pp. 3-4, por exemplo) e dos dados que dispomos acerca da localização actual das peças, o recém nomeado arcebispo levou para Évora a sua biblioteca, parte da colecção de pintura, a colecção de numismática, a colecção de naturália e uma

---

<sup>13</sup>Brigola (2003, pp. 430-431), utilizando também informações de Simões e Hübner, refere uma “(...) colecção numismática de cerca de sete mil exemplares, cento e sessenta lápides, cipos, colunas e fragmentos de escultura e de arquitectura, assim como uma série de inscrições da Idade Média e Moderna, além de espécimes naturais”.

<sup>14</sup>Veja-se Brigola (2010, pp. 46, 52-55, 61,76-80, 125, 139, 175-176). Nesta compilação há referências à colecção de Beja e Évora de Cenáculo.

ínfima parte da colecção de arqueologia<sup>15</sup>. Apesar de Cenáculo não ter deixado o facto registado, supõe-se que esta selecção esteja relacionada com a logística do transporte – todas as pesadas lápides ficaram para trás, provavelmente na Igreja de S. Sesinando, que se sabe que em 1842 foi destinada a escola (Ramos, 1936, p. 51; Viana, 1952, p. 5). Estes artefactos foram desaparecendo com tempo “Em Beja, porém, por negligência, ignorância e cobiça, a maior parte das lápides tem sido empregadas como material de edificação. Ainda encontrei umas oito inscrições e alguns fragmentos de escultura, que, mais dia menos dia, hão de ter também igual destino. Várias lápides com inscrições vi eu nas esquinas e portas e nas portas do palácio episcopal, servindo de marcos e degraus! Algumas têm sido aplicadas na construção da Casa Pia!” (Hübner, 1871, p. 38). Hübner faz esta visita em 1861 e poucos anos depois, em 1868, Augusto Filipe Simões, então Bibliotecário em Évora, toma as diligências necessárias para fazer transportar de Beja as peças que faltavam da colecção original de Cenáculo. Nesse momento só foram localizadas 13 peças das mais de cem mencionadas por Simões, que tem por base o LMSCP. Estas peças foram reunidas “(...) às outras antiguidades que para aqui haviam sido transportadas por D. Fr. Manuel do Cenáculo e áquellas que subsequentemente por diligência do sr. J. H. da Cunha Rivara, de João Raphael de Lemos e pelos meus próprios esforços, se haviam depositado na bibliotheca e no templo de Diana” (Simões, 1869, p. 4). Simões propõe ainda que se dê o nome de Museu Cenáculo a esta colecção (*idem*, p. 9).

A partir de 1891, com a organização do então chamado Museu Arqueológico Municipal de Beja (Viana, 1944, p. 349) e graças aos esforços de diferentes investigadores, com destaque para Abel Viana, foi-se descobrindo o paradeiro de algumas das peças que ficaram em Beja. A questão da localização actual das peças representadas no LMSCP será abordado em pormenor no Capítulo 3 desta dissertação.

Em Évora, Cenáculo continuou a dedicar-se às suas colecções. Como já referido anteriormente, aqui a sua maior preocupação foi com a Biblioteca, à qual anexou um Museu. O projecto de biblioteca foi ambicioso, criando uma instituição absolutamente excepcional (*cf.* Vaz, 2004, 2012). Este Museu era complementar à biblioteca, de acordo com a concepção iluminista de Cenáculo, mas crê-se que fosse bastante inferior ao seu congénere de Beja. A colecção deste Museu, formado pelas peças que Cenáculo levou consigo na mudança, e que resistiram às pilhagens durante as invasões francesas, em conjunto com os artefactos recuperados por Simões está na base da colecção do actual Museu de Évora.

---

<sup>15</sup>É interessante aqui notar o comentário de Brigola (2003, p. 432) em relação a esta movimentação da colecção: “O que é forçoso concluir deste facto é que a natureza ‘pública’ do *Museu Sisenando* – tão incensada na *Oração* – não implicara afinal a propriedade plena por parte da diocese (ou de qualquer outra instituição da cidade), mas tão só a permissão episcopal à fruição colectiva dos objectos exibidos enquanto ali durasse a presença do bispo”.



## 2 A Oração do Museu Sesinando Cenaculano Pacence

### 2.1 Apresentação do manuscrito e contributos anteriores para o seu estudo

A ocasião em que o Museu Sesinando Cenaculano Pacence foi publicamente inaugurado terá sido solene. Na BPE (cód. 75, nº 19 – códices Manizola<sup>16</sup>) existe um documento que reproduz a Oração proferida para assinalar o acontecimento e que começa com as seguintes frases: “Oração do Museu. Dita a 15 de Março de 1791 em Beja com grande aplauso”.

Este documento é um manuscrito composto por 20 páginas, tendo a terceira página um pedaço de papel colado com um acrescento de texto. A sua leitura não é fácil, sobretudo por se encontrar repleto de acrescentos e emendas. Não se encontra assinado e a primeira vez que dele se publicaram excertos foi em 1898, por José Leite Vasconcelos em *O Arqueólogo Português* (1898, pp. 283-287). Nesse artigo, para além da transcrição dos excertos mencionados, Leite Vasconcelos apresenta também uma apreciação crítica ao conteúdo do documento, que considera ‘descosido’ (*idem*, p. 287) e avança com a ideia que o autor terá sido Frei José de São Lourenço do Vale<sup>17</sup>, amigo e colaborador de Cenáculo “Com quanto o discurso não esteja assignado, attribuo-o sem hesitação à penna de Fr. José de S. Lourenço do Valle (...)” (*idem*, p. 284). Leite Vasconcelos justifica essa atribuição dizendo reconhecer a caligrafia de Frei Lourenço de outros documentos existentes na BPE de que tinha conhecimento e, sobretudo, pelas referências que este faz ao longo da *Oração do Museu* sobre a sua própria experiência (*ibidem*).

Depois de Leite Vasconcelos, foram necessários quase cem anos até um investigador se voltar a interessar pela *Oração do Museu*. Em 1985 M. B. Teixeira publica parte dos excertos transcritos por Leite Vasconcelos num artigo sobre os primeiros museus em Portugal e repete a ideia de que o autor foi Frei Lourenço (Teixeira, 1985, pp. 203-206). Sete anos depois, F. A. Baptista Pereira transcreve partes inéditas da *Oração* que são apresentadas num colóquio – e respectivas actas – a assinalar os 200 anos da criação do Museu do Louvre, com uma comunicação sobre o papel da Igreja na formação dos museus<sup>18</sup> (Pereira, 1993, pp. 461-483). Aqui, para além de repetir a ideia de Leite Vasconcelos sobre a presumível autoria de Frei Lourenço, o autor também sugere que os acrescentos e emendas à *Oração do Museu* seriam da autoria de Cenáculo “Les

<sup>16</sup>Assim designado por ser proveniente da biblioteca da Quinta Manizola, propriedade do Visconde da Esperança nos arredores de Évora, cuja colecção foi doada à Biblioteca Pública de Évora.

<sup>17</sup>Doravante designado apenas como Frei Lourenço.

<sup>18</sup>O texto, e as secções em questão da *Oração do Museu*, foram traduzidos e publicados em francês.

corrections sont de la main de Cenáculo lui-même, ce qui prouve que le contenu correspond pleinement à la pensée muséologique” (*idem*, p. 469). Em 2009 João Carlos Brigola no livro *Coleccionismo no Século XVIII* apresenta uma selecção de textos e documentos sobre o assunto. Entre eles encontra-se um grande excerto, sensivelmente um terço, da *Oração do Museu* transcrita, onde também atribui a autoria a Frei Lourenço e acrescenta “revisto e anotado pelo bispo Cenáculo” (Brigola, 2009, p. 42; *idem*, 2003, p. 425)<sup>19</sup>.

Para esta dissertação, a ideia inicial de abordagem à *Oração do Museu* era fazer a sua transcrição integral e uma análise minuciosa ao seu conteúdo. Já depois de ter terminado a minha transcrição, que é a que se apresenta em 2.3, tomei conhecimento de dois trabalhos (Nascimento<sup>20</sup>; Roque, 2011<sup>21</sup>) onde se pode também encontrar a transcrição completa da *Oração do Museu*. Apesar de essas transcrições não terem sido utilizadas para esta investigação, creio ser fundamental mencioná-las, uma vez que cronologicamente têm prioridade (pelo menos Roque) e porque parecem desconhecidas da bibliografia relativa ao assunto: não são referidas em Brigola (2009) nem se referem mutuamente. Estes dois trabalhos têm também em comum a aceitação e repetição da ideia acerca da presumível autoria de Frei Lourenço para o grosso do texto (Nascimento; Roque, 2011, pp. 39-40); Roque refere também a teoria de ter sido Cenáculo o autor dos acrescentos e emendas (2011, pp. 39-40).

Após consulta de numerosos documentos na BPE, concordo que seja a caligrafia de Frei Lourenço no documento mas não concordo com a ideia de que este seja o autor original e que a *Oração* tenha sido anotada por Cenáculo. No ponto seguinte desenvolve-se esta teoria à luz de uma descoberta, que fez também cair a necessidade de uma análise minuciosa ao conteúdo da *Oração* que se pretendia inicialmente.

## 2.2 Códices Manizola, a *Oração* de 1753 e a expulsão da Companhia de Jesus

Como já foi acima referido, a *Oração do Museu* faz parte da colecção de códices existente na BPE conhecida como Códices da Manizola. Esta colecção de 667 códices distingue-se dos restantes pela sua proveniência. Nos arredores de Évora existe ainda a Quinta da Manizola, que foi propriedade do 2º Visconde da Esperança. Aí o Visconde criou uma excelente biblioteca e era sua vontade, desde 1915, que esta fosse doada à BPE. No entanto, devido a problemas rela-

---

<sup>19</sup>Os trabalhos citados são os de maior relevo para o assunto, seja pela sua exaustão ou momento em que foram publicados. No entanto, existem mais referências à *Oração do Museu*: é o caso de Caetano (2005, p. 54) ou Morais (2011, p. 10-11), que repete parte da transcrição de Brigola (2009).

<sup>20</sup>Em [http://triplov.com/hist\\_fil\\_ciencia/cenaculo/pax.html](http://triplov.com/hist_fil_ciencia/cenaculo/pax.html) sem data de publicação.

<sup>21</sup>Do que pude perceber, a obra de Roque (2011) é a publicação da sua tese de Doutoramento defendida em 2006. Assim, a sua transcrição é, na realidade, datada de 2006.



cionados com os herdeiros, os volumes apenas foram incorporados em 1955 e foi necessário que o Estado Português os comprasse (Calixto, 2005, p. 11). É esta a origem da colecção de Códices Manizola na BPE mas, até ao momento, não se conseguiu apurar como e onde foi adquirindo o Visconde a sua valiosa colecção. Através do Catálogo elaborado por Barata (1897) apercebemo-nos que o teor da colecção é muito diverso e disperso, e também que existem vários documentos relacionados com Cenáculo (*ibidem*).

A organização e catalogação que subsiste na BPE para estes códices mantém-se inalterada e igual à da Manizola. No Catálogo de Barata (1897), onde se encontra a entrada da *Oração do Museu* (*idem*, p. 9) encontramos também a entrada para o cód. 30, n.º6, denominado “Oração Académica sobre a História Natural e Antiguidades – Recitada na cidade de Évora na Universidade na 1ª Oitava do Espírito Santo em 1753” (*idem*, p. 51). Após leitura desta *Oração*, escrita 38 anos antes, podemos constatar que a *Oração do Museu*, dita a 15 de Março de 1791 em Beja, é, na realidade, uma quase cópia<sup>22</sup>, adaptando-a Frei Lourenço às suas necessidades. Por exemplo, onde se lê Évora na *Oração* de 1753, lê-se Beja na de 1791.

Dispomos de alguns factos e podemos retirar algumas conclusões mas, a partir de certo ponto, podemos apenas especular. Sabemos que ambos os documentos – as duas *Orações* – fazem parte dos Códices Manizola, mas não sabemos como foram incorporados. Não existe qualquer dúvida de que Frei Lourenço tinha conhecimento da *Oração* de 1753 e é legítimo supor que os documentos se encontravam juntos. Quanto à ideia, referida em 2.1, adiantada por outros investigadores no passado acerca das revisões e anotações serem da lavra de Cenáculo, parece pouco provável: não só por não encontrar diferenças da caligrafia do corpo do texto mas também e sobretudo porque esses trechos que são interpretados como acrescentos podem-se ler na *Oração* de 1753. Na minha opinião, todo o texto de 1791 é escrito por Frei Lourenço.

Não podemos também afirmar, com toda a certeza, que Cenáculo tivesse conhecimento do documento e/ou que tenha sido o mentor da ideia de o utilizar para assinalar a abertura do seu Museu. Todavia, se tomarmos em consideração as condições em que provavelmente Frei Lourenço terá tomado posse do documento de 1753, não podemos descartar a probabilidade de que pelo menos o Bispo o conhecesse.

Em 1753, a Universidade de Évora encontrava-se nas mãos da Companhia de Jesus e terá sido neste contexto que a *Oração Académica sobre a História Natural e Antiguidades* foi redigida<sup>23</sup>, provavelmente por um Lente da Universidade de identidade ainda desconhecida. Apenas seis anos depois, o Marquês

---

<sup>22</sup>No ponto seguinte (2.3) e em anexo (I e II), apresentam-se ambos os documentos com as diferenças devidamente assinaladas

<sup>23</sup>Para mais informações acerca desta *Oração* veja-se Pereira e Vaz (2012a). Estes autores publicam excertos e ainda a transcrição completa (Pereira e Vaz, 2012b), mas não fazem referência à *Oração* de 1791.

de Pombal extingue a Companhia de Jesus, expulsando todos os seus membros; uma das consequências dessa decisão política foi o encerramento da Universidade de Évora e a dispersão do seu espólio, nomeadamente a sua biblioteca. Sara M. Pereira, que se tem dedicado à investigação deste tema, defende que se pode dividir em duas fases o desaparecimento da biblioteca jesuítica de Évora (Pereira, 2012, pp. 555-558). Para o assunto em questão, apenas a 2ª fase é pertinente e devemos recordar em que funções se encontrava Cenáculo (veja-se 1.1 desta dissertação para mais informações): “Numa segunda fase, já na vigência da Real Mesa Censória e debaixo da influência de Frei Manuel do Cenáculo (1773-1779), (...) os livros da biblioteca e dos professores são enviados para a Real Mesa Censória e depois, alguns deles, não sabemos quais, reenviados de novo para Évora, para o Colégio do Espírito Santo e entregues ao Provincial da Ordem Terceira (1776-1779)” (*idem*, p. 563). Assim, de acordo com esta ordem de acontecimentos, podemos concluir que Cenáculo e/ou o seu colaborador Frei Lourenço tomaram, muito provavelmente, conhecimento da Oração de 1753 desta forma.

### 2.3 Nota prévia e transcrição da *Oração do Museu*

Apesar de não existir qualquer dúvida de que a *Oração* de 1791 foi baseada na de 1753, certas passagens divergem. Muitas vezes Frei Lourenço opta por uma palavra diferente, pontuação diferente ou ainda pegar na ideia inerente e reformulá-la. Estas situações estão devidamente assinaladas em notas de rodapé onde se encontra, entre aspas, o que se lê na *Oração* de 1753. As restantes notas de rodapé oferecem explicações em momentos necessários. Para além destes aspectos, a *Oração do Museu* tem largos trechos originais que estão assinalados a negrito, facilitando assim a percepção dos acrescentos de Frei Lourenço.

A grafia das palavras foi actualizada, a mudança de página no manuscrito está sinalizada (pág. x) e as reticências entre parêntesis recto correspondem a uma palavra não percebida.

Em anexo (II) a esta dissertação encontra-se uma versão fac-similada do manuscrito original da *Oração do Museu* para consulta e resolução de qualquer dúvida que a presente transcrição possa levantar; no anexo I encontra-se também o fac-símile da *Oração* de 1753 e respectiva transcrição (segundo Pereira e Vaz, 2012b) para eventual comparação.

#### **Oração do Museu**

**Dita a 15 de Março de 1791 em Beja com grande aplauso**

**Exmo. Venerandíssimo Sr., Magistrado respeitável, sábios protectores, hóspedes, humanistas.**<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup>Lê-se também na saudação de abertura 'estimáveis e estudiosos' após 'humanistas'. No entanto, uma vez que estas palavras se encontram rasuradas no manuscrito e provavelmente não terão sido proferidas, optámos por não as incluir nesta transcrição.

Primeiramente, Ouvintes Pacences, eu rogo a Deus Imortal que quanta afeição tiveram vossos antepassados, cuja memória hoje honro, às Artes, ciências, costumes, e Religião na qual vos deixaram feliz, esclarecida, e perpétua lembrança; e por quanto seus imitadores são distinguidos entre os mortais, no testemunho da História, na confissão da antiguidade, e na honra da virtude: a mesma humanidade continueis a praticar com a vossa benevolência na matéria que vou a tratar. O que sendo assim, é justo me ouçais discorrer do proveito do estudo da Antiguidade Sagrada e profana, no que se eu disser coisa útil será conveniente abraçá-la; porque falando eu para o vosso bem<sup>25</sup> podeis escolher o que mais vos agradar. Certamente este tempo, Srs., não só vos fala com a voz que todo o homem deve e está obrigado a conservar as Memórias que seus antepassados lhe deixaram cuidadosos, se as quiser conhecer, imitar e honrar.

Eu não venho pois aqui comover-vos por meu Discurso, mas instruir-vos por exemplos: e eu vos exorto hoje não a seres completos sábios, mas a imitar os varões ilustres, e espertar nos vossos corações a levantar-vos<sup>26</sup> de esfera em esfera e correr a radiante escada da natureza, e dos séculos passados.

Quando se tem<sup>27</sup> por assunto discursos mundanos em que se não pode louvar mais que assim, dificultoso é que se não lisonjeie a vaidade, ou ao menos se não confunda com a virtude, e que sem reparo se não incense o mundo com os perfumes devidos a Deus. Graças a Deus, que hoje me vejo livre destas dúvidas e receios. Eu falo de um espírito abençoado

Pág.2

que faz<sup>28</sup> um contínuo preparo para abrilhantar a Sagrada Religião. Eu falo para um Eclesiástico que deve<sup>29</sup> aparecer no mundo como Luz que cintila no quadro da Igreja, desejando aperfeiçoar a profissão do seu estudo<sup>30</sup> na indagação da Antiguidade e natureza para com maiores conhecimentos ilustrar<sup>31</sup> as ciências Divinas; pois quanto maior for o trabalho, o prémio será mais distinto que muitos faz as fadigas mais amadas que a própria vida. À vista da natureza e do engenho humano, criaturas de Deus, à vista dos Ídolos e Deuses tutelares do Império, debaixo de seus próprios despojos derrubados, a vista de todos os esforços da política, do poder dos Césares, de todas as subtilezas da filosofia, de todo o furor das perseguições, a vista de tudo isto, **aqui** vou arvorar o troféu da Sagrada Religião. Escutai-me enquanto eu trabalho em seguir os passos daqueles respeitáveis sábios que dignamente já disseram tudo neste lugar. Na lição da antiguidade, Deus Imortal! Que superioridade! Que magnificência! Que fundamentos para a História Sagrada! Que conhecimentos das regiões e lugares! Que homens! Que artes! Que costumes! Que erudição sagrada e humana!

---

<sup>25</sup>“aproveitamento”

<sup>26</sup>“levar-vos”

<sup>27</sup>“tomam”

<sup>28</sup>“Eu falo de uns espíritos (...)”.

<sup>29</sup>“uns Apóstolos que devem”

<sup>30</sup>“instituto”

<sup>31</sup>“ilustrarem”

Que imprevistas mudanças da natureza, e desengano do mundo!

Todas estas grandezas se compreendem no Museu<sup>32</sup>, e não direi que o seu estudo é somente o conhecimento da Física natural, dos sais, sucos oleosos, pedras, petrificações, cristais, Minerais, Metais, plantas e todas as mais produções maravilhosas da natureza: eu me esqueço de todos estes magníficos objectos, ou melhor eu os ajunto todos. O estudo do Museu<sup>33</sup> é o estudo de todas ciências, para conhecermos a Deus e sua Religião com utilidade nossa, donde provêm fortes razões para nos aplicarmos a ele.

Com efeito, Srs., que apinhados conhecimentos me traz à memória o nome de Museu<sup>34</sup>? Ele nas produções da natureza me representa a grandeza de seu Criador. Nos ídolos a falsidade do gentilismo e a verdade da nossa Religião. Nas inscrições profanas, a erudição das línguas, a história dos séculos passados, e a notícia da fábula<sup>35</sup>. Nas Sagradas Inscrições a autoridade e poder de Moisés, as vitórias de Josué, os castigos dos ímpios, a fraqueza dos Impérios, a alternativa da fortuna, o abatimento da presunção humana, o zelo e intrepidez dos Mártires, e um glorioso argumento contra os delírios da arrogante filosofia, que duvidando das verdades, nega tudo por efeito da própria fraqueza que em si desconhece.

Que bem! Que utilidade Santa! Quantos gozarão desta majestade nas letras! A quem deveremos tantas venturas?....

Pág. 3

Mas para onde me arrebat<sup>36</sup>? Para onde?... **Levantar**<sup>37</sup>

Para que possais entender, que não há eloquência, ou alta erudição que possa, não digo aumentar ou ornar, mas sim contar a grande multidão de venturas que o Exmo. e Digníssimo Sr. Bispo de Beja, nosso Prelado que Deus guarde, tem conferido a todo Portugal, e prossegue a felicitar a sua Igreja Paense<sup>38</sup>.

Por tantos bens se fomos nascidos de nossos Pais e criados por eles; por V. Ex.<sup>a39</sup> nascemos<sup>40</sup> sábios. Se eles nos deram heranças, V. Ex.<sup>a</sup> as animou<sup>41</sup> fazendo-as mais úteis. Se recebemos a natureza prevaricada neste século, V.

---

<sup>32</sup>“História natural e as Antiguidades”

<sup>33</sup>“História natural”

<sup>34</sup>“História natural e antiga”

<sup>35</sup>“notícias das fábulas”

<sup>36</sup>“arreatam”

<sup>37</sup>Supomos que este acrescento seja uma espécie de didascália, uma indicação para o orador que se terá levantado como gesto de respeito para proferir todo este troço do discurso, desde esta anotação 'Levantar' até à anotação 'Sentar' na pág. 4 do manuscrito. Coincide com um momento em que se dirige mais directa e claramente a Cenáculo.

<sup>38</sup>“os Lentes e Académicos desta Universidade têm conferido a todo o Portugal e prossegue a felicitar a toda esta região”

<sup>39</sup>“esta Academia”

<sup>40</sup>“nos fazemos”

<sup>41</sup>“esta Academia as anima”

Ex.<sup>a42</sup> sempre firme na tradição Sagrada; nos tem conservado na pureza da Religião. Deus Imortal nos deu luz, V. Ex.<sup>a</sup> a tem<sup>43</sup> feito brilhar. Muitos mais do-tes recebemos do Criador que se não fosse as solicitações do amor de V. Ex.<sup>a44</sup>; careceríamos por certo do uso dos benefícios Divinos.

Assim útil sem interesse, virtuoso sem ostentação, não segue em todas as suas acções outras regras que a sua rectidão; não olha outro fim, que a utilidade pública; não quer outro prémio, que a glória de fazer bem, e desejar o bem que não pode fazer<sup>45</sup>.

Eu suspendo os seus elogios, e trato da utilidade do estudo do Museu, mostrando-vos como V. Ex.<sup>a</sup> tem excedido a todos por seu zelo; tem triunfado de muitos obstáculos pela modéstia; e dos abusos e presunção do século pela vigilância. Se acaso interromper a ordem do meu Discurso, perdoai-me as atracções para um objecto, que tantas faz em todos.

Eu vou tratando ora do seu zelo, ora do Museu, e quando não possa de tantos cuidados circunstanciar o Discurso, focarei seus princípios, não por força da minha frouxa eloquência, mas pela verdade que sou obrigado propor-vos.

O exemplo das virtudes e profunda erudição de V. Ex.<sup>a</sup> sempre respeitavelmente admirado pelos Estrangeiros, em cujas bocas sagradas de Nações que sabem avaliar verdadeiros merecimentos, primeiro conheci a V. Ex.<sup>a</sup> do que tivesse a fortuna de o ver; são as mais agigantadas provas com que melhor autoriza Portugal a confissão das suas dívidas eternas. Se isto fosse vaidade, eu lhe deixaria o cuidado de se coroar a própria vaidade. Mas Srs. deixai-me romper neste doce entusiasmo: que grande é a glória de Portugal ter um Herói admirado nas terras estranhas, e que posto no meio da Igreja como uma tocha encendida brilha sobre inumeráveis luzeiros? Na verdade será esta Nação nos seus dias sempre invejada; porque assim como os séculos passados não tiveram semelhante, por tanto a desejará a sensível posteridade. E se enfraquecemos em seus elogios, por mais que prossigam os séculos vindouros sempre lhe faltará mais que dizer de quem principiou por onde os mais acabaram.

V. Ex.<sup>a</sup> me ordena que discorra<sup>46</sup> sobre o proveito do estudo do Museu<sup>47</sup> com que liberalmente me honra, e oferece à sua Diocese edificada com doutrina e cuidados literários, e ao mesmo tempo me proíbe falar em V. Ex.<sup>a</sup>. Portanto eu deixarei aos belos engenhos da gente de letras publicar as ele-

---

<sup>42</sup>“esta Academia”

<sup>43</sup>“nossos Mestres a têm feito brilhar”

<sup>44</sup>“dos nossos Mestres”

<sup>45</sup>“assim úteis sem interesse, virtuosas sem ostentação não seguem em todas as suas acções, e desvelos, outras regras que o complemento do seu instituto; não olham outros fins que a utilidade pública; não querem outro prémio que desterrar a ignorância fazendo sábios que aumentem a Religião, o homem e a pátria.”

<sup>46</sup>“Vós sábios Mestres me obrigastes”

<sup>47</sup>“História antiga”

vações do seu espírito<sup>48</sup>. Deixarei às almas grandes que da erudição de V. Ex.<sup>49</sup> fazem as suas delícias, gravar eterna Memória das generosidades incomparáveis do seu profundo e humano coração<sup>50</sup>. Eu sempre obrigado e distintamente

Pág. 4

favorecido por V. Ex.<sup>51</sup>, por não parecerem curtas<sup>52</sup> minhas expressões; confesso que não podendo alcançar o rápido voo das honras que me faz<sup>53</sup>, não chego a dizer tudo, senão por meio de um silêncio suspenso, sepultando-me no abismo das minhas obrigações desde o tempo em que estudei as línguas orientais no seu<sup>54</sup> Colégio de Jesus: onde me aliancei<sup>55</sup> com um juramento sagrado, juramento fiel, acção desconhecida nos encantos humanos, e brilhante depois dos dias da vida. **Aqui, Exmos. Srs., mais diz meu silêncio que minhas vozes, e lhe deverá parecer sem dúvida maior pelo que calo, que pelas que disse. A posteridade o verá quando o tempo que tudo devora dilacerar o véu que as encobre e quando não restar outro interesse mais que o da Verdade. Sentar<sup>56</sup>**

Até aqui não falei só<sup>57</sup> de minha causa, mas também em geral que muitos em si tem conhecido, sendo hoje o dia em que esta luminosa fortuna liberalmente concedida toca todos na abertura de um estudo que é o agregado de todos<sup>58</sup>.

A antiguidade sagrada o testemunha. Entre os Hebreus que ricos momentos haviam; **Srs.!** Entramos no templo, e depois de respeitarmos a Arca da Aliança, sagrado depósito das pedras da Lei escrita com o dedo de Deus no monte Sinai, e junto dela admirarmos a vara de Arão em memória **das rebeliões** dos filhos de Israel, e o maná do deserto em testemunho de os alimentar 40 anos: voltando a vista a ela se oferecem 48 cidades do uso dos Levitas<sup>59</sup> enriquecidas de veneráveis monumentos que fazem o respeito de Israel para quem seus grandes Reis coroavam também o Monte Sion com tão famosa Universidade que São João Crisóstomo chamou Διδασκαλείον της Γης Universidade do mundo. Morf. tomo 1º, fol. 136<sup>60</sup>. O sacerdote Heli quando ensinava os primogénitos dedicados a Deus, Samuel, Elias, Eliseu, que homens, Srs.! Eles tudo sabem, tudo podem; porem a guarda das antiguidades nas suas escolas

---

<sup>48</sup>“dos meus colegas que publiquem as elevações dos vossos espíritos, e virtudes”

<sup>49</sup>“da vossa erudição fazem as suas delícias”

<sup>50</sup>“dos vossos ternos, e humanos corações”

<sup>51</sup>“por vós favorecido”

<sup>52</sup>“diminutas”

<sup>53</sup>“instruções que de vós tenho aprendido”

<sup>54</sup>“o tempo da puberdade em que estudei as primeiras letras neste sagrado”

<sup>55</sup>“liguei”

<sup>56</sup>Didascália – veja-se nota 37.

<sup>57</sup>“falei não só”

<sup>58</sup>“solenizar pelo aniversário da fundação desta sapientíssima Academia”

<sup>59</sup>“quarenta e oito Cidades dos Levitas”

<sup>60</sup>Na *Oração* de 1753 esta referência, a uma obra de Daniel Morhof, encontra-se na margem.

provam a verdadeira Religião. Religião Sagrada onde Deus mandou guardar os testemunhos dos seus antigos prodígios. Religião que conservando seus antigos escritos se autoriza na mais avançada antiguidade do mundo. Tanto se empenhava seu zelo a favor das letras que toda a Mocidade as estudava da idade de 6 anos nas escolas que haviam em todas as cidades e Províncias.

E se da Palestina nos transportarmos à Grécia que toda esta à imitação daquela era um Museu<sup>61</sup>: que magnificência,

pág. 5

Srs., de escolas em Atenas. Ali a Academia de Platão, o Peripato de Aristóteles. O Paladeo, e o Odeo, o Museu Alexandrino que continha em si um templo com seu sacerdote, dotado antigamente de incrível riqueza, e patrocinado por César e mais Imperadores, que sendo Bárbaros: pelos úteis cuidados da instrução da República duram até hoje seus elogios, que justamente mereceram por acções sempre louvadas. Façam embora os Monarcas troféu do seu poder, gloriem-se<sup>62</sup> nas suas vaidades, que o zelo da felicidade pública também dos Bárbaros honra<sup>63</sup> a memória.

O Museu da [...] <sup>64</sup> em Roma, o de Octogono<sup>65</sup> em Cpoli<sup>66</sup> onde se mantinham doze Mestres postos por Constantino Magno: tudo isto, Srs., que ouvis dizer – Museu – eram escolas gerais que se governavam por Mestres, e encerravam livrarias com todo o género de objectos em que se podia estudar. Ali, digo tudo, o melhor livro, todas as memórias dos tempos, todas as preciosidades raras da natureza, e do engenho das ciências e artes dos homens se guardavam para neles se aprender o que não convém ignorar.

No estudo das raridades dos engenhos não se consideram os metais, e pedras nuas; mas ilustradas com várias figuras, emblemas, símbolos, tipos, inscrições com o que a recreação do estudo anda sempre unida. Nada é mais agradável do que ver os retratos dos antigos Heróis, contemplar enigmas, conhecer troféus, ver as façanhas e louvores deixados aos séculos: e de que nasce a utilidade de com esta lembrança excitar-se o desejo de imitar aqueles a quem o mundo deve honra, e a posteridade veneração, e a história o seu esplendor. Estes documentos tão respeitáveis são a testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da lembrança, mestra da prudência, e correios da antiguidade, que acendem luzes da História, e guiam para a exacta cronologia. Estes são os nobres motivos, que moveram ao Imperador Carlos IV a estimar a antiguidade: e com próprio exemplo ensinar seus vindouros. Os Medicis a quem as letras são eter-

---

<sup>61</sup>“uma Universidade”

<sup>62</sup>“gloriem-se”

<sup>63</sup>“toma”

<sup>64</sup> A leitura é difícil em ambos os manuscritos. Na transcrição da *Oração* de 1753 lê-se “Pre-sena”, no entanto, na *Oração* de 1791, parece ler-se “Trezena”.

<sup>65</sup> A leitura é difícil em ambos os manuscritos. Na transcrição da *Oração* de 1753 lê-se “Betagono”, no entanto, na *Oração* de 1791, parece ler-se “Octogono”.

<sup>66</sup>“Poli”

nas devedoras ensinaram a estimar as ciências; qual outro Paulo II que sendo o primeiro instituidor das Academias ou Escolas gerais, logo na primeira vista conhecia nas Medalhas de quem era a imagem cunhada. Estes preciosos cuidados se estenderam também àquela brilhante tocha que apenas se viu logo

Pág. 6

desapareceu<sup>67</sup>, digo, o Santo Padre Clemente XIV<sup>68</sup> que ajuntou aos seus estudos a glória de edificar em Roma um Magnífico Museu continuado por este Pontífice reinante, e enriquecido das melhores estátuas antigas e ricas peças compradas a todo o custo, onde me recreava<sup>69</sup> lendo inscrições colocadas pelas suas idades e embutidas nas paredes daquela espaçosa casa, que para dela se fazer ideia, vos basta dizer<sup>70</sup> que é dentro do Vaticano, onde tudo é o maior e melhor que há no mundo.

Ali, Srs., se vê um livro aberto escrito em folhas que não róí a traça do papel, nem pode contrariar a pena do louco filósofo. Eu não temo ajuntar iguais louvores, cujo incenso colho do altar da verdade, à Universidade de Turim, corte de El-Rei da Sardenha, onde não posso decidir se aquela Universidade honra mais as inscrições gregas antigas, que estima dentro dos seus claustros, do que elas acreditam. Igual memória consagro à Universidade de Sena, que como as mais tem sempre sua livraria patente, suas raridades públicas, que tanto elas em si, como seus Bibliotecários, pelo seu belo modo<sup>71</sup> encantam a todos os sábios.

**Aqui, permiti-me, Srs., que recolha em mim novos alentos para vos representar conferindo o que só V. Ex.<sup>a</sup> tem excedido a muitos ricos Monarcas, e vereis que ainda sem roubar coisa alguma da lisonja ficarei devedor à verdade.**

Pág. 7

O estudo do Museu é uma disposição para qualquer homem ser completamente sábio. Uma raridade deve preparar o ânimo para outra raridade. Era preciso que o Exmo. Sr. Bispo de Beja, de quem somos afortunados súbditos, preparasse um Museu para ver nascer engenhos raros deste fecundo país. O céu o destinou para ser o primeiro fundador do que ele foi o primeiro Mestre com grande estudo e erudição muito profunda.

Enfim chega o dia que o Altíssimo destinou do princípio do mundo. Aparece em Portugal um Herói alcançado à força de tantos suspiros. Um Herói que só dá passos para honrar os Altares do Eterno, aparece brilhando no tampo da nuvem, como uma estrela no meio das trevas. Eu

---

<sup>67</sup>“iluminou”

<sup>68</sup>“Benedito XIV”

<sup>69</sup>“Museu e Livraria, aumentando-se pelos mais Pontífices, e enriquecendo-se das melhores estátuas antigas, e ricas peças compradas a todo o custo, onde todos os curiosos se recreiam”

<sup>70</sup>“basta dizer-se”

<sup>71</sup>“pela sua Literatura, e afabilidade”



busco desde os primeiros dias do mundo um homem que em Portugal oferecesse um público Museu: busco-o entre os Monarcas, entre os Prelados, entre os Nobres e ricos. Porém inutilmente o busco. O Exmo. Sr. Bispo de Beja é o primeiro que o conhece, e o primeiro que o faz conhecer. Ele é quem primeiro faz com grossas despesas transportar das três partes do mundo desconhecidas curiosidades, busca raridades da natureza nas entranhas da terra, e ajunta toda a antiguidade dos mais remotos séculos e entre estas fadigas ele é o primeiro que faz ouvir em Portugal estas consolantes palavras: «Eu vos ofereço um rico Museu para que também estudeis nele, meu desvelo merece o vosso reconhecimento». Eis aqui aquelas coisas que estavam no meio de vós, e que vós não conhecíeis, e uma luz de conhecimentos e de saber. Essas pedras quebradas, dinheiros pisados, letras desconhecidas, e peças desenterradas são preciosos meios que conhecendo os vós sabereis o muito que se ignora. Que gloriosa, Srs., que gloriosa vos parece aqui a Ciência

Pág.8

e amor do nosso Prelado? Que singular privilégio vos parece termos tão preciosos conhecimentos dos quais muitos carecem? O exceder os nossos antigos e instruir os presentes, o ser Prelado e amar-nos mais do que Pai? Sim amar-nos mais do que Pai. Porque coisa há tão remota de toda a nossa utilidade que V.Ex.<sup>a</sup> não tenha cuidado em dar e oferecer?

Mais ilustrado, melhor inclinado que os mais, ele não se considera no grau de uma inútil autoridade vaidosa; mas sem perder o decoro ele se considera na caridade Apostólica, Mestre da Igreja em todo o género de préstimos, já na atractiva e doce palavra, já no sábio e erudito Escrito, logo no exemplo das virtudes, e enfim dando a todos o melhor do seu ter.

Entre tantos vantajosos projectos em que V. Ex.<sup>a</sup> excede a todos os mortais, presentemente este me arrebatá. Em um Museu há uma ciência que encerra todas as outras. Os sábios a conhecerão mais claramente do que ao comum dos homens é permitido, e contudo este conhecimento é raro. Os sábios o respeitam e veneram, ainda que não se possam aperfeiçoar. Quanto mais eles estudam, tanto mais a desejam saber. É um labirinto de encantos em que a razão se acha e a alma se ilustra, e a religião triunfa.

V. Ex.<sup>a</sup> é o primeiro para quem esta grandeza deixa de ser grandeza. Este abismo de vaidades em que o espírito humano se dilata e abstrai, é um pequeno passo da sua longa carreira.

Vós me prevenis, Srs., já vosso espírito vos transporta dentro de um Museu<sup>72</sup>. Já vos parece ver ídolos mudos por quem antigamente o Demónio fora

---

<sup>72</sup>«Já me prevenis, Srs., já vosso espírito vos transporta dentro de um Museu, e Biblioteca»

oráculos, ler as antigas inscrições, ver urnas, ver gigantescos pedaços de colossos cuja perfeição faz saudoso desejo dos restos que não aparecem, entender Medalhas, e contemplar peças exquísitas na Arte, admirar as diversas produções da natureza, sua força ligada na perturbação dos monstros, e sua beleza na ordem perfeita.

Já vos parece ver todas as ciências e Artes, mas que espectáculo! Todas estas coisas vos dizem “Estas são as ciências e Artes

Pág.9

e o objecto do homem sábio e perfeito. Aqui a origem e autoridade da Religião, a história Sagrada e profana, os Impérios, os cuidados e costumes dos homens, suas Artes, o giro da natureza tudo se faz visível<sup>73</sup>: tudo se vê nestas figuras. Aqui os Ídolos mudos estão confessando ser verdade o seu silêncio que escrevem os gentios e Cristãos depois que Cristo nosso legislador veio ao mundo. Que conhecimentos! Que desenganos! Que benefícios! Concebei o que eu não posso explicar. Os pensamentos excedem a expressão.

Um homem lê uma inscrição Fenícia, ou Grega, conhece um testemunho, e ouve uma voz que mudamente lhe brada que além de ser verdadeira a sua antiga existência, é aquilo que há de mais misterioso e oculto nos livros sagrados, na ordem humana referida a coisas Divinas.

Para mostrar dignamente este ponto me vejo precisado a servir-me da minha experiência.

Sabemos que a língua mais antiga e universal do mundo foi a Hebraica, e que na História Sagrada se contam<sup>74</sup> as vitórias de Josué e a possessão da Palestina, e se fala dos Fenícios. Tudo isto confessa o Judeu, concede o Mouro, mas nega o insensato Materialista. Eis aqui por muitos milhares de anos, entre matos pesavam sobre os montes do campo de Ourique<sup>75</sup>, pedras Fenícias<sup>76</sup>, cujo glorioso descobrimento reservou o Eterno aos cuidados de V. Ex.<sup>a77</sup>, e **boa satisfação de quem as buscou.**

Gloriosos padrões que feliz o vosso descobrimento! A divina Providência<sup>78</sup> vos fez invisíveis à fúria de tantas Nações, e preservando-vos do tempo devorador, vos destina<sup>79</sup> ao poder de quem vos bem estimasse, e fizesse ver em Portugal um dia mais belo que o do triunfo do Conquistador da Ásia em Babilónia. Ditosos os que vos entendem! Eu vou respeitar a vossa antiguidade reconhecendo nela muitas verdades da Sagrada Escritura. Ai! Aqui descubro a língua Santa em diversos caracteres! Que vitória contra o Materialismo presumido! Que imensas lembranças e sagradas espécies tocam a minha alma! Seria este o país

---

<sup>73</sup>“crível”

<sup>74</sup>“nela se contam na História Sagrada”

<sup>75</sup>“da Lusitânia”

<sup>76</sup>“hebraicas e fenícias”

<sup>77</sup>“aos desvelos de um Resende, de um Osório, e de um Estaço, e Severim.”

<sup>78</sup>“Providência Divina”

<sup>79</sup>“destinou”

de Ofir? Não sem fundamento o presumo<sup>80</sup>. Esta é a obra em que os raios da verdade penetram mais o discurso. **Eu volto à língua Hebraica. Certamente esta língua é aquela que foi única e universal ainda depois da confusão de Babel; posto que com diversos dialectos a ela semelhantes, com diferentes caracteres. E por uma consequência necessária a ela pertencem a Etiópica e Arábica como ramos**

Pág. 10

**da mesma árvore vestidos com folhas diversas. Os descendentes de Canaã que habitaram depois a Palestina; aqueles de [...] que povoaram a Arábia; os outros de Eber, Pai dos Hebreus e de todo o povo de Deus: estas três grandes famílias não eram em tudo mais que três línguas tão conformes como a dos Cananeus ou Fenícios habitantes da Palestina; que quando por obedecer às ordens do céu Abraão, Isaac, e Jacob se foram estabelecer; estes trataram com eles e foram entendidos sem intérprete. Seus nomes, os de suas cidades se confirmavam reciprocamente com a língua Fenícia e Hebraica tendo os derivados com as raízes primitivas. Logo isto no fundo é a mesma língua com diversos dialectos sem perder sua unidade.**

E não vemos, Srs., todas estas reflexões autorizadas por uma antiguidade? Porém se com toda esta multidão de notícias eu me tenho demorado, foi talvez em coisas menores do que vou dizer.

Era nos primeiros séculos do tempo, quando os Fenícios primeiro que todos principiaram a povoar as costas do mediterrâneo navegando nos mares de que eram vizinhos. A África e a sua Cartago, a Europa e a sua costa de Espanha lhe devem seus primeiros povoadores, seus nomes dos rios, montes, e terras, que o tempo sempre respeitou com igual fortuna dos seus dinheiros e pedras que fazem a honra dos dias presentes. Dias augustos, em que descobrimos as armas de bronze dos mesmos Fenícios! Que testemunho mais autêntico quando a verdade evidentemente aprova!

Mas que necessidade tenho de louvar as coisas antigas quando de mais<sup>81</sup> perto delas recebemos influências puras e luminosas dos primeiros Chefes que as comunicaram até o dia de hoje em que renovo sua memória?

Tais são, Srs., as pedras Fenícias onde se contém o que há de mais maravilhoso para formar a história do princípio legislativo da nossa Nação, e conhecer a origem pura de muitos

Pág.11

costumes actuais, divisão das jurisdições, autoridade e poder dos concelhos, ou Câmaras nos seus territórios, e o principal cuidado e obrigação que neles exerciam.

---

<sup>80</sup>“o presumiram alguns”

<sup>81</sup>“demais”

Apartai, Srs., de vossos entendimentos aquelas ideias de que a justiça tirana e depravada por ambição se faz horrorosa, ímpia e venal. Deixai aquele cruel monstro vestido de cordeiro que com pretexto de defender a inocência é o seu mais feroz agressor.

Vede agora a candura da primeira humanidade, a inteireza da sua vigilância, e o desapego de se nutrir com as desordens dos homens. Que humanas intenções! Que paz pública! Que segurança! E que eficácia em conservar o sossego!

Eis aqui a primeira língua do homem hoje nos clama os primeiros juízos e decretos da natureza. A felicidade pública é a primeira lei "salus publica prima lex est" lei fundamental que ainda o gentio não renunciou sim, com mais providência ela está gravada em um grande padrão mandado fazer pelo concelho que proíbe altercar ou bulhar nos ajuntamentos na jurisdição dos seus montes. Ai Srs. não vos parece este o caminho para chegar ao fim que se deseja? Como se conseguirá o sossego público sem se precaverem os meios que arruinam? Respeitáveis legisladores, vós práticos soubestes conhecer por onde se chegava ao fim do sossego do homem; prevenistes as ocasiões e conservastes vossos montes tão graves, que muitas cidades que hoje usurpam o nome de polidas, para bem o merecerem, ainda lhe falta imitar-vos. Que gente aquela, Srs.! Gente civil e cortês que praticava nos montes o que hoje se não conhece muitas vezes nos nossos sagrados lugares. E se cuidará ainda<sup>82</sup> que os primeiros homens eram simples? Não, Srs., as suas leis não estavam escondidas, nem se vendiam, eles as faziam públicas e eternas nos dias dos séculos, e todos assim como as viam, também sabiam ler para as guardar.

Até aqui chega o zelo dos legisladores quando só pretendem que o homem seja feliz e não fazê-lo injustamente réu de uma lei embrulhada em sombras. Os<sup>83</sup> primeiros homens mais ilustrados, e menos

Pág. 12

e menos presumidos, mostravam assim a todo o passageiro nas estradas dos respectivos distritos as leis dos seus territórios. Governos práticos, quanto diferia daqueles filósofos que não sabendo arranjar suas casas querem desgovernar as de todos!

A segunda pedra<sup>84</sup> contém outra lei em que se manda **aos que transportam fazenda** ajudem a aplanar o caminho do monte. Nela se vê como os Fenícios seriamente cuidavam na pública felicidade zelando os caminhos para a comunicação dos homens o que prosseguiram os Romanos sem que extorquissem para outro fim o dinheiro das gentes debaixo de um pretexto que nunca se cumpre.

Não eram, Senhores, estes **primeiros** homens gente de provar a paciência nos despachos de requerimentos, não pretendiam que o agressor tivesse algum

---

<sup>82</sup>“a cuidar-se-lá ainda”

<sup>83</sup>“em sombras dos primeiros homens”

<sup>84</sup>“Outra pedra se descobriu que”

direito de ofender e o agravado o perdesse na própria defesa ou na da honra da sociedade humana. Portanto mandavam ali prender o que não merecia ter liberdade. Vede, Srs., quão antigo é mandarem os superiores e obedecer-lhe. Envergonhem-se aqueles delirantes que hoje no mundo sustentam o sistema de igualdade e não contentes com a sua sorte invejam a dos mais, pervertendo o respeito da natureza, e veneração os jerarquias da Igreja e República o decoro ao merecimento, estimação às pessoas, a caridade ao próximo, em uma palavra querem fazer um mundo filosófico povoado de confusões e governado por desordens.

Entre estas leis eu ajunto outra da humanidade séria que se vê escrita em uma pedra debaixo da qual havia um estoque de bronze e nela gravada<sup>85</sup> uma seta e diz que<sup>86</sup> o conselho militar daqueles montes pôs aquele sepulcro a um benemérito Militar. Já é claro que cada distrito tinha sua tropa para o defender e servir prontamente.

Conhecimentos pomposos, espécies brilhantes nada falta para enobrecer a antiguidade destas pedras quando outra do primeiro Grego misto com alguns caracteres Fenícios diz que Beja<sup>87</sup> foi cultivada e povoada pelos Assírios.

Eis aqui um autêntico resto do governo do primeiro género humano tão sábio que em padrões públicos gravava as leis para todos as verem. Leis de estilo tão puro, que os mesmos Romanos o imitam nas suas 12 tábuas. E que fizeram estes homens que escreveram para séculos e milhares de anos se ninguém os entendesse? Não, Srs., o ardor do seu espírito não podia subministrar rasgos mais nobres e magníficos para a posteridade respeitar<sup>88</sup> o maravilhoso modo com que se governaram os primeiros homens no<sup>89</sup> mundo.

Pág.13

**pensamento sonhado**<sup>90</sup>

Eu me honrei até agora honrando a antiguidade e deixo este século à posteridade, e a posteridade neste século.

Agora, senhores, demoremo-nos naqueles primeiros dias superiores aos que lhes sucederam, no engenho das Artes, na perfeição das inscrições, das notícias dos governos, riqueza e fortuna do país, das cerimónias dos ritos da preciosa Memória dos Mártires, e da vitória da Religião. Aqui, Srs., aqui que notável traço da antiguidade desta florentíssima cidade me contribui matéria para um magnífico quadro se o tempo e as forças do meu engenho me não faltassem? Eu falaria de uns homens que nas suas obras anteviram de longe os dias de muitos séculos, e que para eles se prepararam com engenhosas artes. Eu vejo estas ruínas subterrâneas que fumegam grandeza na ideia, perfeição na arquitectura,

---

<sup>85</sup>“e nela se acha gravada”

<sup>86</sup>“e diz com a inscrição que diz que”

<sup>87</sup>“Évora”

<sup>88</sup>“a posteridade que respeitar”

<sup>89</sup>“do”

<sup>90</sup>Didascália – veja-se notas 37 e 56.

riqueza no adorno, em que se pode estudar o uso das artes, e para recopilar tudo junto: esta Beja<sup>91</sup> ainda rica de preciosos monumentos de inscrições, estátuas, e edifícios, e que há muitos mil anos ainda não cansa em as mostrar. Cidade afortunada que deve toda a sua grandeza ao cuidado com que V. Ex.<sup>a</sup> guarda seus restos<sup>92</sup>, em que se admira o passado, estima-se o descoberto, e deseja-se o que se não goza. Suas maravilhas interrompem seus elogios. As coisas preciosas se perdem quando se não estimam, e confundem com as desprezíveis. Oh quisesse o céu que a esta franqueza correspondesse a curiosidade desinteressada buscando os escondidos despojos. Beja<sup>93</sup>, não disse coisa alguma da tua grandeza. Sepultada se algum dia te vir a luz, então folgue minha alma, se houver quem avance esta barreira.

Porém tempo é já, Srs., de que saibamos que na lição das inscrições não só se conhece a história, a verdadeira ortografia de escrever; mas também a fábula do Paganismo pela qual se ilustram muitos lugares da Escritura. O nome do ídolo Tamuz em Ezequiel, S. Jerónimo o tira da fábula de Adónis e da mesma vertem Teodoreto e S. Cirilo texto do capítulo 18 de Isaías – qui mittit in mare legatos, et in vasis papiri super aqua. O que ainda no tempo deste último Padre praticavam os Alexandrinos. S. Jerónimo na carta a Magno orador prova que na Escritura há muitos lugares tirados pela notícia dos gentios. No mesmo convém Teodoreto nos 10 livros do cuidado dos Estudos Gregos, e Eusébio, e Sto. Agostinho nos livros de Civitate Dei.

Pág. 14

Eu falo aqui de um verdadeiro cristão que não tem outro guia mais que a Religião, que não segue outras Máximas que as do Evangelho, e que seguindo não o seu interesse, mas a sua obrigação e referindo<sup>94</sup> todas as coisas ao seu princípio conserva a Religião pura, e acha a Deus pois o busca por ele mesmo. Se vos lembrares do povo de Israel direi com a Sagrada Escritura que não só detestava os Ídolos do Egipto mas também levou o ouro e alfaias por autoridade Divina para o serviço do Deus verdadeiro. Assim não há só na gentilidade mentiras e fingimentos que devemos detestar; mas também artes liberais para o uso da verdade, e úteis preceitos morais em que se acham alguns a respeito de adorar um só Deus. Estes deve o Cristão recolher para o uso do Evangelho, como precioso ouro e prata, não feito por eles, mas depurado dos metais que a Divina providência semeou por todas as partes, e que eles injuriosamente abusam para obsequiar o Demónio. Que dourada eloquência em S. Cipriano alma de erudição e Mártir de Cristo? Quanta brilha em Lactâncio? Victorino e Hilário? Moisés mais antigo que sendo instruído em toda a ciência dos egípcios caminhou para<sup>95</sup> a contemplação de Deus: faz concluir que se não há-de rejei-

---

<sup>91</sup>“Évora”

<sup>92</sup>“cuidado dos seus cidadãos, que ainda guardam seus restos”

<sup>93</sup>“Évora”

<sup>94</sup>“deferindo”

<sup>95</sup>“continuamente caminhou para”

tar a externa erudição da Escritura. Os três mancebos, como refere Daniel e ele mesmo, eminentes nas ciências e todos os caldeus penetraram as doutrinas divinas. Orígenes assim empenha todo o seu zelo na homilia 2ª do Êxodo.

Eruditio ista communis rationabilis scientia omnes instruit, omnes fovet, si quis in ea virilis animi fuerit, et voluerit coelestia querere, et Divina sectari, veluti medicatus et fatus per ejus modi eruditiones, ad divinorum intelligentiam paratio venit.

Deixo aos estudiosos S. Jerónimo na exposição do filho pródigo, e passando a S. Basílio na exposição de S. Paulo aos Coríntios capítulo 8 v. 1 podereis sondar nele suas intenções.

Pág.15

In libris gentilium, veluti in umbres quibusdam et speculis, oculos nostros aliquandiu exercitabimus, eos imitantes qui in gymnasiis se exercent, et manu pede que instructi, postmodum utilitatem, ex ejus artis disciplina, legitimo certamine referunt: et nobis quoque proponi certamen maximum arbitrari appetet, et omnibus viribus ad hujus preparationem laborandum.

Por tantos motivos devemos usar de todos os escritos donde para a edificação do espírito nos provenha utilidade.

A imitação dos tintureiros, como diz um sábio: que com certos preparos compostos dispõem para a cor: assim nós primeiro dispostos com tais exteriores, facilmente entendemos varias coisas<sup>96</sup> sagradas. Uma profunda inteligência faz ver que ainda que não concordemos com os gentios, a sua notícia muito aproveita; e ao menos conferindo-as, se pode distinguir a diferença; porque a comparação do inferior para o melhor não é de tão pouco quando muitas vezes as coisas pequenas juntas fazem ornato às maiores.

Estas reflexões duplicam o ardor da matéria ao modo das folhas que ornamos os ramos, ainda que destes pendam frutos formosos. A mesma ciência que é o mais delicado fruto, sendo rodada de erudição exterior, esta como ramos a faz agradável à vista.

De tudo isto, Srs., conheço<sup>97</sup> que não vos posso dar mais nobres ideias das que vós mesmo tereis formado destes Heróis. Eles nos abriram o caminho mostrando-nos a certeza do fim sem se depravarem nas ciências. Como abelhas que utilmente visitam as flores tirando só delas o seu melifício; assim devemos usar do estudo da fábula que nos for proveitosa, rejeitando o inútil, como espinhos das flores que colhemos.

E que útil é ler os Escritos dos gentios para com eles confirmar santas verdades, e tirar provas dos inimigos a nosso favor? Desta sorte como diz S. Basílio,

---

<sup>96</sup>“notícias”

<sup>97</sup>“De tudo isto conheço. Srs.”

a Religião Cristã se autoriza nas ciências externas, como as vides em diversos esteios. Tal é a carta de Plínio a Trajano Lib. 10 onde descreve aos cristãos ligados com sacramento para não fazer<sup>98</sup> mal, nem furtos ou latrocínios, adúlteros, perfídias, ou negar dívidas a seus credores. Que vitorioso crédito da nossa Religião tirado da confissão escrita por seus inimigos?

Pág. 16

Que admirável estudo das inscrições dos gentios! Em cada uma delas se encontra uma fâisca da razão natural. Que luminosas impressões fazem na alma e que fecundidade nos pensamentos os<sup>99</sup> Epitáfios sepulcrais! Neles se vê a raiar a luz da imortalidade da alma, e a existência da Divindade que lhe preside. Ali aparece o prêmio figurado nos Campos Elísios e o suplício no Tártaro; como disse Virgílio.

Haec Manes veniet mihi fama subimos

Ali realça a expiação e sufrágios pela alma do cadáver a quem o respeito natural, o amor mais firme, a gratidão mais reconhecida, e a caridade mais terna e saudosa, eternizaram do modo mais grande<sup>100</sup> recíprocas Memórias desde as entranhas até à face da terra.

Já vedes, Srs., brilhar nestas pedras os fundos de Religião unida com os efeitos da natureza mais pura.

Zombe Voltaire<sup>101</sup> das sagradas expiações confundindo-as com as dos incircunciso; que se estes erraram pelas não saber santificar: eu me compadeço mais de um homem que não se conhecendo, nem viu entre si a Luz que o cercava. Cegueira fatal deste século, que até arruma espíritos insensatos no triste canto de serem críticos dos talentos alheios, sem conhecer a fraqueza dos próprios. Fraqueza em tudo desprezível sem talento para conhecer talentos provados. Mas, deixemos-lhe a glória de desonrarem a mesma glória.

Talvez, Srs., cuidareis que está distante o triunfo da Igreja pelo testemunho dos Mártires? Entramos nos seus retiros e achá-los-eis sempre vitoriosos. Esses Imperadores carniceiros, Monarcas ímpios, homens dissolutos tudo maquinaram, nada se lhe escondeu para extinguir o Cristianismo. No meio desta presunção, levantam padrões gravando neles imaginárias vitórias e consumam seu erro com sacrifícios horrendos. Não se vos figura, Srs., que a Igreja estava extinta ou tão pobre como hoje seus filhos ingratos a desejam fazer. Esta alma casta nunca teve mais certa sua vitória do que no mais sanguinolento combate nem será mais rica e opulenta do que quando a inveja, e ambição tentam saqueá-la. Ah! Eis aqui a abominação no lugar santo. Qual é o delito que cometeu nossa Mãe? Acaso é por nos lavar da mancha, receber-nos nos seus braços apenas nascemos; ensinar-nos a Lei da salvação e orar por nossas fortunas e almas,

---

<sup>98</sup>“fazerem”

<sup>99</sup>“que”

<sup>100</sup>“sublime”

<sup>101</sup>“e seus sequazes”



e socorrer-nos em nossas necessidades, a cujas portas então sempre imos bater? Se fosse um inimigo, um idólatra sobre quem não resplandeceu a luz do Evangelho que fizesse este afronta o golpe não seria tão sensível: mas, os gerados na Igreja,

Pág. 17

filhos da adopção, e herdeiros do céu, e participantes da graça: aqueles a quem Cristo fez carne da sua carne, ossos dos seus ossos, e sangue do seu sangue, e seus membros para os unir mais inteiramente a si. É possível que sejam estes os que tentam reduzir a miséria os Ministros que sempre oram por eles e são os instrumentos e medianeiros por quem o Senhor chama a todos para o seu Reino? Eis aqui o que me fez interromper as perseguições antigas da Igreja minha cara Mãe, que vou continuar. Depressa o Imperador Diocleciano solicita deixar à posteridade uma eterna Memória do seu engano gravando a vã glória<sup>102</sup> de ter extintos os Cristãos. Este padrão que faz mais honra ao Cristianismo do que faz de vilipêndio, nós o devemos aos Antiquários, que acrescentaram novo esplendor à Religião onde se conhece o que o céu fez pela Igreja, e esta por ele. Na verdade, o sangue dos Mártires sempre foi a semente do Cristianismo. E se o tempo e depravação de doutrinas tentam ofuscar verdades Santas, os Antiquários, como Anjos de Deus deputados para renovar sua glória, buscam, descobrem, e guardam preciosos momentos tão duráveis como os dias do mundo.

Adorável espectáculo me oferece o cuidado dos dias de um Antiquário<sup>103</sup>! Sigamos com efeito os passos que se encaminham a saber as coisas ocultas, e a resplandecer a Religião Sagrada. Vejamos quando esta alma privilegiada na sua carreira entre muitos sepulcros abre um onde descobre inocentes ossos penetrados de ferros, o vaso com sangue, e os instrumentos da final separação postos aos pés<sup>104</sup>. Ele vê também as pedras, reconhece-as e lendo a Memória, se arrebatava<sup>105</sup> e com prazer dá graças ao céu pelo deixar descobrir um glorioso cadáver em que o cheiro da santidade se gosta<sup>106</sup>. Tais são os sepulcros dos Mártires onde se pode estudar o valor da vida eterna, a decência e zelo, que honra aos que deixaram estes sagrados depósitos, cujo preço reconhecem os sábios, e é recompensado por Deus. **Eu, Srs., confirmo este pensamento com o que vi em Roma deste género de descobrimentos assim da antiguidade sagrada, como profana. Mas não é esta a única Roma, uma nova vai edificando V. Ex.<sup>a</sup> neste cidade de Beja onde já dois antigos padrões se em que se faz piedosa Memória de recomendáveis sacerdotes<sup>107</sup>. Nunca ficaram, Srs., sem**

<sup>102</sup>“vanglória”

<sup>103</sup>“venerando Antiquário”

<sup>104</sup>“pés, o Santo mártir Caio Silvio Torpes, em Sines”

<sup>105</sup>“Ele vê também, e reconhece, o Sepulcro do nosso primo Bispo S. Mâncio; arrebatasse”

<sup>106</sup>“pelo deixar venerar um glorioso cadáver pelo qual nos veio o primeiro, e mais glorioso conhecimento da Lei da graça, e com o maior desvelo concorreu para enriquecer a sua Basílica com uma sagrada relíquia do seu corpo”

<sup>107</sup>Apesar de reformulada, utiliza uma ideia da *Oração* de 1753: “Pelo que nem só Roma se

satisfação do céu tão saudáveis diligências. Ah, Srs., neste país onde, sem afectação, direi que podemos beijar o chão, muitas e muitas vezes regado com o sangue dos Mártires, que em tantas sanguinolentas perseguições o derramaram: quantas destas maravilhas sagradas terão sido desconhecidas por falta de curiosa diligência?

Pág. 18

A ignorância não guarda tudo o que pertence a Jesus Cristo, e a seus Santos, a seus Altares, e a seus Ministros; os quais ordinariamente o mundo só estima por qualidades bem fracas, olhando-os muitas vezes por inúteis, abatendo assim o sacerdócio de Jesus Cristo e passando assim da pouca estimação do Ministro ao pouco respeito do Ministério, e desprezo das coisas sagrada.

Eu não me atrevo à vista de um sepulcro, fatal jazigo das cinzas humanas, a face do céu e da terra tirar vaidades do século, mas sim instrução para os costumes e ciências, desengano da vida, e glória à Religião. Nestas úteis solicitações aparecem monumentos de tal arte e ciência; que quanto mais engenhosa em se ocultar, tanto mais os curiosos devem ser atentos em as descobrir.

Eu bem sei que a V. Ex.<sup>a</sup> se deve há muito tempo, o ouvir retumbar com respeito o nome da Antiquidade no Alentejo. As suas diligências<sup>108</sup> fazem admiração na Europa, e queira Deus que todos se inflamem em a descobrir atentamente<sup>109</sup> sem que os detenham interessadas intenções, que com sinistros pretextos sufocam grande honra de Portugal, e esplendor da Religião.

Eu devera também tratar da outra parte do estudo do Museu que é a Natureza. Mas depois de V. Ex.<sup>a</sup> ter<sup>110</sup> escrito com a mais alta sabedoria sobre os estudos Físicos do seu Reverendo Clero, tenho a honra de repetir compendiosamente a sua sábia e Religiosa voz<sup>111</sup> **Descobre a cabeça**<sup>112</sup> “A natureza tudo fala entre si com consonância, que bem merece toda ela nossos cuidados. O entendimento nestes assuntos é de glória para Deus, é ruína da ociosidade, sabedoria que recomenda as pessoas dotadas desta virtude, e utilidade para o público. Justamente se emprega quem vê pela natureza, e respeita a providência Divina. S. Basílio diz que um feno e qualquer erva, pode exercitar toda a alma meditando sobre a arte que a produziu. Os homens Apostólicos também usam

---

deve jactar destes descobrimentos, e preciosidades, pois que a nossa Lusitânia, e principalmente Évora encerra em si não pequenas Antiguidades Sagradas, e profanas (...)”

<sup>108</sup>Apesar de reformulada, utiliza uma ideia da *Oração* de 1753: “(...) e fazem renascer a memória do Seu descobridor, o Grande Resende, honra, e glória da minha pátria, cujos talentos, investigações, descobertas, e desvelos literários fazem ainda admiração na Europa”

<sup>109</sup>“que tais memórias estimulem, e inflamem aos meus colegas para continuarem nestes estudos e descobrimentos”

<sup>110</sup>“dos nossos Mestres, e Lentos desta Universidade terem”

<sup>111</sup>“as suas sábias, e religiosas vozes”

<sup>112</sup>Didascália – veja-se notas 37, 56 e 90.

de conhecimentos naturais para servirem a seus pensamentos de doutrina Religiosa.” Esta voz, de V. Ex.<sup>a</sup> eu lhe chamo voz prodigiosa<sup>113</sup>: voz que depressa se faz ouvir no meio do fundo do coração humano: voz formidável que fará<sup>114</sup> desmaiar toda a contradição. O estudo das produções

Pág.19

da natureza depois de ter sido uma virtude útil, passa também a ser um exemplo de zelo. Assim se evita a Ignorância em uns, e a superstição em outros. O povo grosseiro se submerge na ignorância porque não sabe: os ricos preguiçosos se entregam ao ócio tanto mais livremente quanto menos sabem. Porém o Eclesiástico que conserva<sup>115</sup> o seu esplendor, já não ama<sup>116</sup> coisa mais respeitável que os descobrimentos da oculta verdade. Pela ciência da Natureza, o Eclesiástico<sup>117</sup> se prepara para aparecer no mundo. Eis aqui um homem cujo coração é o centro do saber. Nele se vêem dois corações unidos, que só a ignorância separa.

Lembrado do que deve a si mesmo, não se esquece do que deve ao próximo. Os seus desejos ordenados são a regra da sua conduta; e porque um útil trabalho lisonjeia seus cuidados; ele se faz autorizado para os fertilizar. Ele produzirá aquele segredo que está nos lírios do campo, que crescem com natural liberdade. No silêncio do seu estudo ouve a maravilhosa natureza; nada se demora em lhe aparecer, tudo vem à sua presença. Que espectáculo! Aqui vejo um homem zeloso que trabalha em entender o que vê, um amigo da vida que ajuntando em si reflexões de experiências, avança pela numerosa ciência da vida. Já com um conselho maduro descobre desconhecidos segredos do bem e do mal. Que falta Srs.! Senão que vos peça o mesmo que a natureza vos está rogando.

A que alegre narração me conduz naturalmente o meu objecto! A verdade declara-se<sup>118</sup> e a razão triunfa. Que maravilha! Quebrem-se, quebrem-se<sup>119</sup> as prisões que uma afrontosa ignorância faz olhar com desprezo a ciência da Natureza e Antiguidade. Deus imortal! Esqueça-se a minha mão direita que isto escreve, se eu me não lembrar de vós. Quanto minha alma se arrebatava nos imensos espaços do céu que me cobre, tanto se abisma admirada no [...] <sup>120</sup> mais mínimo que pisam meus pés. Tudo o mais miúdo na sua combinação e contex-

---

<sup>113</sup>Frei Lourenço do Vale afirma que cita Cenáculo. No entanto, para além do excerto citado ser idêntico ao da *Oração* de 1753, não se conseguiu encontrar em nenhum dos textos de Cenáculo. A referência mais próxima encontra-se na sua obra de 1786, *Instrução Pastoral sobre os Estudos Fysicos do Clero*, onde refere várias vezes S. Basílio e sua expressão do feno e da erva.

<sup>114</sup>“Estas vozes dos nossos Mestres, eu lhes chamo vozes prodigiosas, vozes que depressa se fazem ouvir no meio do coração humano; vozes formidáveis que farão”

<sup>115</sup>“os estudiosos que conservam”

<sup>116</sup>“amam”

<sup>117</sup>“o Estudioso”

<sup>118</sup>“se declara”

<sup>119</sup>A leitura é difícil em ambos os manuscritos. Na transcrição da *Oração* de 1753 parece ler-se “Quem breve, quem breve”, no entanto, na *Oração* de 1791, parece ler-se “Quebrem-se, quebrem-se”.

<sup>120</sup>“contraído”

tura me esperta a ideia de grandeza infinita. Eu bendigo<sup>121</sup> ao Criador pelas suas criaturas admirando as graças e enleios com que teceu a Natureza, e por ela reconheço a existência de um Deus que adoro.

Quando vejo os ídolos quebrados e mudos, os instrumentos da firmeza dos Mártires, os monumentos dos prodígios da Religião, e da confusão de seus inimigos,

Pág. 20

então por eu não nascer entre Nações cegas, e viver na Igreja com tão grandes luzes, agradecido a tantos bens<sup>122</sup> bendigo o meu Redentor.

Quando noto nas inscrições dos antigos Bárbaros, a luz da divindade, a esperança da vida eterna, a indústria das ciências Naturais, suas belas Artes, e virtudes morais, e tudo isto escutado da Natureza que Deus deu ao homem para se justificar: então eu bendigo ao Eterno por abençoar suas obras que todas apregoam a glória de Deus. **Levantado**<sup>123</sup>

A vista de tudo isto eu lhe rendo infinitas graças por tão prodigiosos conhecimentos com que me ilustra que confesso dever só à sua piedade. Quão incompreensíveis vossos Decretos! Eu adoro neles impenetrável providência, só por este instante que desde a vossa eternidade marcaste no círculo do tempo, para eu vos louvar no presente.

Logo, Srs., vede se justamente devemos abraçar o estudo onde a instrução do entendimento, o esplendor da doutrina e o triunfo da Religião tem a conveniência mais útil. **Aproveitai-vos, Srs., de uma ocasião que a grandeza de V. Ex.<sup>a</sup> vos oferece.** A vossa diligência decidirá a recompensa de um bem de tanto proveito. Deixai ao espírito levar-se aos últimos conhecimentos, e ver com um gosto virtuoso aquela história da antiguidade, descobrir novas verdades, penetrar segredos, e conhecer a indústria do humano engenho. Deixai a razão aplaudir-se da sua vitória, e firmar-se nas santas verdades do triunfo da Religião, levantar os seus troféus sobre os inimigos vencidos. Deixai a criatura conhecer o seu Criador pelas maravilhosas luzes da natureza nos brilhantes dos seus cristais, na sua harmonia, e naqueles descuidos onde a negligência mais casual contém maiores admirações, onde o mesmo desfigurado é a mais engraçada e encantadora figura. Um descobrimento produz mil descobrimentos. Uma utilidade lisonjeia. Um trabalho recompensa.

Sagrado Prelado que na cadeira Apostólica com viva e Evangélica eloquência consagra desvelos imortais pela instrução de sua Diocese, V. Ex.<sup>a</sup><sup>124</sup> purificará os erros do meu Discurso.

Ouvintes Pacenses<sup>125</sup> que experimentais os paternais efeitos do seu exacto

---

<sup>121</sup>“glorífico”

<sup>122</sup>“benefícios”

<sup>123</sup> Didascália – veja-se notas 37, 56, 90 e 112.

<sup>124</sup>“Conspícuos, veneráveis, sábios Mestres que nas cadeiras literárias com viva e persuasiva eloquência consagrais desvelos imortais pela instrução da mocidade, purificai”

<sup>125</sup>“Ouvintes, e colegas Eborenses”

zelo, entoai-lhe cânticos de aplauso já que para Vós encaminha<sup>126</sup> as suas ideias.

---

<sup>126</sup>“se encaminham”



### 3 *Lápides do Museu Sesinando Cenaculano Pacence*

#### 3.1 Apresentação do Códice

No século XIX, sob a égide do director Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, a BPE foi alvo de grandes remodelações, estando as mais importantes relacionadas com a reorganização dos seus fundos<sup>127</sup>. Neste momento – entre manuscritos, livros impressos e outros – a BPE somava já milhares de documentos, incorporados sobretudo por acção de Cenáculo mas também por outros meios<sup>128</sup>. Foi o próprio Cunha Rivara quem organizou e catalogou grande parte dos fundos, com destaque para a colecção de códices manuscritos. Estes códices, cerca de 1800, foram organizados em um catálogo de 4 volumes, divididos por assunto e publicados entre os anos de 1850 e 1871. A entrada neste catálogo respectiva ao documento que se pretende abordar no presente capítulo encontra-se no vol. III, p. 449, é o cód. CXXIX/1-14 e apresenta a descrição “LAPIDAS do museu = Sesinando Pacence = fundado pelo Sr. Cenáculo” e ainda o comentário, também de Cunha Rivara, “Quasi todas estão hoje no Templo Romano em Évora”.

Esta breve introdução é fundamental para compreender melhor o estado actual do LMSCP, pois é provável que se encontre longe do original elaborado por Cenáculo. Tudo parece indicar que foram adicionadas páginas, provavelmente fruto da organização dos códices por Cunha Rivara no momento da elaboração do acima referido catálogo e perpetuado pela encadernação do volume, que terá sido feita nos anos 40 do século XX.

O LMSCP está disponível para consulta na secção de Cimélios da BPE e encontra-se em anexo (III) a esta dissertação uma versão fac-similada para ilustrar as hipóteses colocadas e facilitar a resolução de qualquer dúvida que possa surgir referente às mesmas.

O LMSCP é um grosso álbum encadernado formado por cerca de 125 páginas. Logo na primeira podemos ler o título ‘Álbum de antiguidades lusitanas e luso-romanas de D. Frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas’, seguido do acrescento ‘Pertence à Biblioteca Pública Eborense’. Alguns autores (Silva, 1944, p. 297; Patrocínio, 2006, p. 20 *apud* Morais, 2011, p.21, por exemplo) no passado apresentaram este título juntamente com o que parece ser o título original: ‘Lápides do Museu Sesinando Cenaculano Pacence’, que se lê na página seguinte. Tal como o próprio nome (Pacence) indica e como já foi referido no ponto 1.2 desta dissertação, o Museu foi criado em Beja e por isso não faria sentido nesse momento a referência à BPE. O mais provável é que esta primeira página tenha sido acrescentada de forma a oferecer mais informação acerca do conteúdo do volume aquando da sua encadernação. Um outro ponto a favor desta hipótese é que este título se encontra escrito directamente no papel da encadernação, en-

<sup>127</sup>Veja-se, por exemplo, AA.VV (2005b), Pereira (1886) e Silveira (1946) para mais informações sobre esta fase da BPE e Cunha Rivara.

<sup>128</sup>Veja-se sobretudo Vaz (2004, 2012) e Pereira (2012) que se têm dedicado a esta temática.

quanto que todas as outras tratam-se na realidade de folhas coladas nas páginas encadernadas.

A segunda página, que parece ser a original página de rosto, contém o desenho de uma lápide (obviamente não existente) onde se pode ler a inscrição 'Lápides do Museu Sesinando Cenaculano Pacence' – escolha interessante de apresentação do título por parte do autor. Esta página e as seguintes 75 formam um corpo de trabalho coeso e coerente. Encontram-se numeradas da mesma forma e contêm desenhos de várias peças arqueológicas, sensivelmente agrupados pela sua tipologia (a maioria das lápides romanas encontram-se seguidas, as peças de estatuária idem, etc.). Algumas páginas apresentam mais do que um desenho, sendo 122 o total de desenhos<sup>129</sup>. As três páginas seguintes estão numeradas com os números 123, 124 e 125. No entanto, o estilo de numeração é diferente do anterior e, apesar de continuar a numeração das peças, parece ser referente a páginas, pois apesar de na 123 e 124 termos também desenhos, a 125 trata-se de uma folha impressa com transcrição da epígrafe LMSCP n.º 17 e respectiva análise por Frei Lourenço.

Na página seguinte da encadernação encontra-se colado um caderno. Este caderno é composto por 6 páginas e está organizado em duas partes. A primeira é uma lista das peças desenhadas (a 122 não está incluída; a 123 e 124 encontram-se adicionadas a lápis, muito provavelmente não pela mão de Cenáculo mas sim de quem terá tomado a iniciativa de acrescentar as páginas) com indicação do respectivo local de proveniência; das 121 peças, 61 têm indicação de proveniência. A segunda parte do caderno é também uma lista das peças desenhadas mas, desta vez, organizadas pelas seguintes categorias e subcategorias como em um inventário:

Inscrições antigas – hebraicas, arábicas, gregas, romanas sepulcrais em barricas, outras sepulcrais, sepulcral singularíssima, não sepulcrais;

Várias peças de estatuários antigos à romana – ponta de um pé, um braço, cabeças, bustos, estátuas sem cabeça, um vaso, uma coluna com relevos, urnas, um relevo, capitéis, ânforas;

[Várias peças de estatuários antigos] à grega – uma cabeça;

Inscrições de caracteres incógnitos pela maior parte;

Inscrições modernas, quase todas portuguesas com caracteres góticos, poucas latinas com caracteres romanos – sagradas, sepulcrais em letra gótica péssima, outras sepulcrais, profanas;

Peças modernas e gótica – sagradas (uma cruz), duas estátuas, profanas (um busto), duas cabeças, um vaso.

No final da listagem pode-se ler também uma nota acerca da matéria-prima em que são feitos alguns dos objectos: “N.B. A matéria das armas n.º 110 é de ferro; a inscrição n.º 83 está gravada em um ladrilho grande de figura quadrada oblonga; as ânforas são de barro, algumas inscrições se acham abertas em jaspe,

<sup>129</sup> 120 na realidade, a(s) página(s) com os desenhos n.º 36 e 37 encontra(m)-se desaparecida(s).



as outras em pedra de cantaria de diversas qualidades; as peças quase todas são de jaspe”.

Após este caderno deparamo-nos com um segundo, também ele colado à página da encadernação à semelhança do anterior. Este caderno tem 13 páginas e é uma listagem das peças com respectivas dimensões. As 122 peças têm entrada mas 6 não apresentam quaisquer valores e não existe qualquer referência à 123 e 124, o que também vem reforçar a ideia de terem sido acrescentadas posteriormente.

Nas 7 páginas seguintes encontram-se três transcrições e traduções da LMSCP nº4o: a primeira encontra-se assinada por Frei Lourenço; a segunda e terceira não se encontram assinadas mas, tomando por base a caligrafia, parecem ser da autoria de Cenáculo e Frei Lourenço respectivamente.

Finalmente, na última página do álbum, temos um terceiro caderno colado. Este caderno, com 9 páginas, tem como título 'Lápides Hebraicas'. Tem ainda o acrescento a lápis 'Na sala do Museu', provavelmente posterior. Este caderno apresenta a transcrição de uma lápide hebraica e respectiva tradução.

Na minha opinião, apenas as 76 pranchas iniciais (lápide com título e desenhos de peças numerados de 1 a 122) e os dois primeiros cadernos (caderno com proveniências/inventário e caderno com dimensões) é que apresentam coerência suficiente para afirmarmos que estamos perante a ideia original de conjunto elaborada por Cenáculo<sup>130</sup>. A inclusão das duas pranchas restantes (123 e 124) e das páginas com transcrições e interpretações (sobretudo as que versam lápides incluídas nos desenhos) é pertinente e compreende-se porquê que alguém a tenha feito mas dificilmente se aceita que tenha sido Cenáculo, sobretudo sabendo como a coleção de códices foi alvo de reorganização. Na BPE existem centenas de documentos da autoria de Cenáculo, Frei Lourenço do Vale e outros relacionados com as lápides representadas no LMSCP, sejam desenhos, transcrições, traduções ou interpretações. Por exemplo, no cód. CXXVIII/2-13 (f) existem várias cópias da já referida folha impressa com a análise à LMSCP nº 17 e numerada com 125 colada no fim das pranchas.

Os desenhos não se encontram assinados e ao longo dos anos tem sido repetida a ideia de que Cenáculo mandou desenhar as peças, provavelmente a Félix Caetano da Silva<sup>131</sup> (veja-se, por exemplo, Simões, 1868, p.78; Hübner, 1871, p. 37; Ramos, 1936, p. 54; Viana, 1952, p. 29; AA.VV., 2005a, p. 108; Moraes, 2011, p. 12), mas não se conseguiu encontrar qualquer referência absoluta nos códices ou na bibliografia que apoie esta ideia. Assim, e tendo por base os acima referidos documentos existentes na BPE e que temos a certeza absoluta serem da autoria do Cenáculo, creio também que não se pode excluir, à partida, a hipótese que os desenhos sejam até do próprio Bispo.

<sup>130</sup>Também Simões (1869, p. 9), quando se refere a este códice, menciona apenas 122 desenhos.

<sup>131</sup>Para mais informações sobre Félix Caetano da Silva veja-se Vasconcelos (1917, pp. 178-185).

Quanto ao caderno com as proveniências/inventário, apesar de à semelhança dos desenhos também não se encontrar assinado, é seguro afirmar que é da autoria de Cenáculo com base na caligrafia; o segundo caderno, com as dimensões, apesar de provavelmente ter sido feito por seu pedido não parece ser a sua caligrafia.

Partindo então do pressuposto que Cenáculo terá pensado as pranchas (com os desenhos nº1 a 122) e os dois cadernos como uma unidade coerente, podemos interpretar o LMSCP como um catálogo, quase no sentido moderno da palavra, para a secção de arqueologia do museu que havia criado em Beja.

### 3.2 Acerca da colecção representada – Inventário LMSCP

O LMSCP tem sido utilizado ao longo dos anos por vários investigadores pelas peças que tem representadas e respectivas informações de proveniência e dimensões<sup>132</sup>. Destaque-se sobretudo o papel que tem desempenhado na elaboração de *corpus* e outros inventários, como é o caso do *Corpus Inscriptionum Latinorum* de Emílio Hübner (1869) ou *Monumenta Linguarum Hispanicarum* de Jürgen Untermann (1997). No entanto, falta fazer uma abordagem ao LMSCP e à colecção que este representa especificamente. Assim, neste ponto tentou-se esquematizar o máximo possível de informação relevante acerca das 120 peças representadas, criando um novo inventário.

Para cada uma das peças do LMSCP apresentam-se os seguintes campos:

**Correspondência** – onde se procurou, sempre que possível, atribuir uma correspondência em *Corpus* ou inventários já existentes, o mais recentes possível. Para a epigrafia romana tomou-se por base o *Corpus Inscriptionum Latinorum*, vol. II (CIL II) e respectivo *Supplementum* (Hübner, 1869, 1892), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis* (IRCP) de José Encarnação (1984) e *Epigrafia de Olisipo* (EO) de Vieira da Silva (1944), para as inscrições provenientes de Lisboa. Para as estelas com inscrições em Escrita do Sudoeste utilizaram-se os trabalhos de Caetano M. Beirão (1986) e de Jürgen Untermann (1997). Para as restantes inscrições (visigóticas, árabes, hebraicas, medievais portuguesas) recorreu-se às obras de Simões (1869), Barroca (2000) e Dias e Gaspar (2006). Para a escultura romana utilizou-se o inventário elaborado por Gonçalves (2007) e recorreu-se a Simões (1869) para a escultura mais tardia. Na maior parte das vezes, estes trabalhos apresentam uma bibliografia e explicações exaustivas acerca das peças e representações anteriores que não pareceu necessário aqui repetir.

**Descrição** – Breve descrição das peças com base nos desenhos e provável cronologia.

**Localização actual** – As localizações actuais das peças foram retiradas da bibliografia o mais recente possível, na maioria das vezes as obras acima citadas.

---

<sup>132</sup>Abel Viana, por exemplo, tratou várias vezes das peças do extinto Museu Sesinando Cenaculano Pacense, sobretudo a parte epigráfica da colecção.

Nos casos em que se desconhece a localização actual faz-se a distinção entre 'Desconhecida', assim dada na bibliografia e 's.i.' (sem informação), quando se trata de peças que não foi possível localizar nem na bibliografia.

**Proveniência** – Onde se repete a atribuída por Cenáculo nas listas finais do LMSCP.

**Categoria** – Onde se repete a atribuída por Cenáculo nas listas finais do LMSCP.

**Subcategoria** – Onde se repete a atribuída por Cenáculo nas listas finais do LMSCP.

**Notas** – Sempre que se achou necessário acrescentar informação.

Apesar da exaustiva pesquisa bibliográfica e de diligências junto do Museu de Évora e Museu Regional de Beja, não foi possível descobrir qualquer referência a muitas das peças representadas no LMSCP. Entenda-se o seguinte inventário como um ponto de partida, aberto a alterações, complementos e contributos futuros de outros investigadores.

Abreviaturas:

CIL II *Corpus Inscriptionum Latinorum*, vol. II

EO Epigrafia de Olisipo

IRCP Inscrições Romanas do *Conventus Pacensis*

MB Melo Beirão

MC Museu Cenáculo (do nome proposto por A. F. Simões em 1869 para o Museu de Évora)

MLH *Monumenta Linguarum Hispanicarum*

n.a. Não atribuído(a) nas listagens de Cenáculo

n.r. Não referido(a) nas listagens de Cenáculo

s.i. Sem informação

#### **LMSCP nº1**

Correspondência: n.1 (Dias e Gaspar, 2006, p. 41);

Descrição: Lápide funerária com decoração, época visigótica (séc. VI);

Localização actual: Desconhecida;

Proveniência: Na escada da torre de Sta. M<sup>a</sup>. de Beja;

Categoria: Inscrições modernas, quasi todas Portuguesas com caracteres góticos, poucas latinas com caracteres romanos;

Subcategoria: Sagradas.

#### **LMSCP nº2**

Correspondência: s.i.;

Descrição: Elemento arquitectónico com representação de cabeça humana, época romana/renascentista?;

Localização actual: s.i.;

Proveniência: Na muralha antiga de Beja;

Categoria: n.r.;  
Subcategoria: n.r.

### **LMSCP nº3**

Correspondência<sup>133</sup>: CIL II 106 (Hübner, 1869, p. 13), IRCP 307 (Encarnação, 1984, p. 380);

Descrição: Cupa com inscrição, época romana (séc. III);

Localização actual: Museu de Évora (ME 1723);

Proveniência: Na Herdade do Passo do Conde freguesia de Baleizão;

Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Romanas sepulcrais em barricas.

### **LMSCP nº4**

Correspondência: CIL II 32 (p. 7), IRCP 183 (p. 254);

Descrição: Ara ou pedestal votivo com inscrição e decoração (danificado), época romana (séc. I);

Localização actual: Museu de Évora (ME 1715);

Proveniência: Em Sta. Margarida do Sado;

Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Não sepulcrais;

Notas: Encarnação (*ibidem*) afirma não ser verosímil a informação relativa à proveniência desta peça, atribuindo-a à Capela de S. João dos Azinhais, Torrão (Alcácer do Sal).

### **LMSCP nº5**

Correspondência: CIL II 103 (p. 13), EO 92 (Silva, 1944, pp. 205-206);

Descrição: Ara com inscrição funerária, época romana (séc. III);

Localização actual: Museu de Évora (ME 1704);

Proveniência: Junto a Ermida de S. João meia légua do Torrão;

Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Outras sepulcrais;

Notas: Silva (*ibidem*) afirma que se trata de uma epígrafe proveniente de Lisboa; Encarnação (1984, p. 252) opta por excluir esta peça do IRCP por esse mesmo motivo.

### **LMSCP nº6**

Correspondência: CIL II 39 (p. 7), IRCP 333 (pp. 407-408);

Descrição: Ara com inscrição funerária e decoração (danificada), época romana (séc. III);

Localização actual: Museu de Évora (ME 1810);

Proveniência: n.a.;

Categoria: Inscrições antigas;

---

<sup>133</sup>Daqui em diante suprime-se os nomes e data de publicação de ambos estes autores nas correspondências, de forma a evitar repetição excessiva.

Subcategoria: Outras sepulcrais;

Notas: Encarnação afirma que o monumento é proveniente de Alfundão, Ferreira do Alentejo (*idem*, pp. 404, 407).

#### **LMSCP n°7**

Correspondência: CIL II 98 (p. 13), IRCP 127 (pp. 191-192);

Descrição: Estela com epígrafe (danificada), época romana (séc. I);

Localização actual: Desconhecida;

Proveniência: n.a.;

Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Não sepulcrais.

#### **LMSCP n°8**

Correspondência: CIL II 63 (p. 11) = CIL II 5225 (*Supl.* p. 812), EO 43 (Silva, 1944, pp. 145-146);

Descrição: Base de estátua com inscrição, época romana;

Localização actual: Desconhecida;

Proveniência: Na cidade de Beja;

Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Não sepulcrais;

Notas: Apesar da atribuição de proveniência a Beja por Cenáculo, Encarnação (1984, p. 294), opta por excluir esta peça do IRCP afirmando que se trata de uma epígrafe proveniente de Lisboa. Hübner reconhece no Suplemento que houve confusão com a inscrição LMSCP 65/CIL II 51/IRCP 238 e que o monumento em questão é proveniente de Lisboa. Silva (1944, p. 145-146) confirma-o.

#### **LMSCP n°9**

Correspondência: CIL II 194 (p. 27), EO 41 (Silva, 1944, pp. 142-143);

Descrição: Lápide rectangular, época romana (séc. I);

Localização actual: Desconhecida;

Proveniência: n.a.;

Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Não sepulcrais;

Notas: Silva (*ibidem*) afirma que foi encontrada em Lisboa e que fazia parte da colecção de Cenáculo no Convento de Jesus.

#### **LMSCP n°10**

Correspondência: CIL II 105 (p. 13), IRCP 294 (pp. 366);

Descrição: Ara com inscrição funerária e decoração (danificada), época romana (séc. III);

Localização actual: Desconhecida;

Proveniência: Na vinha de Pantaleão no sítio do Torrejão freguesia de Ba-leizão;

Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Outras sepulcrais.

**LMSCP nº11**

Correspondência: CIL II 67 (p. 11), IRCP 275 (pp. 347-348);  
Descrição: Cupa com inscrição (danificada), época romana (séc. I);  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: Em Beja no terreiro dos Pintores;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Romanas sepulcrais em barricas.

**LMSCP nº12**

Correspondência: CIL II 102 (p. 13); IRCP 313 (pp. 386-387)  
Descrição: Cupa funerária (danificada), época romana (séc. II-III);  
Localização actual: Museu de Évora (ME 1822);  
Proveniência: Na herdade da Represa, pouco distante de Beja;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Romanas sepulcrais em barricas.

**LMSCP nº13**

Correspondência: CIL II 95 (p. 12), IRCP 326 (p. 398);  
Descrição: Fragmento muito danificado onde se pode ler parte de inscrição, provavelmente romano;  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Não sepulcrais.

**LMSCP nº14**

Correspondência: CIL II 38 (p. 7), IRCP 331 (p. 404);  
Descrição: Ara com inscrição funerária e decoração, época romana (séc. III);  
Localização actual: Museu de Évora (ME 1702);  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Outras sepulcrais;  
Notas: Encarnação (*ibidem*) afirma que o monumento é proveniente de Alfundão, Ferreira do Alentejo.

**LMSCP nº15**

Correspondência: CIL II 33\* (p. 7\*)<sup>134</sup>; EO 144 (Silva, 1944, pp. 259-261);  
Descrição: Ara com inscrição funerária e decoração, época romana;

---

<sup>134</sup>O \* é de Hubner. É utilizado para assinalar as peças falsas ou estranhas à Hispânia romana, de que trata o CIL II.

Localização actual: Desconhecida;

Proveniência: n.a.;

Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Outras sepulcrais;

Notas: Ambos os autores das Correspondências sugerem tratar-se de uma inscrição proveniente de Itália e que estaria em Lisboa; Encarnação (1984, p. 296) menciona-a mas opta por não incluí-la no IRCP por ser alheia à região em questão.

#### **LMSCP nº16**

Correspondência: CIL II 241 (p. 29); EO 55 (Silva, 1944, pp. 156-157);

Descrição: Fragmento de cipo com inscrição, época romana;

Localização actual: Museu de Évora (ME 1817);

Proveniência: n.a.;

Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Não sepulcrais;

Notas: Silva (*ibidem*) afirma ser proveniente de Lisboa.

#### **LMSCP nº17**

Correspondência: MC 7 (Simões, 1869, p. 11);

Descrição: Fragmento com inscrição em caracteres desconhecidos (gregos?);

Localização actual: Museu de Évora?;

Proveniência: Em Beja no fundo do Palácio Episcopal ;

Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Gregas;

Notas: É Simões (1869, p. 11) quem nos informa que à data a inscrição se encontrava em Évora. No final do LMSCP existe uma folha impressa com a transcrição da epígrafe e respectiva análise por Frei Lourenço do Vale.

#### **LMSCP nº18**

Correspondência: CIL II 72 (p. 11), IRCP 343 (pp. 419-420);

Descrição: Ara com inscrição funerária praticamente ilegível e decoração, época romana;

Localização actual: Museu Regional de Beja (B-112);

Proveniência: n.a.;

Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Outras sepulcrais.

#### **LMSCP nº19**

Correspondência: CIL II 104 (p. 13), IRCP 298 (pp. 371-372);

Descrição: Ara com inscrição funerária e decoração (danificada), época romana (séc.II);

Localização actual: Museu Regional de Beja (B-128);

Proveniência: Em Trigaches junto a Beringel;

Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Outras sepulcrais;  
Notas: Actualmente encontra-se em pior estado do que se pode observar no desenho.

**LMSCP nº20**

Correspondência: s.i.;  
Descrição: Fecho de abóbada (bocete), século XVI?;  
Localização actual: s.i.  
Proveniência: - ;  
Categoria: Peças modernas à gótica;  
Subcategoria: Duas cabeças.

**LMSCP nº21**

Correspondência: CIL II 83 (p. 12), IRCP 278 (p. 350);  
Descrição: Cupa com inscrição (danificada), época romana;  
Localização actual: Museu Regional de Beja (B-155);  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Romanas sepulcrais em barricas;  
Notas: Apesar de Cenáculo não lhe atribuir proveniência, Encarnação (*ibidem*) afirma ser proveniente da região de Beja.

**LMSCP nº22**

Correspondência: CIL II 8 (p. 4), IRCP 60 (pp. 107-109);  
Descrição: Base de estátua com inscrição honorífica e decoração (danificada), época romana (séc. II/III);  
Localização actual: Museu de Évora (ME 1713);  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Não sepulcrais;  
Notas: Encarnação (*idem*, p.108) afirma ser proveniente de S. Bartolomeu de Messines.

**LMSCP nº23**

Correspondência: CIL II 46 (p. 9), IRCP 231 (pp. 303-305);  
Descrição: Monumento com inscrição votiva, época romana;  
Localização actual: Museu Regional de Beja (B-78);  
Proveniência: No Rocio de Beja junto aos Lagares do Pé da Cruz;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Não sepulcrais.

**LMSCP nº24**

Correspondência: CIL II 99 (p. 13), IRCP 297 (p. 370);



Descrição: Lápide (danificada), época romana;  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: Na herdade do Padrão;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Não sepulcrais.

#### **LMSCP nº25**

Correspondência: CIL 29\* (p. 6\*<sup>135</sup>);  
Descrição: Lápide (danificada);  
Localização actual:s.i.;  
Proveniência: Em Lisboa;  
Categoria: n.r.;  
Subcategoria: n.r.;  
Notas: Hübner (*ibidem*) só copia metade.

#### **LMSCP nº26**

Correspondência: CIL 85 a (p. 12), IRCP 365 (p. 438);  
Descrição: Fragmento com inscrição, época romana;  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Não sepulcrais.

#### **LMSCP nº27**

Correspondência: CIL II 101 (p. 13), IRCP 288 (p. 357);  
Descrição: Vaso de pedra com inscrição no bordo, época romana;  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: Em Quintos na Herdade da Torre;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Um vaso.

#### **LMSCP nº28**

Correspondência: CIL II 93 (p. 12);  
Descrição: Elemento arquitectónico, parece reutilizar lápide de época romana;  
Localização actual: s.i.;  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Outras sepulcrais;  
Notas: Encarnação exclui esta epígrafe do IRCP (1984, pp. 294-295).

#### **LMSCP nº29**

---

<sup>135</sup>O \* é de Hubner. É utilizado para assinalar as peças falsas ou estranhas à Hispânia romana, de que trata o CIL II.

Correspondência: CIL II 76 (p. 11), IRCP 129 (p. 193);  
Descrição: Lápide funerária, provavelmente em xisto (danificada), época romana (séc. I);  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Não sepulcrais.

#### **LMSCP nº30**

Correspondência: n.6 (Inscrições Judaicas - Barroca, 2000, vol. III, p. 89);  
Descrição: Pedra cilíndrica com caracteres hebraicos, ano de 1378;  
Localização actual: Museu Luso-Hebraico Abraham Zacuto (Tomar).  
Proveniência: Nas casas de Manuel de Góis de Beja, sitas na rua da Fábrica em Beja;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Hebraica;  
Notas: Pertence ao Museu de Évora (ME 215).

#### **LMSCP nº31**

Correspondência: CIL II 229 (p. 29), EO 45 (Silva, 1944, pp. 147-148);  
Descrição: Lápide funerária, época romana;  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Outras sepulcrais;  
Notas: Silva (*ibidem*) afirma ser proveniente de Lisboa.

#### **LMSCP nº32**

Correspondência: s.i.;  
Descrição: Lintel com inscrição e decoração (motivos vegetalistas, zoomórficos e caveira), manuelino;  
Localização actual: s.i.;  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições modernas, quasi todas Portuguesas com caracteres góticos, poucas Latinas com caracteres romanos;  
Subcategoria: Sagradas.

#### **LMSCP nº33**

Correspondência: s.i.;  
Descrição: Pedra tumular com cruz, época visigótica;  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Peças modernas à gótica;  
Subcategoria: Sagradas. Uma cruz;

Notas: Veja-se Viana (1946, p. 171) para mais informações.

#### **LMSCP nº34**

Correspondência: CIL II 84c (p. 12);

Descrição: Fragmento com inscrição, época romana?;

Localização actual: s.i.;

Proveniência: n.a.;

Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Não sepulcrais;

Notas: Encarnação opta por não o incluir no IRCP por duvidar que seja de origem romana (*idem*, p. 436).

#### **LMSCP nº35**

Correspondência: CIL II 45 (p. 9), IRCP 230 (pp. 302-303);

Descrição: Ara com inscrição votiva (danificada), época romana;

Localização actual: O paradeiro desta ara foi desconhecido durante vários anos mas reapareceu em 2003 no decorrer de uma intervenção na parede do nº13 do Largo dos Duques de Beja, em Beja (Encarnação, 2008, pp. 222-223, segundo informações de Leonel Borrela), supondo-se assim que se encontra no Museu Regional de Beja.

Proveniência: n.a.;

Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Não sepulcrais.

#### **LMSCP nº36**

Correspondência: CIL II 85 d (p. 12), IRCP 300 (pp. 373-374);

Descrição: Pequeno fragmento que pertenceria ao LMSCP nº53;

Localização actual: Desconhecida;

Proveniência: n.r.;

Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Não sepulcrais;

Notas: A folha onde deveria estar este desenho não se encontra no catálogo, provavelmente encontra-se desaparecida. A BPE não está ao corrente da sua localização actual. No entanto, Hübner (*ibidem*) e Encarnação (*ibidem*) parecem-na ter consultado e é deles a informação que reproduzimos para este objecto. Veja-se também LMSCP nº53.

#### **LMSCP nº37**

Correspondência: CIL II 82 (p. 12), IRCP 361 (p. 435);

Descrição: Sem descrição;

Localização actual: Desconhecida;

Proveniência: n.a.;

Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Outras sepulcrais;

Notas: A folha onde deveria estar este desenho não se encontra no catálogo, provavelmente encontra-se desaparecida. A BPE não está ao corrente da sua localização actual. Hübner parece tê-la consultado e é dele a informação que reproduzimos para este objecto. Encarnação afirma que a folha em questão já não constava do álbum quando o consultou, em 1982 (*idem*, p. 435).

#### **LMSCP nº38**

Correspondência: CIL II 77 (p. 11), IRCP 353 (p. 428);  
Descrição: Lápide funerária (danificada), época romana (séc. I);  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Outras sepulcrais.

#### **LMSCP nº39**

Correspondência: CIL II 65 (p. 11), IRCP 247 (p. 320);  
Descrição: Fragmento de lápide funerária, época romana;  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: Em Beja na muralha as portas de Mértola;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Outras sepulcrais;  
Notas: Lê-se também na listagem de proveniências “Inscrição sepulcral romana”, mas parece ser um acrescento e não da autoria de Cenáculo.

#### **LMSCP nº40**

Correspondência: CIL II 59 (p. 10), IRCP 270 (pp. 341-344);  
Descrição: Monumento com inscrição e decoração (danificado), época romana (séc. I/II);  
Localização actual: Museu de Évora (ME 1827);  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Sepulcral singularíssima;  
Notas: No final do LMSCP (de acordo com a sua organização actual) encontram-se 6 páginas com transcrições e interpretações desta inscrição, algumas por Cenáculo e outras por Frei Lourenço (veja-se ponto 3.1 e Anexo III desta dissertação para mais informações).

#### **LMSCP nº41**

Correspondência: CIL II 970 (p. 125);  
Descrição: Ara com inscrição funerária e decoração (danificada), época romana (séc. I);  
Localização actual: s.i.;  
Proveniência: Na freguesia de Sto. Amador termo de Moura;  
Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Outras sepulcrais.

**LMSCP nº42**

Correspondência: CIL II 24 (p. 6), IRCP 148 (p. 225);

Descrição: Fragmento com inscrição, época romana;

Localização actual: Desconhecida;

Proveniência: Em Santiago de Cacém;

Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Não sepulcrais.

**LMSCP nº43**

Correspondência: CIL II 50 (p. 10), IRCP 237 (p. 310);

Descrição: Lápide honorífica (danificada), época romana;

Localização actual: Desconhecida;

Proveniência: Em Beja na Rua do Touro no alicerce das casas de José Joaquim de Oliveira;

Categoria: n.r.;

Subcategoria: n.r.;

Notas: Nas listas no final do Catálogo, Cenáculo não insere esta inscrição em qualquer Categoria/Subcategoria. No entanto, é repetido o nº 42 em 'Não Sepulcrais', assume-se que é uma gralha e que se quisesse referir ao nº43.

**LMSCP nº44**

Correspondência: CIL II 84a (p. 12), IRCP 363 (p. 436);

Descrição: Fragmento com inscrição, época romana;

Localização actual: Desconhecida;

Proveniência: n.a.;

Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Não sepulcrais;

Notas: Encarnação (*ibidem*), ao contrário de Cenáculo, afirma que estamos perante um fragmento de uma inscrição funerária.

**LMSCP nº45**

Correspondência: s.i.;

Descrição: Lápide funerária, quinhentista;

Localização actual:s.i;

Proveniência: n.a.;

Categoria: n.r.;

Subcategoria: n.r.;

**LMSCP nº46**

Correspondência: s.i.;

Descrição: Fragmento com inscrição, época romana?;

Localização actual: s.i.;

Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Não sepulcrais.

#### **LMSCP nº47**

Correspondência: MB.1 Góias (Beirão, 1986, p. 127), MLH J.27.1 (Untermann, 1997, p. 332);

Descrição: Estela de xisto com escrita do sudoeste, Idade do Ferro;

Localização actual: Desconhecida;

Proveniência: Na freguesia de S. Miguel do Pinheiro termo de Almodôvar;

Categoria: Inscrições de caracteres incógnitos pela maior parte.

#### **LMSCP nº48**

Correspondência: s.i.;

Descrição: Cabeceira de sepultura, séc. XIV?;

Localização actual: s.i.;

Proveniência: n.a.;

Categoria: Inscrições modernas, quasi todas Portuguesas com caracteres góticos, poucas Latinas com caracteres romanos;

Subcategoria: Outras sepulcrais.

#### **LMSCP nº49**

Correspondência: s.i.;

Descrição: Inscrição portuguesa (danificada), séc. XVII;

Localização actual: s.i.;

Proveniência: n.a.;

Categoria: n.r.;

Subcategoria: n.r.;

Notas: Abel Viana (*apud* Delgado, 1946-1949, p. 223) propõe a seguinte leitura: Monte do Gato / Estebes Gato / Lial.

#### **LMSCP nº50**

Correspondência: CIL II 64 (p. 11), IRCP 260 (p. 333);

Descrição: Ara com inscrição funerária, época romana (séc. II);

Localização actual: Museu Regional de Beja (B-122);

Proveniência: Em Beja na rua do Esquivel, em tempo de Resende fora dos muros da cidade;

Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Outras sepulcrais.

#### **LMSCP nº51**

Correspondência: s.i.;

Descrição: Lápide;

Localização actual: s.i.;

Proveniência: Em Lisboa;  
Categoria: Inscrições modernas, quasi todas Portuguesas com caracteres góticos, poucas Latinas com caracteres romanos;  
Subcategoria: Profanas.

**LMSCP nº52**

Correspondência: s.i.;  
Descrição: Fragmento de lápide;  
Localização actual: s.i.;  
Proveniência: Em Beja;  
Categoria: Inscrições modernas, quasi todas Portuguesas com caracteres góticos, poucas Latinas com caracteres romanos;  
Subcategoria: Outras sepulcrais.

**LMSCP nº53**

Correspondência: CIL II 96b (p. 12), IRCP 300 (pp. 373-374);  
Descrição: Fragmento com inscrição, época romana;  
Localização actual: Museu Regional de Beja (B-37);  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Não sepulcrais;  
Notas: Veja-se LMSCP nº36.

**LMSCP nº54**

Correspondência: CIL II 57 a (p. 10);  
Descrição: Fragmento com inscrição;  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Não sepulcrais;  
Notas: Encarnação (1984, p. 294), opta por não inclui-la no IRCP por duvidar da sua antiguidade, adiantando que se pode até tratar de uma inscrição em português.

**LMSCP nº55**

Correspondência: CIL II 85 a (p. 12), IRCP 365 (p. 438);  
Descrição: Fragmento com inscrição funerária, época romana;  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Outras sepulcrais.

**LMSCP nº56**

Correspondência: CIL II 48 (p. 9), IRCP 232 (p. 306);

Descrição: Fragmento com inscrição, época romana;  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: Em Beja na parede do quintal da Igreja de Sta. Maria;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Não sepulcrais.

#### **LMSCP nº57**

Correspondência: CIL II 100 (p. 13), IRCP 303 (p. 376);  
Descrição: Fragmento de lápide funerária (danificada), época romana;  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: Nas casas da herdade do Padrão.  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Outras sepulcrais.

#### **LMSCP nº58**

Correspondência: s.i.  
Descrição: Cabeceira de sepultura com inscrição (séc. XV/XVI);  
Localização actual: Museu Nacional de Arqueologia;  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições modernas, quasi todas Portuguesas com caracteres góticos, poucas Latinas com caracteres romanos;  
Subcategoria: Sepulcrais em letra gótica péssima;  
Notas: Na lista de proveniências lê-se a seguinte transcrição da inscrição: “Aqui jaz João d’Ares e sua mulher Lionor Estevez”. É referida por Viana (1949, pp. 72-73), que apresenta diferente transcrição e sugere que se encontra no Museu Nacional de Arqueologia: “(...) actualmente pertença (?) do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos (Lisboa)”.

#### **LMSCP nº59**

Correspondência: s.i.;  
Descrição: Fragmento de lápide, medieval;  
Localização actual: s.i.;  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições modernas, quasi todas Portuguesas com caracteres góticos, poucas Latinas com caracteres romanos;  
Subcategoria: Profanas.

#### **LMSCP nº60**

Correspondência: s.i.;  
Descrição: Fragmento de lápide, medieval;  
Localização actual: s.i.;  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições modernas, quasi todas Portuguesas com caracteres góticos, poucas Latinas com caracteres romanos;



Subcategoria: Profanas.

**LMSCP nº61**

Correspondência: CIL II 68 (p. 11), IRCP 276 (p. 348);

Descrição: Ara com inscrição funerária e decoração (danificada), época romana (séc. II);

Localização actual: Desconhecida;

Proveniência: n.a.;

Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Outras sepulcrais.

**LMSCP nº62**

Correspondência: CIL II 57 c (p. 10), IRCP 341 (p. 418);

Descrição: Fragmento com inscrição, época romana;

Localização actual: Desconhecida;

Proveniência: n.a.;

Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Não sepulcrais.

**LMSCP nº63**

Correspondência: s.i.;

Descrição: Lápide medieval;

Localização actual: s.i.;

Proveniência: n.a.;

Categoria: Inscrições modernas, quasi todas Portuguesas com caracteres góticos, poucas Latinas com caracteres romanos;

Subcategoria: Outras sepulcrais.

**LMSCP nº64**

Correspondência: CIL II 53 (p. 10), IRCP 239 (pp. 312-313);

Descrição: Inscrição honorífica em bloco de grandes dimensões, época romana;

Localização actual: Museu Regional de Beja (B-118);

Proveniência: Em Beja em umas casas, sitas na Praça;

Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Não sepulcrais;

Notas: A parte do monumento com inscrição encontra-se actualmente mais danificada do que o que se observa no desenho.

**LMSCP nº65**

Correspondência: CIL II 51 (p. 10), IRCP 238 (p. 311);

Descrição: Fragmento com inscrição, época romana;

Localização actual: Desconhecida;

Proveniência: Em Beja na muralha junto a Porta Nova;

Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Não sepulcrais.  
Notas: Lê-se também na listagem de proveniências “Inscrição”, mas parece ser um acrescento e não da autoria de Cenáculo.

**LMSCP nº66**

Correspondência: CIL II 74 (p. 11), IRCP 350 (pp. 425-426);  
Descrição: Lápide funerária (danificada), época romana (séc. II);  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Outras sepulcrais.

**LMSCP nº67**

Correspondência: CIL II 62 (p.11), IRCP 267 (p. 339);  
Descrição: Fragmento com inscrição funerária, época romana;  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: Em Beja na rua das Ferrarias;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Outras sepulcrais.

**LMSCP nº68**

Correspondência: CIL II 85b (p. 12), IRCP 366 (p.438);  
Descrição: Fragmento com inscrição, época romana;  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Não sepulcrais.

**LMSCP nº69**

Correspondência: CIL II 57 b (p. 10), IRCP 340 (p.418);  
Descrição: Fragmento com inscrição, época romana;  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Não sepulcrais.

**LMSCP nº70**

Correspondência: s.i.;  
Descrição: Fragmento com inscrição;  
Localização actual: s.i.;  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições modernas, quasi todas Portuguesas com caracteres góticos, poucas Latinas com caracteres romanos;

Subcategoria: Sepulcrais em letra gótica péssima;

**LMSCP nº71**

Correspondência: CIL II 75 (p. 11), IRCP 352 (pp. 427-428);

Descrição: Três fragmentos confinantes com inscrição, época romana;

Localização actual: Desconhecida;

Proveniência: n.a.;

Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Outras sepulcrais.

**LMSCP nº72**

Correspondência: CIL II 84 b (p. 12), IRCP 364 (p. 437);

Descrição: Fragmento com inscrição, época romana;

Localização actual: Desconhecida;

Proveniência: n.a.;

Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Não sepulcrais.

**LMSCP nº73**

Correspondência: CIL II 57 d (p. 10), IRCP 342 (pp. 418-419);

Descrição: Fragmento com inscrição época romana;

Localização actual: Desconhecida;

Proveniência: n.a.;

Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Não sepulcrais.

**LMSCP nº74**

Correspondência: CIL II 70 b (p. 11), IRCP 279 (p. 351);

Descrição: Fragmento de lápide funerária, época romana;

Localização actual: Desconhecida;

Proveniência: Em Beja as portas de Mértola;

Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Outras sepulcrais;

Notas: Lê-se também na listagem de proveniências “Inscrição”, mas parece ser um acrescento e não da autoria de Cenáculo.

**LMSCP nº75**

Correspondência: s.i.;

Descrição: Fragmento arquitectónico com elemento zoomórfico;

Localização actual: s.i.;

Proveniência: Em Beja num quintal da rua do Touro;

Categoria: Várias peças de estatuários antigos à romana;

Subcategoria: Cabeças;

**LMSCP nº76**

Correspondência: s.i.;  
Descrição: Fragmento de cabeceira de sepultura, medieval?;  
Localização actual: s.i.;  
Proveniência: Em Beja às Portas de Mértola;  
Categoria: Inscrições modernas, quasi todas Portuguesas com caracteres góticos, poucas Latinas com caracteres romanos;  
Subcategoria: Sagradas;  
Notas: Lê-se também na listagem de proveniências “Inscrição”, mas parece ser um acrescento e não da autoria de Cenáculo.

#### **LMSCP nº77**

Correspondência: n.5 (Dias e Gaspar, 2006, pp. 48-49);  
Descrição: Lápide funerária, época visigótica;  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições modernas, quasi todas Portuguesas com caracteres góticos, poucas Latinas com caracteres romanos;  
Subcategoria: Sagradas.

#### **LMSCP nº78**

Correspondência: s.i.;  
Descrição: Fragmento com inscrição;  
Localização actual: s.i.;  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições modernas, quasi todas Portuguesas com caracteres góticos, poucas Latinas com caracteres romanos;  
Subcategoria: Profanas.

#### **LMSCP nº79**

Correspondência: CIL II 70a (p. 11), IRCP 280 (p. 351);  
Descrição: Fragmento de lápide, época romana;  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: Em Beja às Portas de Mértola;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Não sepulcrais;  
Notas: Lê-se também na listagem de proveniências “Inscrição”, mas parece ser um acrescento e não da autoria de Cenáculo.

#### **LMSCP nº80**

Correspondências: CIL II 107 (p. 13), IRCP 272 (p. 345);  
Descrição: Lápide (danificada), período romano;  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: Em Vale de Aguiheiro;  
Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Gregas;

Notas: Ao contrário do que Cenáculo coloca na Subcategoria, a inscrição é em caracteres latinos, não gregos. No entanto, o cognome epigrafado pode ser de origem grega, advindo daí a confusão (*ibidem*).

#### **LMSCP nº81**

Correspondência: s.i.;

Descrição: Cabeceira de sepultura, medieval;

Localização actual: s.i.;

Proveniência: n.a.;

Categoria: Inscrições modernas, quasi todas Portuguesas com caracteres góticos, poucas Latinas com caracteres romanos;

Subcategoria: Sepulcrais em letra gótica péssima.

Notas: Na lista de proveniência lê-se uma sugestão de transcrição: “Aqui jaz Álvaro Pires e sua mulher”.

#### **LMSCP nº82**

Correspondência: s.i.;

Descrição: Fragmento de cabeceira de sepultura, medieval;

Localização actual: s.i.;

Proveniência: n.a.;

Categoria: Inscrições modernas, quasi todas Portuguesas com caracteres góticos, poucas Latinas com caracteres romanos;

Subcategoria: Profanas.

Notas: Na lista de proveniência lê-se uma sugestão de transcrição: “Estas casas são da (...) de Leo (...) Esteves”.

#### **LMSCP nº83**

Correspondência: s.i.;

Descrição: Fragmento com inscrição;

Localização actual: s.i.;

Proveniência: n.a.;

Categoria: Inscrições modernas, quasi todas Portuguesas com caracteres góticos, poucas Latinas com caracteres romanos;

Subcategoria: Profanas.

Notas: É referido na nota final da listagem: “está gravada em um ladrilho grande de figura quadrada oblonga”.

#### **LMSCP nº84**

Correspondência: s.i.;

Descrição: Lápide quinhentista;

Localização actual: s.i.;

Proveniência: n.a.;

Categoria: Inscrições modernas, quasi todas Portuguesas com caracteres góticos, poucas Latinas com caracteres romanos;

Subcategoria: Outras sepulcrais;

Notas: Na lista de proveniência lê-se uma sugestão de transcrição: “Esta sepultura é de Ana Guodinha e de seus herdeiros”. Abel Viana (*apud* Delgado, 1946-1949, p. 438) confirma essa leitura.

#### **LMSCP nº85**

Correspondências: CIL II 81 (p. 12), IRCP 360 (pp. 434-435);

Descrição: Cupa com inscrição (danificada), época romana;

Localização actual: Museu Regional de Beja;

Proveniência: n.a.;

Categoria: Inscrições antigas;

Subcategoria: Romanas sepulcrais em barricas;

Notas: Segundo Encarnação (1984, pp. 434-435), a localização actual desta cupa funerária é desconhecido. No entanto, após uma visita ao Museu Regional de Beja, pareceu-nos reconhece-la de entre o conjunto de peças que se encontra nas arcadas exteriores do Museu. A cupa encontra-se em relativo mau estado de conservação e a inscrição é ilegível mas pelos quatro pares de arcos marcados e pelos buracos (provavelmente resultantes de reutilização posterior da peça) visíveis no desenho, existe a possibilidade de estarmos perante a mesma peça.

#### **LMSCP nº86**

Correspondência: s.i.;

Descrição: Fragmento com inscrição, medieval;

Localização actual: s.i.;

Proveniência: Em Santiago do Cacém;

Categoria: Inscrições modernas, quasi todas Portuguesas com caracteres góticos, poucas Latinas com caracteres romanos;

Subcategoria: Profanas.

#### **LMSCP nº87**

Correspondência: s.i.;

Descrição: Fragmento com inscrição, medieval;

Localização actual: s.i.;

Proveniência: Em Santiago do Cacém;

Categoria: Inscrições modernas, quasi todas Portuguesas com caracteres góticos, poucas Latinas com caracteres romanos;

Subcategoria: Sepulcrais em letra gótica péssima;

#### **LMSCP nº88**

Correspondência: CIL II 4629 (p. 619);

Descrição: Marco miliário (danificado), período romano;

Localização actual: Desconhecida;

Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Não sepulcrais;  
Notas: Encarnação (1984, p. 296), opta por não inclui-lo no IRCP.

#### **LMSCP nº89**

Correspondência: n.29 (Inscrições Islâmicas - Barroca, 2000, vol. III, p. 67)  
Descrição: Lápide funerária, época árabe (séc. XII);  
Localização actual: Museu de Évora (ME 1729);  
Proveniência: Em Mértola;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Árábicas.

#### **LMSCP nº90**

Correspondência: n.40 (*idem*, pp. 72-73)  
Descrição: Lápide funerária, época árabe;  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Inscrições antigas;  
Subcategoria: Árábicas.

#### **LMSCP nº91**

Correspondências: MB.2 Vale de Ourique (Beirão, 1986, p. 127), MLH J.11.4 (Untermann, 1997, p. 266)<sup>136</sup>;  
Descrição: Estela de xisto com escrita do sudoeste, Idade do Ferro;  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: Na freguesia de Ourique;  
Categoria: Inscrições de caracteres incógnitos pela maior parte.

#### **LMSCP nº92**

Correspondências: MB.3 Ourique I (Beirão, 1986, p. 127), MLH J.17.4 (Untermann, 1997, p. 300)<sup>137</sup>;  
Descrição: Estela de xisto com escrita do sudoeste, Idade do Ferro;  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: Na freguesia de Ourique;  
Categoria: Inscrições de caracteres incógnitos pela maior parte.

#### **LMSCP nº93**

Correspondências: MB.4 Ourique II (Beirão, 1986, p. 127), MLH J.17.1 (Untermann, 1997, pp. 295-297);  
Descrição: Estela de xisto com escrita do sudoeste, Idade do Ferro;  
Localização actual: Museu Regional de Beja;

---

<sup>136</sup>Untermann (*ibidem*), por lapso, remete para o nº 47 do Catálogo.

<sup>137</sup>Untermann (*ibidem*), por lapso, remete para o nº 94 do Catálogo.

Proveniência: Na freguesia de Ourique;  
Categoria: Inscrições de caracteres incógnitos pela maior parte;  
Notas: Encontra-se em mau estado de conservação, tendo parte da inscrição desaparecido. Por se encontrar bastante diferente do desenho do Catálogo, Leite Vasconcelos julgou que se tratava de uma inscrição inédita, publicandoo-a dessa forma (1913, pp. 7-8). É Caetano Beirão (1986, pp. 125-127) quem reconhece a estela e se apercebe que é a LMSCP nº93.

#### **LMSCP nº94**

Correspondências: s.i.;  
Descrição: Estela com caracteres não identificáveis;  
Localização actual: s.i.;  
Proveniência: Na freguesia de Ourique;  
Categoria: Inscrições de caracteres incógnitos pela maior parte.

#### **LMSCP nº95**

Correspondências: MB.5 Ourique III (Beirão, 1986, p. 127), MLH J.17.3 (Untermann, 1997, p. 299);  
Descrição: Estela de xisto com escrita do sudoeste, Idade do Ferro;  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: Na freguesia de Ourique;  
Categoria: Inscrições de caracteres incógnitos pela maior parte.

#### **LMSCP nº96**

Correspondências: MB.6 Ourique IV (Beirão, 1986, p. 127), MLH J.17.2 (Untermann, 1997, p. 298);  
Descrição: Estela de xisto com escrita do sudoeste, Idade do Ferro;  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: Na freguesia de Ourique;  
Categoria: Inscrições de caracteres incógnitos pela maior parte.

#### **LMSCP nº97**

Correspondências: n. 35 (Gonçalves, 2007, pp.140-143);  
Descrição: Fragmento de estátua, figura feminina num trono, período romano;  
Localização actual: Museu de Évora (ME 1707);  
Proveniência: Em Vale de Aguieiros;  
Categoria: Várias peças de estatuários antigos à romana;  
Subcategoria: Estátuas sem cabeça;  
Notas: o LMSCP nº 105 pertence-lhe; na listagem de proveniências há um acrescento que oferece informações sobre a peça mas não parece ser da lavra de Cenáculo.

#### **LMSCP nº98**



Correspondências: n. 115 (Gonçalves, 2007, pp. 262-265);  
Descrição: Fragmento de relevo com ménade, período romano;  
Localização actual: ME 1703;  
Proveniência: No alicerce da muralha romana, que se abriu quando a obra de Francisco Manuel de Mello em Beja na rua;  
Categoria: Várias peças de estatuários antigos à romana;  
Subcategoria: Estátuas sem cabeça; na listagem de proveniências há um acrescento que oferece informações sobre a peça mas não parece ser a caligrafia de Cenáculo.

#### **LMSCP nº99**

Correspondências: s.i.;  
Descrição: Escultura representando um apóstolo, medieval;  
Localização actual: s.i.;  
Proveniência: Na Igreja de Santiago do Cacém;  
Categoria: Peças modernas à gótica;  
Subcategoria: Duas estátuas.

#### **LMSCP nº100**

Correspondências: s.i.;  
Descrição: Escultura representando anjo da anunciação, medieval;  
Localização actual: s.i.;  
Proveniência: Na Igreja de Santiago do Cacém;  
Categoria: Peças modernas à gótica;  
Subcategoria: Duas estátuas.  
Notas: Brevemente iremos dispor de mais informação sobre esta peça – Falcão e Pereira (no prelo).

#### **LMSCP nº101**

Correspondências: s.i.;  
Descrição: Medalhão renascentista;  
Localização actual: s.i.;  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Peças modernas à gótica;  
Subcategoria: Profanas. Um busto.  
Notas: Brevemente iremos dispor de mais informação sobre esta peça – Falcão e Pereira (no prelo).

#### **LMSCP nº102**

Correspondências: MC 14 (Simões, 1869, p. 12)  
Descrição: Fragmento arquitectónico com representação de cabeça humana, época romana/renascentista?;  
Localização actual: Museu de Évora?;  
Proveniência: Em Beja na rua dos Sembranos na obra de Alexandre Ramos;

Categoria: Várias peças de estatuários antigos à romana;  
Subcategoria: Cabeças;  
Notas: É Simões (*ibidem*) quem nos informa que à data a peça se encontrava em Évora.

**LMSCP nº103**

Correspondências: n. 63 (Gonçalves, 2007, pp. 184-187);  
Descrição: Busto feminino, período romano (séc. II);  
Localização actual: Museu de Évora (ME 1711);  
Proveniência: Em Tavira;  
Categoria: Várias peças de estatuários antigos à romana;  
Subcategoria: Busto.

**LMSCP nº104**

Correspondências: n. 110 (*idem*, p. 255-256);  
Descrição: Busto feminino, período romano (séc. II);  
Localização actual: Museu de Évora (ME 175);  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: [Várias peças de estatuários antigos] À grega;  
Subcategoria: Uma cabeça.

**LMSCP nº105**

Correspondências: n. 35 (Gonçalves, 2007, p.140-143);  
Descrição: Pé fragmentado, época romana;  
Localização actual: Museu de Évora (ME 1707);  
Proveniência: Em Vale de Aguieiros;  
Categoria: Várias peças de estatuários antigos à romana;  
Subcategoria: Ponta de um pé;  
Notas: Pertence ao LMSCP nº 97; Lê-se também na listagem de proveniências “Pé de estátua”, mas parece ser um acrescento e não da autoria de Cenáculo.

**LMSCP nº106**

Correspondências: n. 249 (Gonçalves, 2007, pp. 467-468);  
Descrição: Mão e antebraço direito, período romano;  
Localização actual: Museu de Évora (ME 1698);  
Proveniência: Em Vale de Aguieiros;  
Categoria: Várias peças de estatuários antigos à romana;  
Subcategoria: Um braço.  
Notas: Lê-se também na listagem de proveniências “Mão da (...)”, mas parece ser um acrescento e não da autoria de Cenáculo.

**LMSCP nº107**

Correspondências: n.25 (*idem*, pp. 124-125);

Descrição: Fragmento de togado, época romana;  
Localização actual: Museu de Évora (ME 497);  
Proveniência: Em Vale de Aguieiros;  
Categoria: Várias peças de estatuários antigos à romana;  
Subcategoria: Estátuas sem cabeça.  
Notas: Lê-se também na listagem de proveniências “torso de estátua”, mas parece ser um acrescento e não da autoria de Cenáculo.

**LMSCP nº108**

Correspondências: s.i.;  
Descrição: Relevo;  
Localização actual: s.i;  
Proveniência: Em Si (*sic*);  
Categoria: Várias peças de estatuários antigos à romana;  
Subcategoria: Um relevo;  
Notas: O número que está inscrito nas categorias é o 118. Assume-se que é um engano e que Cenáculo se quisesse reportar ao 108, já que o 118 é uma ânfora.

**LMSCP nº109**

Correspondências: MC 59 (Simões, 1869, p. 25);  
Descrição: Fecho de abóbada com representação de cabeça humana coroada de perfil, manuelino;  
Localização actual: Museu de Évora?;  
Proveniência: n.a.;  
Categoria: Peças modernas à gótica;  
Subcategoria: Duas cabeças;  
Notas: É Simões (1869, p. 25) quem nos informa que à data a peça se encontrava em Évora.

**LMSCP nº110**

Correspondências: s.i.;  
Descrição: Medalhão com águia bicéfala, 1596;  
Localização actual: s.i.;  
Proveniência: Em Sines nas casas chamadas de Vasco da Gama;  
Categoria: n.r.;  
Subcategoria: n.r.;  
Notas: É referido na nota final da listagem: “A matéria das armas nº110 é de ferro”.

**LMSCP nº111**

Correspondências: n.3 (AA.VV., 1993, pp. 32-33);  
Descrição: Coluna com relevo (motivos vegetalista e zoomórfico), época visigótica (séc. IV/V);

Localização actual: Museu Regional de Beja – Núcleo Visigótico (MRB 1.26);

Proveniência: Em Mértola;

Categoria: Várias peças de estatuários antigos à romana;

Subcategoria: Uma coluna com relevos.

#### **LMSCP nº112**

Correspondências: s.i.;

Descrição: Objecto cilíndrico (tipo almofariz), 2 peças;

Localização actual: s.i.;

Proveniência: Em Vale de Aguiheiro;

Categoria: Várias peças de estatuários antigos à romana;

Subcategoria: Urnas.

#### **LMSCP nº113**

Correspondências: s.i.;

Descrição: Vaso (?) com relevos;

Localização actual: s.i.;

Proveniência: n.a.;

Categoria: Peças modernas à gótica;

Subcategoria: Um vaso.

#### **LMSCP nº114**

Correspondências: s.i.;

Descrição: Capitel, tardo-romano/visigótico?;

Localização actual: s.i.;

Proveniência: Em Beja no Lagar do Pé da Cruz;

Categoria: Várias peças de estatuários antigos à romana;

Subcategoria: Capitéis.

#### **LMSCP nº115**

Correspondências: s.i.;

Descrição: Capitel, tardo-romano/visigótico?;

Localização actual: s.i.;

Proveniência: n.a.;

Categoria: Várias peças de estatuários antigos à romana;

Subcategoria: Capitéis.

#### **LMSCP nº116**

Correspondências: s.i.;

Descrição: Capitel, tardo-romano;

Localização actual: s.i.;

Proveniência: n.a.;

Categoria: Várias peças de estatuários antigos à romana;

Subcategoria: Capitéis.

**LMSCP nº117**

Correspondências: s.i.;

Descrição: Capitel, tardo-romano/visigótico?;

Localização actual: s.i.;

Proveniência: n.a.;

Categoria: Várias peças de estatuários antigos à romana;

Subcategoria: Capitéis.

**LMSCP nº118**

Correspondência: L 7 (Dias Diogo, 1987, p. 189)

Descrição: Ânfora, época romana;

Localização actual: s.i.;

Proveniência: Na Tróia;

Categoria: Várias peças de estatuários antigos à romana;

Subcategoria: Ânforas;

Notas: É praticamente impossível identificar quais terão sido as ânforas originais da colecção de Cenáculo. De momento, o máximo que se pode fazer é, através dos desenhos, procurar inseri-las nas tipologias existentes.

**LMSCP nº119**

Correspondência: L 7 (Dias Diogo, 1987, p. 189)

Descrição: Ânfora, época romana;

Localização actual: s.i.;

Proveniência: n.a.;

Categoria: Várias peças de estatuários antigos à romana;

Subcategoria: Ânforas;

Notas: É praticamente impossível identificar quais terão sido as ânforas originais da colecção de Cenáculo. De momento, o máximo que se pode fazer é, através dos desenhos, procurar inseri-las nas tipologias existentes.

**LMSCP nº120**

Correspondência: L 4 (Dias Diogo, 1987, p. 187)

Descrição: Ânfora, época romana;

Localização actual: s.i.

Proveniência: Na herdade de D. Pedro, sita na freguesia de Baleizão;

Categoria: Várias peças de estatuários antigos à romana;

Subcategoria: Ânforas;

Notas: É praticamente impossível identificar quais terão sido as ânforas originais da colecção de Cenáculo. De momento, o máximo que se pode fazer é, através dos desenhos, procurar inseri-las nas tipologias existentes.

**LMSCP nº121**

Correspondência: s.i;  
Descrição: Pia de pedra?;  
Localização actual: s.i;  
Proveniência: Em um sepulcro, sito ao pé do ribeiro de Quintos;  
Categoria: Várias peças de estatuários antigos à romana;  
Subcategoria: Urnas.

**LMSCP nº122**

Correspondências: CIL II 78 (p. 12), IRCP 357 (pp. 431-432);  
Descrição: Parece ser um fragmento de cupa com inscrição (muito danificada), época romana (séc. III);  
Localização actual: Desconhecida;  
Proveniência: n.r.;  
Categoria: n.r.;  
Subcategoria: n.r.

## Considerações Finais

Sem dúvida que se pode afirmar, utilizando as palavras de Pereira (1994, p. 79), que “D. Frei Manuel do Cenáculo foi um dos mais notáveis representantes do ecletismo iluminista, associando harmonicamente a Razão e a Fé, a Natureza e a Graça, e encontrando na valorização do divino o encorajamento da pesquisa racional e científica”. Esta sua concepção da realidade encontra-se bem presente em todos os testemunhos que nos deixou e, sobretudo, nos seus projectos de Bibliotecas, às quais era indissociável um Museu. Em todas as suas acções enquanto coleccionador, arqueólogo e museólogo, Cenáculo tinha como último objectivo a legitimação da Igreja Católica e a afirmação da religião verdadeira.

A questão que se procurou abordar ao longo desta dissertação não foi se o Museu Sesinando Cenaculano Pacence foi o primeiro museu (público ou não) criado em Portugal, mas sim a sua modernidade conceptual à luz dos documentos *Oração do Museu* de 1791 e *Lápides do Museu Sesinando Cenaculano Pacence*. Como foi referido, estes documentos já foram muito abordados e estudados pela bibliografia, porém, faltava fazer a sua análise conjunta.

Como vimos, a *Oração do Museu* de 1791, tida como documento fundamental para a compreensão do início da museologia em Portugal, não é original e apropria-se de parte de uma outra *Oração*, escrita na Universidade de Évora 38 anos antes. Se as ideias expressas, conhecidas através da *Oração* de 1791, podem ser consideradas como de vanguarda, podemos concluir que a perspectiva de conhecimento em 1753, pelo menos na Universidade de Évora, era-o ainda mais. Apesar de, na sua maioria, a *Oração* proferida na abertura ao público do Museu Sesinando Cenaculano Pacence ser uma cópia, deve-se dar o devido crédito a quem escolheu utilizá-la e alterá-la, pois é um resumo quase perfeito das ideias de Cenáculo em relação ao Museu.

Quanto ao álbum-catálogo *Lápides do Museu Sesinando Cenaculano Pacence*, também é inegável a sua modernidade, sendo precisos vários anos até voltar a surgir em Portugal um documento com as mesmas características. Como referido no Capítulo 3, este álbum foi várias vezes utilizado para respigar informação de valor arqueológico para os mais diversos fins. Estava ainda por fazer uma abordagem ao seu conteúdo enquanto um todo e foi o que se procurou fazer, completando também com informação mais recente. Finalizada essa tarefa, pode-se concluir que é mais o que não sabemos acerca da localização actual das peças que compunham o catálogo do que o que sabemos. Termina-se esta dissertação com um repto a todos os investigadores da área em questão, na esperança de que um dia possamos ter informação acerca de toda a colecção representada no catálogo de Cenáculo.

Em suma, não se pode falar dos primórdios da museologia em Portugal sem se referir o nome de Frei Manuel do Cenáculo. Não só pela criação do Museu Sesinando Cenaculano Pacence e seus dois documentos indissociáveis – a *Ora-*

*ção do Museu de 1791 e o álbum Lápides do Museu Sesinando Cenaculano Pacence*  
– mas, sobretudo, pela constante preocupação pedagógica do seu criador.



## Referências Bibliográficas

### Manuscritas:

- BPE, Cód. CXXIX/1-9 – *Sesinando Mártir e Beja sua Pátria*;  
BPE, Cód. CXXIX/1-10;  
BPE, Cód. CXXIX/1-13 – *Lápides e inscrições*, p. XXXVIII;  
BPE, Cód. CXXIX/1-14 – *Lápides do Museu Sesinando Cenaculano Pacence*;  
BPE, cód. CXXVIII/2-13 (f) – *Explicações de medalhas e inscrições (...) por José Lourenço do Valle*;  
BPE, códices Manizola, cód. 30, nº6 – *Oração Académica sobre a História Natural e Antiguidades – Recitada na cidade de Évora na Universidade na 1ª Oitava do Espírito Santo em 1753*;  
BPE, códices Manizola, cód. 75, nº 19 – *Oração do Museu*.

### Impressas:

AA.VV. (1993) – *Núcleo Visigótico. Museu Regional de Beja*. Beja: Museu Regional de Beja/Assembleia Distrital de Beja.

AA.VV. (2005a) – *Imagens e Mensagens. Escultura Romana do Museu de Évora*. Évora: Museu de Évora/Instituto Português de Museus.

AA.VV. (2005b) – *Tesouros da Biblioteca Pública de Évora*. Lisboa: Edições Inapa.

ALCOCHETE, N. D. d' (1976) – *Humanismo e Diplomacia. Correspondência Literária (1789-1804) de Francisco José Maria de Brito com Dom Frei Manuel do Cenáculo*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.

BARATA, A. F. (1897) – *Catálogo dos Principaes Manuscriptos da Livraria do Visconde da Esperança*. Évora: Minerva Eborense.

BARATA, A. F. (1903) – *Catálogo do Museu Archeológico da Cidade de Évora. Anexo de sua Bibliotheca*. Lisboa: Imprensa Nacional.

BARROCA, M. J. (2000) – *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. 3 volumes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia.

BEIRÃO, C. de M. (1986) – *Une Civilisation Protohistorique du Sud du Portugal (1er Âge du Fer)*. Paris: De Boccard.

BRIGOLA, J. C. (2003) – *Colecções, Gabinetes e Museus em Portugal no Século XVIII*. Lisboa: Edição Fundação Calouste Gulbenkian.

BRIGOLA, J. C. (coord.) (2009) – *Coleccionismo no Século XVIII: Textos e Documentos*. Porto: Porto Editora.

BRIGOLA, J. C. (2010) – *Os viajantes e o 'livro dos museus'*. Porto: Dafne Editora.

CABRAL, M. L. (2011) – *Até Roma: Uma viagem com devoção, longa e árdua: Diário de Frei Joaquim de S. José em 1750*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

CAETANO, J. O. (2005) – Os Restos da Humanidade. Cenáculo e a Arqueologia. In AA.VV. – *Imagens e Mensagens. Escultura Romana do Museu de Évora*, pp. 49-56. Évora: Museu de Évora/Instituto Português de Museus.

CALIXTO, J. A. (2005) Continuação e inovação de uma instituição bicentenária. In AA.VV. – *Tesouros da Biblioteca Pública de Évora*, pp. 7-13. Lisboa: Edições Inapa.

CENÁCULO, M. (1786) – *Instrução Pastoral sobre os Estudos Fysicos do Clero*. Lisboa: Regia Officina Typografica.

CENÁCULO (1791) – *Cuidados Literários do Prelado de Beja em Graças do seu Bispo*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

CENÁCULO, M. (1887) – *Memória Descritiva do Assalto, Entrada e Saque da Cidade de Évora pelos Francezes*. Évora: Minerva Eborensis.

DELGADO, M. J. (1946-1949) – Sisenando Mártir e Beja sua Pátria. *Arquivo de Beja*, Vols. III-VI. Beja: Câmara Municipal.

DIAS, M. M. A. e GASPAR, C. I. S. (2006) – *Catálogo das Inscrições Paleocristãs do Território Português*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa.

DIAS DIOGO, A. M. (1987) – Quadro Tipológico das Ânforas de Fabrico Lusitano. *O Arqueólogo Português*, Série IV, 5, pp. 179-191.

DOMINGOS, M. (2006) – *Casa dos Livros de Beja. Doação de Frei Manuel do Cenáculo à Real Biblioteca Pública da Corte*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. 2 volumes. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras.

ENCARNAÇÃO, J. d' (2008) – IRCP 25 anos depois. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 11, número 2, pp. 215-230.

ESPANCA, T. (1949) – *As Antigas Coleções de Pintura da Livraria de D. Fr. Manuel do Cenáculo e dos Extintos Conventos de Évora*. Évora: Nazareth.

FALCÃO, J. A.; PEREIRA, F. A. B. (no prelo) - *Imaginária Gótica do Alentejo Litoral*. Beja: Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja.

GONÇALVES, L. J. (2007) – *Escultura Romana em Portugal: uma Arte do Quotidiano*. 2 volumes. Mérida: Studia Lusitana.

GUSMÃO, A. N. (1944-1956) – *Catálogo da Correspondência dirigida a Frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas*. 6 volumes. Évora: Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora.

HÜBNER, E. (1871) – *Noticias Archeologicas de Portugal*. Lisboa: Typographia da Academia.

MACHADO, J. A. G. (1987) – *Um colecionador português do século das luzes: D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas, Arcebispo de Évora*. Évora: Publicações Ciência e Vida, Lda.

MARCADÉ, J. (1978) – *Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas - Évêque de Beja, Archevêque d'Évora*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.

MORAIS, R. (2011) – *A Coleção de Lucernas Romanas do Museu de Évora*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

MURPHY, J. (1795) - *Travels in Portugal through the provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem-Tejo, in the years 1789 and 1790*. Londres: A. Strahan, and T. Cadell Jun. and W. Davies.

NASCIMENTO, A. (s/d) – *Oração Inaugural do Museu Pacence (1791)*. Em [http://triplov.com/hist\\_fil\\_ciencia/cenaculo/pax.html](http://triplov.com/hist_fil_ciencia/cenaculo/pax.html).

PEREIRA, G. (1886) – *Bibliotheca Pública. Estudos Eborenses*, nº5. Évora: Minerva Eborensis.

PEREIRA, F. A. B. (1994) – *O Colecionador e Museólogo Iluminista, Dom Frei Manuel de Cenáculo Vilas Boas e a Inglaterra*. In DELAFORCE, A. (coord.) – *Portugal e o Reino Unido. A Aliança Revisitada.*, pp.79-81. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

PEREIRA, F. A. B. (1995) – *Le rôle de l'Église dans la formation des premiers musées au Portugal à la fin du XVIIIe siècle*. In POMMIER, É. (ed. lit.) – *Actas do Colóquio Internacional Les Musées en Europe à la veille de l'ouverture du Louvre*, pp. 461 – 492. Paris: Klincksieck.

PEREIRA, S. M. (2012) – A Diáspora dos Livros da Antiga Universidade de Évora (1759-1806). In PEREIRA, S. M. e VAZ, F. A. L. (coords.) (2012a) – *Universidade de Évora (1559-2009). 450 Anos de Modernidade Educativa*, pp. 549-565. Lisboa: Chiado Editora.

PEREIRA, S. M. e VAZ, F. A. L. (coords.) (2012b) – Universidade de Évora. Um Passado com Futuro. In *Antologia de Textos da Universidade de Évora*, pp. 1-27. Lisboa: Chiado Editora.

RAMOS, R. C. (1936) – *Dom Frei Manuel do Cenáculo Villas Bôas*. Porto: Livraria Tavares Martins.

RAMOS, R. (coord.) (2009) – *História de Portugal*. Lisboa: Esfera dos Livros.

RIVARA, J. H. C. (1850-1871) – *Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca Pública Eborense*. 4 volumes. Lisboa: Imprensa Nacional.

ROQUE, M. I. (2011) – *O Sagrado no Museu*. Lisboa: Universidade Católica Editora.

SILVA, A. V. da (1944) – *Epigrafia de Olisipo*. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa.

SIMÕES, A. F. (1868) – O Museu do Bispo de Beja. *Arquivo Pittoresco*, 11º ano, nº10. 76-78. Lisboa: Typographia de Castro & Irmão.

SIMÕES, A. F. (1869) – *Relatório acerca da Renovação do Museu Cenáculo*. Évora: Typographia da Folha do Sul.

TADEIA, M. H. (2013) – Contributos para o Estudo da Coleção de Pintura do Museu Rainha Dona Leonor (Beja). Tese de Mestrado defendida na Universidade Aberta.

TEIXEIRA, M. B. (1985) – Os primeiros museus criados em Portugal. Separata de *Bibliotecas, Arquivos e Museus*, Vol. I, nº 1.

TEIXEIRA, M. B. (2000) – Primórdios da investigação e actividade museológica em Portugal. Separata de *Revista de Museologia*, nº1.

UNTERMANN, J. (1997) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.

VASCONCELOS, J. L. (1895) – Antiguidades ao Sul do Tejo. *O Arqueólogo Português*, nº 12, pp. 338-344.

VASCONCELOS, J. L. (1917) – O Antiquário Félix Caetano da Silva. *O Arqueólogo Português*, nº 22, p. 178-185.

VASCONCELOS, J. L. (1920) – Viagem de Pérez Bayer em Portugal, em 1872. *O Arqueólogo Português*, nº 24, pp. 108-176.

VAZ, F. A. L. (2004) – As Bibliotecas e os Livros na obra de D. Frei Manuel do Cenáculo. In AA.VV. – *La Memoria de los Libros. Estudios sobre la historia del escrito y de la lectura en Europa y America*, t. II, pp. 483-498. Salamanca: Instituto de Historia del Libro y de la Lectura- Fundacion Duques de Soria.

VAZ, F. A. L. (2009) – *D. Manuel do Cenáculo. Instruções Pastorais, Projectos de Bibliotecas e Diário*. Porto: Porto Editora.

VAZ, F. A. L. (2011) – Em Beja com os Olhos no Mundo. O Papel dos Meios de Informação no Episcopado de Frei Manuel do Cenáculo. In FONSECA, T.; FONSECA, (eds. lits) – *O Alentejo entre o Antigo Regime e a Regeneração. Mudanças e Permanências/Colóquio*, pp. 209-230. Lisboa: Edições Colibri/Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora.

VAZ, F.A. L. (2012) A casa da sabedoria - uma leitura dos estatutos da Biblioteca Pública de Évora de 1811. *Anales de Documentación*, Vol. 15, nº 2.

VIANA, A. (1944) – Museu Regional de Beja. *Arquivo de Beja*, Vol. I, fasc. 4, pp. 349-364. Beja: Câmara Municipal.

VIANA, A. (1945) – Museu Regional de Beja. *Arquivo de Beja*, Vol. II, fasc. 1-2, pp. 97-128. Beja: Câmara Municipal.

VIANA, A. (1945) – Museu Regional de Beja. *Arquivo de Beja*, Vol. II, fasc. 3-4, pp. 232-265. Beja: Câmara Municipal.

VIANA, A. (1946) – A Arqueologia do Baixo Alentejo na obra do Bispo pacense, D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas. *Arquivo de Beja*, Vol. III, pp. 118-127. Beja: Câmara Municipal.

VIANA, A. (1946) – Museu Regional de Beja. *Arquivo de Beja*, Vol. III, pp. 165-177. Beja: Câmara Municipal.

VIANA, A. (1947) – Museu Regional de Beja. *Arquivo de Beja*, Vol. IV, fasc. 1-2, pp. 203-207. Beja: Câmara Municipal.

VIANA, A. (1949) – Estelas Discóides do Museu de Beja. *Arquivo de Beja*, Vol. VI, pp. 37-85. Beja: Câmara Municipal.

VIANA, A. (1952) – As Pedras de Cenáculo. *Arquivo de Beja*, Vol. IX, pp. 3-17. Beja: Câmara Municipal.

VIANA, A. (1952) - Cenáculo e a Arqueologia Bejense. *Arquivo de Beja*. Vol. IX, pp. 28-31. Beja: Câmara Municipal.

VIANA, A. (1956) – As Pedras de Cenáculo. *Arquivo de Beja*, Vol. XIII, pp. 110-119. Beja: Câmara Municipal.

# ANEXOS

FREI MANUEL DO CENÁCULO E OS PRIMÓRDIOS DA MUSEOLOGIA EM  
PORTUGAL

*A Oração do Museu de 1791 e o álbum *Lápides do Museu Sesinando Cenaculano Pacence**

Beatriz Gonçalves da Mota Nunes de Barros

Dissertação

Mestrado em Património Público, Arte e Museologia

2014

## Anexo I

Oração Académica sobre a História Natural e Antiguidades  
Recitada na Cidade de Évora na Universidade  
na 1ª Oitava do Espírito Santo em 1753

BPE – cód. 30, nº 6 (códices Manizola)



Oração Académica sobre a  
Hist. Natural e Antiquid.ª

Maniz. Codic. nº 30-6º  
- 3-2

Recitada na Cid. d' Évora  
na Universid.ª na 1.ª Cadeira  
do Esp.º Santo em 1753.





1  
Carmine: Anatomica tabula  
Tab. Anatomica: Digestiva

Revisata ad Tab. 11. hanc  
in hanc: in hanc  
de hanc: in hanc

Or  
do de  
tada  
re o  
Prin  
re  
live  
Lorj  
fig  
Sa, g  
sey  
mon  
fivo  
tude  
ptra  
mar  
Lij  
Liqu  
Din  
call  
tam  
tan  
ces  
sed



2

Oração Academia a promover a ffeição, e te-  
do da Historia Natural, e Antiquidade; reci-  
tada na Universidade de Evora na primei-  
ra aula da Poesia do Espirito de 1753  
Primeira Collega, euvinte, Eborana, cu-  
ra a Deo, immortal p. a. q. quarta a ffeição  
deveras vos q. ante passados (cuja memoria  
doje honra) q. Arte, ciencia, Costume, e Pa-  
ticia, nos q. deixarao felis, e clareci-  
da, e perpetua lembrança; e por quanto  
seu imitadores são distinguidos entre q.  
mortais, nota, e memento da Historia, nacons-  
pua da Antiquidade, e na honra da vir-  
tude; a menga humanidade continuez a  
praticar com a vossa benevolencia na  
materia q. vos atraxer. O q. sendo assim,  
hi jate me queis, de porer doq. do da An-  
tiquidade Sagrada, e profana; nos q. se eu  
deus couza util, e era conveniente adra-  
calle; por q. falando eu p. a. o vossos a provei-  
ta merito, podis coler os q. vos agradar. Cer-  
ta mente q. te tempo não e' vos falla co  
deoz, q. todo o homem deve, esta obrigado  
a conservar a memoria q. deus antepas-



ante passados, bndixarão euídadoz, de aqui  
ser conteez, imitar, donra.

Eu não venho por aqui a comover, por meu  
dycurso, mas instruir por exemplo, e  
cuvo exorte loje não a ser, comyda-  
big, mas a imitar q' Voz illi, e q'  
parta n' q' uoy coraçõ, a ellevarõ, e a fere,  
amefere, e correr a la hante q' ada da natura  
ra. eõz de uoy passadõ.

Quando se toma por alympto dycurso mun-  
dano, e ma' senão pode lousar mai q' ofem,  
difficultõs de q' senão l'õnge e a vida-  
de, ou a comenõ, senão confunda com a vir-  
tude, e q' sem reparo senão incese o  
mundo com q' profume de uoy d' d' q' gra-  
ca a comenõ de uoy q' loje me uoy livre  
desta duvida, e a uoy. Eu falo de q' e p' uoy  
abeneçadõ q' f'arem dum continuo preparo p' a bri-  
Uantã de q' rada Religiã, eu falo p' a d' q' et-  
p' uoy q' d' uoy a p' a uoy nomundo com uoy  
q' de uoy a uoy de a greja de a uoy a p' uoy  
coar a p' uoy de uoy a uoy a uoy de a uoy de a  
Antiquidade, e a uoy de uoy a uoy de a uoy de a  
n' uoy de uoy a uoy de uoy a uoy de a uoy de a

pois  
mãz  
q' d'  
de d'  
rio d'  
a uoy  
sare  
furo  
arro  
em q'  
de q'  
tudo  
et al  
p' uoy  
e d' q'  
cluy  
de a  
dan  
de d'  
ria  
q' o  
de a  
p' uoy







planta, e toda a mais produzida maravilha  
da natureza: e meo gueso de todo o qto magnifi-  
co objecto; e meo flor, e o qto junta todo o sumo  
o qto da Historia natural, e o qto de toda a  
e ciencia; e qto conceitamos a deo, e a deli-  
giao com utilidade nova, donde provem foyta  
razoes qto na applicar no a elle  
Com effeito, e no qto ajuntados conceitamos  
metras a memoria a historia natural, can-  
tiga; e na produzida da natureza me re-  
presentada a grandeza do creador; na do  
co; a fidelidade do gentilismo, e a verdade da  
na a religiao; na, na insipida, profana, e irre-  
dicao da lingua; a historia do Saulo, para-  
do, e a natureza da fabula; na, e a grande in-  
cipio, e a autoridade, e a qto do qto, e  
victoria de Jure, e a qto do qto; a  
frequencia do Imperio; a alternativa da for-  
tuna; o habitamento da presuncao huma-  
na; o cello, e a insipida do qto, e a  
gloriosa argumento contra qto do qto da ar-  
rante filosofia, e a duvidando da verdade,  
na qto toda qto do qto da propria frequencia  
qto meo de conceitamos. Jure

Quis  
Do ta  
tanta  
p.º or  
guen  
gmen  
mull  
de ta  
epro.  
Porta  
do jo.  
q: e  
e an  
nate  
dem  
tem  
motta  
brilla  
q ven  
Cogita  
pore  
utei  
e que  
outro







ingtuito; não olhao aoutro fi q' autalidade  
publica; não gueram outro premio q' q' ter-  
nar ignorancia fazendo abito q' augmentam  
adoleçia, e honrem a patria.

Uo q' abito de m'ra, m'ra q' abito, adicomes e obra  
oprovato de q' da de Historia antiga: por ten-  
to audeisarei aq' b'ly engenho de meu Col-  
gio q' publicuem a elevaçõ q' q' q' q' q'  
ritq', e virtude: deisarei a alma, grande q'  
davora em d'iaõ farem a d'iaõ, d'elicia, gra-  
var eterna memoria de generosidade em com-  
pararei de v'os tamq', e d'uma q' coraco-  
õ: eu sempre obrigado, e d'extremidade por  
v'os favorecido, por não parecerem diminuto  
a minha expressõ, confesso q' não podendo al-  
cançar o b'ly de v'os de instruçõ q' de v'os te-  
ndo aprendido, não dego adiretude d'uaõ  
por mais de l'um d'elicio d'ypense, e de pul-  
tandome no abito de minha obrigacõ de  
de tempo da puberdade em q' estudei a p'imeira  
na Letra, na d'agradado Collegio de Jesu, on-  
de me ligues com l'um juramento d'agradado,  
juramento fiel, a l'uaõ de conlucida ngem-  
casto humano, e virtude de v'os de d'iaõ

dia de  
Ally  
bem  
de q'  
meo  
lo an  
entis  
Har  
q' de  
mo q'  
da d'  
exita  
to de  
ria de  
em q'  
no q'  
renta  
de q'  
to de  
vao t  
Univ  
mo t  
Heli  
de q'



dia Davida.

Alguem fali não é b da minha causa, mas tam-  
 bém em geral q'nto q' mais tamenho deido, sendo  
 de q' odia em q' talu' minor fortuna liberal-  
 mente concedida toca atadoz obtemni sa ppe-  
 lo anniversario da fundação desta capi-  
 entissima Academia.

A antiguidade sagrada está emunha. Entre  
 os Hebreos, q' riq' monumentos, Lavias: entre  
 moz no Templo, depois de se p'citarmos a terra  
 da exiliana, o sagrado deposito da pedra de ley  
 escrita com edo de Deos no monte Sinaí; jun-  
 to della admirarmos a vara de Moys em memo-  
 ria do fidoz de Israel; os kane do deserto  
 em este mundo de gallicantos quaranta an-  
 noz: voltando a vista aella defferre em qua-  
 renta e oito Cidadez dos Levites, e n' os q'uei-  
 dos de veneraveis monumentos q' fuzem de p'ci-  
 to de Israel q' q' m' seu grande Rey, cora-  
 vao tambe'n a korta d'ion comitao famosa  
 Universidade, q' J. Joao Chrystomo era  
 mo' Universidade Romulo. o sacerdote <sup>Moys. tom. 1.</sup>  
 Heli q' ensinava a primogenitoz de Da- <sup>q' 36.</sup>  
 vid de Deos; Samuel, Elia, Eliseo, q' bome, q' m'!



Elle tudo sabem, tudo podem: por em guarda  
 da antiguidade na, e de q'colla, p'rova aver-  
 dadeira Religião. Religião sagrada onde  
 mandou guardar q' este mundo de q' deus, an-  
 tigo prodigio: Religião q' conservando se-  
 u, antigo espirito, e auctorisa. e a mais a-  
 vançada antiguidade do mundo. cento  
 e cem penlaba seu sello afavor da letra,  
 q' toda a mocidade a q' tudava da idade  
 de si, anno na, e colla, q' laviao entõs  
 a Cidade, Provincia.

De Sabalstina no, transporta mo, il pre-  
 cia, q' toda a imitacao da quella era sua  
 venerabilidade; q' magnificencia, em de  
 e colla, e m'ltang; ali a Academia de  
 Platão; de xipato de tri, e tely; de alla-  
 deo, e de oco; o Museo e de Alexandrina q' con-  
 tinha em si, sua Temple como he uida-  
 te, dotado antigamente de inextinguivel rigue-  
 za, e patrodinada por ferar, e mai, Inyja-  
 radore, q' sendo o Barbaro, yello, utiq, cui-  
 dado da in, treua da Republica, duvia  
 alla hoje seu illogio, q' justamente mere-  
 ceria por aq' de sempre louvado. Famao

Fabricio 1618.

fa  
 de  
 fe  
 me  
 de  
 em  
 jo  
 di  
 va  
 na  
 di  
 da  
 vi  
 na  
 sa  
 na  
 No  
 side  
 da  
 Co  
 do  
 i  
 a  
 Pla  
 tro



Suaes embora o Monarca trofeo do seu pa-  
der, gloria-se na sua vaidade; e nullo da  
felicidade publica tambem do seu barão to-  
ma a memoria.

Ostenta de breves e melancolicos de belyoso  
amboli onde a mantindao do seu theatro, posto  
profundamente allago: tudo isto, em si, q'ouvi  
dizer = a lusa = erao Epitheta, gerac q' de so-  
verbaes por o theatro, e se certavao lura-  
ria, comtado q' genera de objecto em gelypo-  
fia e tudar: ali, digotudo, o melloi lura, to-  
da a memoria do tempo, toda a preuo-  
vidade, rura, da natureza, e do q' nullo de  
natureza, da uiancia, e este do lura  
segura uao p. nullo de aprender o q'  
nao conuem ignorar.

Noftudo da variedade do engenho naõ se con-  
sidera o meteo, e pedre rura, na theatra  
da comvaria, figura, emblema, symbo-  
lo, typpo, sig' e rura, com o q' a rura  
doftudo anda sempre unida: nada se ma-  
i agradavel do q' ver o retrato do antigo  
Klaro; contemplar enigma, condeser  
trofeo, ver a fazanda, clouure, deiza















Concebi oq' eu nao posso explicar: offensa-  
mento ecedam a expressao?

Simbomem te lue imperio q'ao Fenicia, ou  
Grega; condece lueo eate mundo, eave lue  
voo q' mudamente hebrada. q'alem d'ou  
verdadeira adia antiga existencia, hea  
quillo q'ia de maij m'p'arioro, eoculto no  
l'io q' agrado, naonde m' l'umase referida a  
causa Divina.

Para mostrar dignamente q'to posto, me vejo  
p'ncisado a servir-me de experiencia.

Sabemo q' aligora maij antiga euniver=  
sal domundo fo a Hebraica, e q' nella se con=  
tao na l'istoria sagrada a victoria de Josue  
apocessao da Palatyna, e o f'allo do Fenic=  
cio: tudo isto confessa o Judeo, concede o Kou=  
ro, nega o circensato e Katecalizta:  
Coagui por m' m'illares de annos a l'ra ma=  
toj paravao sobre q' m'ente, de Lusitania pe=  
tra Hebraica, Fenicia, cujo glorioso de cu=  
brimanto reservou o l'itro e q' d'ivello de  
l'um Plavde, de l'um Corio, de l'um G=  
taco, e l'itro m'

Glorioz Cadmo, q' felia avorio de cobrimento!



Abundancia Divina em fenixivivencia  
dele nta, e baco, e praxandou de tempo  
de vorador, vey de tenou adocubeta de m  
vobem afirmave, qdissa vana m d'at'gal  
Lumia mai helle q' odotriuso de coruq;  
tado dactria em Babilonia: ditos q' q' vey  
entende m! Euvou de p'etas avoa an-  
tiguada, reconleudo nella m'to verda-  
da da g'rada Esriptura. Al! aqui de cu-  
bro alingoa de nta em d'ivento; caracters;  
D'victoria contra o materialismo presu-  
mido! Que immensa lambranca, e g'ra-  
da, e p'cio; t'rao m'la alma! Seria q'te  
op'dis de b'p'is! Uho sem fundamento q' q'  
zu mirao algu; q'te se abra em q' g'ra-  
da verda- penetrar mai; odijcurto.  
Creo v'ing, s'nt, d'at, q'te reflexao; aut'loria-  
da; por sua antiquidade? Voz m. de com'ta-  
q'te multido de notia; em metan'o de mo-  
rado, fortalves emeou; menora de q' v'ou  
adites.  
Era ng' primario deculo de tempo q'd' q'  
Fenicia; primeiro q' todo; principiarao  
a povoar a costa; da mediterraneo, nave-

na  
cae  
par  
u  
pre  
nde  
zen  
ma  
nlo  
me  
e  
tira  
p  
de  
q' m  
de  
tem  
a lig  
sac  
tum  
rida  
y te  
cao  
ty







aquella idea, dos ajuntados tiranos, e dos gravados por  
ambicao e falta honrosa, impia, e veneravel; ai-  
xai aquelle cruel monstro de tido de ordi-  
no q' comprehende de defender a innocencia,  
e de cu mai feror agredor?

Vede agora a natureza de primeira humanida-  
de; a natureza da vida vigilancia; e a sa-  
pido de a nutrir com a de ordm dos homs;  
q' humana interior! Que paz publica;  
q' segurança; e q' officios a conservar  
o obego!

Ex aqui a primeira lingua do homem seja  
nos clama q' primeira lei q' decreto da  
natureza: a liberdade publica e a pri-  
meira lei = a lei publica prior a lei  
sit = a lei fundamental q' ainda q' con-  
tio nao renuncia. e sim, com mai  
providencia e a de vida gravada em  
su grande madre mandado fazer pelo  
Concelho. q' prohibe alterar, ou subtra-  
no, a juntamento na jurisdicao do Rey  
monte. Al' em n, nao vo parece q' o  
caminho p' chegar ao fim q' se deseja?  
Como se conseguira o obego publico, e a m de



da p...  
el: ai...  
ndai...  
ancia...  
arida...  
issa...  
longi...  
licia...  
arar...  
a loja...  
to da...  
p...  
lex...  
gan...  
uaj...  
am...  
p...  
has...  
e...  
te o...  
eja...  
m de

de precaverem q meiq q castrinao? Depei-  
taveiq legisladore, qo p... praticos d...  
cer p... d... e... aofim d... d... d...  
mem; p... q... q... q...  
so monty tao q... q... Cidade q...  
usurpao q... de... q... q...  
recevem, a... q... falta imitar...  
gente aquella, q...? Gente civil, ce...  
q... q... naq monty, q... q...  
contee m... q... naq q... d...  
gare; e... a... q... q...  
simple? a... q... q...  
q... q... q... q...  
sim como q... q... q...  
aguardar.

Attequi a... o... do... q...  
do... q... q... q...  
fazello injustamente... q...  
b... q... q... q...  
q... q... q... q...  
q... q... q... q...  
q... q... q... q...  
q... q... q... q...





Filosofo q' não sabendo arranjar sua casa, que-  
rêmos governar a de outo.

Outra pedra de escabro q' contém a traça  
em q' se manda ajudar a planar o cami-  
nho do monte. Nellas se vêem os bens  
de riamente cuidava na publico felicidade  
de, zellando q' caminhe p' a communicaçã  
doz domos; q' proseguir q' domang. e sem  
extorquir em p' outo fim q' d' inleto q' de  
gento de baixo de lum p' retento q' nunca  
se cumpra.

Não a rã, s' m' a tepla q' gente de provar  
a paciência no de p' do q' requirimento;  
não p' tendia q' o q' se for t' uen q' p' m' si-  
reito de offensor, coggravao q' se dá na  
propria de f' era, ou na da l' onra da o-  
cidade humana; p' portante mandava al-  
ti p' prendo q' não merecia ter liberdade.  
Vêo, s' m' q' uão artigo de mandarem q' de p' o-  
ra, caberem de; e n' q' se olem q' aquillo de  
livanta, q' de se nomundo de tentão de siste-  
ma da igualdade, e não contexto com a  
s' t' t' e, inerjaã adq' maij, p' revertendo de  
p'eito da natureza, e venerando q' gerangiz



de greja, e de publica; ad eorum comerecimen-  
to, et timore et passio, ac ardua et piossi-  
mo; ambua palam queremus per se mun-  
do filiofice novata de confusio, et governa-  
doj ordy ordy.

Entre esta ley enajunto otra de humanida-  
de e de xia qd se e escrita ambua y otra de bairio  
da qual bairio cum qtoque do bairio e nella  
trada gravada sua d'ella, dita com ayncrij-  
cao qd dita qd ofonralto militar daquelle, non-  
ta por quelle se palero a lumben merito  
militar: ja se claro q cada di, trito ter lahra  
troja p<sup>a</sup> ad offender, se xvir promptamente.  
Condeimantq pomporq, e p seiq brillan-  
ta, nada falta p<sup>a</sup> nobreca e antiquidade de-  
ta p<sup>a</sup> qd, outra do p<sup>a</sup> m<sup>a</sup>iro Grego mix-  
to com alq<sup>o</sup> caractere, finicio dita qd Cro-  
na sey cultivada, e p<sup>a</sup> qd qd e xvir.

Exaqui sum auctantio reto do gover-  
no do p<sup>a</sup> m<sup>a</sup>iro genere humano, tao e abie q  
amjad roe, publico gravava a ley p<sup>a</sup> to-  
do qd e veram: ley de e tellotao puro qd qd me-  
mo do manq o imitarzo na sua dose abo-  
e qd qd fixerao e qd qd qd e reverao p<sup>a</sup> qd



seculo, e millares de annos, e seringueira de en-  
tenderia? Não, não, o carvão do seu espirito  
nao jodia e subministra a luz mai nobre,  
e magnifico p.<sup>a</sup> a posteridade e a patria  
em maravilloso modo como se experimenta  
e p<sup>o</sup>primeiro nome do mundo. Eu melancoli-  
camente pensando a antiguidade, e deixo  
estes seculo e a posteridade, e a posteridade  
noteseculo.

Agora, Sr. de moremora, naquelle pri-  
meiro dia, superior, e a p<sup>o</sup>lle deueda ao  
expendio da etna, na perfeicao da decri-  
pção, da noticia do governo, e riqueza e for-  
tura do pais. Da cerimonia do Pito, da  
preciosa memoria do o flaktire, e da vi-  
ctoria das Religiao. Atqui, Sr. de, aqui q<sup>o</sup> no-  
tavel traço da antiguidade, e da florenti-  
simalidade na contribue materia p.<sup>a</sup> a um  
magnifico quadro. E de tempo, ea forra do  
meu engenho me não faltarem?

Eufalaria do Sr. Rome, q<sup>o</sup> na sua obra an-  
tevirao de longa e dia, de m<sup>o</sup> seculo, e p<sup>o</sup>.  
elle se preparava com engenho, e arte,  
Eu vejo e q<sup>o</sup> uing subterranea e humegao



Junge grandeza na idade, perfeição na arquitetura,  
 tura, riqueza no adorno, e no decorado de  
 as das artes; e a beleza tudo junto; e tal  
 ra ainda rica de preciosos monumentos, de in-  
 críveis, e edifícios, e de mto, mil arcos ain-  
 da não canca em q' mtoas. Cidade affetua-  
 da q' deve toda a sua grandeza aocuidade do  
 Rey, e do q' ainda guarda de q' q' q' q' q'  
 e admira q' q' q' q' q' q' q' q' q' q' q'  
 rejare q' q' q' q' q' q' q' q' q' q' q'  
 rojam q' q' q' q' q' q' q' q' q' q' q'  
 de perdam q' q' q' q' q' q' q' q' q' q'  
 de meoma da preserva; e q' q' q' q' q' q'  
 e ta frangueira corre, e fonda, e aconceda  
 de rinte, e nada de q' q' q' q' q' q' q'  
 jo. Evora, na d'ive cora alguma d'atua  
 grandeza de pultada, e algum dia de vix  
 aluz, então de calgre munda alma, e sou-  
 ver q' q' q' q' q' q' q' q' q' q' q'  
 Orem tempo de ja, e mto, de q' d'atua q' q'  
 lida de q' q' q' q' q' q' q' q' q' q' q'  
 toria, averda e mto q' q' q' q' q' q' q'  
 ma tambem a fabula do q' q' q' q' q' q'  
 qual de illytra mto q' q' q' q' q' q' q'



nome do Polo Flamy e m. zedial, o. Seronimo  
 otira defabula de tonij; e am m. a. v. e. t. e. m.  
 Resdoto, e. Cyrilo o. septo do l. ay. 18 de maio,  
 = Qui mittit in mare legatos, et in vasis paupi-  
 ri super aqua =. e. q. u. i. n. d. a. n. o. t. e. m. p. a. d. e. t. e. u. l-  
 temo adre praticavao q. alexandring; e.  
 Seronimo narante a chamo orada, prova  
 q. na escriptura e m. t. o. l. e. y. a. n. t. e. q. u. e. p. u. l-  
 l. e. n. o. t. e. r. i. a. d. e. g. e. n. t. i. n. g. n. o. m. e. m. o. c. o. n. v. e. m. P. l. e. o.  
 docto no q. d. e. l. i. v. r. o. d. o. c. u. i. t. a. d. o. d. o. g. e. t. u. b. o.  
 g. r. e. g. o. e. u. z. e. l. i. a. e. t. e. t. g. g. t. i. n. o. n. o. g. l. i. v. r. o. d. e.  
 civitate dei.

Eufallo aqui de um verdadeiro christão q.  
 não tem a traquia mai, q. ad religião, q.  
 não de qua. a. t. r. a. q. u. i. a. m. a. s. i. m. a. q. d. e. e. v. a. n. g. e-  
 l. l. o. e. q. q. u. i. n. d. o. n. a. o. a. t. e. i. n. t. e. r. e. e. m. a.  
 a. t. e. o. b. l. i. g. a. c. i. o. n. e. f. e. r. e. n. d. o. t. o. d. a. e. c. o. n. s. u. a.  
 a. o. s. u. p. r. i. n. c. i. p. i. o. c. o. n. s. e. r. v. a. a. r. e. l. i. g. i. o. n. e. p. a-  
 r. e. e. a. l. l. a. a. p. e. q. p. o. i. o. b. a. c. e. p. p. o. r. e. l. l. e. m. e. m. o.  
 e. v. o. g. l. e. m. b. r. a. r. e. d. o. p. o. v. o. d. e. i. s. r. a. e. l. d. e. i. c. i. c. o. n.  
 a. d. g. r. a. d. a. e. s. c. r. i. p. t. u. r. a. q. n. a. o. e. t. e. d. e. t. e. f. a. r. a. n. g.  
 P. o. l. o. d. o. e. g. i. p. t. o. m. e. t. a. m. b. e. m. l. e. v. o. u. o. a. u. r. o. e.  
 a. l. f. a. n. g. p. o. r. a. u. t. h. o. r. i. d. a. d. e. D. i. v. i. n. a. p. a. o. e. t. e. r. v. i. s.  
 i. o. d. e. e. q. v. e. r. d. a. d. e. i. r. o. a. m. i. m. n. a. o. l. a. e. t. e. n. a.



onimo  
 tam  
 sua,  
 maji-  
 te ul-  
 q: i.  
 nova  
 pella  
 deo-  
 tuda  
 lora  
 ita  
 ai  
 vana  
 e, ma  
 coura  
 ao pa-  
 ma mo-  
 i com  
 tara  
 uro, e  
 bria-  
 to na

na gentilitate mentira, fingimento q' deve-  
 mo detetar, ma tambem arte libera, p<sup>a</sup> ouso  
 da verdade, autaj proceito morae, com q' se  
 achas a q' se a q' se de adora cum o de q' q'  
 te, deve ofortao? Deo q' p<sup>a</sup> ouso de adora-  
 gello, como proceito auro e prata, na q' fi-  
 to por elle, ma de purado de metae q' ad i-  
 vna Providencia d' amou por toda a pas-  
 te, e q' ella injuriosamente abusa p<sup>a</sup> obra  
 quia d' demonio.

Quedouada eloquencia em Cypriano d'  
 ma da erudico, e martir de Egipto? Quante  
 brilha em Victorino, e Hilario?  
 Moys, maj artejo, q' se no instruido em to-  
 da ciencia do Egipto, continuamente  
 caminhou p<sup>a</sup> a contemplao d' deo, for  
 concluso q' se nao lara regeitar a externa  
 erudico da escriptura. Otre, o fustado  
 Manesio, como refer Daniel, esse mo-  
 no eminente na ciencia, alio q' *Alph*,  
 penetrava a doutrina Divina, origina,  
 animo compenla todo os curulla no Romil.  
 2<sup>a</sup> do budo. Exuditio ita communij ratio-  
 nabilij, scientia omne, instruit, omne fo-







facilmente extendam-se varias, notuissimas, das  
 gradus. A mesma profunda intelligencia faz  
 ver q' ainda q' não concordam com o q' antes,  
 a esta notuissima m. a. aproveitam-se com o  
 sermão q' se pode distinguir a diferença q' se  
 q' de comparação da inflexão p. a. melior, não  
 de oitão pouco, quando m. a. vese q' cousas  
 frequera, janta, facem ornato a maior.  
 Esta reflexão duplicada a razão da materia, ao  
 modo de folhas q' ornado q' a maior, ainda q'  
 de q' pendão fructo formoso: a mesma di-  
 xencia q' a maior, de q' fructo, dando nota  
 da de oitão exterior, esta com o lango  
 faz a gradavel a dita.  
 De tudo isto conhece, d'isto, q' não se pode dar  
 mais nome, idem de q' se memore q' for-  
 mado de q' a maior: elle, no abirreio, ou a  
 minto mostrando a estesa do q' se com  
 de q' pravam na ciencia: como a abella,  
 q' utilmente visita a flor, tirando do  
 d'ella, o seu melificio: e não devemos usar  
 do q' de q' a fabula q' no for provitosa, re-  
 jectando o inutil como o q' se inha da flor, q'  
 colhem.



Lib. no. c. 317.

d'utib' se lex q' d'genti' do genti' p' comale con-  
 firmar' a nra, verda' de nra p'rouz do p'ni-  
 migo a novo favor. De ta' sorte, como d'ic' e.  
 de Julio, de l'ipio d'ritas e de t'loria  
 na c'ancia externa, como a Virg' em di-  
 versos c'os. Tal e a sorte do l'ino a t'ra  
 jano; onde se vive a g' d'ritas e l'ipio, como a  
 cramente, p' nao fozere mal, nem fur-  
 to, ou l'ra c'icia, adulterio, perfidia, ou ve-  
 gas divide a t'ra e domo. Que historico  
 credito da nova d' l'ipio tirado da c'os-  
 tao g'rita por se' inimigo?  
 Que admiravel estudo da d' d'ritas do gen-  
 t'io! Em c'ad' d' d' l'ra, se encontra sua fa-  
 ica da l'ra natural. Que luminosa, im-  
 p'ced' fozem na alma; e q' fozem de  
 no p'ra a mente q' d' p' l'ra e de l'ra  
 g' d' l'ra, da v' e p'ra a d'ra da immor-  
 talidade da alma, e a t'ra da divina  
 d'ade q' se p'ra: all'ia parece q' p'ra  
 figurado no Campo d' l'ra, e de l'ra  
 no l'ra, como d'ic' Virgilio  
 Haec t'ra, veniet mihi fama sub imo.  
 All' d'ra a t'ra, e de l'ra p'ra

ye  
 da  
 da  
 ri  
 me  
 ta  
 fu  
 ta  
 Fu  
 co  
 ete  
 me  
 nre  
 can  
 ar  
 da  
 af  
 p'ra  
 me  
 ran  
 da  
 un  
 na  
 de







carniceiro, Monarca, impio, Comte, diabolico,  
 tudo mequinario, nada velle condeco  
 p<sup>o</sup> extinguir o brio, tiar o mo: na mais de  
 te me venas lavantao padroes gravan-  
 do nelly imaginaria victoria, reconstruao  
 de u<sup>o</sup> como aempheis loventog. Ma  
 de u<sup>o</sup> figure, e n<sup>o</sup> q<sup>o</sup> a Igreja estava co-  
 tineta, outao pobre, como se de u<sup>o</sup> filly  
 ingratog aderjao fazer: esta alma casta  
 nunca teve mais certa sua victoria doq  
 nonai, de xiquinolento combate, nem se  
 ra mais tua, capulento, doq q<sup>o</sup> sinve-  
 ja, cambicad tentax a guacalla. At<sup>o</sup> cu-  
 aque a abominacao n<sup>o</sup> se separa tanto. Qual  
 he o delecto q<sup>o</sup> cometeo nona e Mag? etia  
 se he porng lavar da mandia, recedario q<sup>o</sup>  
 de u<sup>o</sup> braco a p<sup>o</sup>na nace mo; envenenog a  
 ley dal abracio; etia por nona, f<sup>o</sup> teira,  
 calnia; e se o venog, amnona, n<sup>o</sup> venidas  
 de, auja, portog, entao bino, baten? de  
 fore dum inimigo, dum idolatra e obo  
 quem nao se plandeco alus do lvarge  
 No q<sup>o</sup> fereve eta a fronte, ayolpe nao venia  
 tao d<sup>o</sup> neivel; ma q<sup>o</sup> geratog na Igreja, filly



violu-  
noca  
a dy-  
ravan-  
sumiao  
atlae  
va op-  
fily  
cata  
adod  
misa  
inve-  
ti cu-  
Qual  
dea  
ag no  
mza  
tura,  
mias  
de  
bon  
ange  
Eria  
fily

da do q' se, da deing, da deo, e p' a t'ia p' a t'ia da  
gracia: e q' uel q' m' d' r' i' t' o' f' e' r' c' a' m' e' d' a' s' u' a' r' a' r' =  
ne, m' a' d' o' q' d' e' u' o' n' o' q' d' a' n' g' u' e' d' o' s' u' e' a' n' g' u' e' e' s' t' =  
u' m' e' m' b' r' o' s' p' a' q' u' i' u' n' i' u' s' m' a' i' s' i' n' t' e' i' r' m' e' n' t' o' a' =  
s' i' : e' p' o' n' i' v' e' l' q' d' e' j' a' s' i' t' o' q' u' o' t' a' n' t' e' m' r' a' d' e' =  
u' i' a' m' i' s' e' r' i' a' q' e' s' t' i' n' i' t' o' s' q' d' e' m' p' r' e' o' r' a' p' o' r' =  
e' l' l' e' s' e' l' i' o' q' i' n' t' r' u' m' e' n' t' o' s' e' m' e' d' i' a' m' i' n' g' p' o' r' =  
q' m' a' s' i' n' d' a' m' a' t' o' s' q' p' a' s' k' u' l' d' o' s' p' o' : E' p' a' s' =  
q' u' i' o' s' m' e' s' e' r' i' n' t' e' r' r' o' m' p' e' r' a' q' u' i' p' e' r' d' e' q' u' i' s' i' t' o' s' =  
a' r' t' i' g' a' d' a' s' p' r' e' s' m' i' n' d' a' c' a' r' a' e' l' l' a' s' q' u' o' n' =  
c' o' n' t' i' n' u' a' r'.

De p' r' i' m' e' a' d' i' m' p' e' r' a' d' o' r' D' i' o' c' l' e' t' i' a' n' e' s' o' l' i' =  
c' i' t' a' d' e' i' x' a' r' a' p' o' t' e' r' i' d' e' h' u' i' a' s' t' e' r' n' a' m' e' m' o' =  
r' i' a' d' o' s' u' e' e' n' g' u' a' n' o' q' u' a' r' a' n' d' o' a' u' t' a' n' g' l' o' r' i' a' d' a' t' e' s' =  
c' o' n' t' i' n' e' t' o' s' q' e' r' u' i' t' a' s' : E' s' t' e' p' a' r' t' i' o' q' u' a' s' m' a' i' s' =  
h' o' n' o' r' a' a' d' o' s' t' r' i' t' i' a' n' i' s' m' o' d' a' q' u' i' s' d' e' v' i' l' i' g' e' n' =  
t' i' o' n' o' s' d' e' v' e' n' i' n' g' a' n' t' i' q' u' a' r' i' o' s' q' u' e' r' e' =  
c' e' n' t' a' r' i' o' n' o' v' o' e' n' p' l' e' n' d' o' a' d' a' t' i' g' i' a' s' o' r' d' e' =  
d' e' o' n' t' a' e' a' d' o' f' i' c' i' o' f' e' r' i' t' e' l' l' a' s' p' r' e' s' b' i' t' e' r' i' a' s' e' s' t' a' p' o' r' =  
e' l' l' i' n' a' v' e' r' d' a' d' e' e' l' a' n' g' u' e' d' e' c' h' a' r' i' t' e' r' i' s' d' e' m' =  
p' r' o' p' r' i' e' t' a' t' e' d' o' s' t' r' i' t' i' a' n' i' s' m' o' : s' e' c' o' t' e' m' =  
p' r' o' : e' d' e' p' r' e' v' a' c' a' o' d' e' d' o' u' t' i' n' a' s' t' a' n' t' a' o' f' f' u' c' i' a' s' =  
v' e' r' d' a' d' e' s' a' n' t' o' s' q' u' e' a' n' t' i' q' u' a' r' i' o' s' c' o' m' o' e' t' n' =  
j' o' s' d' e' d' e' o' d' e' p' u' t' a' d' o' s' p' r' o' : t' e' n' e' o' r' a' s' i' n' a' g' l' o' r' i' a











religiosa, vore = a natureza tudo falla entre  
si com consonancia, q' bem merce toda  
ella non se cuida q'. O entendimento neto  
assumpto de gloria p' Deo, e luina de  
occididade, Sabedoria e Comenda, por  
soa dotada de virtude, utilidade, p' o  
publico, ditamente e sempre q' m' e  
pella natureza, e l'p'ita. Eviden-  
cia Divina. e. Basilio diz q' sum fano, e  
qualquer erro pode exercitar toda al-  
ma meditando sobre a arte q' produzis.  
O. Longo, e Hippotolias tambem uno de re-  
nunciamento naturae, p' a servirem a de-  
u, p' a natureza de doutrina Religiosa.  
Esta vore do nono e l'p'ite, e l'p'ite me  
vore, prodigiosa, vore q' de p'ena se  
fazerem ouber no meio de coracao hu-  
mano; vore formidavei q' fano de  
mayor toda a contradicao. Oq' fano de  
producao da natureza de p'ois de ter o  
do sua virtude util, p'ora tambem a  
de ser hum exemplo de velle, a vore de  
avita ignorancia e m'ly, e adu p'ora  
cao em outro; op'ao p'ora de sub-



Submetta a ignorancia, por não saber; e  
 rios, porquisição e sentença ao acido tan-  
 to mais livremente, e semeng' saber; po-  
 remos estudios q' convertem a seu exple-  
 dor, ja não a mais curso mais legitima-  
 vel q' q' de cobrimento de oculta verda-  
 de. Dello ciencia da natureza o estudo  
 se sempre para si, e a natureza nomeando; ca-  
 aqui sum nome em a natureza se o estudo de-  
 ber: neste se vem douz oração, unido q' de ai-  
 ignorancia se para; lembrado douz deve ai-  
 mesmo natureza queca. douz deve a proximio;  
 q' se de se q' ordenado q' da a natureza da sua  
 conduta; e por sum ita trabalho lison-  
 geia seu, cuidado, e se se faz a natureza q'  
 q' fertilizar: elle produzira a natureza se gre-  
 de q' se no q' lison q' de a natureza q' expeem co  
 natural liberdade; na natureza de seu  
 estudo ouve a maravilhoza natureza; nada  
 se da natureza em se a natureza, tudo vem a  
 sua presença. Que o estudo de a natureza  
 vejo sum nome em natureza q' trabalho em en-  
 tender o que; sum amigo de vida q' a-  
 juntando em o reflexo, de a natureza,



avaria pela numerosa ciência devida; pe  
 com luum conselho maduro de sobredesconhe-  
 cido e segredo, do bem, do mal. Que falta?  
 Inútil, e enaço de voz, peça enorme de anate-  
 resa, e de esta rogando.

Ita' alem narração me condna naturalmente  
 omni objecto! et uidade e adulara, e aca-  
 saõ triumphal. Que maravilha! Quem bre-  
 sa, quem brese e puzido, e sua affrontosa  
 ignorancia faz o luum com depresso, aien-  
 cia da natureza, e da antiguidade. D'im-  
 mortal! E que cara aminda não direita  
 de isto e breve, e seu menço lembra de voz.  
 Quanto mixta alma se crebata noj immen-  
 sa e puzido de foz e de macobre, tanto de e luy-  
 ma admirada no controlido may minimo  
 de puzido meo peo; tudo omay miuro na sua  
 combinação, e contextura, meo parte a  
 sua de grandosa infinita. Eu glorifusao  
 criador pela sua creatura, admirando a  
 graça, e enlejo como teuo a natureza; e  
 por elle recondeio a existencia de luum de  
 e de adoro.

Quando vejo o Sol, e a lua, e a terra, e a  
 e a vida, e a morte, e a natureza, e a  
 e a vida, e a morte, e a natureza, e a

o que  
 nua  
 não  
 tre  
 de  
 ome  
 Qua  
 bar  
 da  
 ehu  
 to q  
 mem  
 terru  
 ao q  
 che  
 pora  
 illeg  
 inu  
 le, in  
 tane  
 circ  
 faga  
 car a  
 to, a







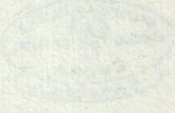
Religião tem a conveniência mais útil: avonã  
Foligencia devidira a recompensa de hum bom  
de tanto proveito. Deixai aoe, piroto le-  
varse aq ultimo conhecimento; avonã  
hum gozo virtuoso a quella victoria de an-  
tiquidade; descobri novas verdades; perse-  
trar segredos; e conhecer a inda tria do lu-  
mano expendo. Deixai a la ao applaudir  
na sua victoria, e firmante na santa ver-  
dade do triunfo da Religião; levantai os  
ylnos e sobre o inimigo vencido; deixai  
a ventura conhecer os vencedores nella ma-  
ravilhosa luz de natureza, na brilhante  
do clay e virtas; na sua harmonia; e naquel-  
le dequido onde a negligencia mais casual  
contem maiores admiracões; onde o nome de-  
figurado he mais engracada, e encantadora  
figura: hum descobrimto produz mil de co-  
brimentos; sua utilidade liougea; o hum  
trabalho recompensa  
Conjuncto, veneravel, edalio, e lito q no ca-  
da, literaria, com viva, e persuasiva elo-  
quencia elloquencia consagrai digoolly im-  
mortai; nella instrucão da mocidade; pe-

pu  
col  
na  
ed  
na



jurificati q' erro' demandicuro. Owing, e  
collega Ebovensis q' experimentalis op'ator  
nec effectus docu' exacto nullo, exto'illa  
causis deaplausu, j. e. q' p'p'ri' scencami-  
natio scencaminatio sua id'q'.

Dile.



# Transcrição

Feita por Nuno Ramalho e Guilherme Vilhete para

PEREIRA, S. M.; VAZ, F. A. L. (coords.) (2012b) – *Antologia de Textos da Universidade de Évora (1559-2009)*. Lisboa: Chiado Editora.

Partindo da comparação entre ambos os manuscritos (Oração de 1753, Oração de 1791) e respectivas transcrições, tomou-se a iniciativa de corrigir algumas palavras e/ou passagens que crê-se não terem sido bem interpretadas. Encontram-se assinaladas em notas de rodapé na transcrição que se segue.

Oração Académica sobre a História Natural e Antiguidades

Recitada na Cidade de Évora na Universidade na 1ª Oitava do Espírito Santo em 1753

Oração Académica a promover a afeição e estudo da História Natural e Antiguidades; recitada na Universidade de Évora na 1ª Oitava do Espírito Santo em 1753<sup>1</sup>. Primeiramente colegas, e ouvintes Eborenses, eu rogo a Deus imortal para que quanta afeição tiveram vossos antepassados (cuja memória hoje honro) às Artes, Ciências, Costumes, e Religião, no que vos deixaram feliz, esclarecida, e perpétua lembrança; e porquanto seus imitadores são distinguidos entre os mortais no testemunho da História, na confissão da Antiguidade, e na honra da virtude; a mesma humanidade continueis a praticar com a vossa benevolência na matéria que vou a tratar. O que sendo assim, é justo me ouçais discorrer do estudo da Antiguidade Sagrada, e profana; no que se eu disser cousa útil, será conveniente abraçá-la; porque falando eu para o vosso aproveitamento, pode colher o que vos agrada. Certamente este tempo não só vos fala com a voz, que todo o homem deve, está obrigado a conservar as memórias que seus antepassados lhe deixaram cuidadosas, se os quiser conhecer, imitar, e honrar.

Eu não venho pois aqui a comover-vos por meu discurso, mas instruir-vos por exemplos; e eu vos exorto hoje não a seres completos sábios, mas a imitar os varões ilustres, e espertar nos vossos corações a levar-vos de esfera, em esfera, e correr a radiante escada da natureza, e dos séculos passados .

Quando se tomam por assunto discursos mundanos em que se não pode louvar mais que o fim, dificultoso é que se não lisonje<sup>2</sup> a vaidade, ou ao menos se não confunda com a virtude, e que sem reparo se não incense o mundo com os perfumes devidos a Deus. Graças ao mesmo Senhor que hoje me vejo livre destas dúvidas e receios. Eu falo de uns espíritos abençoados que fazem um contínuo preparo para abrilhantar a sagrada Religião; eu falo para uns Apóstolos que devem aparecer no mundo como luz que cintila no quadro da Igreja desejando aperfeiçoar a profissão do seu instituto na indagação da Antiguidade, e natureza, para com maiores conhecimentos ilustrarem as ciências Divinas; pois quanto maior for o trabalho, o prémio será mais distinto; que a muitos, faz as fadigas mais amadas que a própria vida.

À vista da natureza, e do engenho humano criaturas de Deus; à vista dos Ídolos, e Deuses tutelares do Império debaixo de seus próprios despojos derrubados; à vista de todos os esforços da política do poder dos Césares, de todas as subtilezas da Filosofia, de todo o furor das perseguições: à vista de tudo isto, vou arvorar o trofeu da sagrada Religião; escutai-me, enquanto eu trabalho em seguir os passos daqueles respeitáveis sábios que dignamente já tiveram<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup>Não apresenta esta primeira frase.

<sup>2</sup>“lisonjeie”

<sup>3</sup>“disseram”



tudo neste lugar.

Na lição da Antiguidade, Deus imortal, que superioridade; que magnificência; que fundamento para a História Sagrada; que conhecimentos das regiões, e lugares, que honra, que artes; que costumes; que erudição sagrada, humana; que imprevistas mudanças da natureza, e desengano do mundo!

Todas estas grandezas se compreendem na História natural, e as Antiguidades; e não direi que o seu estudo é somente o conhecimento da Física natural, dos sais, sucos oleosos, pedras petrificações, cristais, minerais, metais, plantas, e todas as mais produções maravilhosas da natureza: eu me esqueço de todos estes magníficos objetos; ou melhor eu os ajunto todos a um estudo de História natural, é estudo de todas as ciências, para conhecermos a Deus, sua Religião com a utilidade nossa, donde provêm fortes razões para nos aplicarmos a ele.

Com efeito, Senhor<sup>4</sup>, que apinhados conhecimentos me traz à memória a História Natural, e antiga; ela nas produções da natureza me representa a grandeza de seu Criador; nos Ídolos, a felicidade do Gentilismo, e a verdade da nossa Religião; nas inscrições profanas, a erudição das línguas; a história dos séculos passados, e a notícia das fábulas: nas sagradas inscrições a autoridade, e poder de Moisés, as vitórias de Josué, os castigos dos ímpios; a fraqueza dos Impérios; a alternativa da fortuna; o abatimento das presunção humana; o zelo, e intrepidez dos Mártires, um glorioso argumento contra os delírios da arrogante filosofia, que duvidando das verdades, nega tudo por efeito da própria fraqueza que em si desconhece, que bem; que utilidade santa! Quantos gozaram desta majestade nas letras! A quem deveremos tantas venturas? Mas para onde me arrebatarem? Para onde? Para que possais entender que não há eloquência, ou alta erudição que possa, não digo aumentar, ou ornar, mas sim contar a grande multidão de venturas que os Lentos, e Acadêmicos desta Universidade têm conferido a todo o Portugal, e prossegue a felicitar a toda esta Região?

Por tantos bens, se fomos nascidos de nossos pais, e criados por eles, por esta Academia nos fazemos sábios: se eles nos deram heranças; esta Academia as anima fazendo-as mais úteis: se recebemos a natureza prevaricada neste século; esta Academia sempre firme na Tradição Sagrada nos tem conservado na pureza da Religião. Deus imortal nos deu luz, novos<sup>5</sup> Mestres, a têm feito brilhar: muitos mais destes<sup>6</sup> recebemos do Criador que se não fossem as solicitações do amor, desvelos literários dos nossos Mestres, e carecíamos por certo do uso dos benefícios Divinos: assim úteis sem interesse, virtuosas sem a tentação<sup>7</sup> seguem<sup>8</sup> em todas as suas ações, e desvelos, outras regras que o complemento do seu instituto; não olham a outros fins que a utilidade pública; não querem outro prêmio que desterrar a ignorância fazendo sábios que aumentem a Religião, o homem e a pátria.

Vós sábios Mestres me obrigastes a discorrer sobre o proveito do estudo da História antiga: portanto eu deixarei aos belos engenhos dos meus colegas que publiquem as elevações dos vossos espíritos, e virtudes: deixarei as almas grandes que da vossa erudição fazem as suas delícias, gravar eterna memória das generosidades incomparáveis dos vossos ternos, e humanos corações: eu sempre obrigado, e distintamente por vós favorecidos<sup>9</sup>, por não parecerem diminutas as minhas expressões, confesso que não podendo alcançar o rápido voo das instruções que de vós tenho aprendido, não chego a dizer tudo senão por meio de um silencio suspenso, sepultando-me no abismo das minhas obrigações desde o tempo da puberdade em

---

<sup>4</sup>“Srs.”

<sup>5</sup>“nossos”

<sup>6</sup>“dotes”

<sup>7</sup>“ostentação”

<sup>8</sup>“não seguem”

<sup>9</sup>“favorecido”

que estudei as primeiras letras neste sagrado Colégio de de Jesus, onde me liguei com um juramento sagrado, juramento fiel, ação desconhecida nos encantos humanos, e brilhante depois dos dias da vida.

Acho que<sup>10</sup> falei não só da minha causa, mas também em geral que muitos em si têm conhecido, sendo hoje o dia em que esta luminosa fortuna Liberalmente concedida toca a todos solenizar pelo aniversário da fundação desta sapientíssima Academia.

Antiguidade sagrada o testemunha. Entre os Hebreus, que ricos monumentos havia: entremos no Templo, e depois do respeitarmos a Arca da Aliança, sagrado depósito das pedras da lei escrita com o dedo de Deus no monte Sinai, e junto dela admirarmos a vara de Arão em memória dos filhos de Israel; e o Maná do Deserto em testemunho de os alimentar quarenta anos: voltando a vista a ele se oferecem quarenta e outra<sup>11</sup> Cidades dos Levitas, enriquecidas de veneráveis monumentos que fazem o respeito de Israel para quem seus grandes Reis coroavam também o monte Sion com tão famosa Universidade, que S. João Crisóstomo chamou universidade do mundo<sup>12</sup>. O sacerdote Heli quando ensinava os primogênitos dedicados a Deus, Samuel, Elias, Eliseu, que homens, Senhor<sup>13</sup>! Eles tudo sabem, tudo podem; porém<sup>14</sup> a guarda das antiguidades nas suas escolas provam a verdadeira religião; Religião Sagrada onde Deus mandou guardar os testemunhos dos seus antigos prodígios: Religião que conservando seus antigos escritos se autoriza na mais avançada antiguidade do mundo: tanto se empenhava seu zelo a favor das letras que toda a mocidade as estudava da idade de seis anos nas escolas que havia em todas as Cidades, e Províncias.

E se da Palestina nos transportamos à Grécia, que toda à imitação daquela era uma Universidade: que magnificência, Senhor, de escolas em Atenas: ali a Academia de Platão; o Peripato de Aristóteles; o Paladeo, e o Odeo; o Museu Alexandrino que continha em si um Templo com seu sacerdote, dotado antigamente de incrível riqueza, e patrocinado por César, e mais Imperadores, que sendo Bárbaros, pelos úteis cuidados da instrução da República, duram até hoje seus elogios, que justamente mereceram por ações sempre louvadas. Façam embora os Monarcas troféu do seu poder, gloriem-se nas suas vaidades; o zelo da felicidade pública também dos Bárbaros toma a memória.

O Museu da Presena<sup>15</sup> em Roma, o de Betagono em Poli onde se mantinham doze Mestres postos por Constantino Magno: tudo isto, Senhor, que ouvis dizer = Museu = eram Escolas gerais que se governavam por Mestres, encerravam Livrarias com todo o género de objetos em que se podia estudar: ali, digo, tudo, o melhor livro, todas as memórias dos tempos, todas as preciosidades raras, da natureza, e do engenho, da natureza, das ciências, e artes dos homens se guardavam para, neles se aprender o que não convém ignorar.

Nos estudos<sup>16</sup> das raridades dos engenhos não se consideram os metais, e pedras ricas<sup>17</sup>, mas ilustradas com várias figuras, emblemas, símbolos, tipos, e inscrições com o que a recreação do estudo anda sempre unido: nada há mais agradável do que ver os retratos dos antigos Heróis, contemplar enigmas, conhecer trofeus, ver as façanhas, e louvores deixados e os Séculos; e de que nasce a utilidade de com esta lembrança excitasse<sup>18</sup> o desejo de imitar

---

<sup>10</sup>“Até aqui”

<sup>11</sup>“oito”

<sup>12</sup>Nota na margem: “Morf. tomo 1 p. 136”

<sup>13</sup>“Srs.”

<sup>14</sup>“porem”

<sup>15</sup>A leitura é difícil em ambos os manuscritos. Nesta transcrição lê-se “Presena”, no entanto, no manuscrito da Oração de 1791, parece ler-se “Trezena”.

<sup>16</sup>“No estudo”

<sup>17</sup>“nuas”

<sup>18</sup>“excitar-se”

aquelas a quem, o mundo deve louvar, a posteridade, veneração, e a história o seu esplendor. Estes documentos tão respeitáveis são a testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da lembrança, mestra da prudência, e correios da antiguidade que acendem luzes da História, guião para a exata Cronologia. Estes são os nobres motivos que moveram ao Imperador Carlos 4o a estimar a antiguidade, e com próprio exemplo ensinar seus vindouros: os Médicis, a quem as letras são eternas devedoras, ensinaram a estimar as ciências: qual outro Paulo 2o que sendo o primeiro instituidor das Academias, ou Escolas gerais, logo na primeira vista conhecia nas Medalhas, de quem era a imagem cunhada. Estes primeiros<sup>19</sup> cuidados se estenderam também aquela brilhante tocha que apenas se viu, logo iluminou, digo o Santo Padre Benedito XIV, que ajuntou aos seus vastos estudos a gloria de edificar em Roma um magnífico Museu, e Livraria, aumentando-se pelos mais Pontífices, e enriquecendo-se dos melhores Estudos antigos<sup>20</sup>, e ricas peças compradas a todo o custo, onde todos os curiosos se recreiam, lendo inscrições colocadas pelas suas idades e imbuídas<sup>21</sup> nas paredes de uma espaçosa sala que, para dela se fazer ideia, basta dizer-se que dentro do Vaticano, onde tudo é a maior, e melhor que há no mundo.

Ali, senhor<sup>22</sup> se vê um livro aberto escrito em folhas que não rói a traça do papel, nem pode contrariar a pena do louco Filósofo. Eu não temo ajuntar iguais louvores, cujo incenso colho do altar da verdade, à Universidade de Turim, Corte de El Rei (da) Sardenha onde se não pode decidir se aquela Universidade honra mais as inscrições Gregas antigas que estima dentro dos seus muros, do que elas a acreditam? Igual memória consagra a Universidade de Sena que como as mais tem sempre a sua Livraria patente, e suas raridades públicas, que tanto elas em si, como seus Bibliotecários pela sua Literatura, e afabilidade encantam a todos os sábios.

Já me prevenis Senhor<sup>23</sup>, já vosso espírito vos transporta dentro de um a Museu<sup>24</sup>, e Biblioteca: já vos parece ver Ídolos mudos por quem antigamente, o Demónio fora oráculo; ler as antigas inscrições; ver urnas; e ver gigantes e [...] <sup>25</sup>, cuja perfeição faz saudoso desejo dos restos que não aparecem; entender medalhas e contemplar peças esquisitas<sup>26</sup> na arte; admirar as diversas produções da natureza, sua força ligada na perturbação dos monstros, e sua beleza na ordem perfeita.

Já vos parece ver todas as ciências, e artes; mas que espetáculo! Todas estas cousas vos dizem = estas são as ciências e Artes, e objeto do homem sábio, e perfeito = Aqui a origem, e autoridade da Religião; a História sagrada, e profana, os Impérios, os cuidados, e costumes dos homens, suas Artes; o giro da natureza; tudo se faz crível; tudo se vê nestas figuras; aqui os Ídolos mudos estão confessando ser verdade o seu silêncio no que escrevem os Gentios, e Cristãos, depois que Cristo nosso Legislador veio ao mundo: que conhecimentos; que desenganos; que benefícios! Concebei o que eu não posso explicar: os pensamentos excedem a expressão.

Um homem lê uma inscrição Fenícia, ou Grega, conhece um testemunho, e ouve uma voz que mudamente lhe brada, que além de ser verdadeira a sua antiga existência, é aquilo que há de mais misterioso, e oculto nos livros sagrados na ordem humana referida a cousas divinas.

Para mostrar dignamente este ponto, me vejo precisado a servir-me das experiências.

Sabemos que a língua mais antiga e universal do mundo foi a Hebraica, e que nela se con-

---

<sup>19</sup>“preciosos”

<sup>20</sup>“das melhores estátuas antigas”

<sup>21</sup>“embutidas”

<sup>22</sup>“Srs.”

<sup>23</sup>“Srs.”

<sup>24</sup>“um Museu”

<sup>25</sup>“ver gigantescos pedaços de colossos”

<sup>26</sup>“exquisitas”

tam na História Sagrada as vitórias de Josué, a possessão da Palestina, se fala dos Fenícios: tudo isto confessa o Judeu, concede o Mouro, mas nega-o o insensato Materialista: eis aqui por muitos milhares de anos, entre mortos [?] <sup>27</sup> passavam sobre os montes da Lusitânia pedras, hebraicas e fenícias, cujo glorioso descobrimento reservou o Eterno aos desvelos de um Resende, de um Osório, e de um Estaço, e Severim.

Gloriosos Padres <sup>28</sup>, que feliz o vosso descobrimento! A Providência Divina vos fez invisíveis á fúria de tantas Nações, e preservando-vos de tempos devoradores, vos destinou à descoberta de quem vos bem estimasse, e fizesse ver em Portugal um dia mais belo que o do triunfo do conquistador da Ásia, em Babilónia: ditosos os que vos entendem! Eu vou respeitar a vossa antiguidade, reconhecendo nela muitas verdades da Sagrada Escritura. Ah! Aqui descubro a língua Santa em diversos caracteres; que vitória contra o Materialismo presumido! Que imensas lembranças, e sagradas espécies tocam a minha alma! Seria este o país de Ophir! Não sem fundamento o presumiram alguns: esta é a obra em que os raios da verdade penetram mais o discurso. E não vemos, Senhor <sup>29</sup>, todas estas reflexões autorizadas por uma antiguidade? Porém, se com toda esta multidão de notícias eu me tenho demorado, foi talvez em cousas menores do que vou a dizer.

Era nos primeiros Séculos do tempo quando os Fenícios primeiro que todos principiaram a povoar as costas do Mediterrâneo, navegando os mares de que eram vizinhos: a Africa, e a sua Cartago; a Europa e a sua e costa da Espanha lhe devem seus primeiros povoadores, seus nomes dos rios, montes, e terras, que o tempo sempre respeitou com igual fortuna dos seus dinheiros, e pedras que fazem a honra dos dias presentes: dias augustos em que se descobriram as armas de bronze dos mesmos Fenícios! Que testemunha mais autêntica <sup>30</sup> quando a verdade evidentemente a prova <sup>31</sup>.

Mas que necessidade tenho de louvar as cousas antigas, quando demais perto delas recebemos as influências puras, e luminosas dos primeiros Chefes que as comunicaram até o dia de hoje em que renovo a sua memória?

Tais são, Senhores, as pedras Fenícias onde se contém o que há de mais maravilhoso para formar a História do princípio legislativo da nossa Nação, e conhecer a origem pura de muitos costumes atuais; divisão das jurisdições, autoridade, e poder dos Conselhos, ou Câmaras nos seus territórios, e o principal cuidado, e obrigação que neles exerciam.

Apartai, Senhor, de vossos entendimentos aquelas ideias de que a justiça tirana, e depravada por ambição, se faz horrorosa, ímpia, e venal: deixai aquele cruel monstro vestido de cordeiro que com pretexto de defender a inocência, é o seu mais feroz agressor.

Vede agora a candura da primeira humanidade; a inteireza da sua vigilância; e o desapego de se nutrir com as desordens dos homens: que humanas intenções! Que paz pública; que segurança, e que influência <sup>32</sup> em conservar o sossego!

E eis <sup>33</sup> aqui a primeira língua do homem hoje nos clama os primeiros juízos, e decretos da natureza: a felicidade pública é a primeira Lei = Salus publica prima lex est =; Lei fundamental a que ainda o Gentio não renunciou: Sim, com mais providência ela se acha gravada em um grande padrão mandado fazer pelo Concelho, que proíbe alterar, nos ajuntamentos nas <sup>34</sup> jurisdição dos seus montes: Ah Senhores, não vos parece este o caminho para chegar ao

---

<sup>27</sup>“matos”

<sup>28</sup>“padrões”

<sup>29</sup>“Srs.”

<sup>30</sup>“testemunho mais autêntico”

<sup>31</sup>“aprova”

<sup>32</sup>“eficácia”

<sup>33</sup>“Eis”

<sup>34</sup>“na”



fim que se deseja? Como se conseguirá o sossego público, sem se precaverem os meios que o arruinam? Respeitáveis Legisladores, vós práticos soubestes conhecer por onde se chegava ao fim do sossego do homem; prevenistes as ocasiões, e conservastes vossas mentes<sup>35</sup> tão graves, que muitas Cidades que hoje usurpam os nomes de polidas, para bem o merecerem, ainda lhes falta imitar-vos. Que gente aquela, Senhores! Gente civil, e cortês que praticava nos montes, o que hoje se não conhece muitas vezes nos nossos Sagrados Lugares: a cuidar-se lá ainda que os primeiros homens eram simples? Não Senhores; as suas leis não estavam escondidas, nem se vendiam; eles as faziam públicas, e eternas nos dias dos séculos; e todos assim como os viam, também sabiam ler para as guardar.

Até aqui chega o zelo dos Legisladores quando só pretendem que o homem seja feliz, e não fazê-lo injustamente reu de uma lei embrulhada em sombras dos primeiros homens mais ilustrados, e menos presumidos; mostravam assim a todo o passageiro nas entradas dos respetivos distritos as leis dos seus territórios: governos práticos quanto diferis daqueles. Filósofos que não sabendo arranjar suas casas, querem desgovernar as de todos.

Outra pedra se descobriu que contém outra Lei em que se manda ajudem a aplanar o caminho do monte. Nela se vê como os Fenícios seriamente cuidavam na pública felicidade, zelando os caminhos para a comunicação dos homens; o que prosseguiram os Romanos, sem que extorquisses para outro fim os dinheiros da gente<sup>36</sup> debaixo de um pretexto que nunca se cumpre.

Não eram, Senhores, estes homens gente de provar a paciência nos despachos dos requerimentos; não pretendiam que o agressor tivesse algum direito de ofender, e o agravado o perdesse na própria defesa, ou na da honra da sociedade humana: portanto mandavam ali prender o que não merecia ter liberdade. Vede, Senhores, quão antigo é mandarem os superiores, e obedecer-lhe; envergonhem-se aqueles delirantes que hoje no mundo sustentam o sistema da igualdade; e não contentes com a sua sorte, invejam a dos mais, pervertendo o respeito da natureza, e veneração os jerarquias da Igreja, e República; o decoro ao merecimento; a estimação as pessoas, a caridade ao próximo; em uma palavra querem fazer um mundo filosófico povoado de confusões, e governado por desordens.

Entre estas Leis eu ajunto outra da humanidade séria que se vê escrita em uma pedra, de baixo da qual havia um estoque de bronze e nela se acha gravada uma seta, e diz com a inscrição que diz que o conselho militar daqueles montes pôs naquele sepulcro<sup>37</sup> um benemérito militar: já é claro que cada distrito tinha sua tropa para a<sup>38</sup> defender; e servir prontamente.

Conhecimentos pomposos, espécies brilhantes, nada falta para nobrecer a antiguidade destas pedras, quando, outra do primeiro grego misto com alguns caracteres Fenícios diz que Évora foi cultivada, e povoada pelos Assírios.

Eis aqui um autêntico resto do governo do primeiro género humano, tão sábio que em padrões públicos, gravava as Leis para todas as verem: Leis de estilo tão puro que os mesmos Romanos o imitaram nas suas doze tábuas: e que fizeram estes homens que escreveram para séculos, e milhares de anos, se ninguém os entendesse? Não Senhores, o ardor do seu espírito não podia subministrar rasgos mais nobres, e magníficos para a posteridade que respeitar o maravilhoso modo com que se governavam os primeiros homens do mundo. Eu me honrei até agora honrando a antiguidade, e deixo este Século á posteridade, e a posteridade neste Século.

Agora, Senhores, demoremo-nos naqueles primeiros dias superiores aos que lhe suced-

---

<sup>35</sup>“vossos montes”

<sup>36</sup>“das gentes”

<sup>37</sup>“pôs aquele sepulcro a um”

<sup>38</sup>“o”

eram no engenho das artes, na perfeição das inscrições, das notícias dos governos, riqueza, e fortuna do país; das cerimónias dos Ritos; da preciosa memória dos Mártires; e da vitória da Religião. Aqui, Senhores, aqui que notável traço da antiguidade desta florentíssima Cidade me contribui matéria para um magnifico quadro, se o tempo, e as forças do meu engenho me não faltassem?

Eu falaria de uns homens que nas suas obras anteviram de longe os dias, de muitos séculos, e que para eles se prepararam com engenhosas artes. Eu vejo, nestas ruínas subterrâneas que fumegam, grandeza na ideia, perfeição na arquitetura, riqueza no adorno, em que se pode estudar o uso [?]<sup>39</sup> das artes; e para recopilar tudo junto; esta Évora ainda rica de preciosos monumentos, de inscrições, e edifícios, e que há muitos, mil anos ainda não cansa em os mostrar; cidade afortunada que deve toda a sua grandeza ao cuidado dos seus cidadãos, que ainda guardam seus restos, em que se admira o passado, estima-se o descoberto, e deseja-se a que se não goza; suas maravilhas interrompem os seus elogios. As cousas preciosas se perdem quando se não estimam, e confundem com as desprezíveis: oh quisera<sup>40</sup> o Céu que a esta franqueza correspondesse a curiosidade desinteressada, buscando escondidos despojos. Évora, não disse cousa alguma da tua grandeza sepultada, se algum dia vir<sup>41</sup> a luz, então se alegre minha alma, se houver quem vença<sup>42</sup> esta barreira.

Porém tempo é já, Senhores, de que saibam<sup>43</sup> que na lição das inscrições não só se conhece História, a verdadeira Ortografia de escrever, mas também a fábula do Paganismo, pela qual se ilustram muitos lugares da Escritura: O nome do Ídolo Tamuz em Ezequiel, S. Jerónimo o tira de fábula de Adónis; e da mesma vertem Theodoro, e S. Cirilo o texto do cap. 18 de Isaías = Qui mittit in mare legatos, et in vasis papiri super aquas o que ainda no tempo deste último Padre praticavam os Alexandrinos: S. Jerónimo na carta a Magno orador, prova que na Escritura há muitos lugares tirados pela notícia dos Gentios: no mesmo convém Teodoro nos dez livros do cuidado dos Estudos Gregos; e Eusébio, e Santo Agostinho nos livros de Civitate Dei.

Eu falo aqui de um verdadeiro cristão que não tem outro guia mais que a Religião; que não segura outras máximas que as do Evangelho; o que seguindo não o seu interesse, mas a sua obrigação, e deferindo todas as cousas ao seu princípio, conserva a religião pura, e acha a Deus, pois a busca por ele mesmo: se vos lembrares do povo de Israel direi com a Sagrada Escritura que não só detestava os Ídolos do Egipto, mas também levou o ouro, e alfaias por autoridade Divina para o serviço de Deus verdadeiro: assim não há só na gentildade mentiras, e fingimentos que devemos detestar, mas também artes liberais para o uso da verdade, e úteis preceitos morais, em que se acham alguns a respeito de adorar um só Deus: estes deve o Cristão recolher para o uso do Evangelho, como precioso ouro, e prata, não feito por eles, mas depurado dos metais que a Divina Providencia semeou por todas as partes, e que eles injuriosamente abusam para obsequiar o Demónio.

Que dourada eloquência em S. Cipriano, alma da erudição e mártir de Cristo? Quanto brilha em Lactâncio, Victorino, e Hilário?

Moisés mais antigo, que sendo instruído em toda a ciência dos Egípcios, continuamente caminhou para a contemplação de Deus, faz concluir que se não há-de rejeitar a externa erudição da Escrituras. Os três Macabeus<sup>44</sup>, como refere Daniel, a<sup>45</sup> ele mesmo, eminentes nas ciências

<sup>39</sup>Parece não faltar nenhuma palavra, elimine-se o [?]

<sup>40</sup>“quisesse”

<sup>41</sup>“te vir”

<sup>42</sup>“avance”

<sup>43</sup>“saibamos”

<sup>44</sup>“mancebos”

<sup>45</sup>“e”

a todos os Códigos<sup>46</sup>, penetraram as doutrinas Divinas: Origines, assim empenha todo o seu zelo na Homilia 2a do Êxodo = Eruditio ista communis ratio = Nobilis Scientio amnes in-fruit, emneys foveat, siquis inea virilis animifuerit, et voluerit e celestia querere, et Divina sectari, veluti medicatos, et fatus per ajusmodi eruditiones, ad Divinorum intelligentian paratior venit<sup>47</sup>.

Deixo aos estudiosos S. Jerónimo na exposição do filho pródigo; e passando a S. Basílio, na exposição de S. Paulo aos Coríntios cap. 8 v.1, podereis sondar nele suas intenções iguais<sup>48</sup>: In libris gentilium, veluti in umbris quibusdam et speculis, oculos nostros aliquandiu exercitabimus, e os imemmitantes qui in Gyncoriis se exercent, et mana pede que instruti, postmodum utilitatem, exejus artis disciplina, Legitimo certamine referunt; et nobilis guaque proponi certamen maximu arbitrari aportet, et omnibus viribus ad hujas preparationem Caberandum<sup>49</sup>.

Por tantos motivos devemos usar de todos os escritos donde, para edificação do espirito nos provenha utilidade: à imitação dos tintureiros, como diz um sábio, que com estes<sup>50</sup> preparos compostos dispõem para a cor; assim nós primeiro dispostos com tais exteriores facilmente entenderemos várias notícias tão gradas<sup>51</sup>. Uma profunda inteligência faz ver que, ainda que não concordemos com os Gentios, a sua notícia muito aproveita; ao<sup>52</sup> menos conferindo-os se pode distinguir a diferença; porque a comparação do inferior para o melhor não é de tão pouco, quando muitas vezes as cousas pequenas juntas fazem ornato as maiores.

Estas reflexões duplicam o ardor da matéria, ao modo das folhas que ornaram os ramos, ainda que destes pendam frutos formosos: a mesma ciência que é o mais delicado fruto, sendo rodada de erudição exterior, esta como ramos a faz agradável á vista.

De tudo isto conheço, Senhores que não vos posso dar mais nobres ideias dos que vos mesmo tereis formado destes Heróis: eles nos abriram o caminho mostrando-nos a certeza do fim, sem se depravarem nas ciências: como abelhas, que utilmente visitam as flores tirando só delas o seu melífico; assim devemos usar do estudo da fábula que nos for proveitoso<sup>53</sup>, rejeitando o inútil como espinhos das flores que colhemos. E que útil é<sup>54</sup> os Escritos dos Gentios para com eles confirmar Santas verdades, e tirar provas dos inimigos a nosso favor? Desta sorte, como diz S. Basílio, a Religião Cristã se autoriza nas ciências externas, como as vidas<sup>55</sup> em diversos esteios. Tal é a carta de Plínio a Trajano<sup>56</sup>; onde descreve aos cristãos ligados com sacramento para, não fazerem mal, nem furtos, ou latrocínios, adultérios, perfídias, ao negar dívidas a seus credores. Que vitorioso crédito da nossa Religião tirado da confissão escrito<sup>57</sup> por seus inimigos?

---

<sup>46</sup>“Caldeus”

<sup>47</sup>“Eruditio ista communis rationabilis scientia omnes instruit, omnes foveat, si quis in ea virilis animi fuerit, et voluerit coelestia querere, et Divina sectari, veluti medicatus et fatus per ejus modi eruditiones, ad divinorum intelligentiam paratio venit”

<sup>48</sup>“suas intenções:”

<sup>49</sup>“In libris gentilium, veluti in umbris quibusdam et speculis, oculos nostros aliquandiu exercitabimus, eos imitantes qui in gymnasiis se exercent, et manu pede que instructi, postmodum utilitatem, ex ejus artis disciplina, legitimo certamine referunt: et nobis quoque proponi certamen maximum arbitrari aportet, et omnibus viribus ad hujas preparationem laborandum”

<sup>50</sup>“certos”

<sup>51</sup>“notícias sagradas”

<sup>52</sup>“e ao”

<sup>53</sup>“proveitosa”

<sup>54</sup>“é ler”

<sup>55</sup>“vidas”

<sup>56</sup>Nota na margem: “Lib. 10 c. 317”

<sup>57</sup>“escrita”

Que admirável estudo das Inscrições dos Gentios! Em cada uma delas se encontra uma fálscia da razão natural. Que luminosas impressões fazem na alma; e que fecundidade nos pensamentos, que Epitáfios sepulcrais? Neles se vê a trazer<sup>58</sup> a luz da imortalidade da alma, e a existência da Divindade que lhe preside: ali aparece o prémio, figurado nos campos Elísios, e o suplício no Tártaro, como disse Virgílio: Hoc<sup>59</sup> manes veniet mihi fama subimos.

Ali realça a expiação, e sufrágios pela alma do cadáver a quem o respeito natural, o amor mais firme, a gratidão mais reconhecida, e a caridade mais terna, e saudosa, eternizaram do modo mais sublime, reciprocas memórias, desde as entranhas até à face da terra. Já vedes, Senhores, brilhar nestes poderes<sup>60</sup> os fundos da religião unida com os efeitos da natureza mais pura.

Zombe Voltaire, e seus sequazes, das Sagradas expiações, confundindo-as com as dos incircuncisos, que se estes erraram pelas não saber santificar, eu me compadeço mais de um homem que não as<sup>61</sup> conhecendo, não<sup>62</sup> viu entre si a luz que o cercava: cegueira fatal deste século que até arruma espíritos insensatos no triste canto de serem críticos dos talentos alheios, sem conhecer a fraqueza dos próprios: fraqueza em tudo desprezível sem talento para conhecer talentos provados: mas deixemos- lhe a glória de desonrarem a mesma glória.

Talvez, Senhores, cuidareis que está distante o triunfo da Igreja pelo testemunhos<sup>63</sup> dos Mártires? Entremos nos seus retiros, e achá-los-eis sempre vitoriosos: esses Imperadores carniceros, Monarcas ímpios, homens dissolutos. Tudo maquinaram, nada se lhes escondeu para, extinguir o Cristianismo: no meio desta presunção levantam padrões gravando neles imagináveis<sup>64</sup> vitórias, e consomem seu erro com sacrifícios honrados<sup>65</sup>. Não se vos figura, Senhores, que a Igreja estava extinta, ou tão pobre, como hoje seus filhos ingratos o<sup>66</sup> desejam fazer: esta alma casta nunca teve mais certo sua vitória do que no mais sanguinolento combate, nem será mais rica, e opulenta, do que quando a inveja, e ambição tentar segurá-la<sup>67</sup>. Ah eis aqui a abominação no lugar santo. Qual é o delito que cometeu nossa Mãe.<sup>68</sup> Acaso é por nos lavar da manha<sup>69</sup>; receber-nos nos seus braços apenas nascemos; ensinar-nos a Lei da salvação; zelar<sup>70</sup> por nossas fortunas e almas; e socorrer-nos em nossas necessidades, a cujas portas então imos bater Se fosse um inimigo, um idolatra sobre quem não resplandeceu a luz do Evangelho que fizesse esta afronta, o golpe não seria tão sensível; mas os gerados na Igreja filhos de adoção, e herdeiros do Ceu e participantes da graça; aqueles a quem Cristo fez carne da sua carne, ossos dos seus ossos, sangue do seu sangue, e seus membros para os unir mais inteiramente a Si, é punível<sup>71</sup> que sejam estes os que tentem reduzir a miséria os Ministros que sempre honram<sup>72</sup> por eles, e são os instrumentos, e medianeiros por quem o Senhor chama a todos para o seu Reino? Eis aqui o que me fez interromper as perseguições antigas da Igreja, minha cara Mãe, que vou continuar.

---

<sup>58</sup>“a raiar”

<sup>59</sup>“Haec”

<sup>60</sup>“nestas pedras”

<sup>61</sup>“se”

<sup>62</sup>“nem”

<sup>63</sup>“testemunho”

<sup>64</sup>“imaginárias”

<sup>65</sup>“horrendos”

<sup>66</sup>“a”

<sup>67</sup>“saqueá-la”

<sup>68</sup>“Mãe:”

<sup>69</sup>“mancha”

<sup>70</sup>“orar”

<sup>71</sup>“possível”

<sup>72</sup>“oram”



Depressa o Imperador Diocleciano solicita deixar á posteridade uma eterna memória do seu engano, gravando a vangloria de ter extinto os Cristãos. Este padrão que faz mais honra ao Cristianismo, do que faz de vilipêndio, nós o devemos aos Antiquários que acrescentaram novo esplendor á Religião onde se conhece o que o Céu fez pela Igreja, e esta por ele: na verdade o sangue dos Mártires sempre foi a semente do Cristianismo: e se o tempo, e depravação de doutrinas tentam ofuscar verdades Santas, os Antiquários, como Anjos de Deus deputados para renovar sua glória, buscam, descobrem e guardam preciosos monumentos, tão duráveis como os dias do mundo.

Adorável espetáculo me oferece o cuidado dos dias de um venerando Antiquário, D. Teotónio de Bragança, Arcebispo desta Metropolitana! Sigamos com efeito os passos que se encaminham a saber as cousas ocultas, e o resplandecer da Religião Sagrada: vejamos quando esta alma privilegiada na sua carreira entre muitos sepulcros abre um onde descobre inocentes ossos penetrados de ferros, o vaso com sangue, e os instrumentos da final separação postos aos pés; o Santo mártir Caio Silvio Torpes, em Sines. Ele vê também, e reconhece, o Sepulcro do nosso primo Bispo S. Mâncio; arrebatasse, e com prazer dá graças ao Céu pelo deixar venerar um glorioso cadáver pelo qual nos veio o primeiro, e mais glorioso conhecimento da Lei da graça, e com o maior desvelo concorreu para enriquecer a sua Basílica com uma sagrada relíquia do seu corpo. Tais são os sepulcros dos Mártires onde se pode estudar o valor da vida eterna, a decência, e zelo que honra aos que deixaram estes sagrados depósitos, cujo preço reconhecem os sábios e é recompensado por Deus. Pelo que nem só Roma se deve jactar destes descobrimentos, e preciosidade, pois que a nossa Lusitânia, e principalmente Évora encerra em si não pequenas Antiguidades Sagradas, e profanas que mudamente qualificam a esta verdade, e fazem renascer a memória do Seu descobridor, o Grande Resende, honra, e glória da minha pátria, cujos talentos, investigações, descobertas, e desvelos literários fazem ainda admiração na Europa. Queira Deus que tais memórias estimulem, e inflamem aos meus colegas para continuarem nestes estudos, e descobrimentos, sem que os detenham interessadas intenções, que com sinistros pretextos sufocam a grande honra de Portugal, e esplendor da Religião.

Eu devera também tratar da outra parte do estudo, que é a Natureza: mas depois dos nossos Mestres, e Lentes desta universidade terem escrito com a mais alta sabedoria sobre os estudos Físicos, tenho a honra de repetir compendiosamente a suas sábias, e religiosas vozes = A Natureza tudo fala entre si com consonância, que bem merece toda ela nossos cuidados. O entendimento nestes assuntos é de gloria para Deus, é ruína da ociosidade, sabedoria que recomenda as pessoas dotadas desta virtude, e utilidade para o público. Justamente se emprega quem vê pela natureza, e respeito a Providencia Divina. S. Basílio diz que um feno, e qualquer erva pode exercitar toda a alma meditando sobre a arte que a produziu.

Os homens Apostólicos também usam de conhecimentos naturais para, servirem a seus pensamentos de doutrina religiosa. Estas vozes dos nossos Mestres, eu lhes chamo vozes prodigiosas, vozes que depressa se fazem ouvir no meio do coração humano; vozes formidáveis que farão desmaiar toda a contradição. O estudo das produções da natureza, depois de ter sido uma virtude útil, passa também a ser um exemplo de zelo: assim se evita a ignorância em uns, e a superstição em outros: o povo grosseiro se submerge na ignorância; porque não sabe; os ricos preguiçosos se entregam ao ócio tanto mais livremente que quanto menos sabem, porém os estudiosos que conservam o seu esplendor já não amam cousa mais respeitável que os descobrimentos da oculta verdade. Pela ciência da natureza o estudioso se prepara para aparecer no mundo: eis aqui um homem cujo coração é o centro do saber: nele se vêm dois corações unidos que sua<sup>73</sup> ignorância separa: lembrado do que deve a si mesmo, não se esquece do que deve ao próximo: os seus desejos ordenados são a regra da sua conduta; e porque um útil

---

<sup>73</sup>“só a”

trabalho lisonjeia seus cuidados, ele se faz autorizado para os fertilizar: ele produzirá aquele segredo que está nos lírios do campo que crescem com natural liberdade: no silencioso do seu estudo ouve a maravilhosa natureza; nada se demora em lhe aparecer, tudo vem á sua presença. Que espetáculo! Aqui vejo um homem zeloso que trabalha em entender o que vê; um amigo da vida que ajuntando em si reflexões de experiência, avança pela luminosa<sup>74</sup> ciência da vida: já com um conselho maduro descobre desconhecidos segredos do bem, do mal. Que falta, Senhores, senão que vos peça o mesmo que a natureza vos está rogando.

A que alguma narração me conduz naturalmente o meu objeto! A verdade se declara, coração<sup>75</sup> triunfa. Que maravilha! Quem breve, quem breve<sup>76</sup> as prisões que uma afrontosa ignorância faz olhar com desprezo a ciência da Natureza, e da Antiguidade. D. imortal! Esqueçam<sup>77</sup> a minha mão direita que isto escreve se e a me não lembrar de vós! Quanto minha alma se arrebatava nos imensos espaços do Ceo<sup>78</sup> que me cobre, tanto se alguma admirada no contraído mais mínimo que pisão<sup>79</sup> meus pez<sup>80</sup>: tudo o mais miúdo na sua combinação, e textura, me exorta<sup>81</sup> a ideia da grandeza infinita. Eu glorifico ao criador pelas suas criaturas admirando as graças, [...] <sup>82</sup> com que [...] <sup>83</sup> a Natureza; e por ela reconheço a existência de um Deus que adoro.

Quando vejo os Ídolos quebrados, e mudos; os instrumentos da firmeza dos Mártires; os monumentos dos prodígios da religião, e da confusão dos seus inimigos; então por não<sup>84</sup> nascer entre Nações cegas, e viver na Igreja com tão grandes luzes, agradecido a tantos benefícios, bem digo<sup>85</sup> o meu Redentor.

Quando noto nas inscrições dos antigos Bárbaros a luz da Divindade, a esperança da vida eterna; a indústria das ciências naturais, e suas belas artes, e virtude morais, e tudo isto escutado da natureza que deu Deus<sup>86</sup> ao homem para se justificar; então eu bem digo ao Eterno por abençoar suas obras, que todas apregoam a glória de Deus.

À vista de tudo eu lhe rendo infinitas, graças por tão prodigiosos conhecimentos com que me ilustra, que confesso dever só à sua piedade. Quão incompreensíveis vossos decretos; eu adoro neles impenetrável obediência, só por este instante que desde a vossa eternidade marcastes no círculo do tempo, para, eu vos louvar no presente.

Logo, Senhor<sup>87</sup>, vede se justamente devemos abraçar o estudo onde a instrução do entendimento, o esplendor da doutrina, e o triunfo da religião tem a conveniência mais útil: a vossa Diligência decidirá a recompensa de um bem de tanto proveito. Deixai ao espirito levasse<sup>88</sup> aos últimos conhecimentos, e ver com um gosto virtuoso aquela História da antigui-

---

<sup>74</sup>“numerosa”

<sup>75</sup>“e a razão”

<sup>76</sup>A leitura é difícil em ambos os manuscritos. Na transcrição da Oração de 1753 parece ler-se “Quem breve, quem breve”, no entanto, na Oração de 1791, parece ler-se “Quebrem-se, quebrem-se”.

<sup>77</sup>“Esqueça-se”

<sup>78</sup>“Céu”

<sup>79</sup>“pisam”

<sup>80</sup>“pés”

<sup>81</sup>“esperta”

<sup>82</sup>“e enleios”

<sup>83</sup>“teceu”

<sup>84</sup>“por eu não”

<sup>85</sup>“bendigo”

<sup>86</sup>“Deus deu”

<sup>87</sup>“Srs.”

<sup>88</sup>“levar-se”

idade, descobrir novas verdades; penetrar segredos, e a indústria<sup>89</sup> do humano em engenho<sup>90</sup>. Deixai a razão aplaudisse<sup>91</sup> da sua vitória e firmasse<sup>92</sup> nas santas verdades do triunfo da religião, levantar os seus trofeus sobre os inimigos vencidos: deixai a criatura conhecer o seu Criador pelas maravilhosas luzes da natureza, os<sup>93</sup> brilhantes dos seus cristais; na sua harmonia; e naqueles descuidos onde a negligência mais casual contém maiores admirações; onde o mesmo desfigurado é o mais engraçado<sup>94</sup> e encantadora figura: um descobrimento produz mil descobrimentos; uma utilidade lisonjeia; e um trabalho recompensa.

[...],<sup>95</sup> Veneráveis, sábios Mestres que nas cadeiras literárias com viva e persuasiva eloquência consagrais desvelos imortais pela instrução da mocidade, purificai os erros do meu discurso. Ouvintes, e colegas Eborenses que experimentais os paternais efeitos do seu exato zelo, entoai-lhe cânticos de aplausos, já que para vós se encaminham suas ideias.

---

<sup>89</sup>“e conhecer a indústria”

<sup>90</sup>“humano engenho”

<sup>91</sup>“aplaudir-se”

<sup>92</sup>“firmar-se”

<sup>93</sup>“nos”

<sup>94</sup>“a mais engraçada”

<sup>95</sup>“Conspícuos”

## Anexo II

Oração do Museu

Dita a 15 de Março de 1791 em Beja

BPE – Cód. 75, nº 19 (códices Manizola)







que fua hum continua preparao para brillantes a sagrada religião. Eu  
fallo p<sup>o</sup> hum Ecclesiastico q<sup>o</sup> deve appareer no mundo como Lũm que  
sentella no quadro da Apria, deixando a p<sup>o</sup>ficua a proficua do seo  
estado na indagação da utilidade e natureza para com maiores  
conhecimentos illustrar as sciencias divinas; pois quanto maior for  
o trabalho, o premio sera mais distincto q<sup>o</sup> ams. <sup>to<sup>o</sup> faz as fadigas mais</sup>  
amada que a propria vida. <sup>avista a natureza e do ingente humano, o qual sempre se</sup>  
<sup>dos proprios de jogos derrubados, p<sup>o</sup>ta de todos os esforços da p<sup>o</sup>liza do p<sup>o</sup> e do coraço de</sup>  
<sup>todas as subtilas e p<sup>o</sup>liza de todo o p<sup>o</sup> das naturas, a vista de tudo isto, aqui vou a</sup>  
o p<sup>o</sup> do seo da sagrada religião. <sup>o trabalho em q<sup>o</sup> equivo, naves da queles q<sup>o</sup> p<sup>o</sup>ta =</sup>  
Na liza da antiguidade, <sup>dos immortals. que superioridade.</sup>

Fabio que  
signam  
p<sup>o</sup>liza  
p<sup>o</sup>do n<sup>o</sup>ta  
Lugar.

Que magnificencia! Que fundam<sup>to</sup> p<sup>o</sup> a historia sagrada! Que  
conhecim<sup>to</sup> das Regiões e Lugares! Que homens! Que artes! Que  
costumes! Que erudicão sagrada e humana! Que imprevistas mu-  
danças da natureza, Deungano do mundo!

signam  
p<sup>o</sup>liza

Todas estas grandezas se comprehendem no Museo, e não dirigi  
o seo estudo he som<sup>to</sup> o conhecim<sup>to</sup> da Física natural, dos Lays, pe-  
dras, <sup>p<sup>o</sup>liza</sup> cristaes, Mineraes, Metaes, plantas, e todos  
os mais produções maravilhosas da natureza: eu me esqueço de todos  
estes magnificos objectos, ou miltor eu os ajunto todos. O es-  
tudo do Museo he o estudo de todas as sciencias. <sup>p<sup>o</sup> conhecim<sup>to</sup> de Deus e sua religião, e</sup>  
foras d<sup>o</sup> nos applicamos a elle. <sup>totalde meoim</sup>

§

Com effeito, Sr.<sup>o</sup> que ap<sup>o</sup>ndos conhecimentos metras a memoria  
o nome de Museo? Elle nas produções da natureza, que representa  
a grandeza de seo Creator. <sup>Nos 1<sup>o</sup> de p<sup>o</sup>liza do sentimento a verdade de nossa religião,</sup>  
das linguas, a historia dos seculos passados, e a noticia da fabula.  
Mas sagradas inscrições a autoridade e poder de Moyses, as victo-  
rias de Josue, os castigos dos impios, a fraqueza dos impios, a  
alternativa da fortuna, o abatimento da presumpção humana,  
o celo e integridade dos Martyres, e hum glorioso argumento  
contra os delirios da amargosa filosofia, que duvidando das  
verdades, nega tudo por effeito da propria fraqueza que omni-  
desconhece.

Que bem! Que utilid<sup>e</sup> Santa! Quantos gozarão desta mayor  
Lede nas letras! A quem duvidando venturas?

M  
P  
p  
ti  
p  
p  
P  
p  
a  
p  
da  
L  
re  
V  
a  
a  
e  
E  
m  
t  
do  
ce  
E  
da  
m  
o  
p  
p  
p  
de  
V  
com  
do  
ju  
ge  
ã  
gra  
p



Mas para onde me arrebatou? para onde? ... *Levantar* 177  
Para que possais entender, q. não há eloquencia, ou alta erudiciã que possa, não digo augmentar ou ornar, mas sim contar a grande multi-  
tude de venturas q. o Sr. D. João de Deus, no de D. João, nosso Prelado q. me  
p. q. de, tem conquistado a todo Portugal, e me segue a seguir a sua  
Igreja Paesense.

Portanto bmy se fomos nascidos de nossos Pais e criados por elles,  
por V. Ex.<sup>a</sup> nascemos sabios. Se elles nos derão heranças, V. Ex.<sup>a</sup>  
as animou fazendo-as mais úteis. Se recebemos a natureza  
privarizada neste seculo; V. Ex.<sup>a</sup> sempre firme na tradição, legada  
de nos tem conservado na pureza da religião. Deos tribua  
tal nos dia sua, V. Ex.<sup>a</sup> a tem feito brillar. Muitos mais dotes  
recebemos do Creador q. se não fosse as sollicitações do amor de  
V. Ex.<sup>a</sup>, careceriamos, por certo, do uso dos benefícios Divinos.

Não util, sem interesse, virtuoso sem ostentação, não segue em todas  
as suas acções outras regras q. a sua utilidade; não obta outros fins, que  
a utilidade publica; não quer outro premio, q. a gloria de fazer bem,  
e deixar o bem q. não pode fazer.

Eu suspendo os seus elogios, e trato da utilidade do estudo do Museo  
mostrando-vos, como Sr. D. João, tem excedido a todos, não por seu zelo; tem  
triunfado de m. tos obstáculos pela modestia; e dos abusos e presumpções  
do seculo pela vigilancia. Se acaso interromper a ordem do meu Dis-  
curso, perdão-me as atrações p. hum objecto, q. tantas faz em todo.  
Eu vou tratando ora do seu zelo, ora do Museo, e quando não possa  
de tantos cuidados circumstancias o Discurso, tocaris nos principios,  
não por força da m. tropica e eloquencia, mas pela verdade q. sou  
obrigado proporvos.

passados não tiveram semelhante, por tanto adrejam a sensiva  
posteridade. E se enfraquecermos em seus elogios, por mais que  
prosiga os seculos vindouros sempre lhe faltará mais que direis  
de quem principios por onde os may acabarão.

V. Ex.<sup>a</sup> me ordena q. discorra sobre o proveito do estudo do Museo  
com q. liberalmente me honra, e offerece a sua Diocese edificada com  
doutrina e cuidados literarios, e ao mesmo tempo me prohibe  
falar em V. Ex.<sup>a</sup>. Por tanto eu diris asi aos bellosengenhos da  
gente de letras publicas as elevações do seu espirito. Deixarai  
às almas grandes q. da erudiciã do V. Ex.<sup>a</sup> fazem as suas delicias,  
graves eterna Memoria das generosidades incomparáveis do seu  
profundo e humano coração. Eu sempre obrigado e distintamente







favorecido por V. Ex.<sup>ta</sup>, por não parecerem certas minhas expressões, con-  
fesso q' não podendo alcançar o respeito voo das honras q' me faz, não  
chego a dizer tudo, senão por meio de hum silencio surrudo, se-  
pultando-me no abysmo das minhas obrigações. Leide o tempo  
em q' estudei as linguas Orientaes no seo Collegio de Teruim onde  
me aliancei com hum juramento sagrado, juramento fiel, aca-  
do desconhecida nos encantos humanos, e brillante depois dos dias  
da vida. A qui Ex.<sup>ta</sup> Sr.<sup>ma</sup> mais deo meu silencio que minhas  
vozes, e he devora parecer sem duvida mais pelo q' calo, que  
pelo q' disse. A portenidade e vera quando o tempo que  
tudo devora dilacerava o ves q' as encobre e quando não  
restar outro entorse mais que o da Verdade. *Antar*

A he qui não falei do de minha causa, mas tambem em geral  
que meados em si tem conhecido, sendo hoje o dia em que estas  
luminosas fortuna liberalm<sup>te</sup> conhecida toca todos na abstrusa  
de hum estudo q' he o agregado de todos.

A antiguidade sagrada e testemunha. <sup>Entre</sup> Hebreos q' rios mo-  
mentos haviaõ, *Sanh.*! Entramos no templo, e de pois de respirar:  
mos a Arca da Allianca, sagrado deposito das pedras da ley es-  
crita com o dedo de Deus no monte Sinai, e junto dellas admi-  
rarmos a Arca de Aron em memoria das rebelioes dos filhos de  
Israel, e ornada do boreto com testemunhos deos alimentas 40  
annos: ~~no deserto~~ voltando avista a ella se offerecem 48 citar-  
dey do uso dos Levitas enriquecidas de veneraveis monumentos  
que fazem o respeito de Israel p.<sup>te</sup> quem deos grande Rey  
Corouvaõ tambem o monte Sion com Lam famosa Uni-  
versidade q' o Sr. Casp. Anthonio chamou Sidsakadrov em  
yho Universidade do mundo. *Mof. torn. 2.<sup>o</sup> fol. 136* O Sacerdo-  
te Deli q' ensinava os primogenitos dedicados a Deus, e Amiel,  
e Eliu, e Eliu, q' homens, *Sanh.*! Elles tudo sabem tudo podem;  
por em aguarda das antiguidades nas suas escollas provaõ a  
Verdadera Religião. Religião sagrada onde D.<sup>s</sup> mandou guar-  
dar os testemunhos dos seus <sup>antigos</sup> prodigios. Religião que em verum-  
do deos antigos escriptos se autoriza na mais avançada an-  
tiguidade do mundo. Quanto se impunha deos zello afavos das lettras  
q' fada a Moys.<sup>es</sup> e a estada da idade de 8 annos nas escollas q' haviaõ em  
todas as cidades e Provincias.  
E se da Palestina nos traõ por terno a Grecia q' toda esta  
a immitaçã da quella heira hum Museo: que magnificen-  
cia

Sanh

Fabrica  
fol. 688

Leg. p. 120  
fol. 120



In<sup>o</sup> de escolas em Museos. Ali a Academia de Platão, o Templo de Aristoteli, <sup>+ o Palladio e o Deo</sup> o Museo Alexandino q<sup>o</sup> continha em si seu Templo com sua Secundate, Setade antiguam<sup>te</sup> de inutil ingu-  
za e patrocinado por Leas Imperatores, q<sup>o</sup> de Leas de Arba-  
ras; rebas retraj cuadros da instrucao da Republica, duas  
Re leas de seus elogios q<sup>o</sup> justamente merecerão por accão  
sempre e louvado. Faca em os Museos trafos de seus  
padres gloriosa nas suas vaidades, q<sup>o</sup> o seta da felicidade  
publica tambem dos Oratores homa a memoria.  
O Museo da Græcia em uma, o de Octagons em Apoli onde se  
enat in ha de Mestres postos por Constantino Magero. Fundo isto,  
St, q<sup>o</sup> vivis diu. Museo sera escolas geraes q<sup>o</sup> se go se navad  
por Mestres e encerrava de livrarias com todo o genero de obje  
ctos em que se podia estudar. Ali, diso tudo, o millo de livos.  
Todas as memorias dos tempos, todas as preciosidades raras da  
natura e da ingente das ciencias e artes dos homens de  
quarta no se aprender o q<sup>o</sup> nao convem ignorar.

Fabris  
fol. 688

Leg. p. 120  
fol. 120

N<sup>o</sup> estudo das raridades dos engenhos não se considerão os meteos e  
pedras raras; mas illustrado com varias figuras, emblemas, e ymbolos,  
feytos, imprimos com oque accresca do estudo anda sempre  
venido. Nada ha mais agradavel do que ver os retratos dos  
antigos heroes, contemplan enigmas, conhece topicos, ver as  
frases e lousos deixados aos seculos; ede que nasce a  
utilidade de com esta lembranca excitar se o desjo de im-  
poritar aquello aquem omunido deve homa e aportidade  
veneracao e a historia o deu esplendor. Esty documentos tao  
respetavel saõ a testemunha dos tempos, leza da verdade,  
vida da lembranca, mestra da prudencia, e corrijo da en-  
tiguidade q<sup>o</sup> acadm de luz da historia, e quiao se a exata  
Chronologia. Esty saõ os retraj motivos q<sup>o</sup> moverão as  
Emperadores Castro 4<sup>o</sup> a estimar a antiguidade; e com  
proprio exemplo em sinar seus vindouros. Os Medicis a  
quem as letras saõ e tuas desiderio em sinar o estimar  
as ciencias; qual outro Paulo 2<sup>o</sup> q<sup>o</sup> sendo oprimido imti-  
trido das Academias ou Escolas geraes, logo na pri-  
meira vista conhecia nas Medallas de q<sup>o</sup> ou hava a ima-  
gem curhada. Esty precioso cuadros se estendua  
tambem aquella brillante tocha q<sup>o</sup> apenas se vio logo



Desaponeo digo, o S<sup>to</sup> Papa Clemente XIV que ajuntou aos  
seos estudos a gloria de edificios em forma hum Magnifico  
Museo continuado por este Pontifice reinante, e enriquecido  
das milleres estatuyas antigas e ricas, pelas compradas a todo  
o custo onde <sup>me recuza</sup> sendo ~~estudo~~ antigas Americanas  
collocadas pelas suas idades e imbutidas nas paredes daquelle  
gran espaciosa casa, q<sup>a</sup> p<sup>ta</sup> della se foyr idea, vos basta dizer  
q<sup>e</sup> he dentro do Vaticano onde tudo he ~~o maior~~ o maior e  
melhor q<sup>e</sup> ha no mundo!

Ali, Sr. de ve hum livro aberto escrito em folhas que nao  
vce abraça do papel, nem pode contraher a guerra do Louro  
Filosofo. Eu nao temo a junta ~~reuniao~~ iguay Louros, <sup>cujos</sup> foyr  
incenso colto do altar da verdade, a' Universidad<sup>e</sup> de Turim,  
lute de El Rey de Sardenha, p<sup>ro</sup> de ~~o~~ <sup>o</sup> altar da verdade colto  
todo ginecoto q<sup>e</sup> gaxinos sobre a ~~reuniao~~ onde nao posso  
decidir de aquella Universidad honra mais a Inscriçao  
Gregas antigas q<sup>e</sup> estima dentro dos seos claustros, de q<sup>e</sup>  
ellas aacreditas. Igual memoria <sup>consagro</sup> ~~me~~ a' Universidad  
de Sena, q<sup>e</sup> como as mais tem sempre sua lisonja patente,  
suas raridades publicas, q<sup>e</sup> tanto ellas <sup>em di</sup> como seos Bibliothecarios  
Conos, pelo seos bello modo encaixas a todos os sabios.

Aqui, ~~de~~ permitimo, Sr. q<sup>e</sup> recolla em mim novos alentos, para  
vos repuntes conferindo o q<sup>e</sup> do Sr. tem excedido a unida  
rios Monas, e sey q<sup>e</sup> funda sem roubar cousa alguma da  
Lisonja ficari devidos a verdade.



magnificencia pro Museo d'Albuquerque detato antiquam  
 invivul rignua e patrocinada pro cezar e mag' Imperatorum, que in-  
 do Barbaros, p'ulos utiq' euiddas da instruaçã da Republica, d'uaõ  
 e he hoje os elogios q' pertom'te merecem pro suas accõs sem-  
 pre honradas. Facias embora os Romanos troço do se prodes  
 gloriem de nas suas vidades q' o retho do Felicio publico  
 alle dos Barbaros h'ora a memoria.

O estudo do Museo he h'ua dia porcia para qual quer ho-  
 mem ser completam'te sabio. Heua rarida de deve preparar  
 o animo p' outra raridade. Heua preciso q' o Ep' mo J. Diogo  
 de Ojea, de quem somos fortunados subditos, preparasse um  
 Museo p' ver nascer ingenuos ramos deste fecundo pais. O ceo  
 a destinou p' ser o primeiro fundador do que elle foi o primi-  
 ro Mestre com grande estudo e erudicaõ m'te profunda.  
 Emfim chega a dia q' o Almirante predistoriou do principio  
 do mundo. Aparece em Portugal hum Nave al caracado  
 a forca de tantos suspiros. Duan Heue q' se da p'ator para  
 honrar os Altars do Eterno, aparece brilhando no tempo da  
 nave como h'ua estrella no meio das trevas. E' bus-  
 co desde os primeiros dias do mundo hum homem que  
 em Portugal apparece hum publico Museo: busca o entre  
 os Romanos, entre os Prelatos, entre os Ab'os e rios. Po-  
 tem inmutam'te obusco. O Ep' mo J. Diogo de Ojea he o pri-  
 meiro q' a conhece e o primeiro que o faz conhecer. Elle  
 he q' primeiro faz com q'ozas de p'ras transportar d'as tre-  
 pas do mundo de conheci das unidaes, busca rari-  
 dades da natureza nas entranhas da terra, e ajunta toda  
 a antiguidade dos mais remotos seculos e entre estas fa-  
 digas elle he o primeiro q' faz ouvir em Portugal estas  
 consolantes palavras. — Eu vos offresco hum rico Museo  
 p' q' tambem estuday nelle, meo directo merece o vosso  
 reconhecim'te. Ex aqui a aquellas loiras que estavaõ no  
 meio de vos, e q' vos naõ conheceis, he h'ua l'uz de conheci-  
 mentos e de saber. Ellas pudras q'ubadas, d'istheiros p'zados,  
 letras de conhecidas e p'ras de entesradas. São precusos  
 meos q' conhecendo os vos sabeyõs omuito q' se ignora.  
 Que gloriosa, he, que gloriosa vos parece aqui a Sionia

aos  
 tra  
 ido  
 do  
 enias  
 quella  
 d'izer  
 or e  
 u nas  
 toulo  
 ujo  
 f'ed'lye  
 in  
 to  
 novo  
 can  
 e  
 de  
 e  
 de  
 He-  
 7.  
 nam  
 ity  
 a



e amor do novo Pictado? Que singular privilegio vos parece  
termos não previos conhecimentos dos quaes muitos carecem?  
E exceder os novos antigos, e instruir os previos, e os Pictados  
e amarmos mais do q. Pais? Sim amamos mais do que Pais.  
Por q. q. cousa há tam remota de toda a nossa utilidade  
q. J. Ep.º não tenha curioº em dar o p.º

Mais illustrado miltoz inclinado q. os mais elle não se con-  
sidera no grado de suma inutil autotidade vaidosa; mas  
sem purdes e decora, elle se considera na curidade Agri-  
cultura, Mestre da Igreja em todos os generos de prestimos,  
ja na abstrativa e voce palavrad, ja na sabio e erudita curioº  
Logo no exemplo das virtudes, e em fim tanto atado  
omillor de deo ter.

Entre tantos vantajoz projectos em que J. Ep.º excede o todos os  
marchas, previentemte este me arrebatou. Em trum Museo há  
hũa sciencia q. encerra todas as outras. Os sabios aliotherna  
mais claramente lo que os commun dos homens he permit-  
tido e com toda este conhecimento he raro. Os sabios a ru-  
peitão e viciosa, inda que não se ponha a perfeisao. Quan-  
to mais elles estudão, tanto mais a duvidão de deo. He hum  
labirinto de emantoz em que avria se acha e a alma se  
ilustria e a delicia triunta.

J. Ep.º he oprimido para quem esta grandura deira de  
ser grandura. Este abysmo de variedades em que o spi-  
rito humano se dilata e abstraher, he hum peguino  
para da sua longa carreira

Vos me prinoz, Sr.º ja vira escripto vos transporta dentro de  
hum Museo. Já vos parece ~~que~~ <sup>que</sup> ~~as~~ <sup>as</sup> antigas sciencias  
Ver Vermas, vos gigantes pedacos de Colozas cuja perfec-  
cao foi a audora de deo dos rastos que não appareu, estender  
Medallas, e contemplar peças exquisitas na natureza  
na arte, admirar as diversas produçõs da natureza, sua  
força ligada na perturbacão dos monstros, e sua belleza na or-  
dem perfeita.

Já vos parece ver todas as sciencias e artes, mas que exspecta-  
culo! Podas estas cousas vos dizem = Estas sciencias e artes







Bomanno  
8 Tom.  
fol. 26

da mesma arvore vestidos com <sup>folhas</sup> diversas ~~folhas~~. Os descendentes  
de Canaan q<sup>e</sup> habitava depois a Palestina; e aquelles de Sactan que  
povoaram a Italia; os outros de Heber Pai dos Hebreos e de todo o pa-  
is de Dios: estas tres grandes familias, nao haem em tudo mais que  
tres linguas tam conformes com a dos Chananicos ou Phenicias  
habitantes da Palestina; que quando por obedencia as ordens do  
Deo Abraham, Isaac, e Jacob se foram estabelecer; estes trataram  
com elles e foram entao dos sem interpretem. Seus nomes, os de  
suas cidades se conformaram reciprocamente. Com a lingua Phenicia  
e Hebraica tendo os derivados com as raizes primitivas.  
Logo isto na funde he a mesma lingua com diversos dialetos  
sem perder sua verdade. De pericio fulgur omnium pla. Bra-  
tra q<sup>e</sup> he outro dialeto q<sup>e</sup> com largo tempo se estendeu mais  
infinita nas pertencendo a semelhanca do Hebreo; por que tendo  
nao haem a Biblia de puro Hebreo, cuja lingua se nao falou mais  
de dois mil annos; e ao contrario o Arabe se tem falado praiz  
de outro tanto tempo, e occorrendo se nella infinitade de livros  
o q<sup>e</sup> dizem da Arabe se deve entender dos Hebraicos, Chaldaicos  
e Ethiopicos q<sup>e</sup> durante m<sup>to</sup> seculos inda se referem ao Hebreo.

E nao vemos, Sr, todas estas referençias autorizadas, por sua anti-  
quidade? Por em se confusa esta multidao de noticias eu me  
tenho demorado, por habber em cousas memorias do q<sup>e</sup> vou adireto

Devo nos primeiros seculos do tempo, q<sup>do</sup> os Phenicias pri meir-  
ro que todos principiam a apurar as costas do Mediterraneo  
navegando os mares de q<sup>e</sup> haem veridicos. A Africa e a sua  
Castilla; a Europa e a sua costa de tres partes he de sem seus  
primarios povoadores, e os nomes dos rios, montes, e terras, que atem-  
po sempre resperitou com igual fortuna dos seus ditos, e ru-  
das que fazem a honra dos dias presentes. Dias a guisa, em que  
descobrimos as acras de bronse dos mesmos Phenicios! Que histore-  
mas mais <sup>reputadas</sup> q<sup>do</sup> a verdade evidentemente appova!

Mas que necessidade tenho de louvar as cousas antigas quando  
de mais perto dellas recebemos influencia puras e luminosas dos  
primarios Xefes q<sup>e</sup> as communicaram alhe o dia de hoje e meoa  
re novo sua memoria?

Taes sao, Sr, as pedras Phenicias onde se luctam a quebra de  
mais maravilhoso para formar a historia do principio legis-  
lativo da nova Macao, e coheer a origem pura de meitos











quidam  
luchado

Eu fare honrei Pegora honrando a antiguidade, e deixo este  
seculo a posteridade, e a posteridade neste seculo.

Agora Sr. demoremos nos naquelles primeiros dias de suprema gloria que  
nos succedeis, no ingenuo das obras, na perfeição das inscripções, das noti-  
cías dos Governos, riquezas e fortuna de pais, das ceremonias dos Reis,  
da melhor Memoria dos Martyrs, e da vitória de Pelopidas. A qui  
Sr. aqui q. restavel traço da antiguid. desta floridissima cidade  
me contribue materia p.º seu magnifico quadro de o tem-  
po e as forças domes ingenuo meias taltenses?  
Eu falava de humy promey q. nas suas obras <sup>antiquas</sup> de longe os dias de  
muitos seculos q.º para elles se preparava com ingenuosy arty.  
Eu vejo estas ruinas e substancias q.º fuzeram grandura na idea,  
perfeição na arquitectura, riqueza no adorno, em que se pode captar  
o uso das artes, e p.º reunir tudo junto: esta Ojeja inda rica de  
preciosos monumentos de inscripções, e estatuyas e edificio, e que  
ha mt. mil annos inda não caem em esmothas. Cu.º affortunada  
q.º deve toda a sua grandura a o cuidado com q.º se guarda  
seos restos em q.º se admira o passado, e tomam o descoberto, e de-  
zeja-se o q.º de não goza. Suas maravilhas interrompem seos elogios.  
As cousas preciosas se perdem q.º se não estimas e confundem com  
as desprezijs. O quizesse o Ceo q.º a esta franquera correspondesse  
a cunidade de deventre nada buscando os esmoldos das rochas.  
Ojeja não deve couza alguma da tua grandura. Espalhada, se al-  
gum dia se vir alba, entao folgue minha alma, se houver q.º  
avance esta barreira.

ndel  
de  
hoje  
Dare  
latron  
  
e  
de benepr-  
vito Mi-  
lites  
do

2 Taboas  
muy

Porum tempo he ja, Sr. de q.º sabemos q.º na lista das inscripções não se hunde  
a historia <sup>antiga</sup>, avudada em orthographia de escrever, mas tambem a fabula do Paganis-  
mo pela qual se illustra m.º lugares da Escritura. O nome do Soble Paganus em  
Ezechiel, e S. Hieronimo o tira da fabula de Adonis e Demeterma v.º em Ovidio  
e S. Cyrillo <sup>de</sup> ~~de~~ o texto do Capit. 18 de S. Isaias = Qui mittit in  
mare legatos et in varijs papiris super aquas. O q.º inda no tempo deste ul-  
timo Padre se utilizava os alexandinos. S. Hieronimo na carta a Eulagius traden  
mostrando na Escritura ha m.º lugares hebreos pela noticia do Gostito. Nomus mo conuon  
Ovidio no 1o livro do Livro dos Estudos Gregos, e Ezechiel, e S. Cyrillo no 1o livro  
de la veritate Dei.



Eu falo aqui de hum verdadeiro Christão q. não tem outra guia  
mais q. a Religião, q. não segue outras Maximas q. as do Evangelho  
e q. seguindo não o seu interesse, mas a sua obrigação, e referindo  
todas as cousas ao seu principio com serua a Religião pura, e a  
a D. por v. busca por elle mesmo. Se vos lembrarey do povo de  
Israel dize com a sagrada Escritura q. não só de testava os Sacerdotes  
do Egypto, mas tambem levou o ouro e alfaiz por autoridade Di-  
vina p. o serviço do D. verdadeiro. Assim não há só na Gentião  
mentiras e fingimentos q. devemos detestar; mas tambem ahy libe-  
rty p. o uso da Verdade, e utiq. precizos moais, e mg. de clac alguns  
arrepito de adorar hum só Deus. Ehy dese o Christão realty para  
o uso do Evangelho como precioso ouro e prata, não feito por elly,  
mas repurado por metay q. a Divina providencia se meou por today  
as partes e q. elly injuriam. abusa p. obsequiar o Demonio.  
Quã deurada eloquencia em S. Cyrano a obra da erudicão e Mastyr  
de Christo? Quanta bialla em Lactancio? Victorino, e Thylario? Moys.  
+ q. sendo  
da may antiga e instruido em toda a dencia dos Egyptos, para com o cap. de Deo:  
+ largito q. abntom p. a.  
cluy q. se não hade requitar a externa erudicão da Escritura.  
Da tra Mansebon, como se fore Daniel, <sup>o p. magno</sup> ~~o p. magno~~ eminente, mas si-  
ericy atados os Chaldeos semo dizeem se perikarã as doutrinas Divinas.  
Oigenes a sim impoeha todo o seuculo na Homil. 2.ª do Exod.

Eruditio ista cum omnium rationalibus scientiis, omnes instruit,  
omnes fovet, si quis in ea visibilis nixi fuerit, et voluerit celestia  
querere, et Divina sectari, veluti medicatay et folus, per ejusmo-  
di eruditiones, ad Divinorum intelligentiam paratior venit.

Dizeo aos estudiosos S. Jeronimo na exposicão do filho medigo, e  
passando a S. Basilio na exposicão de S. Paulo aos Corinthios  
Cap. 8. v. 1. poderiy sondar nelle suas intencões.







Que admiravel estudo das sensações do Gentio! Encada humo  
dellas se encontra hua facca da terra natural. Que luminosa im-  
pressão fazem na alma, e q. fecundidade nos pensamentos os Epitaphios  
deputaraj? Nelles se ve arraias a lida da immutabilidade da alma, e  
a existencia da Divindade que lla preside. Ahi apparece o presen-  
te figurado nos Campos Elizios, e o suplicio no Tartaro, como disse Vir-  
gilio.

Hae Manes veniet mihi fama sub imo

Ahi realice a expiação e suffragio pela alma do cadaver a quem des-  
piste natural, e amor mais firme, a gratidão mais reconhecida, e a  
caridade mais fervida <sup>de laços</sup> e ternura do modo mais grande e ci, mais  
Memoria herde as contradições alle a face da terra.

Da vultus, P. brithes nestas pedras os fundos de Religião unida Com  
o effeito da natureza mais pura.

Lombé Vallave das sagradas expiações confundindo as com as dos in-  
vitum eiros q. <sup>estro</sup> se erram pelas nias, abor ~~em~~ santificas: e com um  
pradoo mais de hum honum q. não se concedendo nem vio entre  
ei a lida q. cercava. Leguira fatal dexte seculo, q. alle arruina  
espirtos insensatos no triste <sup>causos</sup> de serem criticos das talentos allieioy  
sem conhecer a natureza dos proprios. Fugueza em todo deprimir os talentos  
pt conhecer talentos prova das. Mas, seipemalle a gloria <sup>de se honrar e gloriar</sup>

Calve, Im, <sup>S</sup> Cuidadiz q. este bitante a triumpho da gloria <sup>de honrar e gloriar</sup>  
nho do Martyrio? Entramos nos seos reinos, e a Colles heij, sempre  
victoriosos. Eus Imperadoy carniceiros, Monarchas Impios, homeny di-  
solutos tudo maquinam, nada se de esconde p. extinguir o Chris-  
tianismo. Nis meia desta presumção, levanta as mãos, querendo nella  
imaginary victoria, e consumção. Mas erro com sacrificios horroresdos.

Não se vos figura, Im, q. a groya estava extinta oultam pobre como  
hoje seos filhos ingratos aderejas fazer. Esta gloria casta nunca teve  
mais esta sua victoria do q. nemay <sup>saugui polento combate</sup>, nem seon  
mais rica, e opulenta do q. q. a inveja e ambição tentam a aque-  
llas. A. e paqui a abominacão no lugar santo. Qual he o delicto q.  
comete nos a May? A caro he por nos lavar da mancha, e cebernos  
nos deos braos apreny nas cemas; ensinar nos a ley da salvação, e orar  
por nosy fortunay e almay, e socorrer nos <sup>em</sup> nosy necessidades, alle as  
partes entad sempre himez bator? e se fosse hum inimigo, hum do-  
lata sobre quem não se replandeeos a luz do Evangelho q. filios e esta  
a fronte ~~o golpe~~ não seria tam sensivel; mas o q. ados ora a groya,



fillos da adonia, e herdeiros do ceo, e participantes da graça; aquelles  
 qm Christo fez carne da sua carne, os ossos dos seus ossos, e o sangue do  
 seu sangue, e os membros p. os unil may intimam. ad. He perisi-  
 vel q. sejas' esty os q. tentem reduzir a amizencia os Mmrtos que  
 sempre oras' por elly e sad os instrumentos e medianeiros por quem  
 o m. Chama a todos p. o seu Reyno! E aqui aq. m. lta intencio-  
 nes os perisiquioy antigas da Igreja minha cara May que  
 vora continuar. Deppm o Imperador Godesiano delibit' decer a potende  
 hua forma Memora' de sus enjans gravando a stang' lras detex  
 constitutoy os Mmrtos. Este padrao q. sea may humda' q. for de  
 vtilipendio nos' d'vimos a os Antiquarys q. accor' untas a' raso  
 splendor e religiao onde se londez o q. oleo fez pela Igreja e esta  
 por elle. Mas verdade o sangue dos Martyres sempre foi a semente  
 de Christianismo. E se atemp' e de manca' de devotioy tentas' affu-  
 cas Verdades Santos, os Antiquarys, como a'mpes de Deus deputados  
 p. renovar sua gloria, busca' descobrim' e guardas' precioso' mo-  
 mentos Lam Duravij como os dias do mundo.

Ahoravel expectaculo me affue occidido dos dias de hum Anti-  
 quario! Ligamos com effeito os passos q. se enmarchis a labor  
 as lras occultas e a resplandecer a Religiao sagrada. Vejamos  
 quando esta alma privilegiada na sua carreira entre muros e i-  
 pulcos abre hum onde descobre innocentes e os punitados de  
 ferros, o varo com sangue, e os instrumentos da final separa-  
 postes aospiz. Elle ve tambem as pedras, ruindias e lenda a  
 Memoria, se arrebatava e ~~com~~ <sup>procur</sup> da graça os ceo pelo d'p'ar  
 devotioy hum glorioso cadaver em q. o cheiro das antidade de  
 goita. Cay das' os symbolos dos Martyres onde se pode estudar  
 a decencia e reb' q. honra a os q. deira oras' esty sagrados devotioy  
 cujo prece' reconletem os subios, e he recompensado por Deus. Eu  
 Lm' confirmo este pensamento como q. ve em huma d'este genero de  
 descobrimetos a sim da antiguid' sagrada, como mofana. Mas nas  
 he tu a unica forma hua nova vai edificando. E a' restalidade de  
 Oija onde ja antigas padroes de lem' como de sua piedosa Memo-  
 ria de saudade recomensar' e accendos. Mmrtos caros, p. lem  
 a' d'p'ar do ceo Lam d'andavij diligencies Al, h. i. neste para onde  
 lam affutasei, dirui q. podemos beijar o chao, m' <sup>to</sup> am' <sup>to</sup> very regado  
 com o sangue dos Martyres, q. em tantas languinaltas persequioy  
 a d'vinaçao: quantos d'estas maravilhas sagradas teras' sido des-  
 cobridos por falta de unioy diligencia.

gloria

no

ve

er

Valor da Vi-

eterna



A ignorancia não guarda tudo a q. pertence a Jesus Christo, e a  
seus Sacerdotes, a seus Altaris, e a seus Ministros; os quays ordinariam<sup>te</sup>  
o mundo se estima por qualidades boas, e boas, e ficando os m<sup>tes</sup>  
seus por inmutaveis, abatendo a si o Sacerdocio de Jesus Christo,  
e passando a si o da nova estimativa do Ministro ao pouco  
respeito do Ministerio, e despruzo das coisas sagradas.

Eu não me atrevo a virta de hum sepulchro fatal jarugo das cin-  
zas humanas, a face do ceo eda terra fixas verdades do seculo,  
mas sim instrução p<sup>ta</sup> os costumes, e sciencias, decengano da  
vida, e gloria a religião. N<sup>tas</sup> <sup>utiq</sup> curiozas sollicitações apparecem  
monumentes de tal arte e sciencia; q<sup>ta</sup> quanto mais enqulbram  
em se occultar, tanto mais os curiosos devem ser attentos em  
as des cobrir.

Eu bem sei q<sup>ta</sup> a s. Ec<sup>ta</sup> se deve hãr<sup>te</sup> tempo, e ouvir retumbes  
com respeito enorme da Antiquid<sup>de</sup> no Alentajo. As suas diligencias  
fazem admiracão na Europa, e queira Deus q<sup>ta</sup> todos se inflamem  
em ados cobrir attentam<sup>te</sup> sem q<sup>ta</sup> os deturbaes inhumanas inten-  
ções, q<sup>ta</sup> com similes pretextos soffocai grande honra do obli-  
gal, e esplendor da religião.

Eu deina tambem tratar da outra parte do estudo do Mi-  
nisterio q<sup>ta</sup> he a Naturalia. Mas depois del. Ec<sup>ta</sup> ter es visto com  
a mais alta sabedoria sobre os estudos Físicos do ses Leve-  
vendo Clero, tenho a honra de repetir impudicam<sup>te</sup> a sua  
sabia e religiosa voz - A natureza tudo fala entre si com  
consonancia, q<sup>ta</sup> bem merece toda ella novos cuidados. O  
entendimento nestes assumptos he de gloria p<sup>ta</sup> D<sup>de</sup> he rui-  
na da viciosidade, sabedoria q<sup>ta</sup> recommenda as penas do tado  
desta virtude, e utilidade p<sup>ta</sup> o publico. Sustant<sup>te</sup> se emprega  
q<sup>ta</sup> se pela naturalia, e respita a providencia Divina. S. Ma-  
tinho diz q<sup>ta</sup> hum feno equalquer herba, pode exercitar toda  
a alma meditando sobre a arte q<sup>ta</sup> a produzio. Os Romanos  
Apostolicos tam bem usao de conducim<sup>to</sup> naturalia p<sup>ta</sup> servi-  
rem a des pensam<sup>to</sup> de doutrina religiosa - Esta voz del. Ec<sup>ta</sup>  
eulla clamo voz prodigiosa; voz q<sup>ta</sup> deprimia sefas ouvir  
no meio do fundo do coração humano; voz formidavel que  
fará desmaiar toda a Lombardia. O estudo das produções

Desobre  
Alabica

de  
he  
pe  
na  
me  
es  
Insculta  
de  
cu  
so  
ex  
gr  
cu  
de  
Dad  
nat  
ex  
ag  
vici  
Celle  
fab  
gan  
At  
Uru  
que  
Des  
D  
cu  
Ec  
at  
ture  
Qu  
q<sup>ta</sup> n  
min  
acom  
ao G  
Leca  
ad  
Qua  
tor  
do



da natureza de moy de ter sido tanta virtude util, para tambem a de  
 hum exemplo de elle. Assim se evita a ignorancia em humy e a su-  
 persticia em outro. O povo groceiro se submerge na ignorancia por q̃  
 não sabe: os ricos perquiridos se entregam ao ocio tanto mais livre-  
 mente q̃to menos sabem. Porém o Ecclesiastico q̃ conserva o seu  
 esplendor, já não ama cousa mais suspeiavel q̃ os descolamentos  
 da oculta verdade. *asculta*. Pela simplicidade da natureza o Ecclesiastico  
 se prepara p̃: a parousia no mundo. Éo aqui hum homem cujo  
 coração he o centro do saber. Nello se vem daj corações unidos q̃  
 só a ignorancia separa. Lembrado de q̃ deve a si mesmo, não se  
 esquece de q̃ deve ao proximo. Os seus desejos ordenados são a re-  
 gra da sua conduta; e por q̃ hum util trabalho lizoagea seus  
 cuidados; elle se faz autorizado p̃: os fertilisers. Elle produzira aquelle  
 segredo q̃ está nos tyrios do campo, q̃ cresce com natural liber-  
 dade. No silencio de seu estudo ouve amara vilta natural;  
 nada se demora em lhe apparecer, tudo vem a sua procura. Que  
 se espera de elle! Aqui vejo hum homem zeloso q̃ trabalha em entender  
 o que vê; hum amigo da vida q̃ juntando em si se descaja de expe-  
 riencias, avança pela numerosa diercia da vida. Já com hum con-  
 celho maduro descreve dos conductos segredos do bem e do mal. Que  
 falta, he! Senão q̃ vos peça o mesmo q̃ a natureza vos está re-  
 gando.

A q̃ alguma narração me sondua naturalm̃te o meo objecto!  
 A verdade declara-se e a creação triunfa. Q̃ maravilha! Que bremsa,  
 que bremsa as privações q̃ huma afrontosa ignorancia faz ollos con-  
 desmora a ciencia da antiguidade da natureza e do antigo de  
 D̃: immortal! Esqueça-se a minhha máis direita q̃ isto escreve, se  
 eu me não lembrar de vos.

Eu bendigo ao creador pelas realidades q̃ alcanço das suas cre-  
 aturas admirando as graças e enleios com q̃ hece a lei de he-  
 tureza e por ella reconheço <sup>o existim̃to de</sup> hum deo q̃ adoro.

Quanto minhha alma se arrebatada nos immensos espaços do ceo  
 q̃ me cobre, tanto se abysma admirada no contralido mais  
 minimo q̃ pisas meus pés. Tudo o mais miudo na sua combinaçã  
 e contextura me exposta a idea de grandura infinita. Eu bem digo  
 ao creador pelas suas creaturas admirando as graças e enleios com q̃  
 hece a natureza e por ella reconheço a existencia de hum deo q̃  
 adoro.

Quando vejo os idolos quebrados e mudos, então bendigo o meu deo: re-  
 tor expostando deas divinas prodigios os institum̃tos da firmesa  
 dos Matery, os monumentos dos prodigios da religião, e da confusã  
 de seus inimigos.



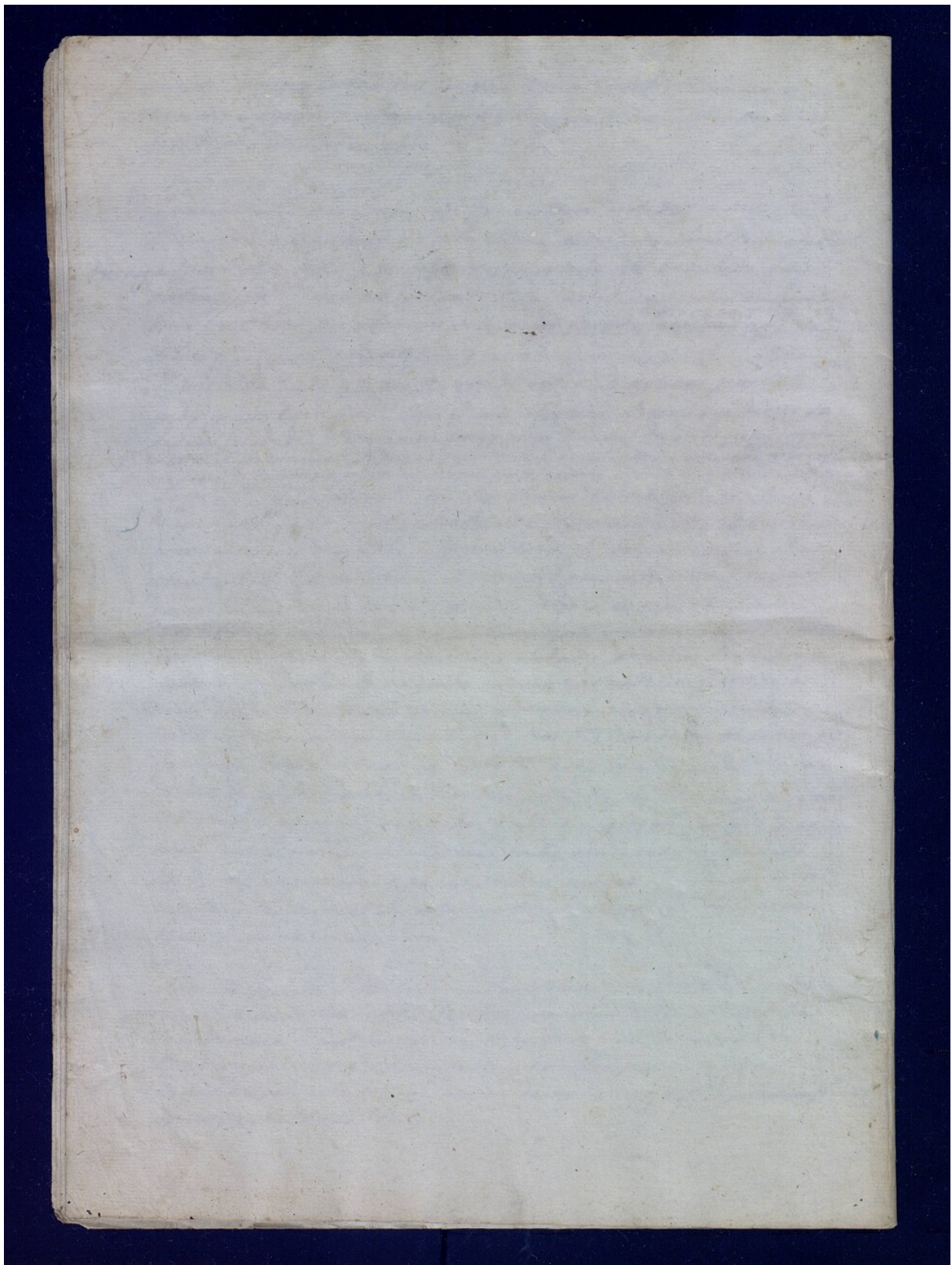




lla-

ó  
c  
yft

ó. Vóó



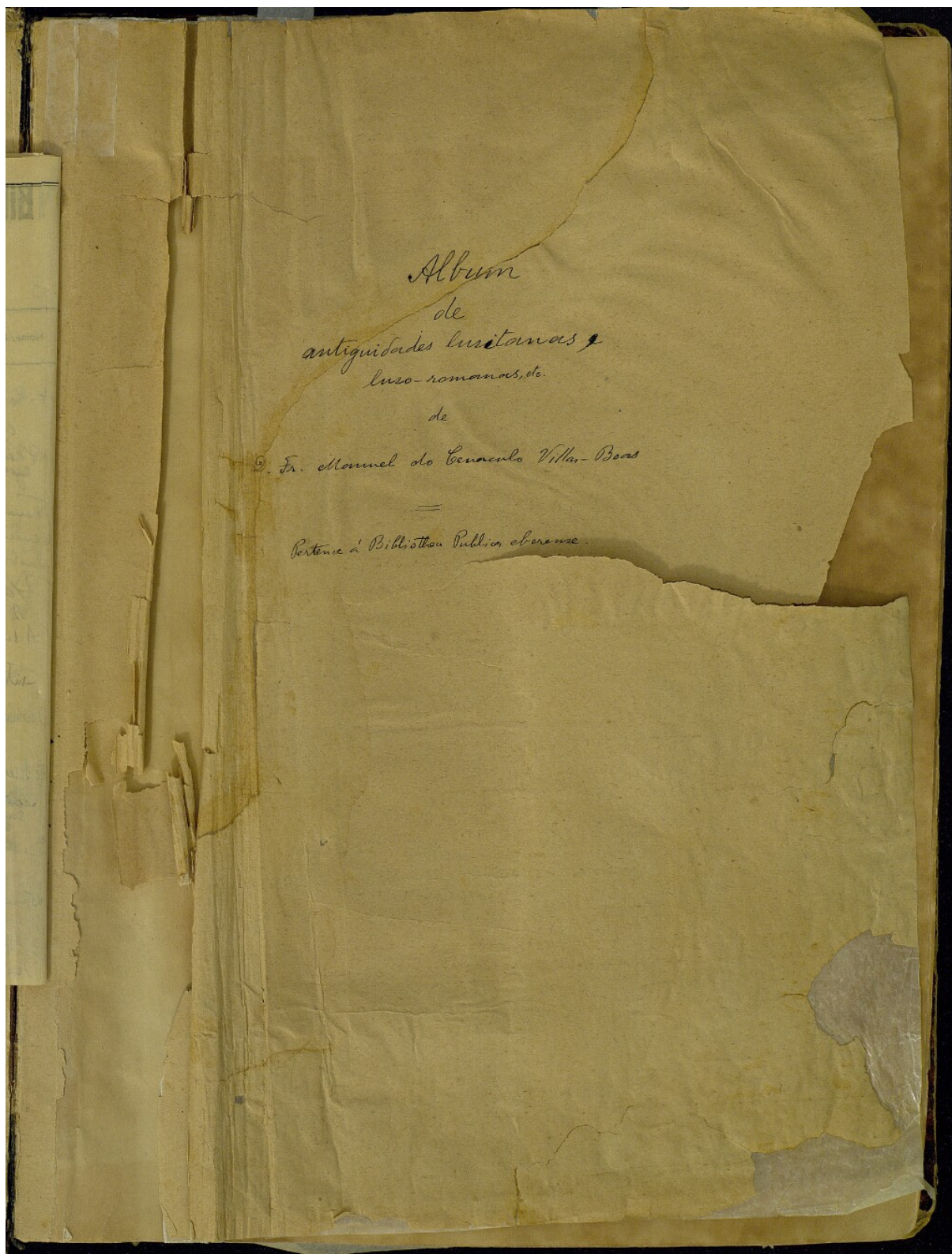
## Anexo III

Lápides do Museu Sesinando Cenaculano Pacence

BPE – cód. CXXIX/1-14



Fac-símile



Album  
de  
antiguidades lusitanas e  
luso-romanas, etc.

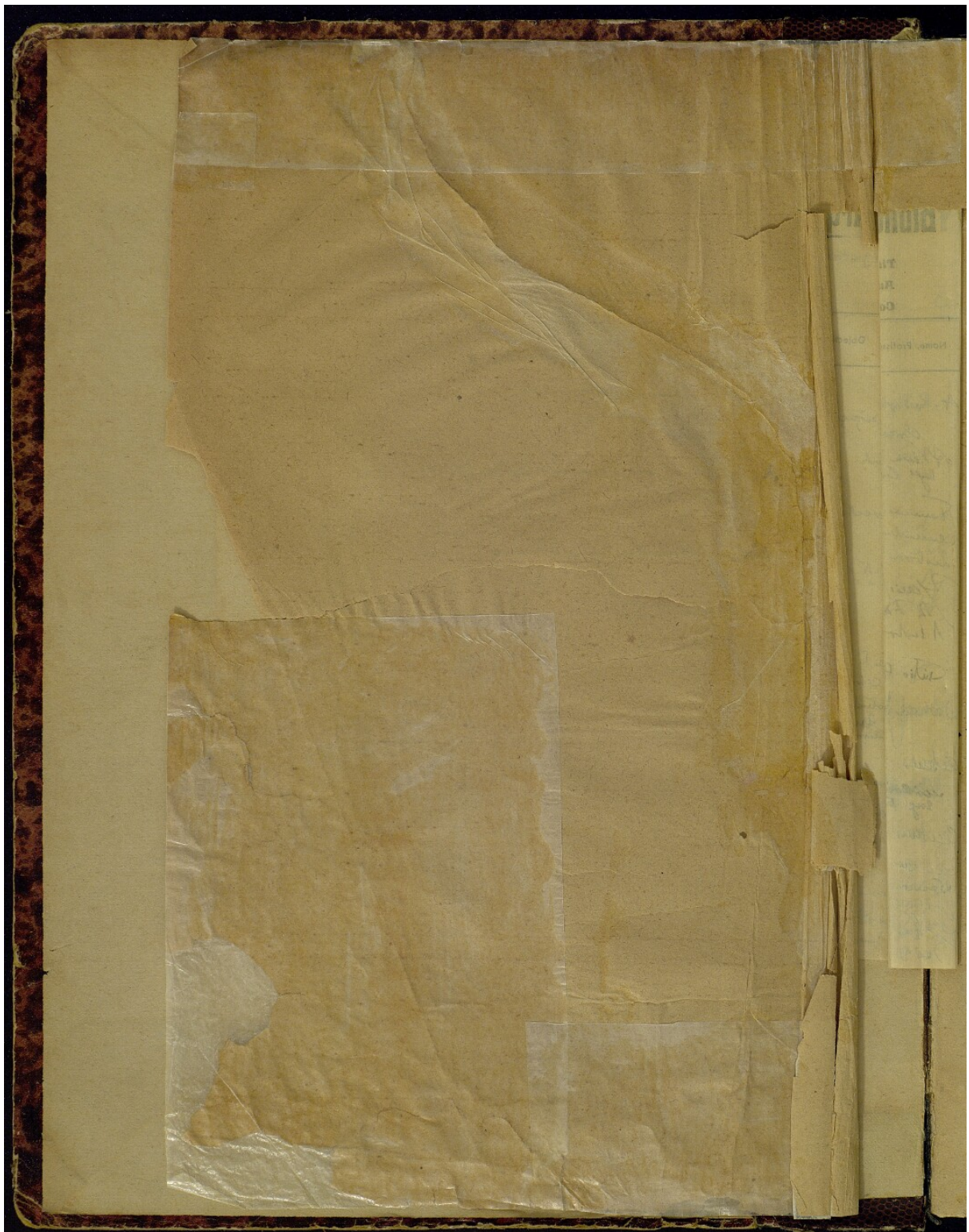
de

Sr. Fr. Manuel do Cenáculo Villa-Boas

==

Pertence à Bibliotheca Publica eboracense.







CXXIX

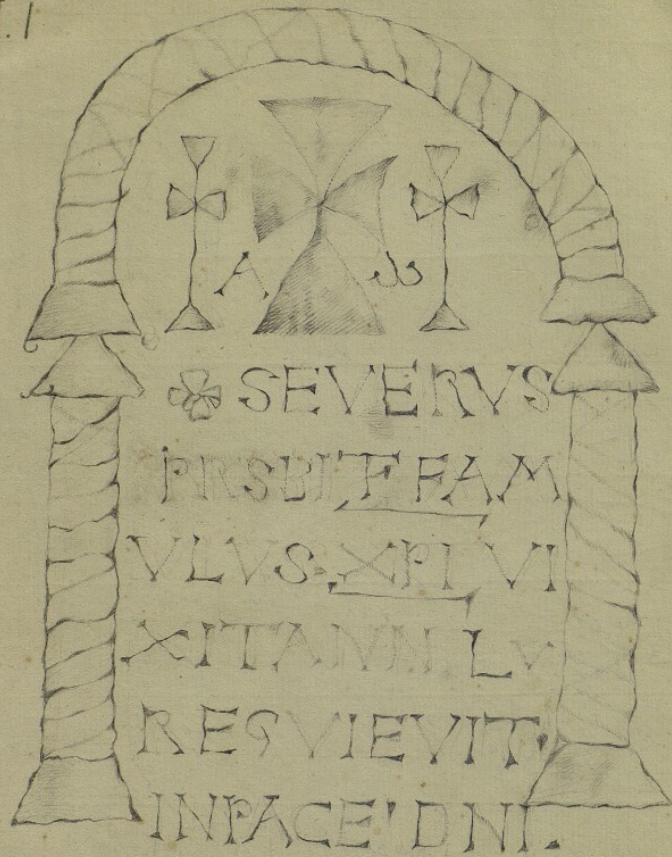
1-14

LAPIDES  
DO  
MUSEO SESINANDO  
GENACVIANO PACENCE





N. 1



XIIAE NOVEMBRES ERA  
DCXXXII



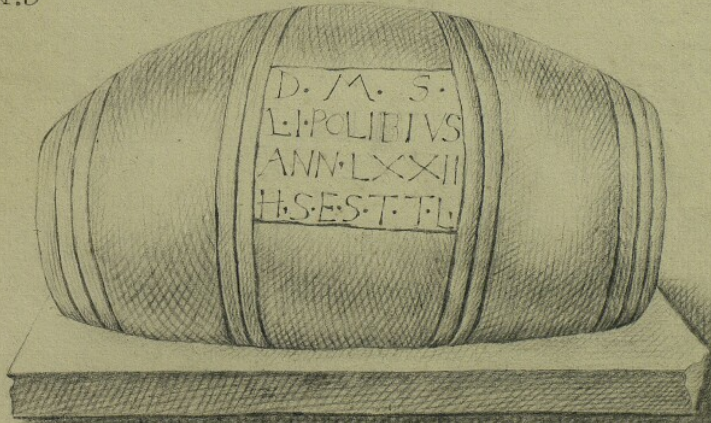


N.2



N.3 8-19

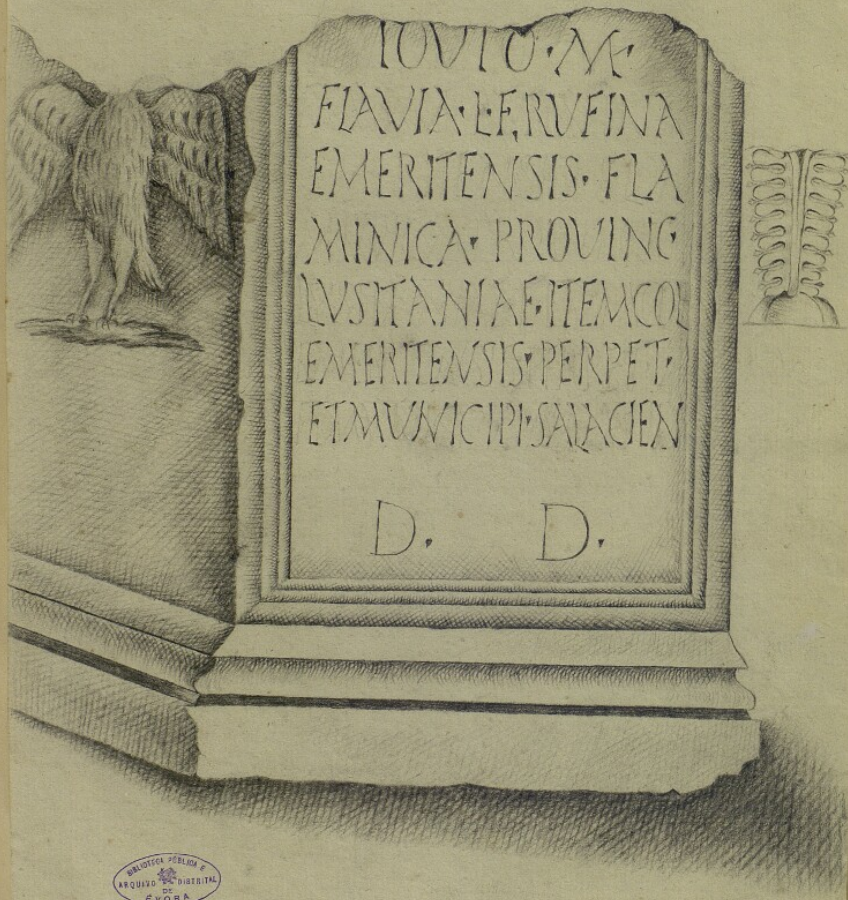
BIBLIOTECA PÚBLICA  
ARQUIVO DO DISTRITO  
DE  
ÉVORA





N. 4 8 4

Levy No 43

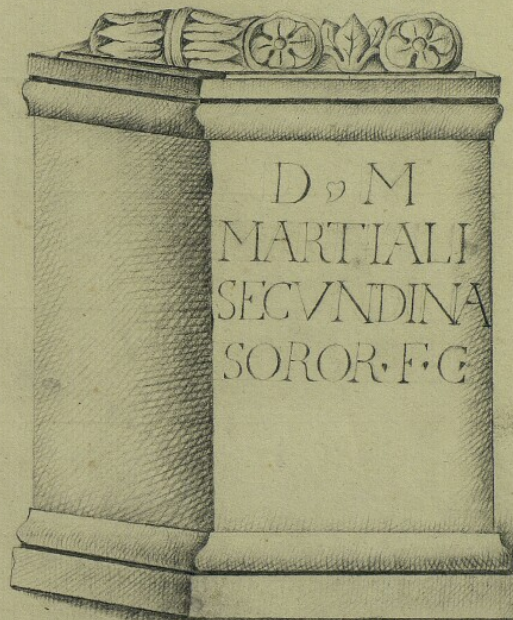


BIBLIOTECA PUBLICA  
ARQUIVO DE HISTORIA  
DE EVORA



N.5 8 - 3

*Levy 592*



BIBLIOTECA PÚBLICA  
ARQUIVO DIGITAL  
ÉVORA



N.6 8 - 16

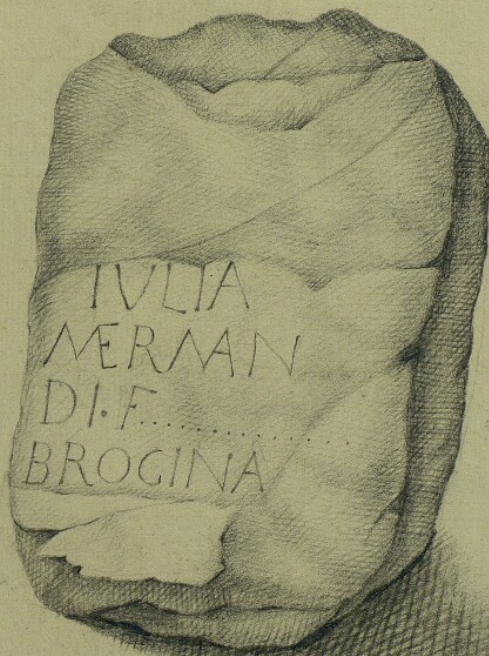
*Lery N. 600*



BIBLIOTECA PÚBLICA E  
ARQUIVO DISCRETO  
DE  
ÉVORA



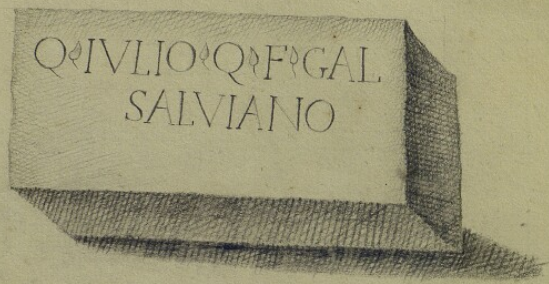
N.7



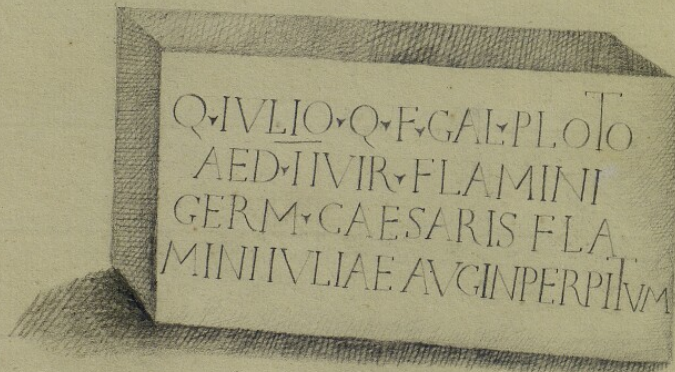
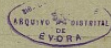
BIBLIOTECA PUBBLICA  
ARCHIVO DISTRIKAL  
DI  
E. O. R. A.



N.8

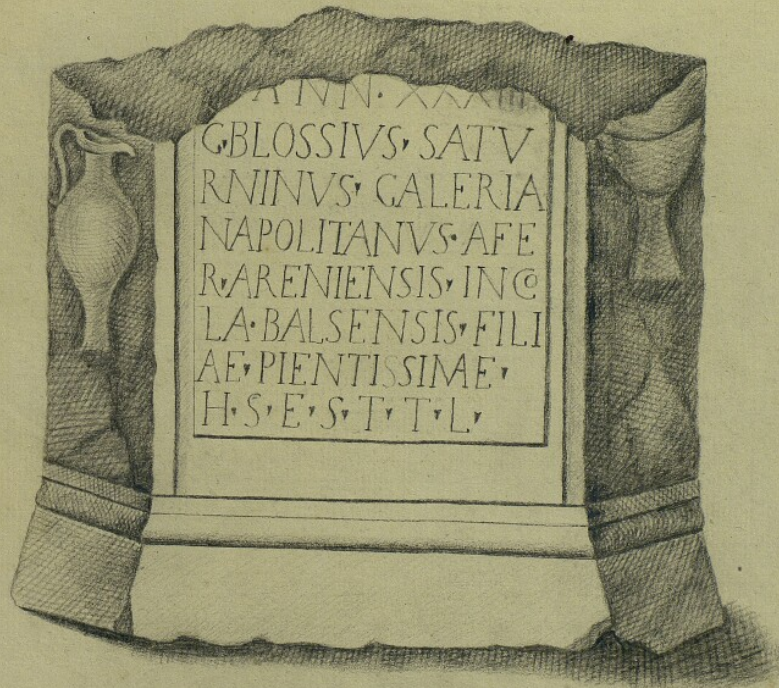


N.9





N. 10



BIBLIOTECA PUBLICA E  
ARQUIVO DISTRETTO  
E. L. G. M. A.



N. 11



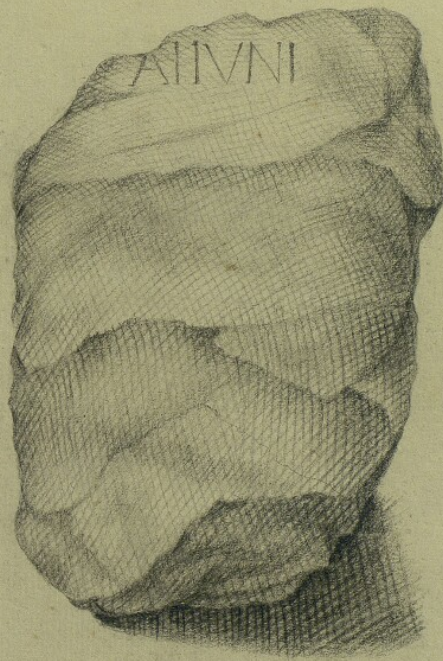
N. 12 & 5

*Lecroy No 597*





N. 13

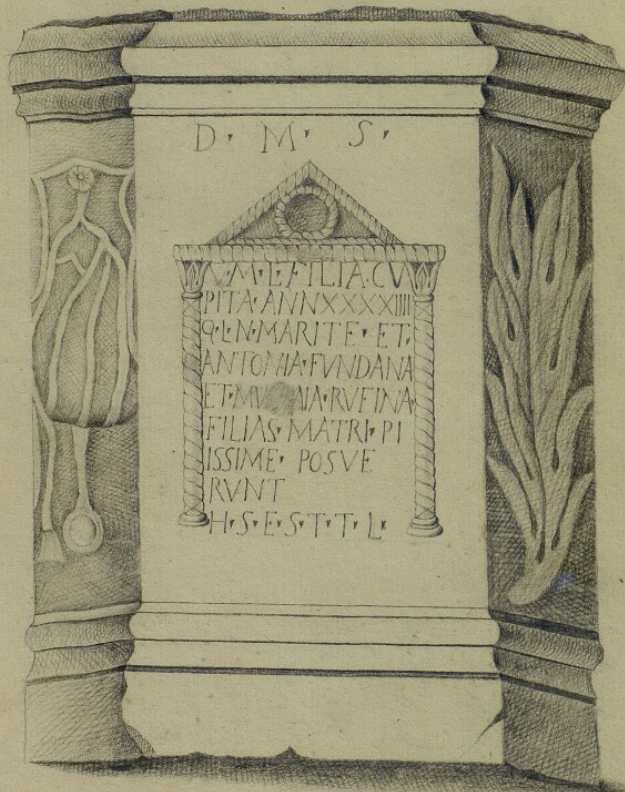


MUSEU MUSEU E  
ARQUIVO MUSEU  
DE  
EVORA



N. 14 c. 13

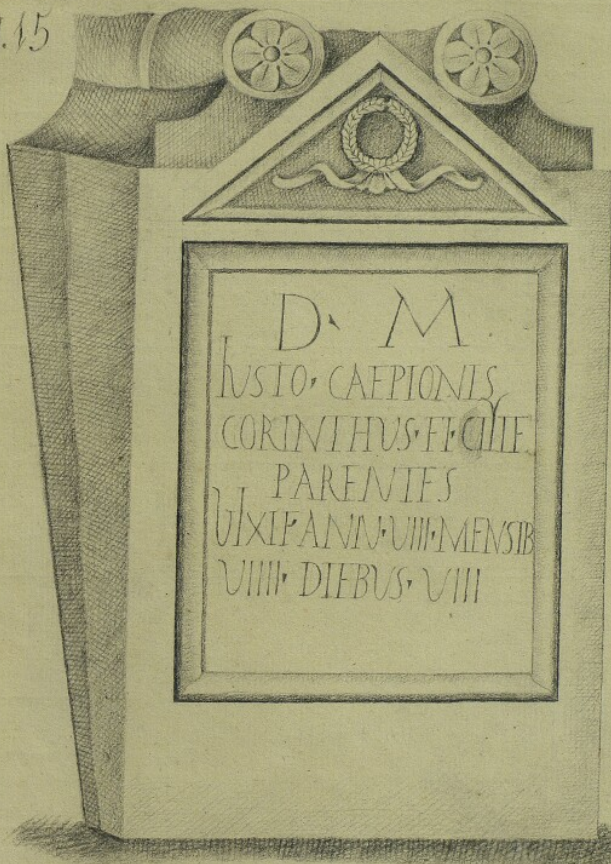
Levy No 596



BRITISH LIBRARY  
ARQUIVO HISTÓRICO  
DE EVORA



N. 15

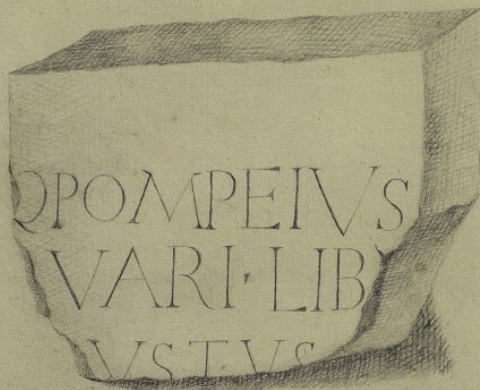


D. M.  
IUSTO CAEPIONE  
CORINTHUS F. C. IIIE  
PARENTES  
LXIX ANNI VIII MENSIB  
VIII DIEBUS VIII



11.16 8

Levy No 652

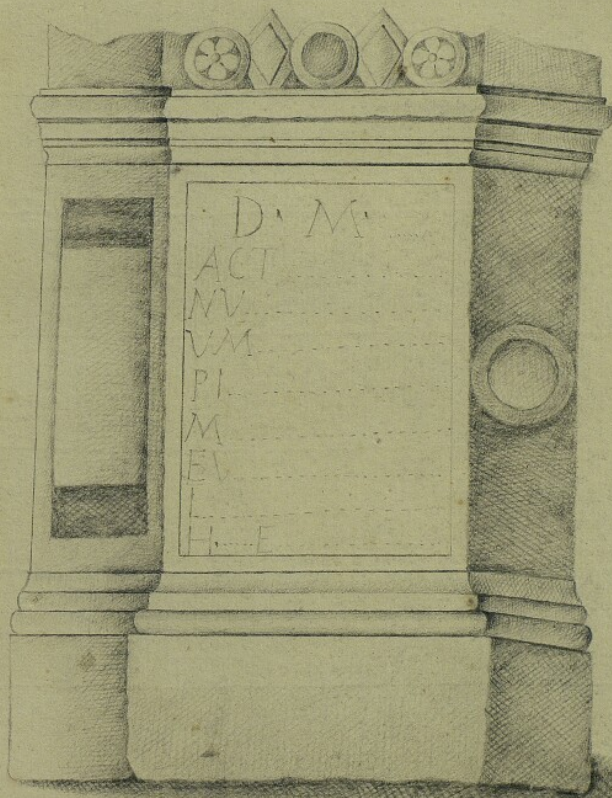


11.17 8 - 9





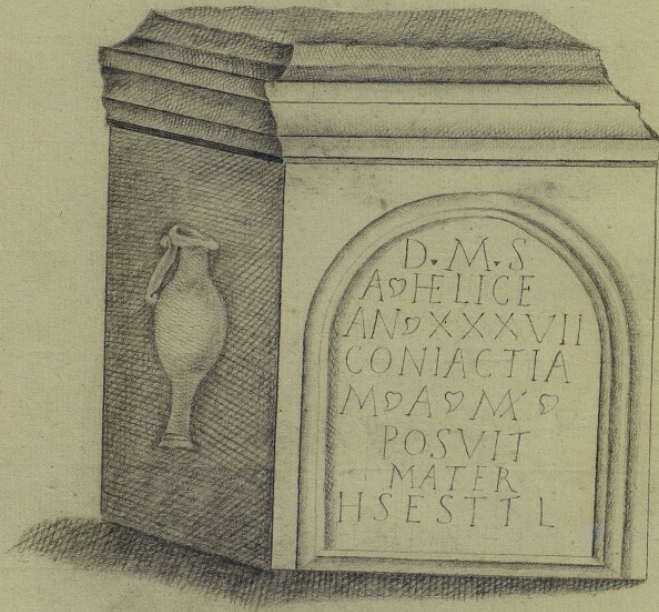
N. 18



BIBLIOTECA PÚBLICA  
ARQUIVO DISTRITAL  
DE  
ÉVORA



N. 12



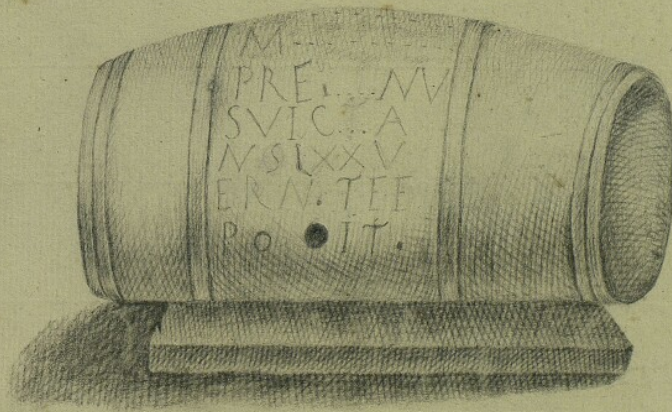
MUSEO PARISIENSE  
ARCHIVO HISTORICAL  
DE  
EYONNA



N.20

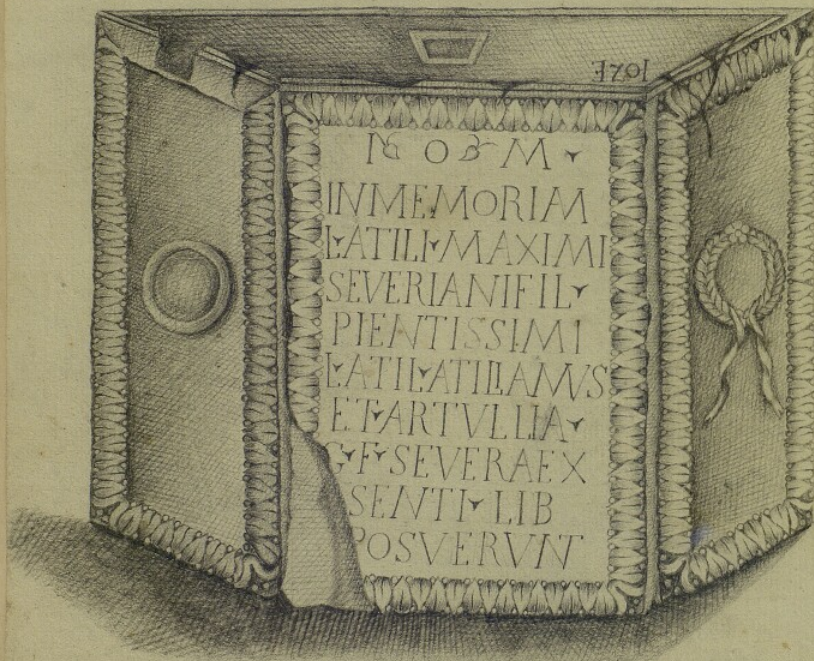


N.21





N. 22 - 2 - 17





N.23





N. 24

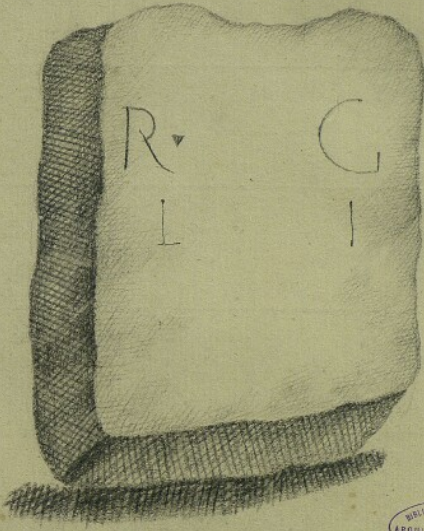


N. 25

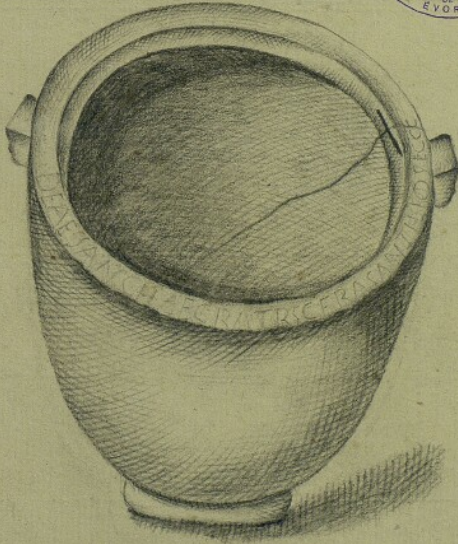




N.26



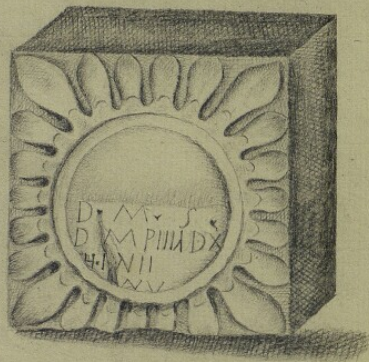
N.27



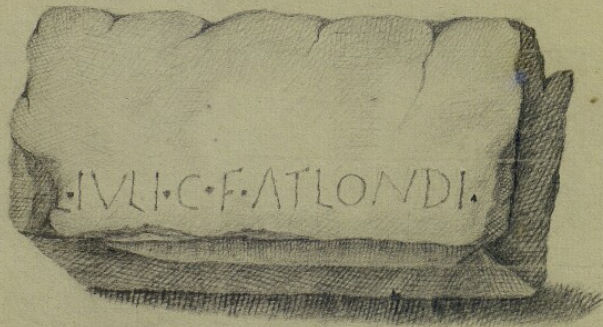
BIBLIOTECA PÚBLICA  
ARQUIVO HISTÓRICO  
DE  
ÉVORA



N.º 28



N.º 29





N.30 8-10



N.31

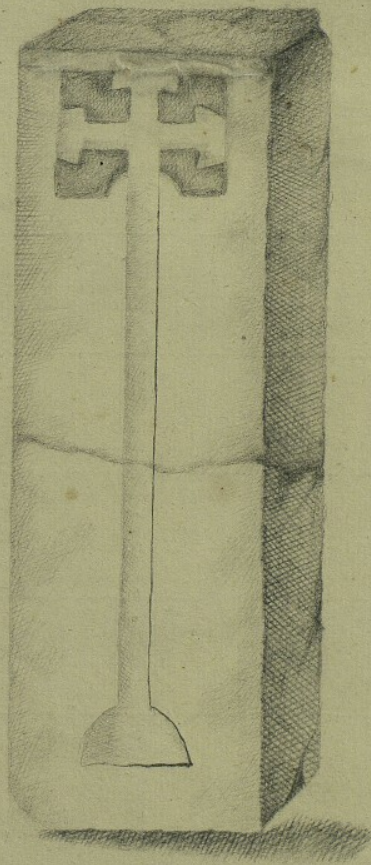








N.33



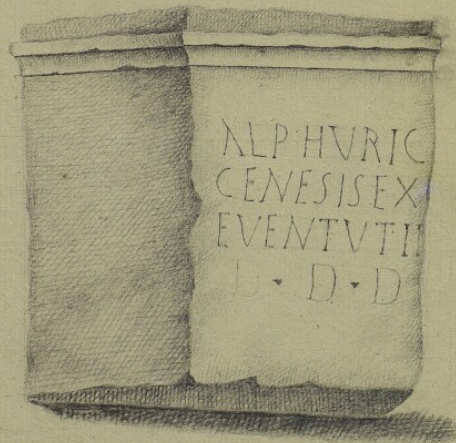
BIBLIOTECA PÚBLICA E  
ARQUIVO DISTRICTAL  
DE  
ÉVORA



N.34



N.35





N.38



M·IVLIVS·  
MARCEL  
LV·S·H·S·E

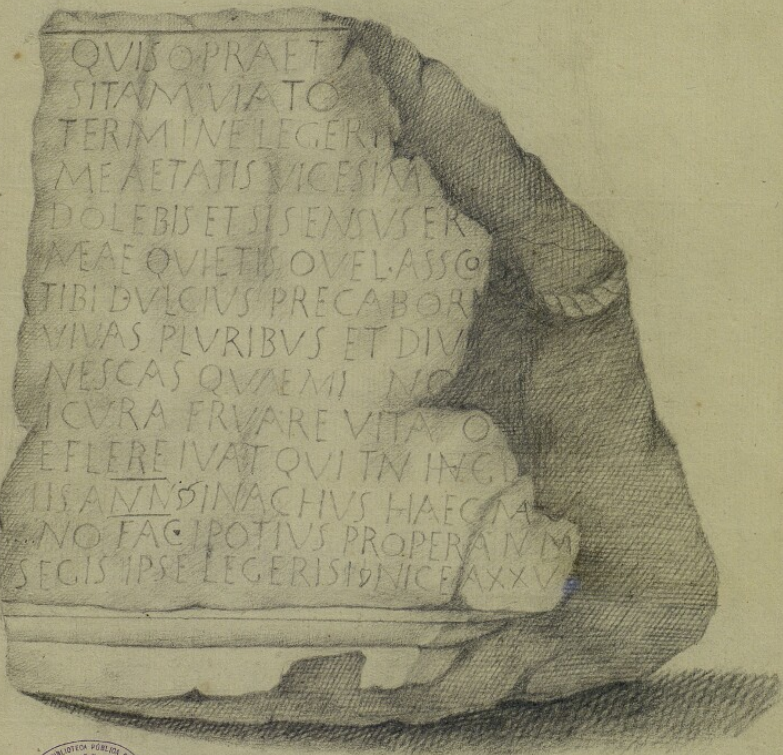
N.39



D·M·S  
PATRICIVS  
X·ODINIVS  
ANNORVM



N. 70 2



BIBLIOTHECA PUBLICA  
ARQUIVO HISTORICAL  
DE  
EVORA



N. 41

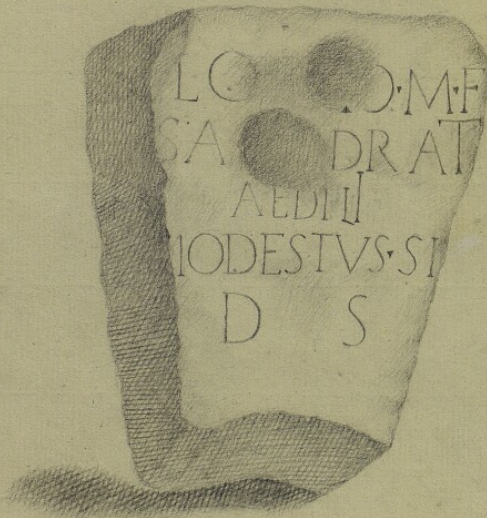




N.42



N.43

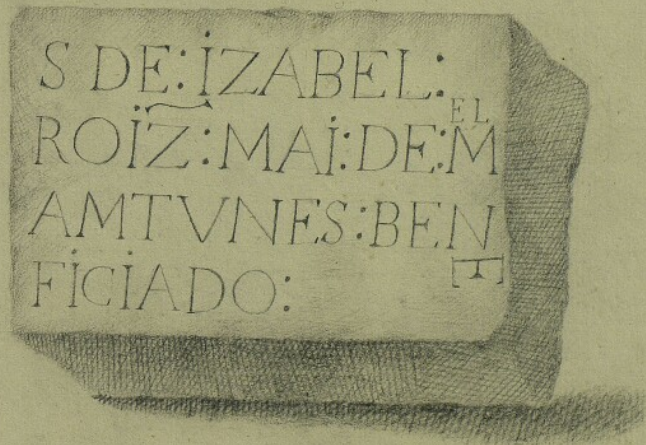




N.º 44



N.º 45

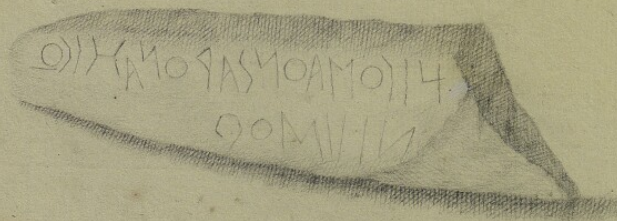




N.º 46



N.º 47









N.50



D. M. S. ♡  
HEL. AERIA  
MVS ANN  
ORVM XII  
H. S. E. S. T. T. ♡





N. 51

• ESTRELA DE S. M. DE C. P. O.  
DE S. M. DE C. P. O. QUARTO  
QUAL HA SE. P. U. L. C. A. D. I. N. A.  
C. A. R. L. A. M. O. R. D. A. S. E.  
C. E. R. A. C. X. D. A. D. H. X. V. A.

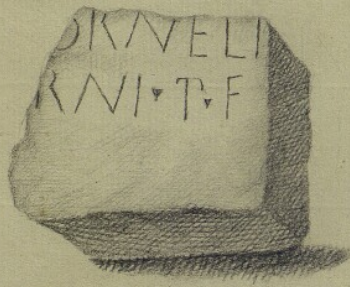
N. 52

S. M. D. O. • A. R. T. I. S.





N.53



N.52



N.55



N.56

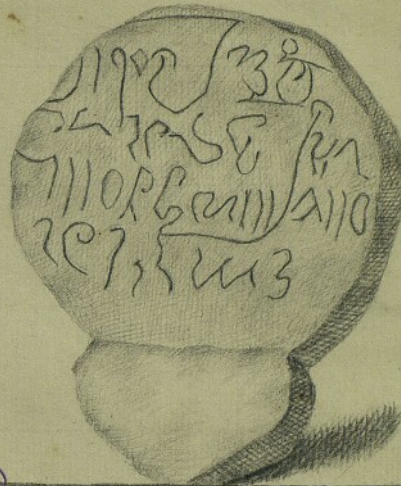




N.57



N.58



BIBLIOTECA FORLISE E  
ARCHIVIO EPISTOLARE  
EVOEA

N.59



N.60





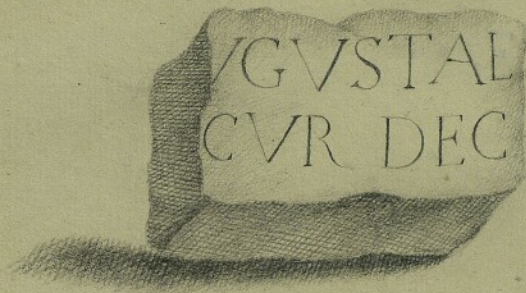
N. 61



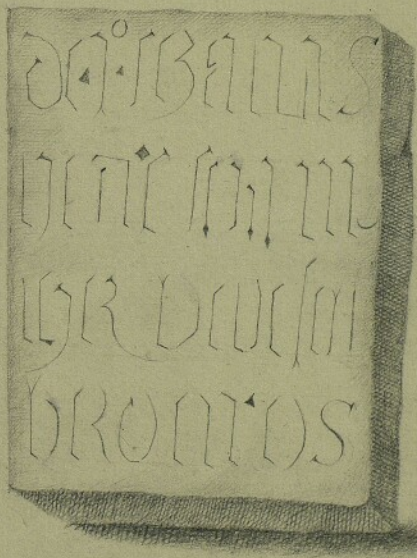
BIBLIOTECA PÚBLICA E  
ARQUIVO DO DISTRITO  
DE  
ÉVORA



N.62



N.63





11.64

CIVLIO GF  
GAL PEDONI  
IVIR FLAMINI  
DI VORVM OB  
REMP BENE  
ADMINISTRA  
TAM ET ANNO  
NAM IN LAIA  
PECVNIA ADIV  
TAM PLEBS  
AERE CONLAT





N.65



N.66

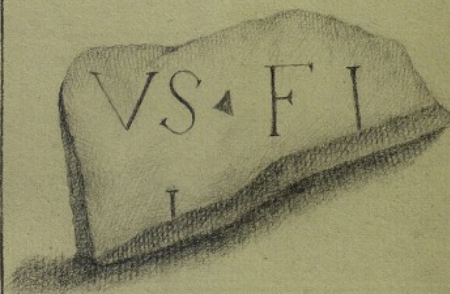




N.67



N.68



N.69

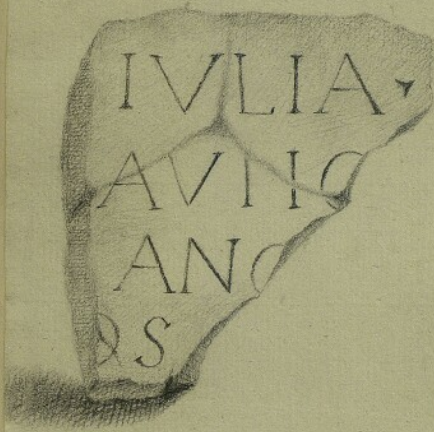


N.70





N.71



N.72



N.73



N.74





N. 75



BIBLIOTECA PÚBLICA E  
ARQUIVO DISTRICTAL  
DE  
EVORA

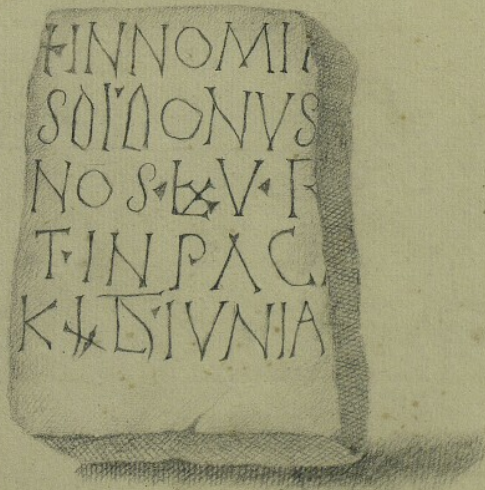


N.76



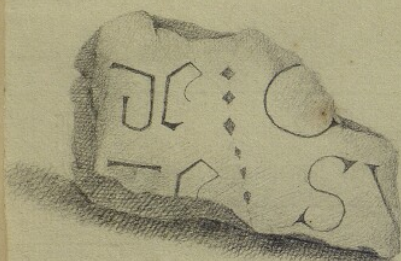
BIBLIOTECA PÚBLICA E  
ARQUIVO HISTÓRICAL  
EVORA

N.77





N.78



N.79



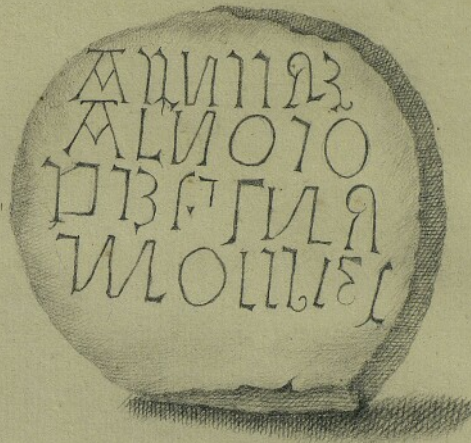
N.80



BIBLIOTECA PÚBLICA E  
ARQUIVO DO DISTRITO  
DE  
EVORA

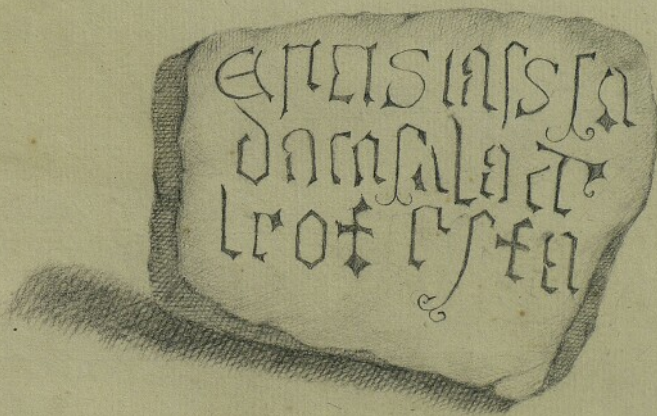


N.81



BIBLIOTECA PERLINA  
EXQUIVO INDUSTRIAL  
DE  
CYORA

N.82





N.83

LATERES



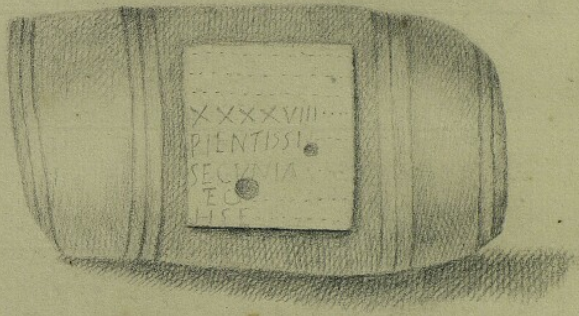
BIBLIOTECA PÚBLICA E  
MUSEO DE HISTORIA  
DE  
ÉVORA

N.84



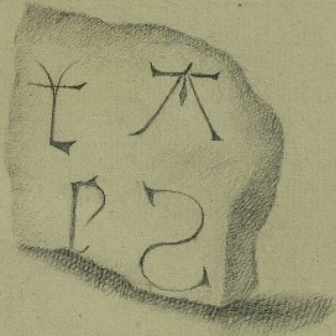


N.85



BIBLIOTECA PUBBLICA  
ARQUIVO HISTORICO  
EVORA

N.86



N.87





N.88



BIBLIOTECA PÚBLICA E  
ARQUIVO DISTRITAL  
DE  
ÉVORA



N.89

8

.CXXIX

1-14

Handwritten Arabic text in a rectangular frame, likely a reproduction of an inscription. The text is arranged in approximately 10 horizontal lines. The script is a cursive style, possibly Maghrebi or Andalusí. The text is partially obscured by a vertical line on the left side, which may represent a columnar arrangement or a specific part of the original inscription. The overall appearance is that of a detailed drawing or a high-quality reproduction of an ancient or medieval Arabic inscription.





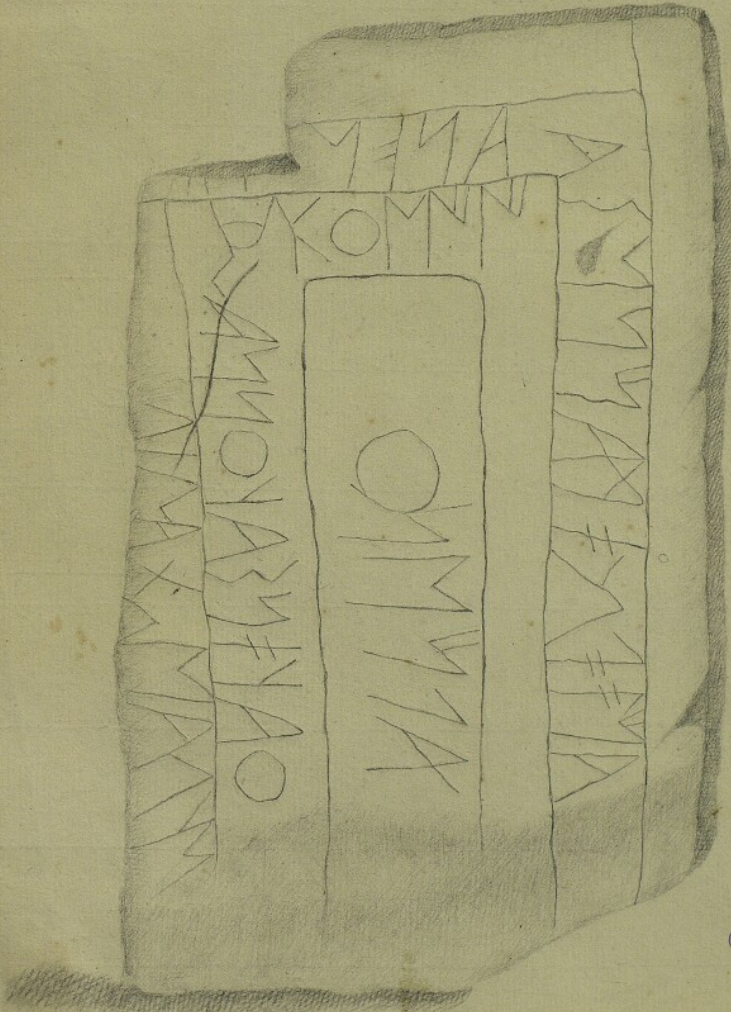
N.90



MUSEO PUBLICO  
ARQUIVO DISTRITAL  
DE EVORA



167N



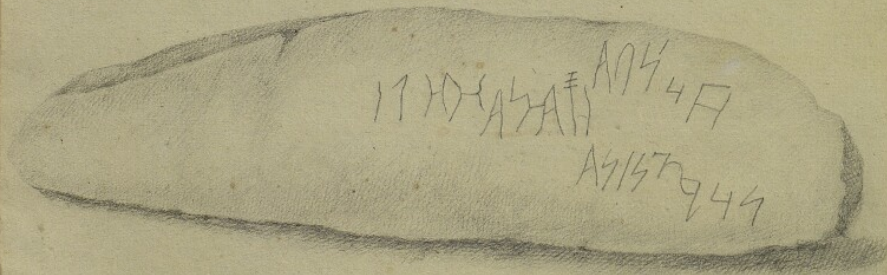
BIBLIOTECA PÚBLICA E  
ARQUIVO DO SINTHICAL  
DE  
ÉVORA



N.92

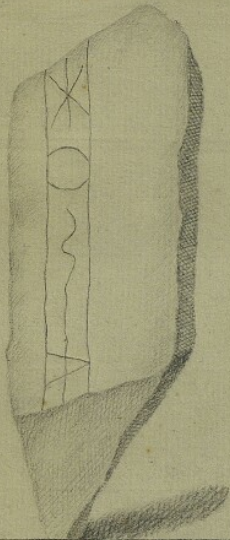


N.93





N.94



N.95



BRITISH MUSEUM  
ASIAN DEPARTMENT  
EVORA

N.96





N.97

8 - 10





N.98 - 8



BIBLIOTECA PÚBLICA E  
ARQUIVO DO DISTRITO  
DE  
ÉVORA



N.99



BIBLIOTECA PÚBLICA  
ARQUIVO HISTÓRICO  
DE  
ÉVORA



N. 100



BIBLIOTECA PÚBLICA  
ARQUIVO DE HISTÓRIA  
DE  
ÉVORA



N. 101



N. 102

BIBLIOTECA PÚBLICA E  
ARQUIVO DISTRICTAL  
DE  
EVORA





N. 103 8



BIBLIOTECA PUBBLICA  
ARQUIVO HISTORICAL  
EVORA



N. 104 8



BIBLIOTECA PÚBLICA E  
ARQUIVO MUNICIPAL  
DE  
EVORA



N. 105 8



BIBLIOTECA PÚBLICA  
ARQUIVO HISTÓRICO  
DE EVORA



N. 106 2



BIBLIOTECA PUBLICA  
ARQUIVO DO DISTRITO  
DE  
EVORA



N. 107



BIBLIOTECA MUSEO E  
ARCHEOLOGICO  
CIVILE  
EVORA



N. 108



BIBLIOTECA PÚBLICA E  
ARQUIVO DO DISTRITO  
DE  
EVORA



N. 109 8-7



N. 110



BIBLIOTECA PÚBLICA E  
ARQUIVO HISTÓRICO  
DE  
ÉVORA



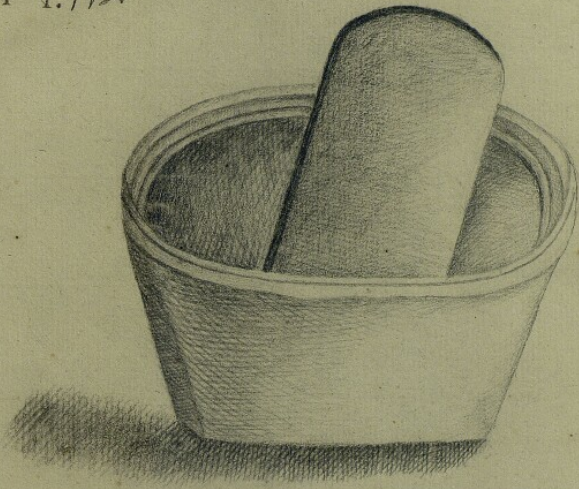
N. 666



PROVINCIA DE EVORA  
BANQUEIRO DISTRICTAL  
DE  
EVORA



N. 112



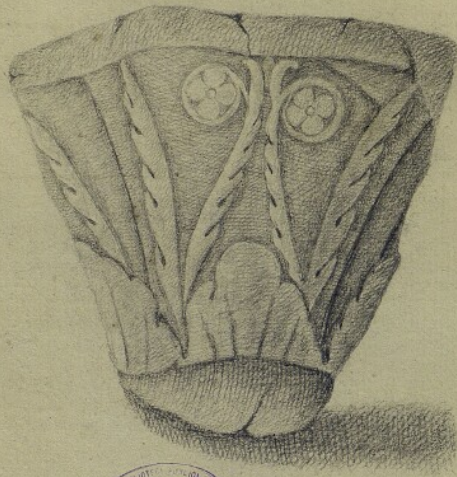
N. 113



BIBLIOTECA PÚBLICA E  
ARQUIVO ESCOLAR  
DE EVORA

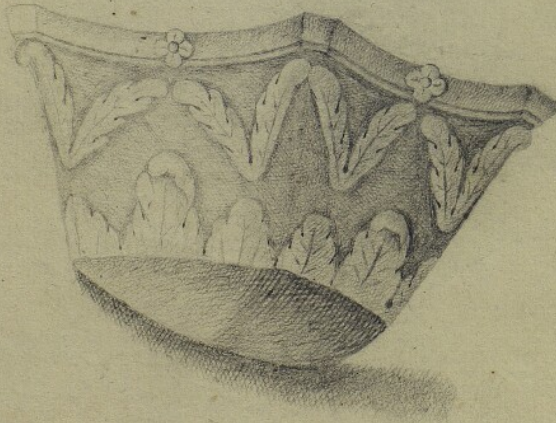


N. 114



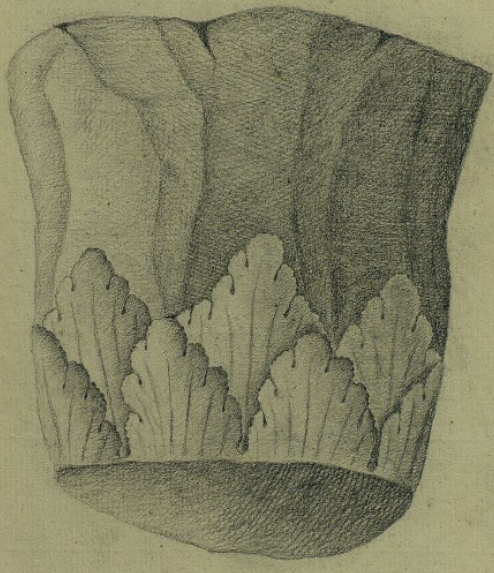
BIBLIOTECA MUSEO  
ARQUEOLÓGICO  
ÉVORA

N. 115





N. 116



WILMINGTON DISTRICT  
ARCHIVO DISTRICTAL  
DE SYDRA



N. 117



BIBLIOTECA PÚBLICA E  
ARQUIVO HISTÓRICO  
DE  
ÉVORA



N. 118



N. 119



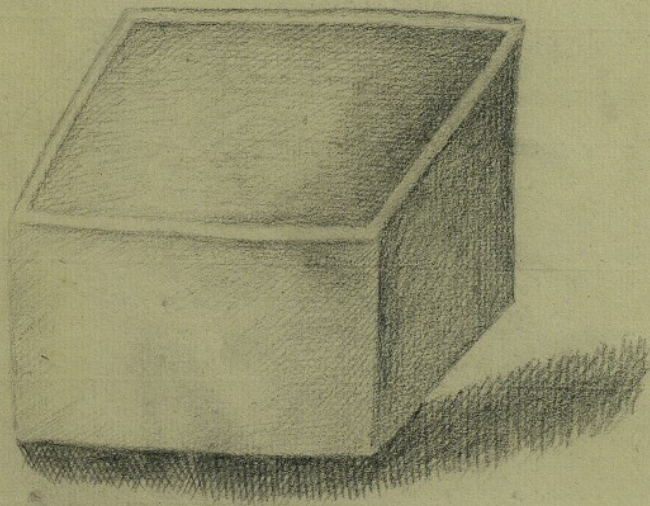


N.º 20





N 126



BIBLIOTECA PÚBLICA E  
ARQUIVO DISTRITAL  
DE  
ÉVORA



N. 122

MARCEL  
MXXXII<sup>o</sup>  
CONTENTA  
MARITONVLM  
MVS VORT  
PIENTISSIME  
ECIT  
EST STL





123



BIBLIOTECA PÚBLICA  
ARCHIVO DISTRITAL  
DE  
EVORA



124

N.º 7.



BIBLIOTECA PÚBLICA E  
ARQUIVO MUNICIPAL  
DE  
ÉVORA

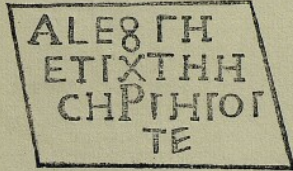


+ Dr. P. S. ...

125

**ANTIQUITAS GRAECOLUSITANA  
EX LAPIDE GRAECO**

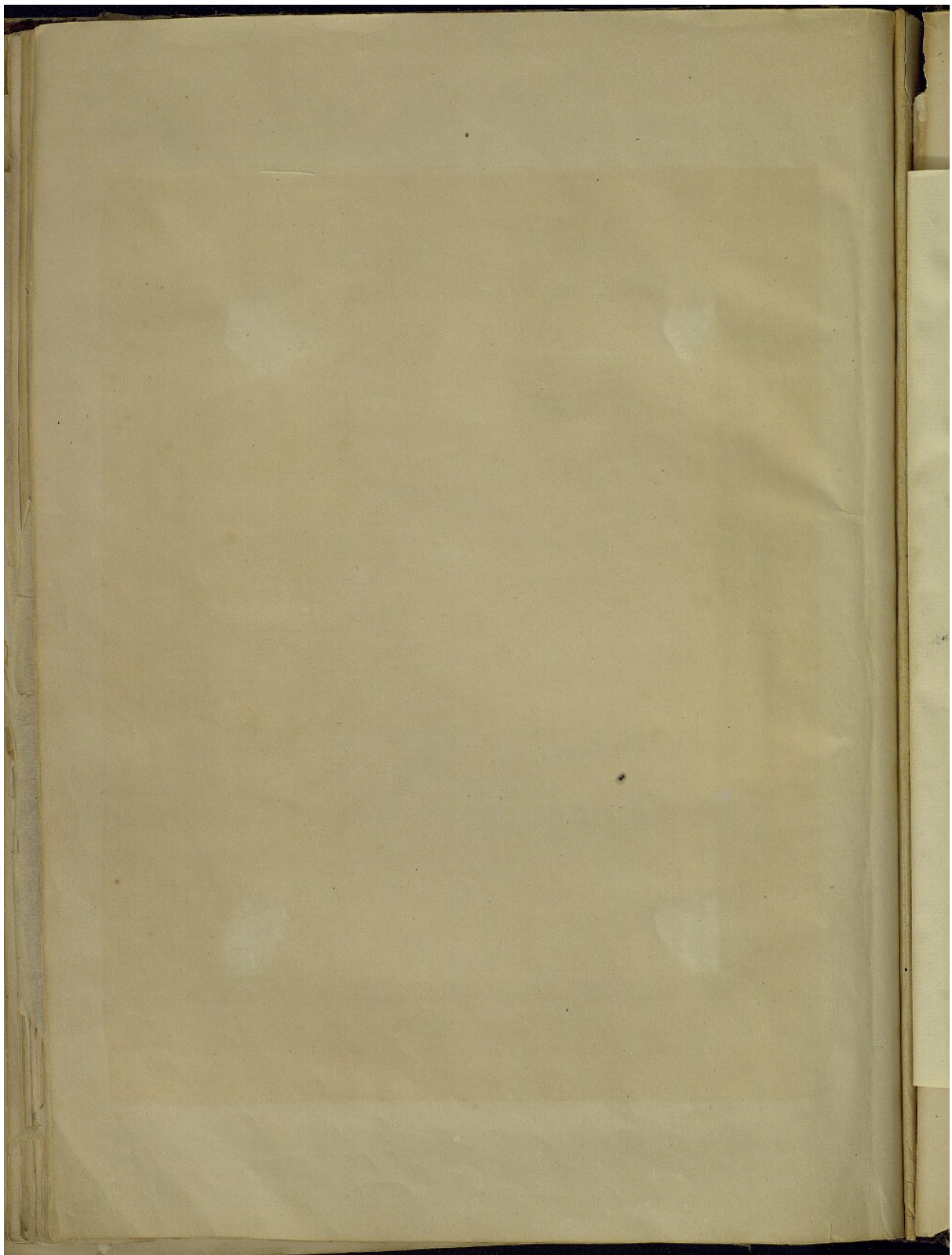
reperito in Palatio Exclmi D. Episcopi Pacensis,  
Interprete Josepho Laurentio de Valle Protho-  
notario Apostolico Abbate que Reservatorio &c.



I.e. ΑΛΕΟΥ ΓΗ ΗΤΙΧΤΗ ΗΞΗΡΗΙΟΙ  
ΤΕ. Fertilis terra fructificavit cum Assyriis.  
Lapis iste antiquissimus est, nam Phoenices sapit  
cum L pro Δ scribitur; ut priores Graeci qui litteras  
ab illis receperunt olim utebantur. Deinde hinc αλεξ  
ex Chald. & βεξ. quod frumentum significat; & γη  
á Syro γη significante terram, notabis. In caeteris n  
pro z, & α, & ο saepe á Graecis permutantur, qui  
pridem & C pro Z scripsere; ut tradit Palaeogr.  
Montfaucon fol. 130, & 132. Ex ΓΗ conjice cur  
Pax Iulia quondam Ges quoque vulgo vocabatur;  
ut in quibusdam Memoriis Sapientis Alphonsi Re-  
gis Aragoniae praetiosae Bibliothecae Excellentissi-  
mi Dni Episcopi Pacensis Manuscriptis observavi.  
Auctoris Amicus edidit Romae MDCCXCI.









- |     |  |    |
|-----|--|----|
| N.º | 1. Na escada da torre de S. <sup>ta</sup> M. <sup>a</sup> de Beja.                               | 32 |
|     | 2. Na muralha antiga de Beja.  | 32 |
|     | 3. Na herdade do Passo da Coma freg. <sup>a</sup> de Balizães.                                   | 32 |
|     | 4. Em S. <sup>ta</sup> Margarida do Tado.  | 32 |
|     | 5. Junto a Ermida de S. <sup>to</sup> João meya Lega do Torrão.                                  | 32 |
|     | 6  | 32 |
|     | 7  | 32 |
|     | 8. Na Cidade de Beja.  | 32 |
|     | 9.   | 32 |
|     | 10. Na vinha de Pantalão no sitio do Torrão freg. <sup>a</sup> de Balizães.                      | 32 |
|     | 11. Em Beja no terreiro dos Pratorij.  | 32 |
|     | 12. Na herd <sup>a</sup> da Represa, pouco distante de Beja.                                     | 32 |
|     | 13   | 32 |
|     | 14   | 32 |
|     | 15   | 32 |
|     | 16   | 32 |
|     | 17. Em Beja no fundo do Palacio Episcopal.   | 32 |
|     | 18   | 32 |
|     | 19. Em Trigachez junto a Beringel.   | 32 |
|     | 20 -   | 32 |
|     | 21   | 32 |
|     | 22   | 32 |
|     | 23. <del>Em Beja no terreiro dos Pratorij</del> No Vicio de Beja junto aos laguney do Pe da Cruz | 32 |
|     | 24. Na herd <sup>a</sup> do Padrão.  | 32 |
|     | 25. Em Lisboa.   | 32 |
|     | 26   | 32 |
|     | 27. Em Quintas na herd <sup>a</sup> da Torre.  | 32 |
|     | 28   | 32 |
|     | 29   | 32 |
|     | 30. Nas casas de M. <sup>a</sup> de Goei de Beja, sitas na rua da Fabrica em Beja.               | 32 |
|     | 31   | 32 |
|     | 32   | 32 |





- 33 Em Beja no Cemeterio antigo da Igreja de S.<sup>ta</sup> Maria.
- 34
- 35
- 37
- 38
- 39 Em Beja na muralha as portas de Martola. - Municipia sepulchral romana.
- 40
41. Na freg.<sup>a</sup> de S.<sup>to</sup> Amador termo de Moura.
- 42 Em Santiago de Casem.
- 43 Em Beja na rua do Jesus no alicerce das casas de Jose Joaquim de Oliveira.
- 44.
- 45.
- 46.
47. Na freg.<sup>a</sup> de S. Miguel do Pinheiro termo de Almodovar.
- 48
- 49
50. Em Beja na rua do Esquivol, em tempo de Reende fora dos muros da Cid.<sup>a</sup>
51. Em Lisboa.
- 52 Em Beja
- 53
- 54
- 55
56. Em Beja na parede do quintal da Igreja de S.<sup>ta</sup> Maria.
57. Nas casas da herd. do Padrao.
- 58
- 59
- 60
- 61.
- 62
- 63
64. Em Beja em huas casas, sitas na Rua.
65. Em Beja na muralha junto a Porta Nova. Municipia
- 66.

Aqui jaz Joao  
 e sua  
 mulher D. Ana  
 e Estavoz



- 67 Em Beja na rua das Ferrarias. 22
- 68 202
- 69 202
- 70 202
- 71 202
- 72 202
- 73 202
74. Em Beja as portas de Mertola. - Inscripção 202
75. Em Beja num quintal da rua do Toura. 202
76. Em Beja as Portas de Mertola. Inscripção 202
- 77 202
78. 202
- 79 Em Beja as Portas de Mertola. Inscripção 202
80. Em val de Agueiro. D. 202
- 81 \_\_\_\_\_
- 82 \_\_\_\_\_ *Aqui jaz  
A. v. v. v.  
Cruz e sua  
mãe.* 202
- 83 \_\_\_\_\_ *Estas cruzes são  
da Igreja de  
S. Estevão.* 202
- 84 \_\_\_\_\_ *Esta sepult  
ura, he de Sr.  
a Quodinda,  
e de Sr. E.  
v. d. v. v.* 202
- 85 \_\_\_\_\_ 202
- 86 Em Santiago de Cavem. 202
87. Em Santiago de Cavem. 202
- 88 \_\_\_\_\_ 202
89. Em Mertola. 202
- 90 \_\_\_\_\_
- 91 Na freg. de Ourique. \_\_\_\_\_
- 92 Na freg. de Ourique. \_\_\_\_\_
- 93 Na freg. de Ourique. \_\_\_\_\_
- 94 Na freg. de Ourique. \_\_\_\_\_
- 95 Na freg. de Ourique. \_\_\_\_\_
- 96 ~~Em Beja~~ Na freg. de Ourique \_\_\_\_\_
- 97 Em val de Agueiro - Torre de Lybele - do meu Lugar de Beja \_\_\_\_\_
98. No abazete da muralha Romana q se abriu p a obra de Fr. Mel de Mello em quint.  
Beja na rua Torre de estatua \_\_\_\_\_



- |   |      |  |  |
|---|------|--|--|
| 3 | 99.  | Na Igreja de Santiago de Casem.  |  |
| 3 | 100  | Na Igreja de Santiago de Casem.  |  |
| 3 | 101. | .  |  |
| 4 | 102  | Em Beja na rua dos Semblancos na obra de Alexandre Ramos.              |  |
| 5 | 103  | Em Tavira  |  |
| 5 | 104. | .  |  |
| 4 | 105. | Em Val de Agueiros - Si. de estatua                                    |  |
| 4 | 106  | Em Val de Agueiros - M <sup>o</sup> de S.                              |  |
| 4 | 107. | Em Val de Agueiros - Si. de estatua                                    |  |
| 4 | 108  | Em Si  |  |
| 4 | 109  | .  |  |
| 4 | 110  | Em Sines nas casas chamadas de Vasco de Gama.                          |  |
| 4 | 111. | Em Mertola.  |  |
| 4 | 112  | Em Val de Agueiros. - gral   |  |
| 4 | 113  | .  |  |
| 4 | 114. | Em Beja no Lugar do Pa da Cruz   |  |
| 4 | 115  | .  |  |
| 4 | 116  | .  |  |
| 4 | 117  | .  |  |
| 4 | 118  | Na Troia   |  |
| 4 | 119. | .  |  |
| 4 | 120  | Na herd <sup>e</sup> de D. Pedro, sita na freg <sup>a</sup> de Balsem. |  |
| 4 | 121  | Em hum Sepulcro, sito ao pé do ribeiro de Quintos.                     |  |
| 4 | 123  | Em Beja  |  |
| 4 | 124  | ditado em Cetobrya. Vide de Almeida, pg. 89                            |  |



*Inscrições antigas*

*Hebraica N. 30.*

*Arabicar N. 82, 90.*

*Gregas N. 17, 80.*

*Romany Sepulchros em barricas N. 3, 11, 12, 21, 85.*

*Outras Sepulchros N. 5, 6, 10, 11, 15, 18, 19, 28, 31, 37, 38, 39, 41, 50, 53, 57, 61, 66, 67, 71, 74.*

*Sepulchros singulares N. 10.*

*Não Sepulchros N. 7, 8, 9, 13, 16, 22, 23, 24, 26, 29, 34, 35, 36, 42, 42, 44, 46, 53, 54, 56, 62, 64, 65, 68, 69, 72, 73, 79, 88.*

*Varias peças de Estatuarios antigos á Romana.*

*Posta de hum pé N. 105.*

*Hum braço N. 106.*

*Cabeças N. 75, 102.*

*Busto N. 103.*

*Estatuas sem cabeça N. 97, 98, 107.*

*Hum vaso N. 127.*

*Hum Columna com relevos N. 111.*

*Umas N. 112, 121.*

*Hum relevo N. 118.*

*Capiteis N. 114, 115, 116, 117.*

*Antefixas N. 118, 119, 120.*

*Á grega.*

*Hum Cabeça N. 104.*

*Inscrições de caracteres incognitos pela maior parte  
N. 47, 91, 92, 93, 94, 95, 96.*



Inscrições modernas, quasi todas Portuguezas com caracteres  
gothicos, poucas Latinas com caracteres romanos.

Sagradas. N. 1, 32, 76, 77.

Sepulchros em Letra gothica pessima N. 58, 79, 81, ~~82, 83~~, 91, 87.

Oitros Sepulchros. N. 48, 52, 63, 70, 84.

Profanas. N. 51, 59, 60, 82, 83, 86, 78.

Pecas modernas e gothica

Sagradas. Hum Cruz N. 33.

Duas estatuyas N. 99, 100.

Profanas. Hum Busto N. 101.

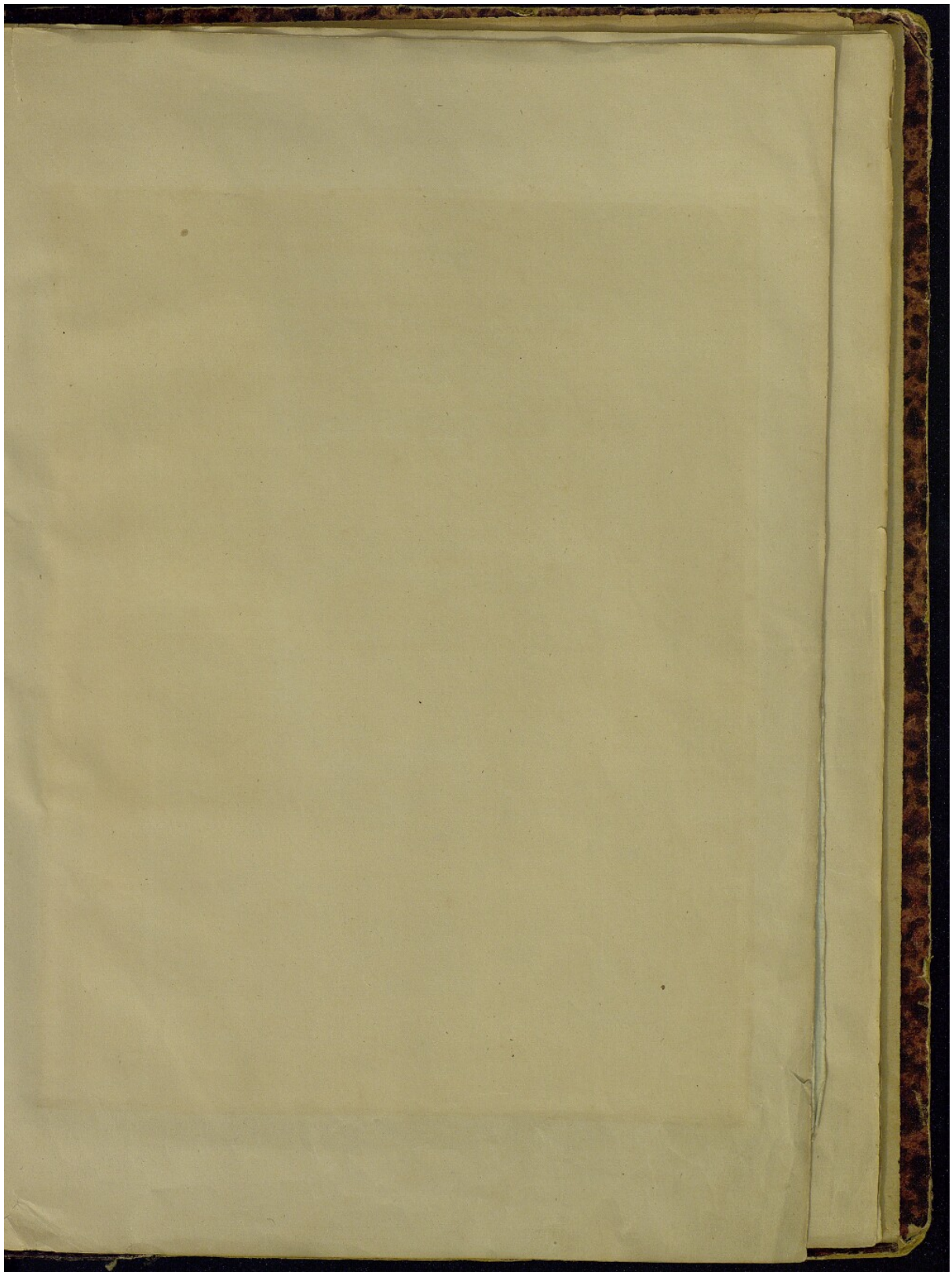
Duas cabeças N. 20, 209.

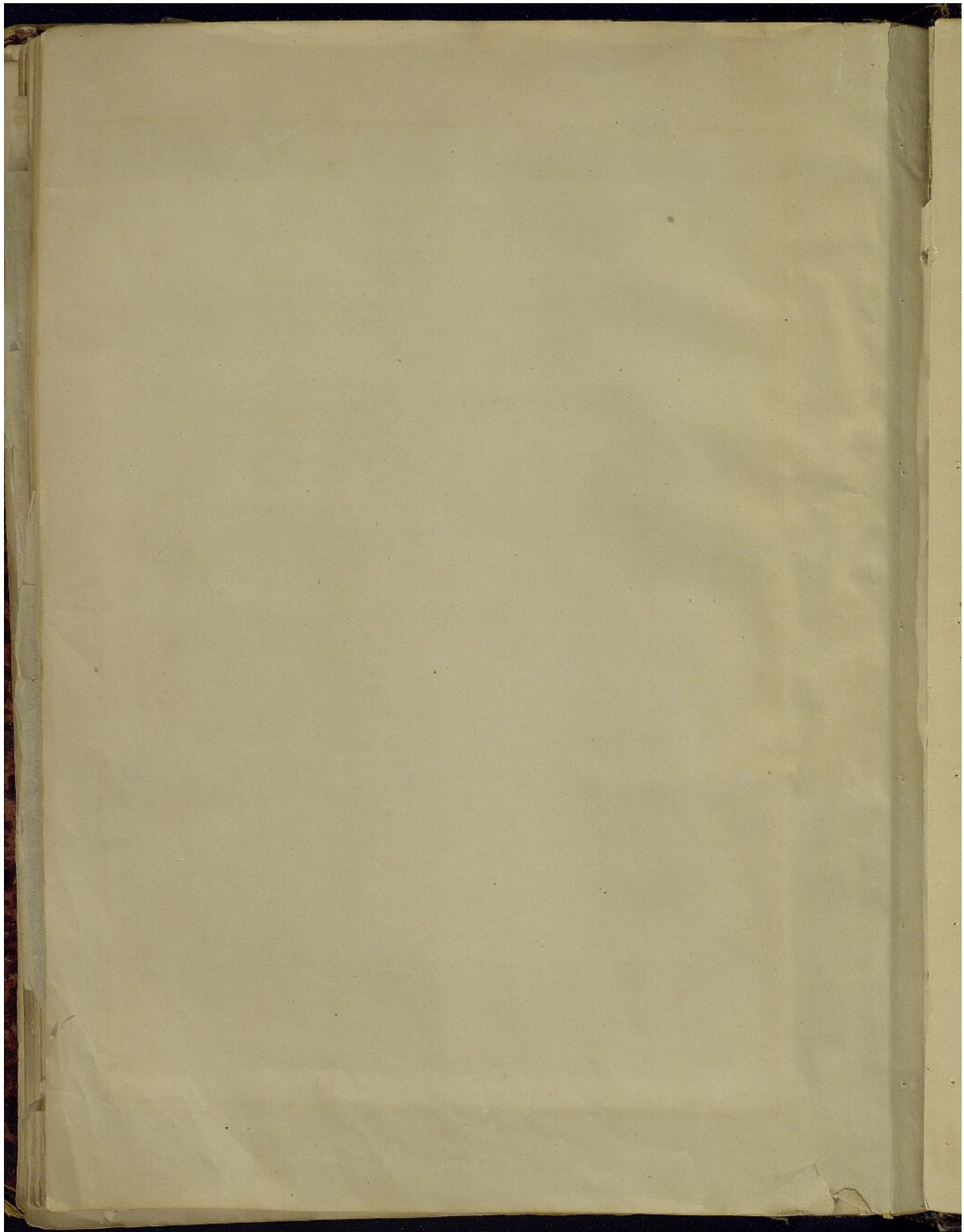
Hum vaso N. 113.

N.B. A materia das Armas N. 110 he de ferro, a Inscricão N. 83 está gravada em hum Ladrillo grande de figura quadrada oblonga; as Armas são de barro, algumas Inscricoes se achão abertas em Jaspe, as outras em pedra de cantaria de diversas qualidades; as pecas quasi todas são de Jaspe.











N1  
Al 4 meio 1 2 meio 5 3 quart

N2

Al 4 1 2 meio 5 4

N3  
Com 5 Arcom 6

~~Al 4 1 2 meio 5 4~~

N4

Al 4 meio 1 3 5 2

N5

Al 4 meio 1 3 5 2

N6

Al 4 1 2 meio 5 4

N7

Al 6 quarto 1 2 meio 5 4

N8

Comp 4 1 2 5 meio

N9

C 3 2 9 1 2 5 meio





N10

AL 5 L2 emcio Gr 4 emcio

N11

C4 Circom 5

N12

C3 Cir 4 emcio

N13

AL 7 L3 G4

N14

AL 7 emcio L2 emcio G4

N15

AL 3 L4 emcio G3 quart

N16

Compr 2 AL 4 eq G4

N17

Com 4 emcio AL 4 G3g

N18

AL 6 emcio L2 eq G4



N19

Al 4 emcio l 3 S 2  
N20

Circ 2 emcio C 1. fig  
N21

Com 7 eg Circ 6 emcio  
N22

Al 4 emcio l 2 S 3  
N23

Comp 40 atresq l 4 S 3  
N24

Comp 4 Al 2 S emcio  
N25

Comp 8 eg Al 3 S 1 emcio  
N26

Al 2 eg l 1 emcio S 1  
N27

Circ 6 Al 2



N28

Al 3 l 3 S 4

N29

l 5 emcio Al 2 eq S 4 emcio

N30

Arco 8 Comp 3 emcio

N31

Comp 2 emcio Al 2 S 4

N32

Comp 5 Al 2 S 2

N33

Al 7 emcio l 2 S 4 emcio

N34

Al 4 l 4 S tres q

N35

Al 4 emcio l tres q S meio

N36

Al 4 emcio l 2 S 4

N37

Al 4 emcio l 4 S meio



N38  
Al 3 l 2 eq S meio

---

N39  
Al 2 emeio l 3 S meio

---

N40  
Al 3 eq l 2 eq S 2

---

N41  
Al 3 emeio l 2 emeio S meio

---

N42  
Al 4 emeio l 2 S 4

---

N43  
Al 3 eq l 4 emeio S 4

---

N44  
l 2 Al 4 emeio S meio

---

N45  
l 2 emeio Al 3 S 2

---

N46  
Al 3 l 2 S 4

---

N47  
Compr 9 Sro 4 emeio l 2 emeio

---

N48  
Al 4 eq l 3 S meio

---



N49

G.6 AL2 S meio  
N50

AL5 L2 S meio  
N51

Comp 4 AL3 S meio  
N52

Comp 2 meio AL2 S tres q  
N53

Comp meio L4 S v  
N54

C2 AL S meio  
N55

AL meio L v S meio  
N56

C3 AL 2 eq S v  
N57

AL 2 meio L2 S meio  
N58

AL5 Circo 7 S tres q



N59

Comp 1 emcio Al 1 S meio

N60

Al 1 tres q L 1 S 1

N61

Al 1 2 q L 3 etres q. S 2 emcio

N62

C 1 emcio Al 1 S tres q

N63

Al 2 L 1 emcio S 2 q

N64

Comp 1 emcio Lar 5 S 3 eq

N65

Comp 4 Al 2 emcio S 2

N66

Al 1 emcio L 1 S 2 q

N67

Al 1 2 q L 1 S 2 q

N68

Comp 1 emcio Al 1 S tres q

N69

Al 1 emcio L 1 S 2 q

N70

C 2 L 1 S tres q





N<sup>o</sup> 71  
Al hemio 1/4 S 29

N<sup>o</sup> 72  
Al 2 1/4 S tres 9

N<sup>o</sup> 73  
Al hemio 1/4 tres 9

N<sup>o</sup> 74  
C. 4 tres 9 Al 1/4 S meio

N<sup>o</sup> 75  
Comp 5 15 S 5 tres 9

N<sup>o</sup> 76  
Al 2 tres 9 1/2 S 1

N<sup>o</sup> 77  
Al hemio 1/4 S meio

N<sup>o</sup> 78  
Comp hemio Al 1/4 S meio

N<sup>o</sup> 79  
Al 1/4 1 tres 9 S 29

N<sup>o</sup> 80  
Comp 4 tres 9 Al 1/4 S meio

N<sup>o</sup> 81  
Al hemio Circulo 3 tres 9 S 29



N82

Al 1 etres q L 2 S 2 eq

N83

N84

Al tres q L 4 S 2 q

N85

Comp 4 Circul 5

N86

Al 4 eq L 6 S meio

N87

Al 2 C bemeio S 4

N88

Comp 3 emcio Circul 4

N89

N90

N91

Al 4 emcia L 2 etres q S meio

N92

Comp 4 Al bemeio S 4

N93

Comp 8 emcio Al 2 S 1 etres q



N 94

XL 3 eq L 2 S 29

N 95

XL 1 meio L 4 S meio

N 96

XL 4 L 3 S meio

N 97

XL 7 meio L 3 em quadro

N 98 99

98 a rapariga

XL 5 em grupo 2 eq

N 99 100

XL 4 em 2 meio

N 101

XL 2 meio L 3 S 1 etres 7

N 102

XL ~~12~~ L 2 eq S 1

N 103

N 104

XL 4 meio etres 9 Circo 14 r.

XL 1 etres 9

N 105

em quadro 9 r

XL 5 eq Circo

N 106

10 meio r



N107

Al 4 eq Circul 7 etres q.

N108

Compr 3 emeis Al 2 eq S meio

N109

Sr 2 eq Circul 5.

N110

Compr 2 emeis Al 2

N111

Al 8 Circo 9 etres q

N112

Compr 5 L3 S 2 eq

N113

Al 4 Circa 6.2 q

N114

N115

Compr 3 Fundo 2 emeis

N116

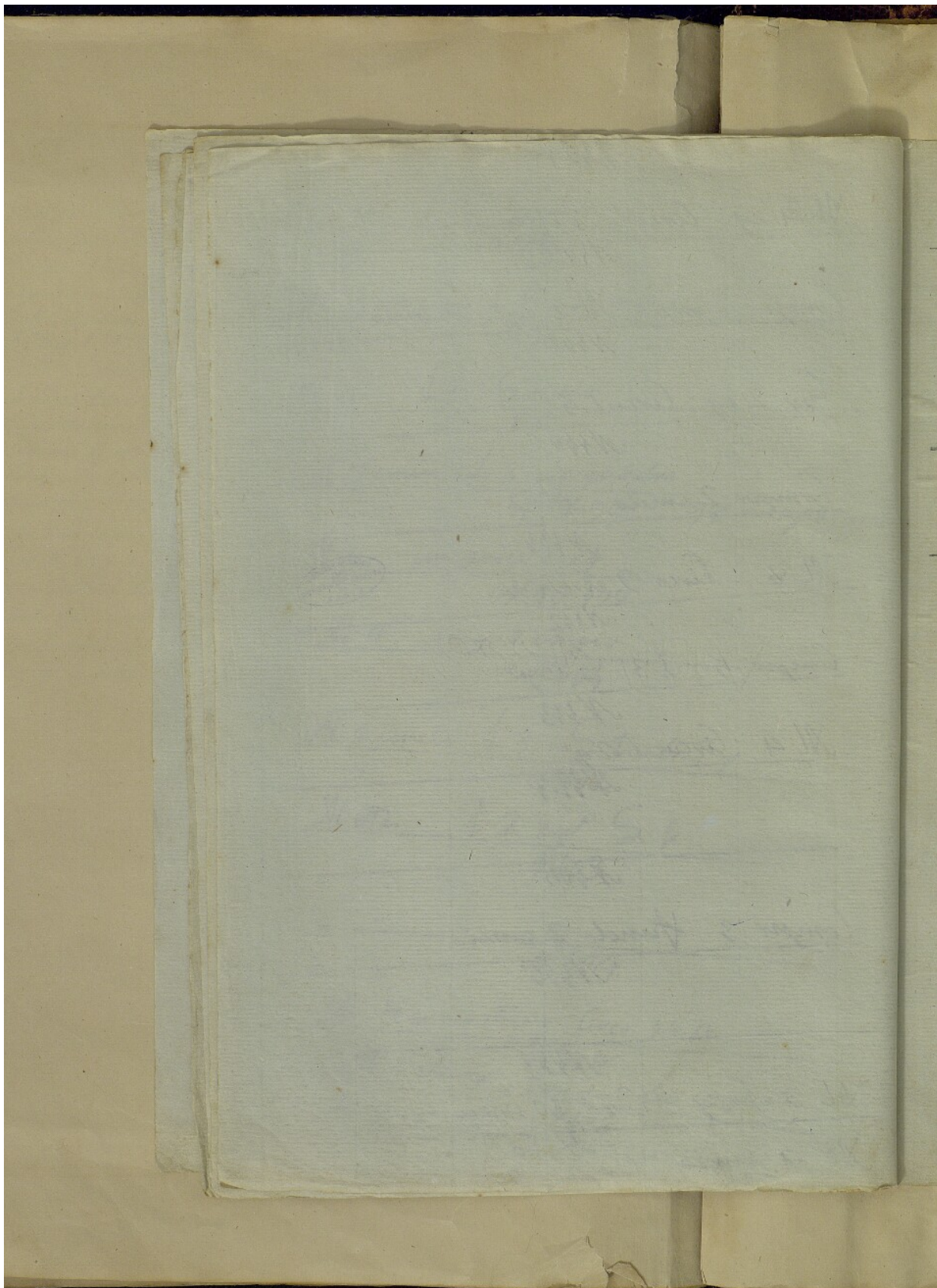
N117

Al 3 ehu q Circo 10 emeis

Al 4 emeis Circul 3









N 119

Al 3 embo Circul 4

N 120

Circul 11 p Al 4

N 121

Al 1 otros y 12 enquadro

N 122

Al 3 eq 14 G 3 eq





Lapis Musaei Excellentissimi ac Reverendissimi Dni.  
Dni Episcopi Paceani, in integrum curiose restitutus

Josepho Laurentio de Valle die 5 Martii Anno 1794



QVIS O PRAE TIMORE  
SITAM VIATOR HIC ME  
TERERI NE LEGERIS TV \*R  
ME AETATIS VICESIMA QVINTAE  
DOLEBIS ET SI SENSVS ERRET LOCVM  
MEAE QUIETIS O VEL ASSOCIANDVS  
IRI DVLCIVS PRECABOR VT ANNIS  
VIVAS PLVRIBVS ET DIV QVI  
IESCAS QVAM LN ARIA  
CVRA FRVARE VITA PERFECT  
E FLERE IVAT QVID VIXER  
IS ANN <sup>et</sup> INACHVS HAEC MALA  
NŌ FAC I POTIVS PROPERA N ME \*IN  
SEGIS IPSE LEGERIS I <sup>et</sup> NICEA XXV \*N

*Quis o prae timore sitam viator hic me terri ne legeris tu me aeta-  
tu vicesimae quintae dolebis et si sensus erret locum meae quietis. O vel asso-  
ciandus iri dulcius praecabor ut annis vivas pluribus et diu quiescas. Qua  
milenaria cura fruaré vita perfecte. Flere juvat quid vixeris annis. Inachus  
haec mala non fac. I potius propere in me segnis ipse legeris. I. Nicea  
XXV an.*

*Oh qualquer caminhante que por temer de ser espartado não meleres a qui se jul-  
fada. Tu me choraras de idade de 25 annos máda que o sentido se aparte do lugar  
do meo descanço. Oh q' máda vivas a ser companheiro, eu rogarei a gradavelment vivas q'  
vivas os mais dilatados annos e descanços por muito tempo. Cujá vida milenaria  
cuida em agozar perfeitamente. Mas he perisso chorar os annos que viveres. Deos  
não facas estes malis. Naite, melhor te chegues amim vagaroso. Tu mesmo tem  
lado vátte. Nicea de 25 anni.*

X  
Dr. P. P. P.



Dr. Pinheiro

X

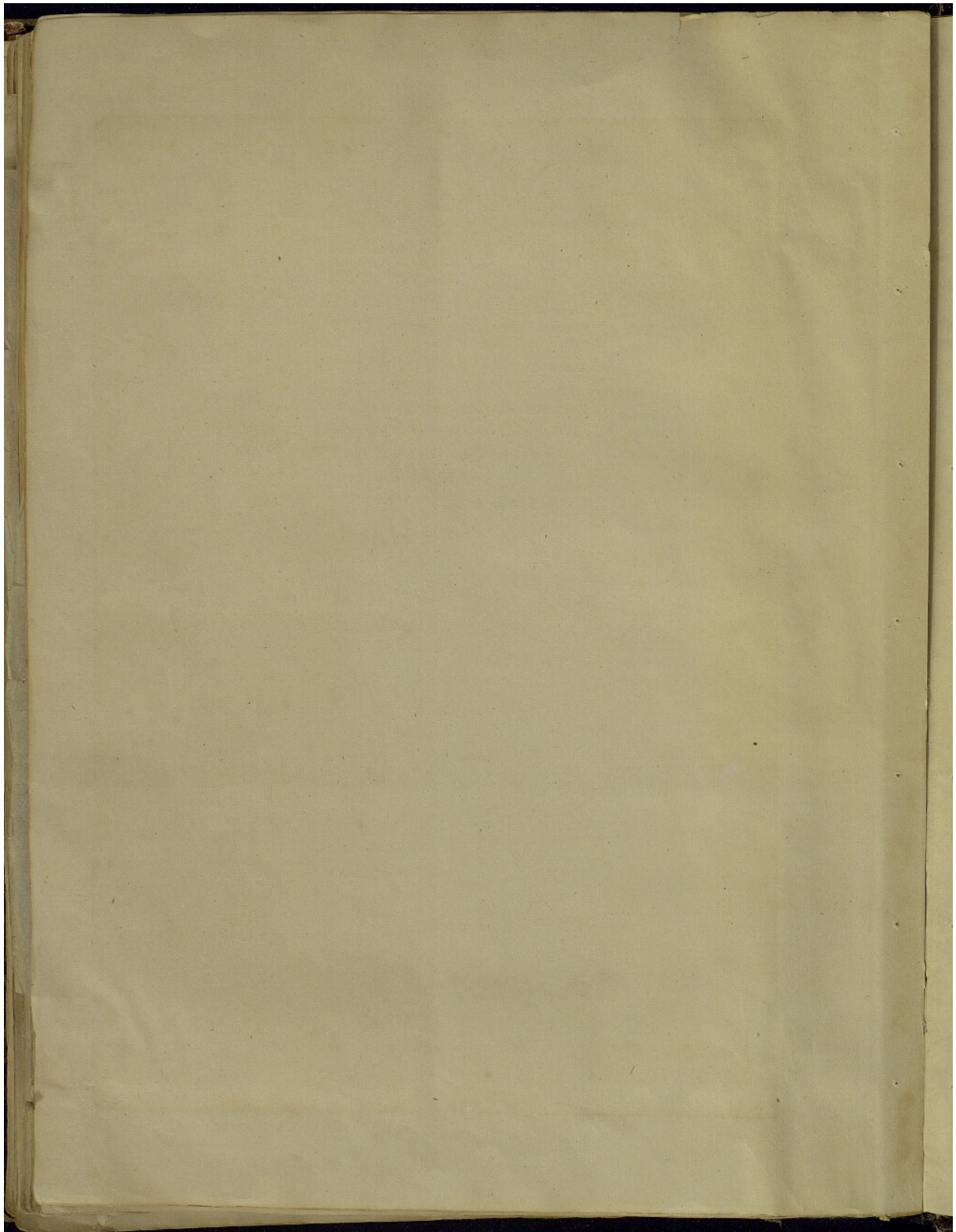
qvis o praet                    erit me hee  
 Sitam viato                    r et fra  
 Termini legem                s quae quae  
 Meaetatis vice illm        ae v  
 Doleby d' si univ' ex        it ex - epullas alle for unis de ocl - vlt h' l' g' g' d' e  
 Meae quieti o vel        ex  
 Tibidulevi precabor        am y  
 vivay pluribz et div        se  
 nejay qvn mi ne            on sen  
 i. c'vra frivare vita. M        i'ora  
 e flere vat qvltu' inu'        gl'ora  
 is ann' d' machys haec ma    La  
 v'ofac. i. pot'z prop'era v m    n e  
 se'is ipse legem. i. d' Nicea xxv    n

qvis o praetery metra  
Sit

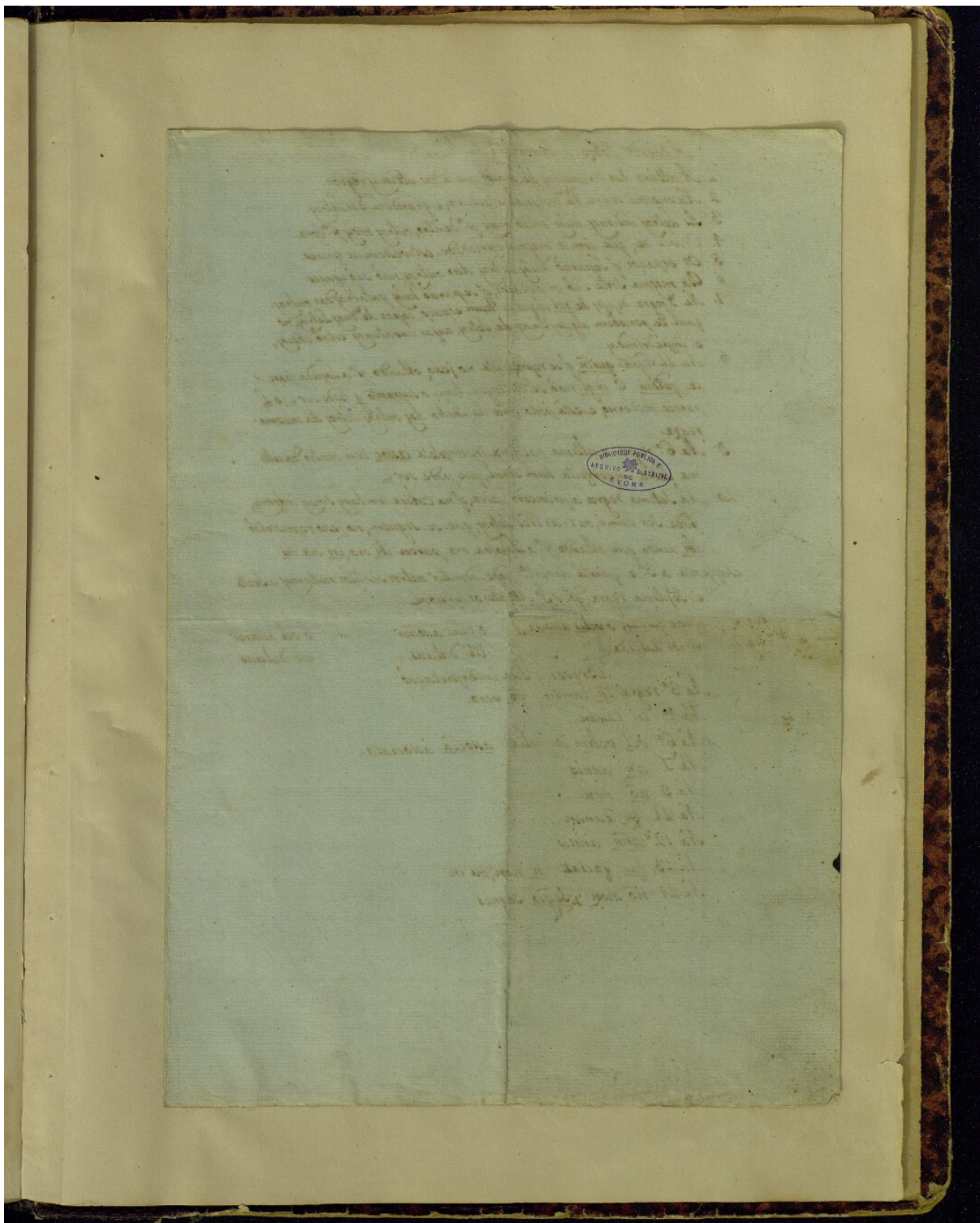


qvis o praetery metra  
 Sitam viator et fra  
 Termini legem qvn  
 meaetaty vice illm  
 Doleby d' si univ' ex  
 meae quieti o vel alio  
 Tibidulevi precabor am  
 vivay pluribz et div se  
 nejay qvn me no sen  
 i. c'vra frivare vita Miere  
 flere vat qui tamen in c'lo  
 vlt ann' Machys haec ma  
 a no fac. i. d' m' prop'era in m  
 e leg' ipse legem. i. d' Nicea a. xxv











Adverta sobre a Invenção de Nicias.

1. A altura das primeiras he maior que a das ultimas regras.
2. Na mesma regra he desigual a altura, e grandura das letras.
3. As letras inicias hũa estão mais p.<sup>a</sup> dentro outras mais p.<sup>a</sup> fora.
4. Cruel he, que com a mesma variedade estivessem as finças.
5. Os espaços, q<sup>e</sup> separam hũa letra das outras, não são iguaes.
6. Da mesma sorte são os espaços, q<sup>e</sup> separam hũa palavra das outras.
7. Na 9.<sup>a</sup> regra depois de *ni*, segue-se hum espaço, antes de duas letras, no qual se pericbam alguns sonos de letras, cujas conatunç<sup>ões</sup> estas letras, e impedindas.
8. Na 11.<sup>a</sup> regra quinta q<sup>e</sup> se representa no jero, olhando p.<sup>a</sup> a *Lapida* pare a *quidri*. O ingl. não se distingue bem, o *supposito* q<sup>e</sup> pode ser *c*: o *L* parece moderno e esta posto fora da linha das outras letras da mesma regra.
9. Na 6.<sup>a</sup> regra a ultima palavra incompleta *assoc* tem dentro da ultima letra imperfeita hum sinal que pode ser *c*.
10. Na sétima regra a primeira letra, q<sup>e</sup> na cabeça tem hũa sinua infirma, pode ser *h* ou *i*: as tres letras, que se seguem, no jero representam *ibi* ainda que olhando p.<sup>a</sup> a *Lapida*, ora parece *ibi*, ora *ini*, ora *iti*.

Supposito a 3.<sup>a</sup> e quarta advert.<sup>ões</sup> pode admitir outros ventos naturay a *besta* e *Septima* Regra, p.<sup>a</sup> o *S. Abate* os *approve*

reg. 6.	meae quietas, o velis associa	o velis associer	o vel associer
reg. 7.	ni ibi dulcius	tibi dulcius	tibi dulcius

Breves, e sua interpretação.

Na 3.<sup>a</sup> regra *tri* tamen. *vō* vers.

Na 4.<sup>a</sup> *tri* tamen.

Na 6.<sup>a</sup> *vel* velim ou velis: *associa* associata.

Na 7.<sup>a</sup> *an* annis

Na 9.<sup>a</sup> *nō* non.

Na 11.<sup>a</sup> *tri* tamen.

Na 12.<sup>a</sup> *ann* annis

Na 13.<sup>a</sup> *fac* faciat *n* non ou in

Na 14.<sup>a</sup> *nō* non: *Segis* Segnis.

O m.  
me.  
ni, n.  
tate.  
bi,  
sus.  
asso.  
pore.  
bus,  
non.  
re v.  
val,  
flor.  
tibi  
pera  
geri.  
O q.  
me.  
mi,  
1:  
2:  
3:  
4:  
5:  
6:  
7: *tri*  
8:  
9:  
10: *tri*  
11: *tri*  
12:  
13:  
14: *tri*



O viator, quis praeteris me sitam hic? siste frater mi, ne legeris tamen me aetatis vicesima V. Sitam. dolebis, et, si dolueris ergo sensus meae quietis, o velim associata esse tibi dulcius: precabor, vivas annis pluribus, et diu consenescas, cum non sorti vi mihi. Cura fruare vita ornata. Ne flere juvat, qui fleo tamen annis ingloriis. Inachus non faciat tibi haec mala. i. potius, prospera, ipse non jam. Lege-  
 nis me, i. Nicaea XXV.

O viator, quis praeteris me sitam hic? ah frater mi siste, ne legeris tamen me aetatis vicesima V. Sitam. dolebis, et, si sensus meae quietis erit tibi, o velim associata esse dulcius tibi: precabor, vivas annis pluribus, et diu desenescas, cum non dunt mihi. cura fruare vita optata. Ne juvat flere, qui tamen annis ingloriis. Inachus non faciat tibi mala haec. i. potius, ne quis prospera in me, ipse legeris, i. Nicaea XXV.

O viator, quis praeteris me sitam hic? si times, frater mi, ne legeris me aetatis vicesima V. Sitam hic: tamen dolebis, et si ergo sensus meae quietis. O velim associata esse dulcius tibi: precabor, vivas annis pluribus, et diu desenescas, cum non fiat mihi: fruare vita non cura. Sane juvat illi flere, qui tamen fleat annis ingloriis. Inachus non faciat tibi mala haec. i. potius, ne quis prospera in metam, ipse legeris, i. Nicaea XXV.

O quis praeteris? viator, en me sitam hic: accede frater mi, ne legeris tamen?

O viator, quis praeteris me sitam hic: frater mi pone metum, ne legeris.

O viator, quis praeteris me sitam hic? Times id? Frater mi, ne legeris: tamen dolebis me aetatis vicesima V. Sitam. et, si sensus erit meae quietis.

- 1:  
 2: metuis (horres) fra  
 3: ter mi?  
 4:  
 5:  
 6: o velim, associe, — — — associam (associa) — — — o vel associe  
 7: tibi dulcius — — — tibi dulcius precabor?  
 8:  
 9: cum non datum mihi ne — — — non pere — — — non pane  
 10: si cura — — — si cura fruare vita optata — — — si cura fruare vita ornata  
 11: Ne flere juvat — — — Ne flere juvat — — — te flere juvat.  
 12:  
 13: ...  
 14: prospera in me  
 15: perisquis. Ipe legeris?

N.B. Neri pro nisi ha de inycricao: Juvat pro fuerit, Quis pro dederint suo clancos.



QVISOPRAETERISMERIC  
SITAMVIATOR ET FRA  
TERMINELEGERIS QVN  
ME AETATIS VICESIMAEV  
DOLEBIS ETSI SENSUS ERIT  
MEAE QUIETISO VEL ASSIDER  
TIBI DVLCIVS PRECABOR AN  
VIVAS PLVRIBVS E DIVISE  
NESCAS QVM MI NO SEN  
VICVRAFRVARE VITA MISE  
REFLERE IVAT QVITNINGLO  
RIS ANNO INACHVS HAECAL  
ANO FACI POTIVS PROPERANM  
E SEGISIPSE LEGERIS-10 NICEA XXV

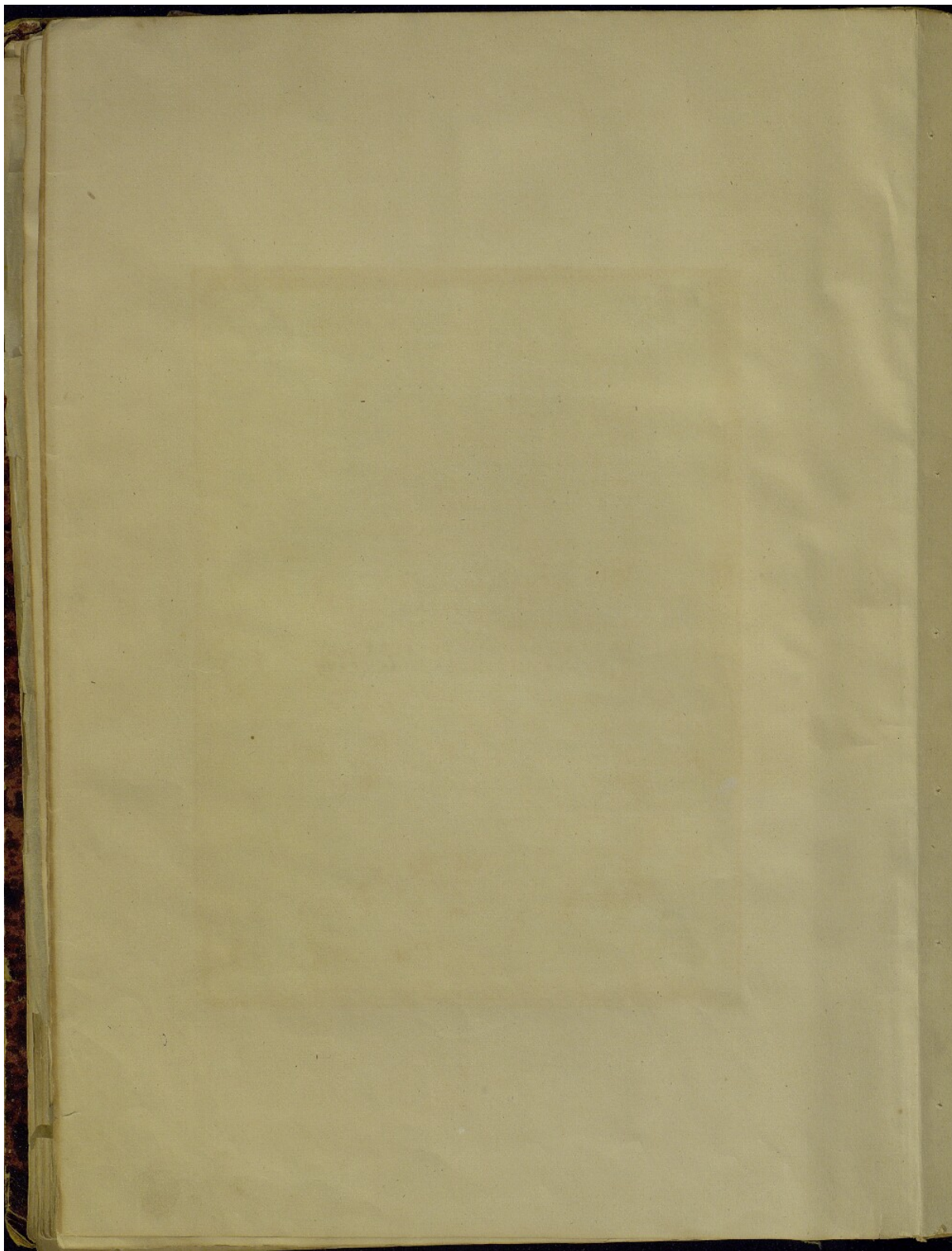




QVISO PRAET <sup>Tutela me</sup>  
 SITAM VIATO <sup>at que fra-</sup>  
 TERMINE LEGERIS <sup>hictu</sup>  
 MEAETATIS VICESIM <sup>ae quintae</sup>  
 DOLEBIS ET SI SENSUS ERIT <sup>it</sup>  
 MEAE QUIETIS OVEL ASSO <sup>ci</sup>  
 TIBI DYLCIVS PRECABOR <sup>annis</sup>  
 VIVAS PLVRIBVS ETDIV <sup>se-</sup>  
 NESCAS QVM MI NO <sup>sen-</sup>  
 CVRA FRVARE VITA <sup>Qd non</sup>  
 E FLERE IVAT QVIT NING <sup>o-</sup>  
 RIS ANN & INACHVS HAEC M <sup>at-</sup>  
 a NO FAC I POTIVS PROPERA <sup>in m-</sup>  
 e SEGIS IPSE LEGERIS IONICE <sup>am</sup>

Quis o praet tutela me  
 sitam viator at que fra-  
 ter mi ne legere hictu  
 me aetatis vicesimae quintae  
 dolebis et si sensus erit  
 meae quietis, o vel a soci  
 tibi dulcius precabor annis  
 vivas pluribus et diu se-  
 nescas Quoniam mihi non sen-  
 si. Cur a fruare vita. Quod non  
 se flere iuvat qui tendit in glo-  
 riam aeternam. Inachus haec mihi  
 a non fac. I. putius proposita in m-  
 e regis ipse legeris i. Nicaea 25.





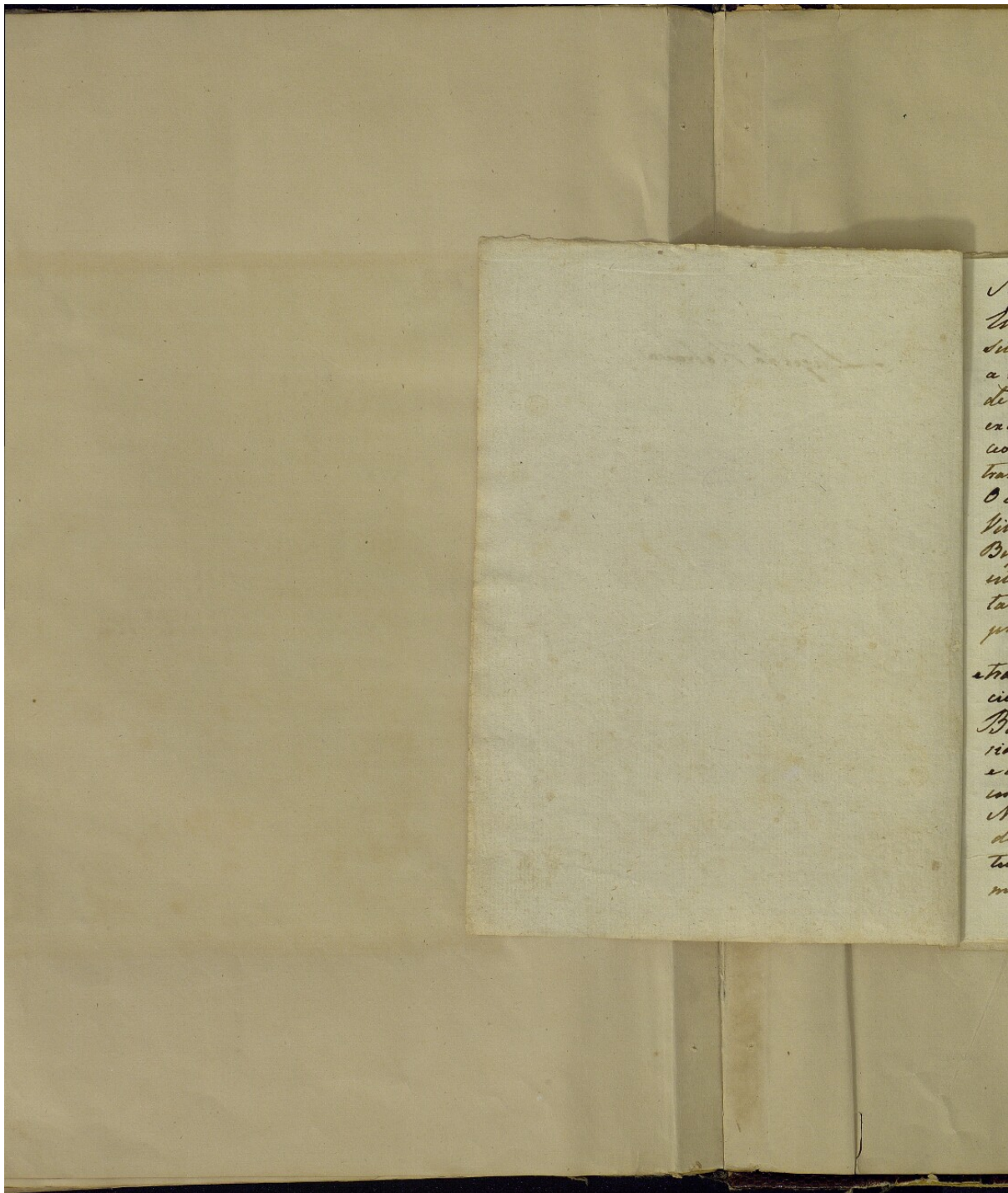


*Lapida Hebraica.*

*Na Sala do Museu*









Noticia da Lapidã Hebraica.

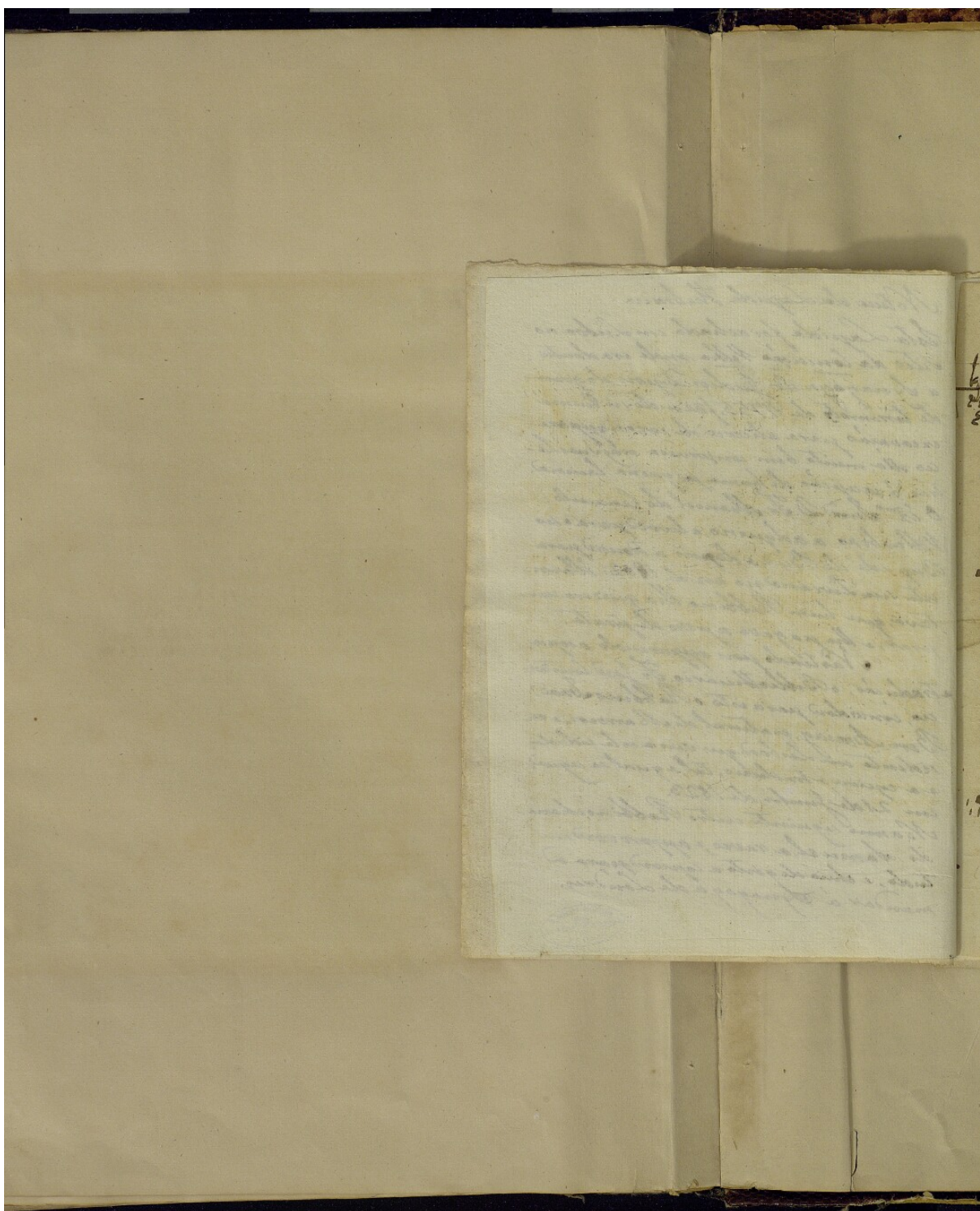
Esta Lapidã foi achada em Lisboa no  
sítio da Conceição Velha, onde era deante  
a Synagoga dos Judeos. Depois do gran-  
de terremoto de 1755, fazendo-se humma  
excavação para abicere de casas, appare-  
ceu ella muito bem conservada nas let-  
tras á excepção de humma pequena lamina.  
O Ex.<sup>mo</sup> Sr.<sup>o</sup> D. Fr. Manuel do Cenaculo  
Villas boas a adquirio, e levou para o seu  
Bispado de Beja, e depois a trouxe para  
esta sua Livraria no an. de 1802. Elle en-  
tão, que hum Rabbino ha quizeria com-  
prar, e ha pagava a peso de prata.

Não tendo pois apparecido a copia,  
e traducção, o Bibliothecario, Sr. José Constan-  
cio, convidou para isto o Rabbino Isaac  
Ben Amiaq, natural de Alentejo, e re-  
sidente em Lisboa, que vive a esta cidade,  
e a copiou, e traducio, tal e qual se segue  
em 21 de Junho de 1823.

No anno seguinte outro Rabbino, chama-  
do Samuel, a ravio, e approvou em-  
tão, e chis de gosto a copia para a  
mandar á Synagoga de Londres.









ע"ה

~~אין רומסן עמלן קנים ונחלקן באין קראו ענין אלא ענין שמועל  
ענין ונחלקן באין קנים ונחלקן באין קראו ענין אלא ענין שמועל  
ענין ונחלקן באין קנים ונחלקן באין קראו ענין אלא ענין שמועל~~

זה השער לה עסקים יבוא  
בו בואו שעריו בתורה  
חצרותיו בתהילה רוצו למית  
דתעוררה: שריוש פעמים בכל  
יום בואו שעריו בתורה ולהת  
כירכם פרים ישירים ומזמור  
לתורה: בנין מהודר ומפואר  
בנה הנביר וב יהודה בן רב "  
גדליה מקרואי סוד ישרים ועוד



לשם אל הקים ובנה את המלכות  
חמורה שלמו מלאכת בית אל  
הרב המיוחד הוא לאתנינו  
פענת המשת אלפים למנינו  
האל אשר נקב כלב הרב לפאק  
אלרומם בית אלדי ומשכנונו הוא  
אסיה עמו לית קדשו ענידרכנו  
בבנו ובני בנינו  
אשר אדם שומע לי לשקוד על  
דלתות יום יום לשמור מוזת  
פתחי יום יום על כל מנהג של בית אל



Estabe a Porta do Senhor, pela qual os jus-  
tos devem entrar.

Venhão às suas Portas com sacrificio de  
Toda as suas lortas para o louvor, e corrao  
à Casa da Manifestação.

Trois vezes cada dia tragão às suas Portas o  
sacrificio de Toda.

Tomai em vossas mãos Torvos sem man-  
cha, e cantai ao sacrificio de Toda;  
Fabrica boazformosa, que fabricou Davido  
Rabbino, Senhor Juda, filho do nono  
Rabbino, Senhor Guedalia, dos prin-  
cipaes Senhores, que dirigem a Nação.  
Para Nome do Senhor levantou, e fabri-  
cou esta Obra dirigida.

Acabou o nono Rabbino a Obra do Nono  
Deo, o qual se he nova Fortaleza.

E foi acabada esta Obra na Era de 5000  
da Creação do Mundo, segundo se he feito na 586.ª an.  
para o cumprimento pelo Sen. Christo. 1325.  
Deo, que fez o Coração do nono Rabbino  
para reformear e levantar a Casa do  
Nono Deo, e sua Morada: elle mandou  
juntar 120 Povo na Casa do nono Santu-  
ario, e nos encaminhou um nono filho.



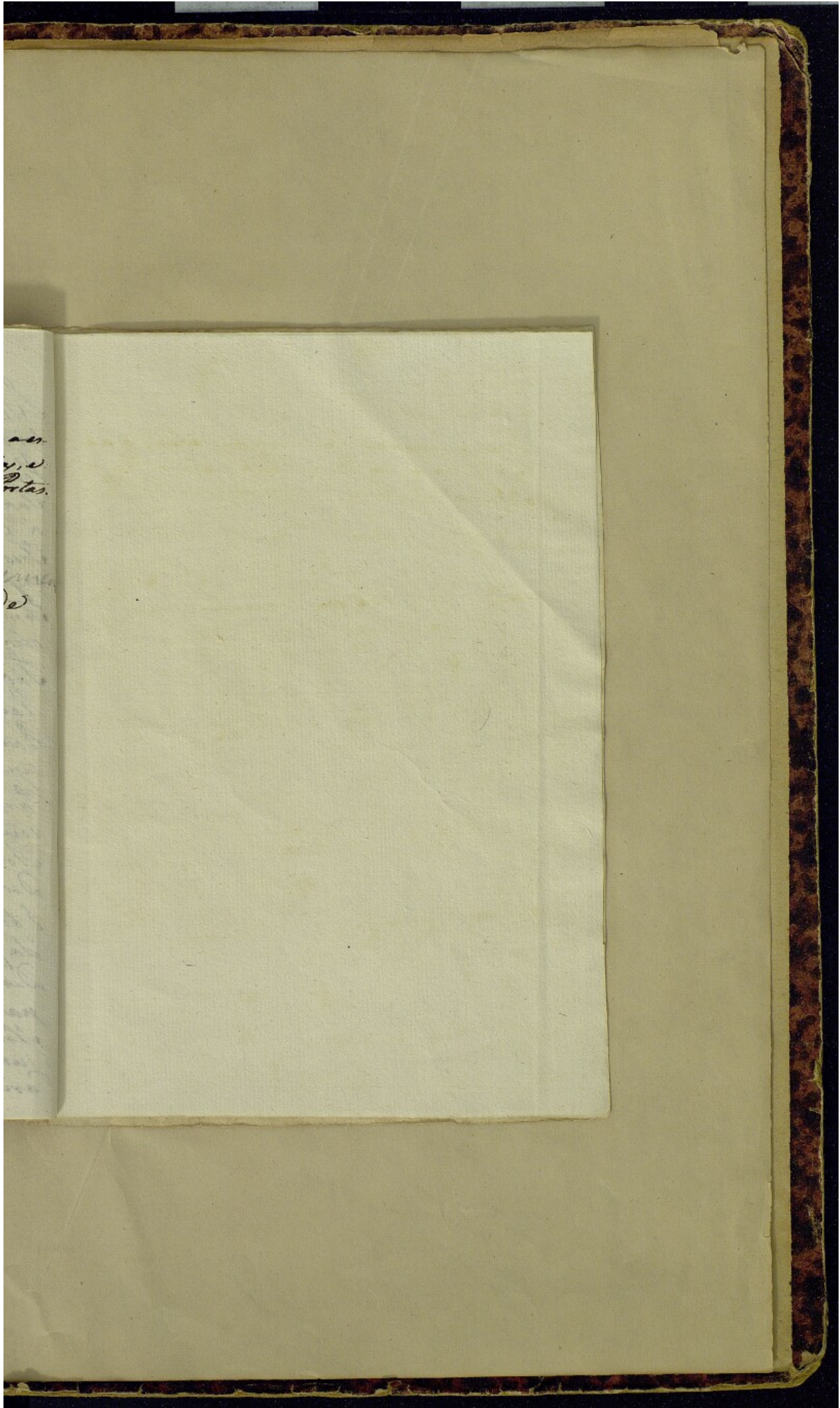
e novo notor.

Dem abençoado homem, que obedece a  
tar fixo as minhas Postas todo os dias, e  
guarda as lembranças de minhas Postas.

*est venha a Cruz*  
Toda significo grande  
Deus.







an.  
y, d.  
P. 10.

...



